

STEVE BERRY

Autor de *O elo de Alexandria*

TRAIÇÃO EM VENEZA

ROMANCE



"Steve Berry escreve com a segurança de um autor veterano."

DAN BROWN, autor de *O CÓDIGO DA VINCI*

STEVE BERRY

Autor de *O elo de Alexandria*

TRAIÇÃO EM VENEZA

ROMANCE



"Steve Berry escreve com a segurança de um autor veterano."

DAN BROWN, autor de *O CÓDIGO DA VINCI*

STEVE BERRY
TRAIÇÃO EM VENEZA

Tradução Ludimila Hashimoto
EDITORA RECORD
2010

AGRADECIMENTOS

Primeiro, a Pam Ahearn — cuidado, uma agente editorial com um BlackBerry é um perigo. Em seguida, como sempre, ao pessoal maravilhoso da Random House: Gina Centrello, minha editora (digo com muito orgulho); Libby McGuire, pelo apoio inabalável; Mark Tavani, que, mais uma vez contribuiu com insights editoriais magníficos; Cindy Murray, que fica muito contente em me mandar para longe; Kim Hovey, que consegue fazer as pessoas me quererem; Rachel Kind, que espalha os livros pelo globo; Becl Stvan, o artista definitivo para capas; Carole Lowenstein; e, finalmente, a todos de Promoções e Vendas — absolutamente nada poderia ser realizado sem seus imensos esforços.

Mais algumas menções: Vicki Satlow, nossa agente literária italiana que fez com que a viagem para a Itália fosse produtiva; Michele Benzoni e a esposa, Leslie, que nos receberam bem em Veneza; Cristina Cortese, que no levou à basílica de São Marcos e forneceu insights inestimáveis; todo o pessoal da editora Nord da Itália, que equipe sensacional; e Damari Corrigan, uma dama brilhante que, uma noite, durante o jantar, estimulou minha imaginação. Meus agradecimentos sinceros a todos vocês.

Ao meu irmão, Bob, e minha esposa, Kim; minha filha, Lyndsey; e meu filho, Grant; uma menção especial bastante atrasada. Embora dizer seja pouco, todos vocês são muito especiais para mim.

Finalmente, este livro é dedicado à minha esposa. Ela viu esta história crescer de um esboço de ideia para palavras nas páginas. Durante o percurso, ofereceu orientação, críticas e incentivo.

O esforço e o risco são o preço da glória; mas como é fascinante viver com coragem e morrer deixando fama eterna.

ALEXANDRE, O GRANDE

É direito sagrado da loucura não ser capaz de ver o mal que está bem na sua frente.

DRAMATURGO DINAMARQUÊS DESCONHECIDO

CRONOLOGIA DE ACONTECIMENTOS RELEVANTES

20 de julho de 356 a.C.

Nasce Alexandre da Macedônia.

336 a.C.

Felipe II é assassinado. Alexandre torna-se rei.

334 a.C.

Alexandre atravessa a Ásia Menor e inicia suas conquistas.

Setembro de 326 a.C.

A campanha da Ásia termina na Índia quando o exército de Alexandre se revolta.

Alexandre retorna para oeste.

Outubro de 324 a.C.

Morre Heféstion.

10 de junho de 323 a.C.

Alexandre morre na Babilônia.

Seus generais dividem o império.

Ptolomeu reivindica o Egito.

321 a.C.

O cortejo fúnebre de Alexandre parte para a Macedônia.

Ptolomeu ataca a procissão.

O corpo é levado para o Egito.

305 a.C.

Ptolomeu é coroado faraó.

283 a.C.

Morre Ptolomeu.

215 a.C.

Ptolomeu IV constrói o Soma para abrigar os restos mortais de Alexandre.

100 d.C.

São Marcos é martirizado em Alexandria, seu corpo é escondido.

391 d.C.

O Soma é destruído e Alexandre, o Grande, desaparece.

828 d.C.

O corpo de São Marcos é roubado em Alexandria por mercadores venezianos, levado a Veneza e guardado no palácio do Doge, e seu paradeiro se perde com o passar do tempo.

Junho de 1094 d.C.

O corpo de São Marcos reaparece em Veneza.

1835 d.C.

São Marcos é transferido da cripta para baixo do altar principal da basílica que leva seu nome.

BABILÔNIA
MAIO DE 323 A.C.

Alexandre da Macedônia decidira, no dia anterior, matar ele mesmo o homem. Costumava delegar esse tipo de tarefa, mas não hoje. Seu pai ensinara-lhe muitas coisas de grande proveito, mas uma lição, acima de qualquer outra, ele nunca esquecerá.

Execuções eram para os sobreviventes.

Seiscentos dos seus melhores guardas estavam reunidos. Homens corajosos que, em incontáveis batalhas, lançaram-se com determinação contra o exército inimigo ou protegeram, zelosos, seu vulnerável flanco. Graças a eles, a indestrutível falange macedônia conquistara a Ásia. Hoje, no entanto, não haveria luta. Nenhum dos homens carregava armas ou vestia armadura. Em vez disso, embora esgotados, reuniam-se com roupas leves e capacete, olhar concentrado.

Alexandre também observava a cena com olhos atipicamente cansados.

Ele era o líder da Macedônia e da Grécia, Senhor da Ásia, Governador da Pérsia. Alguns o chamavam de rei do mundo. Outros, de deus. Um de seus generais disse-lhe certa vez que era o único filósofo que já integrara um exército.

Mas também era humano.

E seu amado Heféstion jazia morto diante dele.

Heféstion fora tudo para ele — confidante, comandante de cavalaria, grão-vizir, amante. Quando criança, aprendera com Aristóteles que um amigo era um segundo eu, o que Heféstion tinha sido. Lembrou-se com divertimento de quando alguém confundira o amigo com ele. O erro causou um constrangimento geral, mas Alexandre apenas sorriu e observou que a confusão com Heféstion não era relevante, pois ele também era Alexandre.

Apeou do cavalo. O dia estava claro e acolhedor. As chuvas da primavera do dia anterior haviam passado. Um presságio? Talvez.

Em 12 anos, ele seguira rumo ao Oriente, conquistando a Ásia Menor, a Pérsia, o Egito e partes da Índia. Seu objetivo, agora, era avançar ao sul e dominar a Arábia, depois, ao Ocidente, para a África do Norte, Sicília e Ibéria. Navios e tropas já estavam sendo reunidos. A marcha logo começaria, mas antes teria que resolver a questão da morte prematura de Heféstion.

Caminhou sobre a terra macia, a lama recente grudando nas sandálias.

De estatura pequena, fala e andar enérgicos, seu corpo atarracado e

sua pele clara haviam testemunhado ferimentos incontáveis. Da mãe albanesa herdara o nariz afilado, o queixo curto e a boca que não conseguia disfarçar emoções. Assim como seus soldados, tinha a barba feita, o cabelo loiro revoltado, os olhos — um deles verde azulado, o outro, castanho — sempre cautelosos. Orgulhava-se de sua paciência, mas ultimamente sentia cada vez mais uma dificuldade incrível de aplacar sua raiva. Começava a apreciar ser temido.

— Médico — disse em voz baixa, ao aproximar-se. — Dizem que os melhores profetas são os que fazem a previsão mais verdadeira. O homem não respondeu. Pelo menos sabia qual era o seu lugar.

— De Eurípidés. Uma peça que muito aprecio. Mas espera-se mais de um profeta, não acha?

Duvidou que Glaucias responderia. O homem tinha os olhos arregalados de terror.

E tinha razão em sentir medo. No dia anterior, durante a chuva, troncos de duas palmeiras altas foram puxados por cavalos até bem próximo do chão. Ali, foram atados, as duas cordas entrelaçadas num único ponto, depois presas a outra palmeira robusta. O médico estava amarrado no centro do V formado pelas palmeiras, cada braço fixado por uma corda. E Alexandre segurava uma espada.

— Era seu dever fazer um diagnóstico acurado — disse entre dentes, os olhos úmidos. — Por que não pôde salvá-lo?

A mandíbula do homem tremia, incontrolável.

— Eu tentei.

— Como? Você não deu a ele a poção.

A cabeça de Glaucias estremeceu de terror.

— Houve um acidente dias antes. A maior parte do carregamento foi perdida. Enviei um mensageiro para trazer mais, mas ele não conseguiu chegar antes... do final da doença.

— Não recebeu ordens para ter sempre grande quantidade?

— Recebi, meu rei. Houve um acidente. — Ele começou a soluçar. Alexandre ignorou a demonstração.

— Concordamos que não queríamos que fosse como da última vez.

Sabia que o médico se lembrava, de dois anos atrás, quando Alexandre e Heféstion tiveram febre. O abastecimento também ficara escasso então, mas obtiveram mais e a poção trouxe alívio a ambos.

O pavor escorria da fronte de Glaucias. Olhos aterrorizado imploravam piedade. Mas tudo o que Alexandre via era o olhar morto do amante. Na infância, ambos foram alunos de Aristóteles, sendo que Alexandre era o filho do rei. Heféstion, sucessor de um guerreiro.

Aproximaram-se graças à admiração comum por Homero e a Ilíada. Heféstion tinha sido Pátroclo diante do Aquiles de Alexandre. Mimado, rancoroso, dominador e nem um pouco brilhante. Heféstion ainda permanecia um mistério. Agora não estava mais ali.

— Por que permitiu que ele morresse?

Apenas Glaucias podia ouvi-lo. Ordenara às tropas que mantivessem

uma distância suficiente apenas para assistir. Quase todos os primeiros guerreiros gregos que o acompanharam à Ásia estavam mortos ou aposentados. Recrutados persas, convocados para o combate depois que ele conquistara seu mundo, formavam agora a maior parte do seu exército. Bons homens, todos eles.

— Você é meu médico — sussurrou. — Minha vida está em suas mãos. A vida de todos os que prezo está em suas mãos. Ainda assim, falhou. — C autocontrole sucumbiu sob o peso da mágoa, e ele resistiu à vontade de chorar novamente. — Por causa de um acidente.

Encostou a espada rente às cordas esticadas.

— Por favor, meu rei. Eu imploro. Não foi minha culpa. Não mereço isto.

Encarou fixamente o homem.

— Não foi sua culpa? — A mágoa deu lugar à raiva de imediato. — Como pode dizer tal coisa? — Ergueu a espada. — Era seu dever ajudar.

— Meu rei. Precisa de mim. Sou o único, além do senhor, que conheço o fluido. Se for necessário e estiver impossibilitado, como poderia recebê-lo? — O homem falava rápido. Tentava tudo o que pudesse funcionar.

— Outros podem aprender.

— Mas é preciso habilidade. Conhecimento.

— Sua habilidade foi inútil para Heféstion. Seu grande conhecimento não o favoreceu. — As palavras vinham, mas ele sentia dificuldade para falar. Finalmente, reuniu forças e disse, mais para si mesmo que para sua vítima. — Ele morreu.

A última ida à Ecbátana no outono deveria ter sido um grande espetáculo, um festival em homenagem a Dionísio, com atletas, música e 3 mil atores e artistas recém-chegados da Grécia para entreter as tropas. As bebidas e a alegria deveriam ter prosseguido por semanas, mas a comemoração acabou quando Heféstion adoeceu.

— Eu disse a ele para não comer — disse Glaucias. — Mas ele me ignorou. Comeu aves e bebeu vinho. Eu lhe disse para não comer nem beber.

— E onde você estava? — Ele não esperou a resposta. — No teatro assistindo a uma apresentação. Enquanto meu Heféstion morria.

Porém, Alexandre estava no estádio vendo uma corrida, e a culpa intensificava sua raiva.

— A febre, meu rei. Conhece a força dela. Chega rápido e domina tudo. Nada de comida. Não se pode comer. Sabíamos disso desde a última vez. A abstenção teria dado tempo suficiente para a chegada da poção.

— Você deveria ter ficado lá — gritou ele, e viu que suas tropas o escutaram. Acalmou-se e disse, quase sussurrando: — A poção deveria estar disponível.

Ele notou uma inquietação entre seus homens. Precisava retomar o controle. O que dissera Aristóteles? *O rei fala apenas através de seus atos.* Motivo pelo qual ele rompera a tradição e ordenara que o corpo de Heféstion fosse embalsamado. Seguindo mais a prosa de Homero, ao

descrever o que Aquiles fizera para seu Pátroclo morto, ele ordenara que as crinas e os rabos de todos os cavalos fossem cortados. Proibiu que se tocasse qualquer instrumento musical e enviou mensageiros ao Oráculo de Amor para pedir orientação sobre a melhor forma de lembrar seu amado. Então, para aliviar a dor, atacou os cosseanos e pôs a nação inteira sob domínio da espada — seu presente para a sombra que evaporava de seu amado Heféstion.

A raiva o dominara.

E ainda dominava.

Girou a espada no ar e parou perto do rosto barbado de Glaucias.

— A febre me pegou mais uma vez — sussurrou.

— Então, meu rei, vai precisar de mim. Posso ajudar.

— Como ajudou Heféstion?

Ainda podia ver a pira funerária de Heféstion de três dias antes. Cinco andares de altura, 200 metros quadrados de base, decorada com águias, proas de navio, leões, touros e centauros cobertos de ouro. Representantes vieram de todo o mundo mediterrâneo para vê-la queimar.

E tudo por causa da incompetência desse homem.

Girou a espada atrás do médico.

— Não precisarei da sua ajuda.

— Não. Por favor — gritou Glaucias.

Alexandre serrou os filamentos retesados de corda com a lâmina afiada.

Cada golpe parecia abrandar sua ira. Mergulhou o gume no centro do feixe. Fios soltaram-se com estalos, como ossos partindo. Mais um golpe, e a espada rasgou os filamentos restantes. As duas palmeiras, liberadas do que as prendia, precipitaram-se na direção do céu, uma para a esquerda, outra para a direita, com Glaucias amarrado entre as duas.

O homem soltou um grito agudo quando seu corpo impediu momentaneamente o recuo das palmeiras, depois os braços foram arrancados das juntas e o peito explodiu numa catarata vermelha.

Os galhos das palmeiras farfalharam como água caindo, e os troncos gemeram em sua jornada descendente. O silêncio retornou quando as árvores ficaram eretas novamente.

Nenhum soldado emitiu um som.

Alexandre encarou seus homens e berrou:

— *Alalalalai.*

Os homens repetiram o grito de guerra macedônio, os gritos ressoando pela planície úmida e ecoando nas fortificações da Babilônia.

As pessoas que assistiam do alto dos muros da cidade gritaram em resposta. Ele esperou até que o som acabasse, depois clamou:

— Nunca se esqueçam dele.

Sabia que se perguntavam se referia-se a Heféstion ou à alma infeliz que acabara de pagar o preço por decepcionar seu rei.

Mas não importava.

Não mais.

Fincou a espada na terra molhada e caminhou até seu cavalo. O que

dissera ao médico era verdade. A febre tomara conta dele mais uma vez.
E era bem-vinda.

COPENHAGUE, DINAMARCA
SÁBADO, 18 DE ABRIL, DO PRESENTE ANO
23H

O cheiro fez Cotton Malone retomar a consciência. Pungente, acre com um toque de enxofre. E mais alguma coisa. Doce e enjoativa. Como a morte.

Abriu os olhos.

Deitado de bruços no chão, braços estendidos, palmas sobre a madeira que, logo notou, estava grudenta.

O que aconteceu?

Comparecera ao encontro de abril da Sociedade Dinamarquesa de Livrheiros Antiquários a algumas quadras a oeste de sua livraria, perto da animação do Tivoli. Gostava das reuniões mensais e esta não tinha sido exceção. Alguns drinques, amigos e muita conversa sobre livros. No dia seguinte, concordara em encontrar Cassiopeia Vitt.

Sua ligação no dia anterior, para combinar o encontro, o surpreendera. Não recebia notícias dela desde o Natal, que passara em Copenhague. Ela estava voltando para casa de bicicleta, apreciando a noite agradável de primavera, quando decidira verificar o local de encontro pouco usual que ela havia escolhido, o museu de Cultura Greco-romana — preparar-se era um hábito de sua antiga profissão. Cassiopeia raramente fazia algo por impulso, então, um pouco de cuidado não era má ideia.

Encontrara o local, que ficava de frente para o canal Frederiksholms, e notou uma porta entreaberta para o interior totalmente escuro do prédio — uma porta que normalmente deveria estar trancada e com alarme. Parou a bicicleta. O mínimo que poderia fazer era fechar a porta e ligar para a polícia quando chegasse em casa.

Mas a última coisa de que se lembrava era de ter segurado a maçaneta.

Agora estava dentro do museu.

Na iluminação ambiente que era filtrada pelas duas janelas de vidro laminado, viu um espaço decorado no estilo típico dinamarquês: uma mistura reluzente de aço, madeira, vidro e alumínio. O lado direito de sua cabeça latejou, ele passou a mão num galo recente.

Balançou a cabeça para desanuviar o cérebro e se levantou.

Visitara o museu uma vez e não se impressionara com o acervo de artefatos gregos e romanos. Apenas uma das cem ou mais coleções

particulares de Copenhague, com temas tão variados quanto a população da cidade.

Apoiou-se contra uma vitrine de vidro. As pontas dos dedos mais uma vez ficaram grudadas e malcheirosas, com o mesmo odor enjoativo.

Notou que a camisa e a calça estavam úmidas, assim como o cabelo, o rosto e os braços. O que quer que revestisse o interior do museu, cobria-o também.

Cambaleou na direção da entrada e tentou abrir a porta. Trancada. Fechadura de cilindro duplo. Seria necessária uma chave para abrir a porta por dentro.

Olhou de novo para o interior. O teto tinha vertiginosos 9 metros. Uma escadaria de madeira e cromo levava ao segundo andar, que se — dissolvia em mais escuridão, o piso térreo estendendo-se abaixo.

Encontrou um interruptor. Nada. Cambaleou até um telefone sobre a mesa. Sem sinal.

Um barulho interrompeu o silêncio. Cliques e chiados, como os de engrenagens operando. Vindos do segundo andar.

O treinamento para agente do Departamento de Justiça o prevenia a manter o silêncio, mas também o impulsionava a investigar.

Então, subiu a escada sem fazer barulho.

O corrimão cromado estava úmido, assim como todos os espelhos laminados da escada. Quinze degraus acima, mais vitrines de vidro e metal cromado espalhavam-se pelo piso de madeira de lei. Relevos em mármore e estátuas de bronze incompletas em pedestais assomavam como fantasmas. Um movimento entrou em seu campo de visão a 5 metros de onde estava. Um objeto rolando pelo chão. Talvez 60 centímetros de largura, com as laterais arredondadas, de cor apagada, junto ao chão, como os cortadores de grama robóticos que vira num anúncio. Quando se deparava com uma vitrine ou estátua, parava, recuava, depois disparava em outra direção. Um bocal saía da parte superior e, a intervalos de alguns segundos, disparava um esguicho de aerossol.

Aproximou-se.

Todo movimento parou. Como se a coisa sentisse sua presença. O bocal virou de frente para ele. Uma nuvem de gotículas encharcou sua calça.

O que era aquilo?

A máquina pareceu perder o interesse e correu para dentro da escuridão, expelindo mais névoa perfumada pelo caminho. Ele olhou para o térreo por cima do corrimão e avistou mais uma geringonça estacionada ao lado de uma vitrine.

Nada disso parecia animador.

Ele precisava sair. O fedor começou a lhe revirar o estômago.

A máquina parou de perambular e ele ouviu um novo som.

Dois anos atrás, antes do divórcio, da aposentadoria do governo e da mudança abrupta para Copenhague, quando morava em Atlanta, gastara algumas centenas de dólares numa grelha de aço inoxidável. Vinha com um botão vermelho que, quando acionado, lançava uma chama de gás.

Lembrava-se do som que a ignição fazia cada vez que o botão era bombeado.

O mesmo clique que ele acabara de ouvir naquele instante.

Faíscas estouraram.

O chão ganhou vida com a explosão, primeiro amarelo vibrante, depois laranja queimado, finalmente assentando no azul pálido à medida que as chamas eram expelidas, consumindo a madeira do piso. Ao mesmo tempo, labaredas subiram pelas paredes com um estrondo. A temperatura subiu rápido, e ele ergueu o braço para proteger o rosto.

O teto foi atingido pelo incêndio e, em menos de 15 segundos, o segundo andar estava totalmente em chamas.

No alto, chuveiros automáticos ganharam vida.

Ele recuou parcialmente pela escada e esperou até que o fogo fosse apagado.

Mas notou algo.

A água simplesmente intensificava as chamas.

A máquina que causou o desastre se desintegrou de repente num estouro silencioso, chamas rolando em todas as direções, como ondas buscando a praia.

Uma bola de fogo foi levada para o teto e pareceu ser bem-recebida pelos jatos de água. O ar ficou carregado de vapor, não fumaça, mas uma substância química que fazia sua cabeça girar.

Desceu a escada, pulando dois degraus de cada vez. Uma nova onda de fogo varreu o segundo andar. Seguida por outras duas. Vidros estilhaçaram. Algo rompeu-se com estrondo.

Correu para a parte da frente do prédio.

A outra engenhoca, que estivera inativa, voltou à vida e começou a morder as vitrines do térreo. Mais borrifos lançados no ar causticante.

Ele precisava sair. Mas a porta trancada abria por fora. Molduras de metal, madeira espessa. Impossível de arrombar. Observou o fogo descer a escada com facilidade, consumindo cada degrau, como o diabo vindo para cumprimentá-lo. Até o cromo estava sendo devorado com ímpeto.

Estava cada vez mais difícil respirar, por causa da fumaça química e do rápido desaparecimento do oxigênio. Claro que alguém ligaria para o corpo de bombeiros, mas eles não poderiam ajudá-lo. Se uma fagulha sequer tocasse sua calça úmida...

As chamas chegaram à base da escada.

A 3 metros dele.

VENEZA, ITÁLIA
DOMINGO, 19 DE ABRIL
12H

Enrico Vincenti olhou fixamente para o acusado e perguntou:

— Algo a dizer para este Conselho?

O homem de Florença pareceu não se preocupar com a resposta.

— Que tal: quero que você e a sua Sociedade vão tomar naquele lugar?

Vincenti ficou curioso.

— Você parece achar que não deve nos levar a sério.

— Gordo, eu tenho amigos. — O fato parecia deixar o florentino orgulhoso de verdade. — Muitos.

Ele esclareceu:

— Seus amigos não importam para nós. Mas a sua traição? Isso é outro assunto.

O florentino vestira-se especialmente para a ocasião. Usava um carterno Zanetti, camisa Charvet, gravata Prada e os indispensáveis sapatos Gucci. Vincenti percebeu que as roupas custavam mais do que a maioria das pessoas ganha por ano.

— Quer saber? — disse o florentino. — Eu vou embora, e esquecemos este... o que quer que seja isto... e seu pessoal pode voltar a fazer o que faz.

Nenhum dos nove que estavam sentados ao lado de Vincenti disse uma palavra. Ele os prevenira para esperar arrogância. O florentino fora contratado para resolver uma tarefa na Ásia Central, um trabalho que o Conselho considerava de vital importância. Infelizmente, havia modificado a tarefa para atender à própria ganância.

Por sorte, a decepção foi descoberta e as medidas, tomadas.

— Acredita mesmo que seus associados ficarão do seu lado? — perguntou Vincenti.

— Você não é tão ingênuo assim, é, gordo? Foram eles que me mandaram fazer isso.

Mais uma vez, ignorou a referência à sua forma física.

— Não foi o que disseram.

Tais associados formavam um sindicato internacional do crime que se mostrara útil para o Conselho diversas vezes. O florentino era empregado terceirizado, e o Conselho fez vista grossa para a trapaça do sindicato para dar um recado ao mentiroso diante deles. O que seria um recado também

para o sindicato. E foi. A taxa devida já havia sido devolvida e o volumoso depósito feito pelo Conselho retornara. Diferentemente do florentino, aqueles associados entendiam precisamente com quem estavam lidando.

— O que você sabe de nós? — perguntou Vincenti. O italiano deu de ombros.

— Um bando de ricos que gosta de jogar.

A fanfarrice divertiu Vincenti. Havia quatro homens atrás do florentino, todos armados, o que explicava por que o ingrato se considerava seguro. Como condição para sua presença, insistiu em ser acompanhado.

— Setecentos anos atrás — disse Vincenti —, um Conselho dos dez governava Veneza. Eram homens supostamente maduros demais para se deixar levar por paixões ou tentações, responsáveis pela manutenção da segurança pública e pela oposição política. E foi precisamente o que fizeram. Durante séculos.

Recebiam provas em segredo, pronunciavam sentenças e realizavam execuções, tudo em nome do Estado veneziano.

— Acha que eu estou interessado nessa aula de história? Vincent cruzou as mãos sobre o colo.

— Deveria estar.

— Este mausoléu é deprimente. É seu?

Verdade, o palacete não tinha o charme de um lugar que um dia fora uma casa de família, mas tzares, imperadores, arquiduques e cabeças coroadas estiveram todos sob aquele teto. Até Napoleão ocupara um dos quartos. Então, ele disse com orgulho:

— É nosso.

— Vocês precisam de um decorador. Já acabamos aqui?

— Gostaria de terminar o que eu estava explicando. O italiano gesticulou com as mãos.

— Ande logo. Eu quero dormir.

— Nós também somos o Conselho dos Dez. Assim como os originais utilizamos inquisidores para fazer valer nossas decisões. — Fez um gesto, e três homens deram um passo à frente no outro lado do salão. — Assim como os originais, nosso governo é absoluto.

— Vocês não são o governo.

— Não. Somos algo completamente diferente. O florentino ainda não parecia intimidado.

— Vim até aqui no meio da noite porque recebi ordens dos meus associados. Não porque esteja intimidado. Trouxe esses quatro para me proteger. Portanto, talvez seus inquisidores tenham dificuldade de fazer valer alguma coisa.

Vincenti levantou-se, empurrando a cadeira.

— Acho que uma coisa tem que ficar clara. Você foi contratado para realizar uma tarefa e decidiu mudar o trabalho para atender a um propósito seu.

— A não ser que todos vocês pretendam sair daqui dentro de um caixão, acho melhor esquecermos isso e pronto.

A paciência de Vincenti chegara ao limite. Ele de fato não gostava dessa parte de suas obrigações oficiais. Fez um gesto e os quatro homens que chegaram com o florentino o agarraram.

A expressão de convencimento se transformou em surpresa.

O florentino foi desarmado enquanto três dos homens o imobilizavam. Um inquisidor aproximou-se e, com um rolo de fita grossa, prendeu os braços agitados do acusado atrás das costas, as pernas e os joelhos juntos, e tapou sua boca. Os três, então, soltaram o florentino, que bateu com o corpo largo no tapete.

— Este Conselho o considera culpado de traição à nossa Sociedade — disse Vincenti. Fez mais um gesto, e portas duplas se abriram. Um caixão de rica madeira laqueada foi puxado sobre rodas com a tampa aberta. O florentino arregalou os olhos quando pareceu se dar conta do seu destino.

Vincenti aproximou-se.

— Quinhentos anos atrás, os traidores do Estado eram trancados em recintos acima do palácio do Doge, feitos de madeira e chumbo, expostos às intempéries — ficaram conhecidos como as tumbas. — Fez uma pausa para permitir que suas palavras fossem absorvidas. — Lugares horríveis. A maioria dos prisioneiros morria. Você pegou nosso dinheiro enquanto, ao mesmo tempo, tentava ganhar mais dinheiro para você. — Balançou a cabeça. — Não está certo. E, aliás, seus associados decidiram que você era o preço que pagariam para manter a paz conosco.

O florentino lutou para soltar-se com vigor renovado, os protestos abafados pela fita sobre a boca. Um dos inquisidores levou os quatro homens que haviam chegado com o florentino para fora da sala. O trabalho deles estava feito. Os outros dois inquisidores ergueram o homem, que tentava resistir, e o jogaram no caixão.

Vincenti olhou para dentro da caixa e entendeu exatamente o que o olhar do florentino dizia. Sem dúvida, traíra o Conselho, mas fizera apenas o que Vincenti, e não os tais associados, ordenara. Vincenti havia mudado a tarefa, e o florentino só compareceu diante do Conselho porque Vincenti lhe dissera, em particular, que não se preocupasse. Só uma encenação sem importância. Tudo bem. Finja que não sabe de nada. Tudo estará resolvido em uma hora.

— Gordo? — repetiu Vincenti. — Arrivederci.
E bateu a tampa do caixão.

COPENHAGUE

Malone viu as chamas que desciam pararem perto do final da escada, sem nenhum sinal de que avançariam. Ficou diante de uma das janelas e procurou algo para arremessar contra o vidro espelhado. As únicas cadeiras que viu estavam perto demais do fogo. O segundo mecanismo continuou perambulando pelo chão do térreo, exalando a névoa.

Malone hesitou. Tirar a roupa era uma opção, mas o cabelo e a pele também estavam impregnados da substância química.

Três baques na janela espelhada o assustaram.

Virou-se e, a meio metro dele, um rosto familiar o encarava.

Cassiopeia Vitt.

O que ela estava fazendo ali? O olhar dele certamente demonstrou a surpresa, mas foi direto ao ponto e gritou:

— Preciso sair daqui.

Ela apontou a porta.

Ele entrelaçou os dedos, sinalizando que estava trancada.

Ela fez um gesto para que ele se afastasse.

Quando o fez, viu fagulhas saindo da parte de baixo da geringonça em movimento. Correu até a coisa e virou-a com um chute. Na base, viu rodas e mecanismos.

Ouviu um estouro, depois outro, e entendeu o que Cassiopeia estava fazendo.

Atirando na janela.

Depois, viu algo que não notara antes. Acima das vitrines havia sacos plásticos fechados, cheios de um líquido claro.

A janela rompeu-se.

Nenhuma alternativa.

Ele arriscou aproximar-se das chamas, pegou uma das cadeiras que avistara antes e lançou-a contra o vidro partido. A janela despedaçou-se e a cadeira chegou à rua do outro lado.

O mecanismo móvel ficou de pé novamente.

Uma das fagulhas se inflamou e chamas azuis começaram a consumir o piso do térreo, avançando em todas as direções, inclusive na dele.

Ele disparou para a frente, pulou pela janela aberta e caiu de pé.

Cassiopeia estava a um metro dele.

Ele sentira a mudança de pressão quando a janela quebrou. Entendia

um pouco de incêndios. Naquele exato momento, as chamas estavam sendo pressurizadas pela entrada de oxigênio novo. As diferenças de pressão também estavam fazendo efeito. Os bombeiros chamavam isso de flashover.

E aqueles sacos plásticos no alto das vitrines.

Ele sabia o que continham.

Pegou Cassiopeia pela mão e empurrou-a para o outro lado da rua.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Hora do mergulho.

Pularam do parapeito de tijolos, no mesmo momento em que uma bola de fogo saía do museu.

SAMARCANDA
FEDERAÇÃO CENTRAL ASIÁTICA
5H

A ministra suprema Irina Zovastina acariciou o cavalo e preparou-se para a partida. Adorava jogar logo após o alvorecer, à primeira luz da manhã, sobre o gramado do campo úmido de orvalho. Também adorava os famosos garanhões puro-sangue de Fergana, premiados há mais de um milênio, quando eram vendidos para os chineses em troca de seda. Os estábulos dela tinham mais de cem cavalos, criados por prazer e política.

— Os outros cavaleiros estão prontos? — perguntou ao empregado.

— Sim, ministra. Eles a aguardam no campo.

Irina usava botas de couro de cano alto e um casaco acolchoado sobre um longo chapan. Sobre o cabelo curto, loiro platinado, tinha um chapéu de pele de lobo, um que ela matara com grande orgulho.

— Não vamos deixá-los esperando. Montou no cavalo.

Juntos, ela e o animal haviam vencido muitas vezes o buzkashi. Um jogo antigo, praticado na estepe por um povo que viveu e morreu sobre a sela. O próprio Genghis Khan o apreciava. Na época, não era permitido à mulheres sequer assistir, quanto mais participar.

Mas ela mudara essa regra.

O cavalo de pernas altas e peito largo enrijeceu-se quando ela acariciou seu pescoço.

— Paciência, Bucéfalo.

A ministra escolhera o nome em homenagem ao cavalo que levou Alexandre pela Ásia, batalha após batalha. Mas os cavalos do buzkashi eram especiais. Antes de participarem de uma única partida, anos de treino os acostumavam ao caos do jogo. Além de aveia e cevada, ovos e manteiga faziam parte da dieta. Por fim, quando o animal engordava, recebia rédea e sela e ficava parado no sol durante semanas seguidas, não apenas para queimar os quilos em excesso, mas para aprender a ter paciência. Em seguida, havia ainda mais treinos em galope a curta distância. A agressividade era estimulada, mas sempre com disciplina, para que cavalo e cavaleiro formassem um time.

— Está preparada? — perguntou o empregado, um tajiique nascido nas montanhas ao leste que era seu criado há quase uma década, o único com permissão para prepará-la antes do jogo.

Ela bateu de leve no peito.

— Creio que estou devidamente protegida por minha armadura. O casaco de couro revestido de pele era confortável, assim como a calça de couro. Nada em sua estrutura robusta era especialmente feminino, o que se mostrava apropriado. Possuía braços e pernas com musculatura aparente devido a uma rotina de exercícios meticulosa e à dieta rígida. O rosto largo e as feições grandes tinham um traço mongol, assim como os olhos castanhos e profundos, tudo graças à mãe, cuja ascendência tinha raízes no extremo norte. Anos de autodisciplina a tornaram ágil na escuta e lenta na fala. Irina irradiava energia.

Muitos haviam dito que uma Federação Asiática era algo impossível mas ela provará que estavam todos errados. Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Carcalpaquistão, Tajiquistão e Turcomenistão não existiam mais. No lugar deles, há 15 anos, essas antigas repúblicas soviéticas, após uma breve tentativa de independência, fundiram-se na recém-formada Federação Asiática Central. Nove milhões e quinhentos mil quilômetro quadrados, 60 milhões de pessoas, uma extensão colossal de território que se igualava à América do Norte e à Europa em tamanho, alcance e recursos. Seu sonho. Agora, realidade.

— Cuidado, ministra. Eles gostam de vencê-la. Ela sorriu.

— Então, é melhor se esforçarem.

Conversavam em russo, embora dari, cazaque, tadjique, turcomano e quirguiz juntas fossem agora as línguas oficiais da Federação. Como uma forma de conciliação, o russo permaneceu o idioma da "comunicação interétnica".

As portas do estábulo abriram-se, e ela olhou demoradamente para o campo plano que se estendia por mais de 1 quilômetro. No centro, 23 cavaleiros montados reuniram-se perto de uma cova rasa. Dentro estava o boz — uma carcaça de bode, sem cabeça, órgãos ou pernas, mergulhada em água gelada por um dia para ganhar forças para o que estava prestes a enfrentar.

Em cada extremidade do campo havia um poste listrado.

Os cavaleiros continuaram cavalgando. Chopenoz. Jogadores, como ela. Prontos para a partida.

O empregado entregou-lhe um chicote. Séculos atrás, era uma tira de couro amarrada a uma bola de chumbo. Eram mais gentis agora, embora ainda o usassem não apenas para impelir o cavalo, mas para atacar os outros jogadores. O de Irina fora confeccionado com um belo cabo de marfim.

Firmou-se na sela.

O sol acabara de chegar ao alto da floresta a leste. Seu palácio havia sido a residência dos khans que governaram a região até o século XIX quando os russos a invadiram. Trinta quartos, farta mobília uzbeque e porcelana oriental. Onde ficavam agora os estábulos, antes eram os haréns. Graças aos deuses aqueles dias eram passado.

Ela respirou fundo o ar que carregava o perfume de um novo dia.

— Bom jogo — disse o empregado.

Ela agradeceu o incentivo com um aceno de cabeça e se preparou para entrar no campo.

Mas não conseguia deixar de se perguntar.

O que estava acontecendo na Dinamarca?

COPENHAGUE

Viktor Tomas estava nas sombras do outro lado do canal, e assistia ao incêndio no museu greco-romano. Virou-se para o parceiro, mas não disse o óbvio.

Problemas.

Fora Rafael quem atacara o intruso, depois arrastara o corpo inconsciente para dentro do museu. De algum modo, após a entrada clandestina dos dois, a porta da frente ficou entreaberta e, do corrimão do segundo andar, ele avistou uma sombra aproximando-se da escadaria do prédio. Rafael, que trabalhava no térreo, reagiu de modo instantâneo, posicionando-se perto da entrada. É verdade, ele deveria ter apenas esperado para ver quais seriam as intenções do visitante. Mas, em vez disso, empurrou a sombra para dentro e golpeou-lhe a têmpora com uma das esculturas.

— A mulher — disse Rafael — aguardava com uma arma. Isso não pode ser um bom sinal.

Ele concordou. Cabelos longos e escuros, atraente, usando um macacão justo. Quando o prédio pegou fogo, ela saiu de um beco e ficou parada perto do canal. Quando o homem apareceu na janela, sacou uma arma e atirou no vidro.

O homem também era um problema.

Cabelos claros, alto, musculoso. Jogou uma cadeira contra o vidro, depois pulou para fora com uma agilidade surpreendente, como se já tivesse feito isso antes. Agarrou a mulher de imediato e os dois mergulharam no canal.

O corpo de bombeiros chegara em minutos, e, assim que os dois saíram da água, foram enrolados em cobertores. Ficou claro que as tartarugas realizaram sua tarefa.

Rafael as batizara com o apelido porque, sob muitos aspectos, lembravam tartarugas, até mesmo na habilidade de se endireitar. Felizmente, não sobraria nenhum vestígio dos dispositivos. Os dois eram feitos de material combustível que se vaporizava no calor intenso da própria destruição. Verdade, qualquer investigação rapidamente classificaria o incêndio como culposos, mas provas do método e do mecanismo seriam impossíveis de determinar.

A não ser que o homem sobrevivesse.

— Ele será um problema? — perguntou Rafael.

Viktor continuava assistindo aos bombeiros combatendo as chamas. O homem e a mulher estavam sentados no parapeito de tijolos, ainda enrolados nos cobertores.

Pareciam se conhecer.

Isso o preocupava mais.

Então, respondeu ao questionamento de Rafael da única forma que podia:

— Sem dúvida.

* * *

Malone havia recuperado as capacidades mentais. Cassiopeia aconchegava-se num cobertor ao seu lado. Restavam apenas indícios das paredes do museu e nada do interior.

O velho prédio queimara rápido. Os bombeiros ainda se ocupavam com as chamas, concentrados em limitar a destruição. Até o momento, nenhum dos prédios adjacentes fora afetado.

O ar noturno cheirava a fuligem, além de outro odor — amargo, mas doce — semelhante ao que ele inalara quando estava encurralado lá dentro. A fumaça continuava a fluir para o céu, formando um filtro para as estrelas brilhantes. Um homem corpulento com roupas amarelas e encardidas de bombeiro aproximou-se pela segunda vez.

Um dos chefes de equipe. Um policial municipal já havia registrado depoimentos dele e de Cassiopeia.

— Você estava certo sobre os esguichos — o chefe dos bombeiros disse em dinamarquês. — A água só parecia aumentar o fogo.

— Como conseguiram controlá-lo? — perguntou Malone.

— Quando o carro-tanque secou, mergulhamos nossas mangueiras no canal e bombeamos direto de lá. Isso funcionou.

— Água salgada? — Todos os canais de Copenhague estavam conectados ao mar.

O bombeiro fez que sim com a cabeça.

— Apaga as chamas na hora. Ele queria saber:

— Encontraram alguma coisa no prédio?

— Nenhuma maquininha, como a que você descreveu à polícia. Mas o local estava tão quente que as estátuas de mármore derreteram. — O bombeiro passou a mão pelos cabelos molhados. — Combustível poderoso esse. Vamos precisar de suas roupas. Pode ser a única maneira de determinar a composição.

— Talvez, não — disse ele. — Dei um mergulho nesse canal também.

— Bem observado. — O bombeiro balançou a cabeça. — Os investigadores de incêndio vão adorar essa.

Quando o bombeiro saiu, Malone encarou Cassiopeia e foi direto ao assunto:

— Quer me contar o que está acontecendo?

— Você devia ter vindo apenas amanhã de manhã.

— Isso não responde minha pergunta.

Fios emaranhados e úmidos do cabelo escuro desciam pelos ombros e emolduravam o rosto sedutor de modo irregular. Ela era muçulmana espanhola, morando no sul da França.

Inteligente, rica e arrogante — engenheira e historiadora. Mas sua presença em Copenhague, um dia antes do que combinara com ele, significava alguma coisa. Além disso, chegara armada e vestida para batalha — calça de couro escura e jaqueta de couro justa. Precisava saber se ela ia criar dificuldade ou colaborar.

— Ainda bem que eu estava aqui para salvar sua pele — disse ela. Malone não conseguiu saber se ela falava sério ou se estava provocando.

— Como sabia que minha pele precisava ser salva?

— Longa história, Cotton.

— Tenho tempo. Estou aposentado.

— Eu, não.

Ele notou o leve tom amargo em sua voz e intuiu algo.

— Você sabia que aquele prédio ia pegar fogo, não sabia? Cassiopeia não o olhou, apenas fixou o outro lado do canal.

— Na verdade, eu queria que pegasse fogo.

— Gostaria de explicar isso?

Ela permaneceu sentada em silêncio, imersa em pensamentos.

— Eu estava aqui. Antes. Vi quando dois homens invadiram o museu. Vi quando o agarraram. Precisava segui-los, mas não consegui.

— Fez uma pausa. — Por sua causa.

— Quem eram eles?

— Os homens que deixaram aquelas máquinas.

Ela escutou o depoimento dele para a polícia, mas ele sentiu o tempo todo que ela já conhecia a história.

— Que tal parar de enrolar e me contar o que está havendo? Eu quase fui assassinado por alguma coisa em que está envolvida.

— Você deveria ignorar portas abertas à noite.

— Velhos hábitos são difíceis de eliminar. O que está havendo?

— Você viu as chamas. Sentiu o calor. Incomum, não acha?

Ele lembrou-se de quando o fogo descia a escada e parou, como se esperasse um convite para seguir.

— Pode-se dizer que sim.

— No século VII, quando os muçulmanos atacaram Constantinopla, deveriam ter conseguido aniquilar a cidade sem obstáculos. Possuíam armas melhores. Concentração de tropas. Mas os bizantinos tinham uma surpresa. Chamavam-na de fogo líquido, ou fogo selvagem, e o jogaram sobre os navios, destruindo totalmente a frota invasora.

— Cassiopeia ainda não o olhava. — A arma sobreviveu sob diversas formas até o tempo das Cruzadas, e acabou ganhando o nome de fogo grego. A fórmula original era tão secreta, que foi guardada pessoalmente por cada imperador bizantino. Eles a guardaram tão bem que, quando o império

finalmente caiu, a fórmula se perdeu. — Respirou fundo, ainda segurando firme o cobertor. — Mas foi encontrada.

— Está me dizendo que acabei de ver fogo grego?

— Com uma idiosincrasia. Esse tipo odeia água salgada.

— Então, por que não disse isso aos bombeiros quando chegaram?

— Não quero responder a mais perguntas do que o necessário. Mas ele queria saber.

— Por que deixar esse museu pegar fogo? Não há nada de valor lá? Ele ficou olhando na direção da estrutura em chamas e avistou os restos chamuscados de sua bicicleta. Notou mais uma coisa em Cassiopeia enquanto ela continuava evitando seu olhar. Nunca, desde que a conheceu, ele tinha visto qualquer sinal de apreensão, nervosismo ou abatimento. Ela era forte, impetuosa, disciplinada e inteligente. Mas, no momento, parecia estar inquieta.

Um carro apareceu no fim da rua isolada pela polícia. Ele reconheceu o seda britânico de luxo e o vulto curvado que saiu do banco de trás.

Henrik Thorvaldsen. Cassiopeia ficou de pé.

— Ele veio para falar conosco.

— E como sabia que estávamos aqui?

— Algo está acontecendo, Cotton.

VENEZA

2H

Vincenti estava feliz que o potencial desastre com o florentino tinha sido evitado. Ele cometera um erro. O tempo era curto, e ele estava num jogo perigoso, mas parecia que o destino havia lhe dado mais algumas cartas.

— A situação na Ásia central está sob controle? — Um dos membros do Conselho dos Dez perguntou-lhe. — Impedimos o que quer que aquele imbecil tenha tentado fazer?

Todos os homens e mulheres tinham permanecido no salão de reuniões depois que o florentino, debatendo-se dentro do caixão, fora levado embora. Uma bala na cabeça deveria ter, àquela altura, posto fim à resistência.

— Está tudo bem — disse Vincenti. — Resolvi a questão pessoalmente mas a ministra suprema Zovastina gosta de dar show. Imagino que transformará as coisas num espetáculo.

— Não se pode confiar nela — disse outro.

Questionou-se quanto à veemência da declaração, considerando que Zovastina era sua aliada, mas, ainda assim, concordou.

— Déspotas são sempre um problema. — Levantou-se e aproximou-se de um mapa pendurado na parede. — Embora ela tenha realizado grandes feitos. Consegui fundir seis estados asiáticos corruptos numa federação que até pode ser bem-sucedida. — Ele apontou.

— Ela basicamente redesenhou o mapa do mundo.



— E como conseguiu? — Veio a pergunta. — Com certeza não foi com diplomacia.

Vincenti conhecia o relato oficial. Após a queda da União Soviética,

Ásia central passou por guerras civis e disputas, à medida que cada "stanação" emergente lutava de forma independente. A chamada Comunidade dos Estados Independentes, que sucedeu a URSS, existia apenas no nome. A corrupção e a incompetência eram desenfreadas.

Irina Zovastina dirigira reformas locais sob o governo de Gorbachev patrocinando a perestroika e a glasnost, sendo ponta de lança na perseguição de muitos burocratas corruptos. Ao final, no entanto, liderou a ofensiva para expulsar os russos, fazendo o povo lembrar a conquista colonial russa e acionando um alarme ambiental, observando que os asiáticos morriam aos milhares devido à poluição russa. Enfim, ela se pronunciou diante da Assembleia de Deputados do Cazaquistão e ajudou na proclamação da república.

Um ano depois, foi eleita presidente.

O Ocidente a recebeu bem. Irina parecia ser uma reformadora numa região que raramente sofria reformas. Então, 15 anos atrás, surpreendeu o mundo com o anúncio da Federação Asiática Central.

Seis nações, agora uma.

Ainda assim, o colega de Vincenti estava certo. Não era um milagre mas uma manipulação. Então, respondeu à pergunta com o óbvio.

— Ela conseguiu com poder.

— E com o favorável fim de adversários políticos.

— O que sempre foi um caminho para o poder — disse ele. — Não podemos culpá-la. Fazemos o mesmo. — Olhou para outro membro do Conselho. — Os fundos estão no lugar certo?

O tesoureiro confirmou com a cabeça.

— Três ponto seis bilhões, espalhados por uma variedade de bancos ao redor do globo, acesso livre, direto para Samarcanda.

— Presumo que nossos membros estejam prontos.

— Um fluxo renovado de investimentos terá início imediato. A maioria dos membros está planejando importantes expansões. Têm sido cautelosos, mediante nossas ordens oficiais, até agora.

O tempo era curto. Assim como com o Conselho dos Dez original metade do Conselho atual logo deixaria de fazer parte dele, de acordo com o rodízio. O regimento interno da liga determinava que cinco membros mudassem a cada dois anos. O período de Vincenti terminaria em menos de trinta dias.

Uma bênção e um problema.

Há seiscientos anos, Veneza era uma república oligárquica, governada por mercadores através de um sistema político complexo planejado para evitar o despotismo. Acreditava-se que facções e intrigas eram repelidas por processos que contavam imensamente com o acaso. Nunca uma única pessoa centralizava a autoridade. Sempre eram grupos que aconselhavam, decidiam e agiam. Grupos que mudavam a intervalos regulares.

Mas a corrupção ainda se infiltrava. Conluíes e projetos de cunho pessoal disseminavam-se. Redes de conspiração eram tecidas.

Os homens sempre encontravam um caminho.

Assim como ele.

Trinta dias.

Tempo mais que suficiente.

— E quanto à ministra suprema Zovastina? — perguntou um dos membros, interrompendo seus pensamentos. — Ficaré tudo bem com ela?

— Bom, essa — ele disse — pode muito bem vir a ser o assunto do dia.

SAMARCANDA
FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL
6H

Zovastina esporeou o cavalo. Os outros chopenoz fizeram o mesmo.

A lama respingou nela, saída do gramado úmido revolvido por cascos. Ela mordeu o chicote e segurou as rédeas com as duas mãos. Ninguém havia, até então, avançado sobre a carcaça do bode deitado em sua panela de terra.

— Agora vamos, Bucéfalo — ela disse na orelha do cavalo, entre os dentes cerrados. — Hora de mostrar a eles. — Deu um puxão e o cavalo disparou.

O jogo era simples. Agarrar o boz, cavalgar com ele nas mãos até a extremidade do campo, circular o poste, depois retornar e depositá-lo no círculo da justiça, revestido de cal sobre a grama. Parecia fácil, mas o problema estava nos chopenoz, que podiam fazer quase qualquer coisa para roubar o boz.

Um convite para jogar buzkashi com a ministra era considerado uma honra, e ela escolhia os participantes com muito cuidado. Os de hoje eram uma mistura de sua guarda pessoal e nove hóspedes, formando dois times de 12.

Era a única mulher.

E gostava disso.

Bucéfalo parecia sentir o que era esperado dele e aproximou-se do boz. Outro jogador bateu com força no flanco direito do cavalo. Zovastina pegou o chicote na boca e açoitou o cavaleiro, golpeando o rosto do homem com fios de couro. Ele desviou-se do ataque e continuou com as investidas, agora junto com outros três cavaleiros, tentando detê-la.

Dois de seu time vieram defendê-la e combateram os três adversários.

Um tumulto de cavalos e cavaleiros rodeava o boz.

Antes do início da partida, Irina dissera ao time que queria fazer a primeira volta em torno do poste, e eles pareciam estar fazendo a sua parte para favorecê-la.

Um quarto jogador do time adversário trouxe o cavalo para perto.

O mundo girou em torno dela enquanto os 24 chopenoz circulavam. O chicote de um dos adversários bateu em seu peito, mas a jaqueta de couro grossa minimizou o ataque.

Normalmente, bater na ministra suprema era uma ofensa capital, mas essa regra era abandonada durante o buzkashi. Não queria que os jogadores a poupassem em nada.

Um cavaleiro escorregou do cavalo e bateu com força no solo.

Ninguém parou para ajudar. Não era permitido.

Fraturas, cortes e talhos eram comuns. Cinco haviam morrido naquele campo nos últimos dois anos. A morte sempre foi comum no buzkashi. Até mesmo o código penal da Federação continha uma exceção ao assassinato, que se aplicava apenas durante o jogo.

Ela circulou a cova rasa.

Outro cavaleiro tentou pegar o boz, mas a ministra bateu em sua mão com o chicote. Ela então puxou forte as rédeas e conteve Bucéfalo, grande com ele e, mais uma vez, avançando em direção à carcaça antes que os outros tentassem alcançá-la.

Outros dois cavaleiros caíram.

Cada respiração vinha acompanhada de grama e lama, e ela cuspiu o sedimento, mas recebia com agrado o odor da carne de cavalo suada.

Pôs o chicote de volta na boca e abaixou-se, mantendo uma das mãos firme na sela, e puxando a carcaça com a outra. O sangue esguichou de onde os cascos e a cabeça do bode tinham sido cortados. Arrastou o bode morto para cima e o segurou com força. Depois sinalizou para que Bucéfalo corresse para a esquerda.

Agora só valiam três regras.

Não amarrar a carcaça. Não bater na mão de quem a segurava. Não fazer o cavalo cair.

Hora de correr até o poste.

Ela esporeou Bucéfalo.

O outro time fechou o cerco.

Seu time galopou em sua defesa.

A carcaça era pesada, talvez 30 quilos, mas seus braços fortes eram mais do que capazes de aguentá-la. O sangue continuava encharcando sua mão e a manga.

Um golpe na espinha chamou a sua atenção.

Voltou-se.

Dois cavaleiros adversários.

Outros aglomeraram-se em volta dela.

Cascos martelavam a terra úmida como trovões, penetrados pelos relinchos enfurecidos dos cavalos. Seus chopenez saíram em defesa da ministra. Golpes foram trocados.

Ela segurou o boz com um aperto mortal, os antebraços doloridos.

O poste estava a 50 metros.

O campo estendia-se atrás do palácio de verão, sobre uma planície gramada que acabava em uma floresta densa. Os soviets haviam usado o complexo como um retiro para a elite do partido, o que explicava como sobrevivera. Ela mudara a estrutura, mas alguns aspectos da ocupação russa foram sabiamente mantidos.

Mais cavaleiros entraram na briga, enquanto os dois times lutavam um contra o outro.

Chicotes estalaram.

Homens gemeram de dor.

Obscenidades foram trocadas.

Irina ganhou vantagem, mas não muita. Teria que desacelerar para rodear o poste e começar a voltar para o círculo da justiça, o que daria a todos uma oportunidade de atacar. Embora seu time estivesse dando assistência até então, as regras agora permitiam que qualquer um roubasse o boz e fizesse a própria corrida.

Ela decidiu pegá-los todos desprevenidos.

Com as esporas, direcionou Bucéfalo para o ângulo da direita.

Não havia proibições. Os cavaleiros podiam arriscar-se, e arriscavam, em todas as direções. O trajeto do galope deles para fora, a massa dos chopenez amontoada à sua esquerda, estendendo seu avanço para os limites do campo, onde fileiras de árvores altas guardavam o perímetro. Ela era capaz de passar entre eles — o que já havia feito antes — mas escolheu uma rota diferente.

Antes que qualquer um pudesse reagir à sua mudança repentina, ela escapou pela esquerda, desenhando um zigzague no campo, cortando o corpo principal de cavaleiros em galope, fazendo com que todos reduzissem a velocidade.

O instante de hesitação deles permitiu que ela seguisse com ímpeto e circulasse o poste.

Os outros a seguiram.

Ela voltou a atenção para a frente.

Um cavaleiro a aguardava 50 metros adiante. Era moreno, barbado, com o rosto tenso. Sentava-se ereto na sela, e ela viu sua mão sair de baixo da capa de couro, segurando uma arma. Manteve a arma perto do corpo, esperando por ela.

— Vamos mostrar-lhe, Bucéfalo, que não temos medo.

O cavalo acelerou.

O homem com a arma não se moveu. Zovastina encarou-o até deixá-lo constrangido. Ninguém jamais a faria recuar.

A arma foi apontada.

Um tiro ecoou pelo campo.

O homem com a arma oscilou, então desabou no solo úmido. Seu cavalo, assustado com a réplica mordaz, disparou sem cavaleiro.

Ela passou por cima do corpo, os cascos de Bucéfalo pisoteando a carne ainda quente, o cadáver destruído ficou para trás.

Irina seguiu cavalgando até o círculo da justiça ser visto. Passou por ele e atirou o boz no centro, então fez Bucéfalo parar.

Os outros cavaleiros tinham todos parado onde o homem morto caíra.

Atirar em um jogador era totalmente contra as regras. Mas aquilo não fazia parte de jogo algum. Ou talvez fizesse. Apenas uma competição diferente. Com outros jogadores e outras regras. Um jogo que nenhum dos

homens ali presentes entenderia ou apreciaria.

Ela puxou as rédeas e endireitou-se na sela, lançando um olhar sobre o telhado do palácio. Dentro de um dos antigos postos de arma soviéticos, seu franco-atirador sinalizou o êxito acenando com o rifle.

Ela respondeu ao gesto, empinando Bucéfalo sobre as patas traseiras, e o cavalo relinchou em aprovação ao assassinato.

COPENHAGUE

3H

Cassiopeia seguiu Malone e Henrik Thorvaldsen para dentro da livraria de Malone. Estava cansada. Embora esperasse por uma noite longa pagava o preço dos últimos meses, especialmente das últimas semanas, e a provação parecia estar longe de terminar.

Malone acendeu as luzes.

Ela ficara sabendo o que acontecera no último outono — quando a ex-mulher de Malone reapareceu... e houve o incêndio causado pela bomba — mas os restauradores fizeram um trabalho excelente. Ela notou o bom acabamento. Novo, ainda que feito para parecer velho.

— Meus cumprimentos aos artesãos. Thorvaldsen concordou com a cabeça.

— Eu queria que ficasse como era antes. Tem História demais neste prédio para ser explodido por fanáticos.

— Não quer tirar essas roupas molhadas? — perguntou Malone.

— Não deveríamos mandar Henrik para casa primeiro? Malone abriu um sorriso.

— Soube que ele gosta de olhar.

— Parece interessante — disse Thorvaldsen. — Mas esta noite não estou no clima.

Nem ela estava.

— Não estou bem. O couro seca rápido. Um dos motivos para usá-lo quando trabalho.

— Em que trabalhava esta noite?

— Tem certeza de que quer ouvir? Como você vive dizendo, é livreiro, não detetive. Aposentado e todas aquelas desculpas.

— Você me mandou um e-mail dizendo para encontrá-la no museu de manhã. Pelo que você disse durante o incêndio, não haveria museu ali amanhã.

Ela sentou-se em uma das poltronas.

— Motivo pelo qual íamos nos encontrar ali. Conte a ele, Henrik. Ele gostava de Malone. Era um homem inteligente, seguro, bonito.

Foi o que pensou quando se conheceram no ano anterior na França. Um advogado com um treinamento singular. Trabalhou por 12 anos no Departamento de Justiça dos Estados Unidos, numa unidade secret

conhecida por Magellan Billet. Então, há dois anos, optou por se aposentar e comprou de Thorvaldsen uma livraria em Copenhague. Era franco e, às vezes, rude, assim como ela, então não havia do que reclamar. Ela gostava do seu rosto vivo, a piscadela maliciosa dos olhos verdes e brilhantes, os cabelos cor de areia e o bronzeado permanente do rosto. Sabia sua idade, 40 e poucos anos, e notava que, graças a um vigor de juventude que ainda não se apagara, ele estava no auge do seu encanto.

Ela o invejava.

Tempo.

Para ela, parecia escasso.

— Cotton — disse Thorvaldsen —, houve outros incêndios pela Europa. Começaram na França, depois na Espanha, Bélgica e Suíça. Parecido com o que você acabou de presenciar.

Em cada um dos locais, a polícia percebeu que eram intencionais, mas até agora não os conectou. Dois dos prédios viraram cinzas. Ficavam em regiões rurais, e ninguém se importou.

Todos os quatro eram residências particulares ocupadas. O daqui foi o primeiro estabelecimento comercial.

— E como vocês ligaram os pontos? — perguntou Malone.

— Sabemos o que estão procurando — concluiu. — Medalhões de elefante.

— Sabe de uma coisa — disse Malone —, é exatamente o que eu estava pensando. Cinco incêndios criminosos. Por toda a Europa. Têm que ser medalhões de elefante. O que mais poderia ser?

— Eles existem.

— Bom saber, mas que diabos é um medalhão de elefante?

— Dois mil e trezentos anos atrás — disse Thorvaldsen —, depois que Alexandre, o Grande, conquistou a Ásia Menor e a Pérsia, ele voltou sua atenção para a Índia.

Mas seu exército o abandonou antes que pudesse retirar muito da terra. Ele travou diversas batalhas na Índia e, pela primeira vez, deparou-se com elefantes de guerra, que massacraram as formações macedônias. Os homens de Alexandre ficaram aterrorizados com os animais. Mais tarde, foram cunhados medalhões para comemorar o acontecimento, que retratavam Alexandre enfrentando os elefantes.

— Os medalhões — continuou Cassiopeia — foram cunhados após a morte de Alexandre. Não imaginamos quantos, mas hoje só oito são conhecidos. Os quatro já obtidos, o desta noite, mais dois em mãos de colecionadores particulares e um em exposição no museu de História Cultural em Samarcanda.

— A capital da Federação Asiática Central? — perguntou Malone. — Parte da região que Alexandre conquistou.

Thorvaldsen estava largado em uma das poltronas, a coluna torta impelindo o pescoço para a frente e apoiando o queixo redondo sobre o peito magro. Cassiopeia notou que seu velho amigo parecia esgotado.

Vestia o suéter largo e a calça ampla de veludo cotelê de costume. Um

uniforme usado, ela sabia, para esconder a deformidade. Lamentava tê-lo envolvido, mas ele insistira. Era um bom amigo. Hora de ver se Malone também era.

- O que você sabe sobre a morte de Alexandre, o Grande?
- Li sobre isso. Muitos mitos misturados a fatos conflitantes.
- Aquela sua memória eidética?

Malone deu de ombros.

- Ela veio comigo quando saí do útero.

Cassiopeia sorriu.

— O que aconteceu em junho de 323 a.C. fez uma grande diferença para o mundo.

Thorvaldsen fez um gesto com o braço.

- Vá em frente, conte. Ele precisa saber. Foi o que ela fez.

No último dia de maio, entre os muros da Babilônia, Alexandre foi a um jantar oferecido por um de seus companheiros de confiança. Fez um brinde e tomou uma caneca grande de vinho concentrado, então soltou um grito alto, como se tivesse sido atingido por um golpe violento. Foi rapidamente levado à cama, onde veio a febre, mas ele continuou a jogar dados, planejar com seus generais e fazer os devidos sacrifícios. No quarto dia, reclamou de cansaço e alguns de seus companheiros notaram a falta de sua energia normal. Permaneceu reservado por mais alguns dias, dormindo na casa de banho para baixar a temperatura. Alexandre mandou dizer à infantaria que se preparasse para marchar dali a quatro dias e à frota, para partir em cinco. Seus planos para seguir a oeste e tomar a Arábia estavam prestes a se desenrolar.

No dia 6 de junho, sentindo-se mais fraco, passou seu anel a Perdicas para que a administração adequada do governo pudesse continuar. Isso causou pânico. Suas tropas temeram que ele tivesse morrido e, para aplacar a inquietação deles, Alexandre permitiu que passassem em fila por sua cama. Saudou cada um com um sorriso. Quando o último homem saiu, sussurrou: "Quando eu morrer, onde encontrarão um rei que mereça homens como esses?" Ordenou que, após sua morte, seu corpo fosse levado ao templo de Amon, no Egito, mas nenhum dos companheiros queria ouvir tal fatalidade. Seu estado piorou até que, no dia 9 de junho, seus companheiros perguntaram: "Para quem deixa o reino?" Ptolomeu disse ter ouvido: "Para o mais inteligente." Segundo Seleucofoi: "Para o mais íntegro." Peithon lembrava: "Para o mais forte." Um grande debate seguiu-se sobre quem estaria certo. De manhã cedo, no dia seguinte, no 33º ano de vida, 12 anos e oito meses de reinado, Alexandre III da Macedônia morreu.

- As pessoas ainda debatem essas últimas palavras — disse ela.
- E por que é tão importante? — perguntou Malone.
- É o que ele deixou — disse Thorvaldsen. — O reino, sem nenhum herdeiro legítimo.

— E isso tem algo a ver com os medalhões de elefante?

— Cotton — disse Thorvaldsen —, comprei aquele museu sabendo que alguém o destruiria. Nós estávamos esperando isso acontecer.

Cassiopeia replicou:

— Temos que ficar um passo à frente de quem quer que esteja atrás dos medalhões.

— Parece que eles ganharam. Estão com o negócio.

Thorvaldsen fitou-a, e depois olhou para Malone e disse:

— Não exatamente.

Viktor só relaxou quando a porta do quarto de hotel estava fechada e trancada. Estavam do outro lado de Copenhague, perto de Nyhavn, onde cafés tumultuados com vista para o canal recebiam fregueses turbulentos. Sentou-se à mesa e acendeu uma luminária, enquanto Rafael posicionava-se à janela que dava para a rua, quatro andares abaixo.

Agora possuía o quinto medalhão.

Os quatro primeiros foram uma decepção. Um era falsificado, os outros três estavam em péssimo estado. Seis meses atrás ele sabia pouco sobre os medalhões de elefante.

Agora, considerava-se bastante versado em sua procedência.

— Vamos ficar bem — disse a Rafael. — Acalme-se. Ninguém no seguiu.

— Ficarei de guarda por garantia.

Sabia que Rafael tentava compensar sua reação exagerada no museu, então disse:

— Tudo bem.

— Ele deveria ter morrido.

— É melhor que não tenha morrido. Pelo menos sabemos o que estamos enfrentando — acrescentou Viktor.

Ele abriu o zíper de uma pasta de couro e retirou um estereomicroscópio e uma balança digital.

Colocou a moeda na mesa. Eles a haviam encontrado exposta em uma das vitrines do museu, corretamente identificada como "Medalhão de Elefante (Alexandre, o Grande), decadracma aproximadamente do segundo século a.C."

Primeiro, mediu a largura: 35 milímetros. Não estava errado. Ligou a balanças eletrônicas e verificou o peso: 40,74 gramas. Certo também.



Com uma lente de aumento, examinou a imagem de uma das faces — um guerreiro de magnífico esplendor, com capacete emplumado, protetor de pescoço, peitoral de metal e capa até os joelhos.

Ficou satisfeito. A falha mais óbvia nas falsificações era a capa, que nos medalhões falsos ia até os tornozelos. Durante séculos, o comércio de falsas moedas gregas desenvolveu-se e os falsificadores mais espertos tornaram-se experientes em enganar tanto os ansiosos quanto os desejosos.

Felizmente, ele não era nenhum dos dois.

O primeiro medalhão de elefante conhecido tornou-se público ao ser doado ao museu Britânico em 1887. Vinha de algum lugar da Ásia central. Um segundo apareceu em 1926, no Irã. Um terceiro foi descoberto em 1959. Um quarto, em 1964. Então, em 1973, outros quatro foram encontrados próximo às ruínas da Babilônia. Oito ao todo, que circularam entre museus e coleções particulares. Não tão valiosos, considerando a variedade de arte helenística e as milhares de moedas disponíveis, mas, ainda assim, objeto de

coleção.

Ele voltou ao exame.

O guerreiro bem barbeado e jovem segurava na mão esquerda uma sarissa com a ponta em forma de folha. A mão direita segurava um relâmpago. Acima dele aparecia Nike, a deusa alada da vitória. À esquerda do guerreiro, o forjador deixara um curioso monograma.

Se era BA ou BAB, e o que as letras representavam, Viktor não sabia. Mas um medalhão autêntico tinha que apresentar esse estranho símbolo.



Tudo parecia estar em ordem. Nada acrescentado ou faltando.

Ele virou a moeda.

As bordas estavam totalmente deterioradas, a patina cor de peltre, lisa como se tivesse sido gasta por água corrente. O tempo dissolvia gradativamente a gravura delicada dos dois lados. Impressionante, na verdade, que um tivesse conseguido sobreviver.

— Tudo tranquilo? — perguntou a Rafael, que ainda estava ao lado da janela.

— Não fique me protegendo. Viktor ergueu a cabeça.

— Eu quero saber mesmo.

— Parece que eu nunca consigo acertar — disse Rafael.

Viktor percebeu o derrotismo.

— Você viu alguém se aproximar da porta do museu. E reagiu. Só isso.

— Foi imprudente. Matar atrai muita atenção.

— Não haveria um corpo a ser encontrado. Parece de se preocupar com isso. Além do mais, eu concordei em deixá-lo ali.

Ele voltou a concentrar sua atenção na moeda. O verso mostrava o guerreiro, agora um cavalariano, usando os mesmos trajes, atacando um elefante em retirada. Dois homens sentados no elefante, um brandindo uma sarissa, o outro tentando remover do peito a lança do cavalariano. Todos os numismáticos concordavam que o guerreiro real dos dois lados da moeda representava Alexandre, e que os medalhões celebravam uma batalha contra elefantes de guerra.

Mas o verdadeiro teste quanto à autenticidade do objeto acontecia sob o microscópio.

Viktor acendeu a fonte de luz e passou o decadracma para a bandeja de observação.

Os autênticos continham uma anomalia. Minúsculos caracteres ocultos na impressão, acrescentados por forjadores antigos, utilizando uma lente primitiva. Especialistas acreditavam que os caracteres representavam algo

semelhante à marca d'água das cédulas modernas, talvez para garantir autenticidade. Lentes não eram comuns nos tempos antigos, assim, detectar a marca na época seria quase impossível. As inscrições foram percebidas quando o primeiro medalhão veio a público anos atrás. Mas dos quatro que eles haviam roubado até o momento, apenas um continha a peculiaridade. Se aquele medalhão fosse genuíno, entre as dobras das roupas do cavalariano deveria haver duas letras gregas: ZH.

Ajustou o foco do microscópio e viu a minúscula inscrição. Mas não eram letras.

Eram números.

3644 77 55.

Ele ergueu a cabeça da ocular.

Rafael olhava-o.

— O que foi?

O dilema acabara de se aprofundar. Mais cedo, Viktor usara o telefone do quarto de hotel para fazer diversas ligações. Seu olhar disparou para o telefone e o mostrador na base. Quatro pares de números começando com 36.

Não as mesmas que ele acabara de ver pelo microscópio.

Mas ele soube de imediato o que os dígitos no suposto medalhão antigo representavam.

Um número de telefone dinamarquês.

VENEZA

6H

Vincenti examinou sua imagem no espelho, enquanto o camareiro o ajudava a vestir o terno Gucci sobre seu corpo enorme. Com uma escova de pelo de camelo, todos os vestígios de fiapos foram removidos da lã escura. Ele então ajeitou a gravata e certificou-se de que a covinha estava benfeita. O camareiro entregou-lhe um lenço bordo, e ele ajustou as dobras de seda no bolso do paletó.

O físico de 130 quilos ficava bem no terno feito sob medida. O consultor de moda de Milão, contratado por ele, informou-lhe que cores escuras não apenas conferiam autoridade, como também desviavam a atenção de sua estatura. O que não era algo fácil. Tudo nele era grande. Bochechas caídas, testa saliente, nariz de batata. Mas ele adorava comidas calóricas, e fazer regime parecia um pecado.

Ele acenou e seu camareiro poliu os sapatos de cadarço Lorenzo Banfi. Deu uma última olhada no espelho, depois conferiu a hora no relógio de pulso.

— Senhor — disse o camareiro —, ela ligou enquanto o senhor estava no banho.

— Na linha particular?

O camareiro fez que sim com a cabeça.

— Deixou um número?

O camareiro pôs a mão no bolso e encontrou um pedaço de papel. Ele tinha conseguido dormir antes e depois da reunião do Conselho. Dormir, ao contrário de fazer regime, não era uma perda de tempo. Sabia que as pessoas o esperavam, e odiava se atrasar, mas decidira fazer a ligação na privacidade do seu quarto. Não tinha sentido usar o celular e correr o risco de ser ouvido.

O camareiro retirou-se do quarto.

Ele se aproximou de um telefone ao lado da cama e discou o código internacional. Três zumbidos guincharam em seu ouvido antes de uma voz de mulher atender. Ele disse:

— Estou vendo, ministra suprema, que ainda está entre os vivos.

— É bom saber que sua informação estava correta.

— Eu não a teria incomodado com devaneios.

— Mas ainda não disse como sabia que alguém tentaria me matar hoje.

Três dias antes, ele passara a Irina Zovastina o plano do florentino.

— A Liga cuida de seus membros, e você, ministra suprema, é um dos mais importantes.

Ela deu uma risadinha.

— Você não fala em outra coisa, Enrico.

— Você ganhou no buzkashi?

— Claro. Duas vezes dentro do círculo. Deixamos o corpo do assassino no campo e o pisoteamos até ficar em pedaços. Agora os pássaros e os cães estão aproveitando o resto.

Vincenti estremeceu. Esse era o problema da Ásia central. Quere desesperadamente fazer parte do século XXI, com a cultura entrincheirada no século XV. A Liga teria que fazer o possível para mudar tudo isso. Mesmo que a tarefa fosse como fazer um carnívoro ter uma dieta vegetariana.

— Conhece a Ilíada? — perguntou ela.

Ele sabia que ela devia estar de bom humor.

— Conheço.

— Muitas almas de heróis desceram à casa de Hades, e seus corpos foram presa dos cães e das aves de rapina.

Ele abriu um sorriso.

— Você inspira-se em Aquiles?

— Há muito a se admirar nele.

— Ele não era um homem orgulhoso? Excessivo, pelo que me lembro.

— Mas um lutador. Sempre um lutador. Diga, Enrico, e quanto ao seu traidor? O problema foi resolvido?

— O florentino desfrutará de um belo enterro ao norte daqui, no distrito do lago. Mandaremos flores. — Decidiu ver se ela estava no clima. — Precisamos conversar.

— Seu pagamento por salvar a minha vida?

— O seu lado no acordo, conforme discutido há muito tempo.

— Estarei pronta para encontrar-me com o Conselho em alguns dias. Primeiro, há coisas que preciso resolver.

— Estou mais interessado em saber quando você e eu vamos nos encontrar.

Ela deu uma risadinha.

— Tenho certeza de que está. Também estou, na verdade. Mas há coisas que preciso finalizar.

— Meu tempo no Conselho terminará logo. Depois disso, você terá que lidar com outros. Eles podem não ser tão receptivos.

Ela riu.

— Adoro isso. Receptivos. Adoro lidar com você, Enrico. Não entendemos muito bem.

— Precisamos conversar.

— Em breve. Primeiro, você tem aquele outro problema de que falamos. Os americanos.

Sim, ele tinha.

— Não se preocupe, pretendo resolver isso hoje.

COPENHAGUE

— Como assim não exatamente? — perguntou Malone a Thorvaldsen.

— Encomendei um medalhão de elefante falso. É bem fácil de fazer, na verdade. Há muitas imitações no mercado.

— E por que fez isso?

— Cotton — disse Cassiopeia —, esses medalhões são importantes.

— N ossa, isso eu jamais teria concluído. O que não ouvi ainda é como e por quê.

— O que você sabe sobre Alexandre, o Grande, depois de sua morte? — perguntou Thorvaldsen. — Sobre o que aconteceu com o corpo?

Ele lera sobre o assunto.

— Sei alguma coisa.

— Duvido de que saiba o que sabemos — disse Cassiopeia. Ela ficou ao lado de uma das estantes. — No outono passado, recebi uma ligação de um amigo que trabalhou no museu de cultura de Samarcanda. Ele encontrou algo e achou que eu talvez gostasse de ver. Um manuscrito antigo.

— Quão antigo?

— Primeiro ou segundo século depois de Cristo. Já ouviu falar em fluorescência de raios X?

Malone fez que não com a cabeça.

— É um procedimento relativamente novo — disse Thorvaldsen. — Durante o início da Idade Média, os pergaminhos eram tão escassos que os monges desenvolveram uma técnica de reciclagem, em que raspavam a tinta original, depois reutilizavam o pergaminho limpo para livros de orações. Com a fluorescência, os raios X são formados num acelerador de partículas, em seguida bombardeados sobre o pergaminho reciclado. Por sorte, a tinta usada naquela época continha muito ferro. Quando os raios X atingem a tinta, moléculas ocultas no pergaminho brilham, e as imagens podem ser gravadas. Bem impressionante mesmo. Como um fax do passado. Palavras que se pensavam estar apagadas, reescritas com uma nova tinta, reaparecem a partir de sua assinatura molecular.

— Cotton — disse Cassiopeia —, o que sabemos de fonte original sobre Alexandre está limitado aos escritos de quatro homens que viveram quase quinhentos anos depois dele. Ephemerides, o suposto jornal real de Alexandre, que se presumia ser contemporâneo, é inútil. A história sendo reescrita pelo vitorioso. O Romance de Alexandre, que muitas pessoas citan

como autoridade, é ficção desenfreada e apresenta pouca relação com a realidade. Os outros dois, no entanto, foram escritos por Arrian e Plutarco ambos cronistas bem conceituados.

— Eu li o Romance de Alexandre. Ótima história.

— Mas é só isso. Alexandre é como Artur, um homem cuja vida real foi substituída por lendas românticas. Hoje, é considerado um grande conquistador benévolo. Uma espécie de estadista. Na verdade, conduziu carnificinas numa escala sem precedentes e esbanjou completamente os recursos das terras que adquiriu. Assassinou amigos por paranoia e levou a maior parte de suas tropas a mortes prematuras. Era um jogador que apostava a própria vida e a vida dos que estavam à sua volta, ao acaso. Não há nada de mágico sobre ele — continuou Cassiopeia.

— Discordo — disse ele. — Foi um grande comandante militar, a primeira pessoa a unificar o mundo. Suas conquistas eram sanguinolentas e brutais porque assim é a guerra. Verdade, era determinado a conquistar, mas o mundo dele parecia estar pronto a ser conquistado. Era politicamente perspicaz. Um grego que, no final das contas, tornou-se persa. Por tudo o que li, ele parecia ter pouca utilidade para nacionalismos triviais — e não posso culpá-lo por isso. Depois que morreu, seus generais, os companheiros, dividiram o império entre eles, o que garantiu o domínio da cultura grega por séculos. O que aconteceu. A Era Helenista mudou profundamente a civilização ocidental. E tudo isso começou com Alexandre.

Ele percebeu que Cassiopeia não concordava.

— É esse legado o que se discute no manuscrito antigo — ela argumentou. — O que, de fato, aconteceu após a morte de Alexandre.

— Sabemos o que aconteceu — prosseguiu Malone. — Seu império tornou-se a presa dos generais, e eles brincaram de "achado não é roubado" com o corpo dele. Há muitos relatos divergentes sobre como cada um tentou atacar o cortejo fúnebre. Todos queriam seu corpo como um símbolo do próprio poder. Por isso foi mumificado. Os gregos queimavam os mortos. Mas não Alexandre. Seu corpo precisava continuar vivo.

— O manuscrito diz respeito ao que aconteceu entre o momento em que Alexandre morreu na Babilônia e quando seu corpo foi finalmente transportado de volta ao Ocidente — disse Cassiopeia. — Um ano se passou. Um ano crítico para os medalhões de elefante.

Um som suave interrompeu o silêncio da sala.

Malone observou Henrik retirar um telefone do bolso e atender Estranho. Thorvaldsen odiava celulares, e, principalmente, detestava quando as pessoas falavam em um, na sua frente.

Malone olhou de relance para Cassiopeia e perguntou:

— É tão importante assim?

A expressão dela permaneceu fechada.

— É o que estamos aguardando.

— Por que você está tão animada?

— Você pode não acreditar, Cotton, mas eu também tenho sentimentos.

Ele se questionou sobre a razão do comentário ácido. Quando ela visitou Copenhague no Natal, eles passaram algumas noites agradáveis em Christiangularde, na casa de praia de Thorvaldsen, ao norte. Ele havia lhe dado de presente, uma edição rara, do século XVII, sobre engenharia medieval. O projeto de reconstrução francesa dela, a construção de um castelo, pedra por pedra, com ferramentas e matéria-prima de setecentos anos atrás, continuava a progredir. Eles até haviam concordado que ele faria uma visita na primavera.

Thorvaldsen terminou a ligação.

— Era o ladrão do museu.

— Como ele conseguiu ligar para você? — perguntou Malone.

— Eu mandei gravar o número deste telefone no medalhão. Queria deixar perfeitamente claro que estamos esperando. Disse-lhe que se quiser o decágrama original, terá de comprá-lo.

— Sabendo disso, provavelmente irá matá-lo.

— É o que esperamos.

— E o que planejam fazer para evitar que isso aconteça? — perguntou Malone.

Cassiopeia deu um passo à frente, o rosto rígido.

— É aí que você entra.

Viktor pôs o telefone de volta no gancho. Rafael havia ficado ao lado da janela, e ouviu a conversa.

— Ele quer que a gente se encontre com ele daqui a três horas. Num casa ao norte da cidade, na estrada do litoral. — Ele pegou o medalhão de elefante. — Eles sabiam que nós viríamos... há algum tempo... para ter mandado fazer isto. É muito benfeito. O falsificador sabia o que estava fazendo.

— Isso é algo que devemos relatar.

Viktor não concordava. A ministra Zovastina o enviara porque ele era o mais confiável. Trinta homens faziam a guarda dela diariamente. Formavam o seu Bando Sagrado.

Tinham como exemplo a unidade bélica mais violenta da Grécia antiga, que lutou com bravura até Felipe da Macedônia e seu filho, Alexandre, o Grande, massacrarem-na.

Ouvira Zovastina falar do assunto. Os macedônios ficaram tão impressionados com a coragem do Bando Sagrado, que ergueram em sua memória um monumento que ainda existia na Grécia. Quando Zovastina assumiu o poder, resgatou o conceito com entusiasmo. Viktor fora seu primeiro convocado, e localizou os outros 29, incluindo Rafael, um italiano que encontrara na Bulgária, trabalhando para as forças de segurança do governo.

— Não devemos ligar para Samarcanda? — perguntou Rafael mais uma vez.

Olhou para o parceiro. O mais jovem tinha um espírito rápido e enérgico. Viktor passara a gostar dele, o que explicava por que tolerava erros que aos outros jamais seriam permitidos, como empurrar aquele homem para dentro do museu. Mas será que aquilo teria sido um erro, afinal?

— Não podemos ligar — disse ele, calmo.

— Se ficarem sabendo disso, ela vai nos matar.

— Então, não podemos deixar que fiquem sabendo. E estamos nos saindo bem até agora.

E era verdade. Quatro roubos. Todos a colecionadores particulares que por sorte, mantinham seus artigos em cofres frágeis ou expostos de modo casual. Mascaram cada crime com incêndios, e ocultaram a própria presença muito bem.

Ou talvez não.

O homem ao telefone parecia saber onde estava pisando.

— Vamos ter que resolver isso sozinhos — disse Viktor.
— Está com medo que ela me culpe. Viktor sentiu um nó na garganta.
— Na verdade, estou com medo que culpe nós dois.
— Estou preocupado, Viktor. Você me protege demais. Ele lançou um olhar de autorreprovação para o parceiro.
— Nós dois eramos. — Passou o dedo no medalhão. — Essas coisas amaldiçoadas só trazem problemas.
— Por que ela quer isso? Ele balançou a cabeça.
— Ela não é do tipo que costuma dar explicações. Mas com certeza é importante.

— Eu ouvi algo.
Viktor ergueu a cabeça com olhos cheios de curiosidade.
— Onde você ouviu esse algo?
— Quando fui convocado para a segurança pessoal da ministra, pouco antes de partirmos na semana passada.

A guarda de Zovastina revezava-se diariamente. Uma regra era clara: Nada que se dissesse ou se ouvisse importava, apenas a segurança da ministra suprema. Mas aquilo era diferente. Viktor precisava saber.

— Conte.
— Ela tem planos.
Ele ergueu o medalhão.
— O que isso tem a ver com eles?
— A ministra disse que tinha. A alguém pelo telefone. O que estamos fazendo evitará um problema. — Rafael parou por um momento. — A ambição dela não tem limites.

— Mas ela já fez tanto. O que ninguém jamais foi capaz de fazer. A vida é boa na Ásia Central. Finalmente.
— Eu vi nos olhos dela, Viktor. Nada disso é suficiente. Ela quer mais.
Ele escondeu a própria ansiedade com uma expressão de perplexidade.
Rafael continuou:

— Eu estava lendo a biografia de Alexandre que a ministra mencionou para mim. Ela gosta de recomendar livros. Especialmente sobre ele. Você conhece a história do cavalo de Alexandre, Bucéfalo?

Viktor ouviu Zovastina falar da história. Uma vez, quando Alexandre era menino, seu pai adquiriu um belo cavalo que não podia ser domado. Alexandre criticou o pai e os treinadores reais, dizendo que conseguiria adestrar o animal. Felipe duvidou, mas depois que o filho prometeu comprar o cavalo com os próprios recursos caso falhasse, deu-lhe uma chance. Ao ver que o cavalo parecia assustado com sua sombra, Alexandre virou-o para o sol e, depois de alguns agradecimentos, conseguiu montá-lo.

Era tudo o que sabia.
— E você sabe o que Felipe disse a Alexandre depois que amansou o cavalo? — perguntou Rafael.

Viktor balançou a cabeça.
— Ele disse: "Procure um reino que se iguale ao seu tamanho, pois a Macedônia é pequena demais para você." Esse é o problema dela, Viktor

Sua Federação é maior que a Europa, mas não é grande o suficiente. Ela quer mais.

— Isso não é preocupação nossa.

— O que estamos fazendo se encaixa de alguma forma no plano dela.

Ele não disse nada em resposta, embora também estivesse preocupado.

Rafael pareceu sentir sua relutância.

— Você disse para o homem ao telefone que levaríamos 15 mil euros.

Não temos dinheiro algum.

Viktor gostou da mudança de assunto.

— Precisamos eliminar quem quer que esteja fazendo isso. Rafael estava certo. A ministra suprema Zovastina não toleraria erros.

— Concordo — disse ele. — Vamos matar todos eles.

SAMARCANDA
FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL
11H

O homem que entrou no estúdio de Irina Zovastina era baixo atarracado, com o rosto achatado e um maxilar que indicava teimosia. Era o terceiro no comando da Força Aérea da Federação Consolidada, mas também era o líder secreto de um partido político secundário, cuja voz havia, recentemente, atingido um volume alarmante. Um cazaque que resistiu secretamente a todas as influências eslavas, ele gostava de falar sobre os tempos nômades, centenas de anos atrás, muito antes que os russos mudassem tudo.

Olhando para o rebelde, Irina perguntou-se como o crânio careca e o olhar vazio poderiam cativar qualquer pessoa, ainda que relatórios o descrevessem como inteligente, eloquente e persuasivo. Ele fora levado ao palácio dois dias antes, depois de ser tomado por uma febre que fez sangue jorrar do nariz, acessos de tosse que o deixaram exausto, e uma dor nos quadris que descreveu como marteladas. Seu médico diagnosticara uma infecção viral e, possivelmente, pneumonia, mas nenhum tratamento convencional havia funcionado.

No entanto, ele parecia bem.

Descalço, usava um dos roupões castanhos do palácio.

— Está com uma aparência boa, Enver. Muito melhor.

— Por que estou aqui? — perguntou num tom inexpressivo que não indicava gratidão.

Um pouco antes, ele questionava os empregados sobre quem, sob ordens dela, tinha sugerido que ele era um traidor. O coronel não demonstrava medo algum, o que chegava a ser interessante. Apesar de demonstrar desacato ao evitar o russo, falando em cazaque, ela decidiu fazer-lhe a vontade e manteve a conversa no idioma antigo.

— Você estava terrivelmente doente. Pedi que o trouxessem aqui para que meus médicos pudessem cuidar de você.

— Não me lembro de nada do que aconteceu ontem.

Ela fez um gesto para que sentasse e serviu chá num aparelho de prata.

— Seu estado era péssimo. Fiquei preocupada, então decidi ajudar.

Ele a encarou com uma desconfiança evidente. Irina passou-lhe uma

xícara com pires.

— Chá verde com um toque de maçã. Fiquei sabendo que gosta. Ele não aceitou.

— O que você quer, ministra?

— Você é um traidor para mim e para esta Federação. Seu partido político tem incitado as pessoas à desobediência civil.

Ele não demonstrou surpresa.

— Você sempre diz que temos o direito de nos expressar.

— E você acredita em mim?

Ela colocou a xícara sobre a mesa e decidiu deixar de lado o papel de anfitriã.

— Três dias atrás, você foi exposto a um agente viral que mata em até 48 horas. A morte vem de uma febre explosiva, fluido nos pulmões e um enfraquecimento das paredes arteriais que leva a hemorragia interna intensa. Sua infecção ainda não havia evoluído a esse ponto. Mas, a esta altura, teria.

— E como fui curado?

— Interrompi o processo.

— Você?

— Queria que sentisse o que sou capaz de infligir.

Ele não disse nada por um momento, aparentemente digerindo a realidade.

— Você é coronel em nossa força aérea. Um homem que fez um juramento de defender esta Federação com a própria vida.

— E defenderia.

— No entanto, parece que não vê problema em incitar a traição.

— Vou perguntar mais uma vez. O que você quer? — Seu tom havia perdido toda a civilidade.

— Sua lealdade. Ele não disse nada.

A ministra pegou um controle remoto na mesa. Um monitor de tela plana brotou no canto da mesa, com a imagem de cinco homens andando em círculos no meio de uma multidão, examinando barracas repletas de produtos frescos sob toldos coloridos.

Seu hóspede ficou de pé.

— Esse vídeo de vigilância veio de uma de nossas câmeras no mercado Navoi. São muito úteis na manutenção da ordem e no combate ao crime. Mas também nos permitem localizar inimigos. — Notou que ele reconheceu os rostos. — Isso mesmo, Enver. Seus amigos. Comprometidos em agir contra esta Federação. Estou ciente de seus planos.

Ela conhecia bem a filosofia do partido dele. Antes do domínio dos comunistas, quando a maior parte dos cazaques morava em iurtas, as mulheres tinham participação integral na sociedade, ocupando mais de um terço dos cargos políticos. Mas entre os soviéticos e o islamismo, as mulheres foram preteridas. A independência, nos anos 1990, levou não só a uma depressão econômica como também permitiu às mulheres voltar ao primeiro plano, em que readquiriram influência política de forma consistente. A

Federação fortaleceu essa volta.

— Você não quer um retorno aos velhos tempos, na verdade, Enver. De volta ao tempo em que vagávamos pelas estepes. As mulheres dirigiam esta sociedade então. Não.

Você só quer poder político. E se puder inflamar o povo com ideias sobre um passado glorioso, usará isso em vantagem própria. Você é tão ruim quanto eu.

O coronel cuspiu aos pés dela.

— É isso o que penso de você. Ela deu de ombros.

— Não muda nada. — Apontou para a tela. — Cada um desses homens, antes do pôr do sol, estará infectado, assim como você foi. Não perceberão nada, até que uma coriza, uma dor de garganta ou de cabeça sinalize que podem estar ficando resfriados. Você se lembra desses sintomas, não se lembra, Enver?

— Você é tão perversa quanto sempre acreditei que fosse.

— Se eu fosse perversa, teria deixado você morrer.

— Por que não deixou?

Ela apontou o controle remoto e mudou de canal. Apareceu um mapa.



— Isto é o que alcançamos. Um Estado asiático unificado com o qual todos os líderes concordaram.

— Você não perguntou ao povo.

— É mesmo? Passaram-se 15 anos desde que atingimos esta realidade, e a economia de todas as antigas nações melhorou dramaticamente. Construímos escolas, casas, estradas. A assistência médica está muito melhor. Nossa infraestrutura foi modernizada. Eletricidade, água, rede de esgoto — ao contrário do que era com os soviéticos — agora funcionam. O abuso de nossas terras e recursos por parte dos russos cessou. Negócios internacionais investem aqui aos multibilhões. O turismo está crescendo. Nosso produto interno bruto aumentou mil por cento. O povo está feliz, Enver.

— De jeito nenhum.

— Não existe um modo de deixar todos felizes. Tudo o que podemos fazer é agradar a maioria. É o que o Ocidente prega o tempo todo.

— Quantos outros você pressionou como fez comigo?

— Não tantos assim. A maioria vê o benefício do que estamos fazendo por si próprios. Divido a riqueza e o poder com meus amigos. E, deixe-me dizer uma coisa, se algum de vocês tiver uma ideia melhor, estou disposta a ouvir. Mas até agora, ninguém ofereceu nada melhor. O pouco de oposição que enfrentamos, incluindo você, simplesmente quer ser colocado no poder. Nada mais.

— É fácil para você ser generosa enquanto seus germes podem colocar a todos nós na linha com uma chicotada.

— Eu poderia ter permitido que você morresse e resolvido meu problema. Mas, Enver, matar você seria uma bobagem. Hitler, Stalin, imperadores romanos, tzares russos, e quase todos os monarcas europeus cometeram o mesmo erro. Eliminaram exatamente as pessoas que poderiam apoiá-los quando de fato precisaram de ajuda.

— Será que não estavam certos? Manter inimigos vivos pode ser perigoso.

Irina sentiu um leve enternecimento na amargura dele, então perguntou:

— Conhece Alexandre, o Grande?

— Só mais um invasor ocidental.

— E numa dezena de anos conquistou a todos nós, tomando toda a Pérsia e a Ásia Menor. Mais território do que o Império Romano adquiriu em mil anos de lutas. E como governava? Não pela força. Quando reivindicava um reino, sempre permitia ao governante anterior manter o poder. Ao fazer isso, cultivava amigos que enviavam homens e suprimentos quando ele precisava, para que mais conquistas pudessem ser realizadas. Então, dividia sua riqueza. Foi bem-sucedido porque sabia como usar o poder.

Difícil dizer se progredia, mas o cazaque colocara um argumento válido. Ela de fato estava cercada de inimigos, e a tentativa de assassinato

ainda estava fresca em sua memória. Irina sempre tentava eliminar ou recrutar a oposição, mas novas facções pareciam surgir a cada dia. O próprio Alexandre acabou tornando-se vítima de uma paranoia exagerada. Ela não podia repetir esse erro.

— O que me diz, Enver? Junte-se a nós.

Observou-o enquanto ele ponderava seu pedido. O coronel podia não gostar dela, mas relatórios mencionavam que o foco do maior ódio daquele guerreiro, aviador treinado pelos soviéticos que lutou com eles em muitos de seus conflitos tolos, era outro.

Hora de ver se isso era verdade.

Ela apontou para a tela na direção do Paquistão, do Afeganistão e do Irã.

— Esses são os nossos problemas. Ela viu que ele concordou.

— O que planeja fazer? — perguntou ele, com interesse.

— Acabar com eles.

COPENHAGUE

8H

Malone olhava fixamente para a casa. Ele, Thorvaldsen e Cassiopeia haviam deixado a livraria meia hora antes e seguido para o norte por uma rota litorânea. A dez minutos da propriedade palaciana de Thorvaldsen, desviaram da rodovia principal e estacionaram diante de uma residência modesta, de um andar, acomodada no meio de um bosque de faias retorcidas. N arcos primaveris e jacintos envolviam as paredes, os tijolos e a madeira cobertos por um telhado triangular e assimétrico. As ondas marrom-acinzentadas do Oresund batiam contra uma praia rochosa 50 metros atrás da casa.

— Nem preciso perguntar quem é o proprietário.

— Está deteriorada — disse Thorvaldsen. — Faz limite com a minha terra. Comprei por uma pechincha, mas a localização à margem das águas é maravilhosa.

Malone concordou. Propriedade de primeira.

— E quem supostamente mora aqui? Cassiopeia abriu um sorriso.

— O dono do museu. Quem mais?

Malone notou que o humor dela estava mais leve. Mas seus dois amigos continuavam claramente tensos. Ele trocara de roupa antes de deixar a cidade e pegara sua Beretta padrão Magellan Billet embaixo da cama. Recebera duas ordens da polícia local para se desfazer da arma, mas Thorvaldsen usou contatos com o primeiro-ministro dinamarquês para bloquear as duas tentativas. Durante o ano anterior, embora aposentado, encontrou muitos usos para a arma. O que era preocupante. Uma das razões para ter se afastado do governo era parar de andar armado.

Entraram na casa. A luz do sol atravessava a película de sal das janelas. O interior estava decorado com uma confusão de coisas velhas e novas — uma combinação de estilos que agradava pela simplicidade. Ele reparou que havia necessidade de muitos consertos.

Cassiopeia fez um reconhecimento da casa.

Thorvaldsen sentou-se num sofá empoeirado com capa de tweed.

— Tudo naquele museu ontem à noite era cópia. Retirei os originais depois que comprei o lugar. Nada era especialmente valioso, mas não poderia permitir que fosse destruído.

— Você teve bastante trabalho — disse Malone. Cassiopeia retornou de

sua inspeção.

— Há muita coisa em jogo. Como se ele precisasse ouvir isso.

— Enquanto esperamos que o indivíduo com quem falou três horas atrás chegue e tente nos matar, poderia pelo menos explicar por que demos tanto tempo para eles se prepararem?

— Tenho plena consciência do que fiz — disse Thorvaldsen.

— Por que esses medalhões são tão importantes?

— Você sabe muita coisa sobre Heféstion? — perguntou Thorvaldsen.

Ele sabia.

— Foi o companheiro mais próximo de Alexandre. Provavelmente seu amante. Morreu alguns meses antes de Alexandre.

— O manuscrito molecular — disse Cassiopeia — que foi descoberto em Samarcanda encaixa-se no registro histórico com novas informações. Agora sabemos que Alexandre ficou tão dominado pela culpa quando Heféstion morreu, que ordenou a execução de seu médico pessoal, um homem chamado Glaucias. Mandou que o rasgassem ao meio, puxado por duas árvores amarradas ao chão.

— E o que o médico fez para merecer isso?

— Não salvou Heféstion — disse Thorvaldsen. — Parece que Alexandre possuía uma cura. Algo que havia, pelo menos uma vez antes, aplacado a mesma febre que matou Heféstion.

É descrita no manuscrito simplesmente como o fluido. Mas também tem alguns detalhes interessantes.

Cassiopeia retirou uma página dobrada do bolso.

— Leia você mesmo.

Tão vergonhoso para o rei executar o pobre Glaucias. O médico não tinha culpa. Heféstion recebeu ordens para não beber nem comer, mas fez ambas as coisas. Caso tivesse se absterido, poderiam ter tido o tempo necessário para curá-lo. Verdade, Glaucias não tinha o fluido estocado, tendo o recipiente sido despedaçado dias antes por acidente, mas ele aguardava a chegada de uma nova remessa do Oriente. Anos antes, durante sua perseguição aos citas, Alexandre sofrerá de problemas no estômago. Em troca de uma trégua, os citas forneceram o fluido, que usavam há muito tempo para curas. Apenas Alexandre, Heféstion e Glaucias sabiam, mas Glaucias administrou uma vez o líquido extraordinário a seu assistente. O pescoço do homem havia inchado com protuberâncias tão severas que ele mal conseguia engolir, como se a garganta estivesse cheia de seixos, e expelia um líquido a cada expiração. Seu corpo estava coberto de lesões. Não havia força em nenhum de seus músculos. Cada respiração demandava esforço. Glaucias deu-lhe o fluido e, no dia seguinte, o homem estava recuperado. Glaucias disse ao assistente que havia usado a cura no rei algumas vezes, uma quando estava perto da morte, e o rei sempre se recuperava. O assistente devia a vida a Glaucias, mas não havia nada que pudesse salvá-lo da ira de Alexandre. Ele viu, dos muros da Babilônia, as árvores rasgarem sei

salvador ao meio. Quando Alexandre retornou do campo de morte, ordenou que o assistente fosse até ele e perguntou se ele sabia do fluido. Por ter visto Glaucias morrer de maneira tão terrível, o medo forçou-lhe a dizer a verdade. O rei mandou que não contasse sobre o fluido a ninguém. Dez dias depois, Alexandre estava em seu leito de morte, a febre devastando seu corpo, as forças quase esgotadas, o mesmo que ocorreu a Heféstion. No último dia de vida, enquanto seus companheiros e generais rezavam por orientação, Alexandre sussurrou que queria o remédio. O assistente reuniu forças e, lembrando-se de Glaucias, disse não a Alexandre. Um sorriso surgiu nos lábios do rei. O assistente sentiu prazer em ver Alexandre morrer, sabendo que poderia ter salvado o rei.

— O historiador da corte — disse Cassiopeia —, um homem que também perdeu alguém que amava quando Alexandre ordenou a execução de Calístenes, quatro anos antes, recordou o relato. Calístenes era sobrinho de Aristóteles. Serviu como historiador da corte até a primavera de 327 a.C. quando foi pego num esquema de assassinato.

A essa altura, a paranoia de Alexandre havia se intensificado a níveis perigosos. Por isso ordenou a morte de Calístenes. Diz-se que Aristóteles jamais perdoou Alexandre.

Malone concordou com a cabeça.

— Há quem diga que Aristóteles enviou o veneno que matou Alexandre.

Thorvaldsen zombou do comentário.

— O rei não foi envenenado. Esse manuscrito comprova. Alexandre morreu de uma infecção. Provavelmente malária. Havia caminhado por pântanos algumas semanas antes. Mas é difícil dizer com certeza. E essa bebida, o fluido, o havia curado antes e também curara o assistente.

— Prestou atenção nos sintomas? — perguntou Cassiopeia. — Febre, pescoço inchado, muco, fadiga, lesões. Parece algo viral. No entanto, o líquido curou totalmente o assistente.

Ele não estava impressionado.

— Não se pode dar muito crédito a um manuscrito de 2 mil anos. Não se tem nenhuma ideia se é autêntico.

— É — disse Cassiopeia.

Ele aguardou sua explicação.

— Meu amigo era um perito. A técnica que usou para encontrar o escrito é avançadíssima e não permite falsificações. Estamos falando sobre ler palavras no nível molecular.

— Cotton — disse Thorvaldsen —, Alexandre sabia que haveria uma batalha por seu corpo. Sabe-se que ele disse, dias antes de morrer, que seus amigos proeminentes se envolveriam em jogos funerários assim que ele se fosse. Um comentário curioso, mas que só estamos começando a entender.

Outra coisa havia lhe chamado a atenção, e ele queria saber de Cassiopeia:

— Você disse que seu amigo do museu era um perito? Passado?

— Ele morreu.

E agora ele sabia a origem da sua dor.

— Vocês eram próximos? Cassiopeia não respondeu.

— Você poderia ter me contado.

— Não, não poderia.

As palavras dela feriram.

— Basta dizer — disse Thorvaldsen — que toda essa intriga envolve a localização do corpo de Alexandre.

— Boa sorte. Ele não é visto há 1.500 anos.

— Essa é a jogada — respondeu Cassiopeia com frieza. — Talvez a gente saiba onde ele está, e o homem que vem aqui para nos matar, não.

SAMARCANDA

12H

Zovastina observou a expressão ávida dos alunos e perguntou:

— Quem aqui leu Homero?

Apenas algumas mãos foram levantadas.

— Eu estava na universidade, assim como vocês, quando li pela primeira vez seu épico.

Ela foi ao Centro Comunitário de Aprendizado Avançado para uma de suas muitas aparições semanais. Tentava agendar pelo menos cinco. Oportunidades para ser vista e ouvida pela imprensa e pelo povo. Antes um instituto russo mal financiado, agora, o centro era um local respeitável de aprendizagem acadêmico. Ela havia cuidado disso porque os gregos estavam certos. Um Estado iletrado leva a Estado nenhum.

Ela leu a cópia da *Ilíada* aberta diante de si.

— "A pele do covarde muda de cor constantemente, ele não consegue controlar-se, não consegue estar tranquilo, de cócoras, balançando, mudando o peso do corpo de um pé ao outro, o coração disparado, latejando dentro da caixa torácica, os dentes batendo — ele teme uma morte horrível. Mas a pele do soldado corajoso jamais empalidece.

Ele é todo controle. Tenso, mas não apavorado."

Os alunos pareciam apreciar sua declamação.

— As palavras de Homero, de mais de 2.800 anos atrás. Ainda fazem total sentido.

Câmeras e microfones voltavam-se para ela, do fundo da sala de aula. Estar ali a fazia lembrar-se de 28 anos atrás. Norte do Cazaquistão. Outra sala de aula.

E seu professor.

— *Tudo bem chorar — disse Sergei a ela.*

As palavras a comoveram. Mais do que ela pensava ser possível. Ficou olhando para o ucraniano, que possuía uma visão única do mundo.

— *Você só tem 19 anos — disse ele. — Lembro-me de quando li Homero pela primeira vez. Também me afetou.*

— *Aquiles é uma alma tão atormentada.*

— *Somos todas almas atormentadas, Irina.*

Ela gostava quando ele dizia seu nome. Aquele homem sabia coisas que ela

não sabia. Entendia coisas que ela ainda iria vivenciar. Ela queria saber essas coisas.

— Não conheci minha mãe e meu pai. Nunca conheci ninguém da minha família.

— Eles não são importantes. Ela ficou surpresa.

— Como pode dizer isso? Ele apontou para o livro.

— A sina do homem é sofrer e morrer. O que se foi não possui consequência.

Durante anos, ela se perguntou por que parecia estar condenada a uma vida de solidão. Amigos eram poucos, relacionamentos, inexistentes, a vida para ela, um desafio interminável de querer e não ter. Como Aquiles.

— Irina, você conhecer é a alegria do desafio. A vida é uma sequência de desafios. Batalha após batalha. Sempre, como Aquiles, em busca da excelência.

— E quanto aos fracassos? Sergei deu de ombros.

— A consequência da falta de sucesso. Lembre-se do que disse Homero. A circunstâncias governam os homens, não o contrário.

Ela pensou em outro verso do poema.

— "Que golpes assustadores sofremos — graças a nossas próprias conflitantes vontades — sempre que demonstramos a esses homens mortais alguma bondade."

O professor concordou com a cabeça.

— Nunca esqueça isso.

— Que história — ela disse aos alunos. — A Ilíada. Uma guerra travada por nove longos anos. Então, no décimo, uma rixa leva Aquiles a parar de lutar. Um herói grego, cheio de orgulho, um lutador cuja humanidade originava-se de grande paixão, invulnerável, exceto pelos calcanhares.

Viu sorrisos em alguns rostos.

— Todos têm uma fraqueza — disse.

— Qual é a sua, ministra? — perguntou um dos alunos. Dissera-lhes para não serem acanhados.

Perguntas eram bem-vindas.

— Por que me ensina essas coisas? — perguntou a Sergei.

— Conhecer sua herança é compreendê-la. Tem consciência de que pode muito bem ser descendente dos gregos?

Ela lhe lançou um olhar perplexo.

— Como isso é possível?

— Há muito tempo, antes do Islã, quando Alexandre e os gregos tomaram posse desta terra, muitos de seus homens permaneceram depois que ele retornou. Povoaram nossos vales e tomaram mulheres locais como esposas. Algumas de nossas palavras, músicas e danças eram deles.

Ela nunca havia se dado conta.

— Minha afeição pelo povo desta Federação — ela disse em resposta à pergunta. — Vocês são a minha fraqueza.

Os alunos demonstraram sua aprovação com aplausos.

Pensou na Ilíada novamente. E em suas lições. A glória da guerra. O triunfo dos valores militares sobre a vida em família. A honra pessoal. Vingança. Bravura. A impermanência da vida humana.

A pele do soldado corajoso jamais empalidece.

E ela empalideceu um pouco antes, quando encarou o pretense assassino?

— Você diz que a política lhe interessa — disse Sergei. — Então, nunca esqueça Homero. Nossos mestres russos não sabem nada da honra. Nosso antepassados gregos sabiam tudo sobre ela. Jamais seja como os russos, Irina Homero estava certo. Falhar com a sua comunidade é a maior falha de todas.

— Quem aqui sabe sobre Alexandre, o Grande? — perguntou ao alunos.

Algumas mãos foram levantadas.

— Vocês têm consciência de que alguns de vocês podem ser gregos? — Ela contou a eles o que Sergei havia lhe dito muitos anos atrás sobre os gregos que ficaram na Ásia. — O legado de Alexandre é parte de nossa história Bravura, nobreza, resistência. Ele juntou Ocidente e Oriente pela primeira vez. Sua lenda espalha-se por cada canto do mundo. Está na Bíblia, no Alcorão. Os gregos ortodoxos o tornaram santo. Os judeus o consideram um herói folclórico. Há uma versão dele nas sagas germânicas, islandesas e etíopes. Épicos e poemas são escritos sobre esse homem há séculos. A história dele é uma história sobre nós.

Ela podia entender facilmente por que Alexandre havia se encantado tanto com Homero. Ora, ele viveu a Ilíada. A imortalidade só era obtida por meio de atos heroicos.

Homens como Enrico Vincenti não eram capazes de entender a honra Aquiles estava certo. Não existe acordo possível entre lobos e cordeiros.

Vincenti era um cordeiro. Ela, um lobo.

E não haveria acordo.

Esses encontros com estudantes eram benéficos em diversos aspectos, um dos quais, e não menos importante, era a lembrança do que viera antes dela. Dois mil e trezentos anos atrás, Alexandre, o Grande, marchou por 31 mil quilômetros e conquistou o mundo conhecido. Criou uma língua comum, incentivou a tolerância religiosa, estimulou a diversidade racial, fundou setenta cidades, estabeleceu novas rotas de comércio e antecipou uma renascença que durou 250 anos. Ele almejava o arête. O ideal de excelência grego.

Agora era sua vez de desenvolver o mesmo.

Terminou a aula e pediu licença para retirar-se.

Quando saiu do prédio, um de seus guardas entregou-lhe um papel. Ela o desdobrou e leu a mensagem, um e-mail que chegara há trinta minutos, observando o endereço de envio criptografado e o tom abrupto do recado: PRECISO DE VOCÊ AQUI ANTES DO PÔR DO SOL.

Irritante, mas ela não tinha escolha.

— Preparem um helicóptero — ordenou.

VENEZA

8H

Para Vincenti, Veneza parecia uma obra de arte. Porções de esplendo bizantino, reflexos islâmicos e alusões à China e à Índia. Metade Oriente metade Ocidente — um pé na Europa, outro na Ásia. Uma criação humana: única nascida de uma série de ilhas que um dia conseguiu consolidar-se num dos maiores estados mercantis, um poder naval supremo, uma república de 1.200 anos cujos ideais elevados atraíram até mesmo a atenção dos Fundadores da América. Invejada, receada, temida — realizando comércio com todos os lados indiscriminadamente, amigos ou inimigos. Ambiciosa e inescrupulosa, dedicada ao lucro, tratando até mesmo as guerras como investimentos promissores.

Essa havia sido Veneza ao longo dos séculos.

E ele nas últimas duas décadas.

Comprou sua casa no Grande Canal com os primeiros rendimentos de sua empresa farmacêutica ainda iniciante. Apenas fazendo questão de que tanto ele quanto a sociedade, agora avaliada em bilhões de euros, estivessem estabelecidos ali.

Amava Veneza especialmente pela manhã, quando nada além da voz humana podia ser ouvido. Uma caminhada matinal de seu palacete no canal até o seu *ristorante* favorito na praça do Campo Del Leon constituía sua única tentativa de exercitar-se. Mas não havia opção. A caminhada e o barco eram os únicos meios de transporte, uma vez que os veículos foram banidos de Veneza.

Hoje caminhava com vigor renovado. O problema com o florentino c havia preocupado. Agora que isso estava resolvido, poderia voltar sua atenção para os obstáculos finais. Nada o satisfazia mais que um plano bem-executado. Infelizmente, poucos chegavam a sê-lo.

Especialmente quando a fraude se fazia necessária.

O ar da manhã não mais carregava o frio desagradável do inverno. A primavera claramente voltara ao norte da Itália. O vento também parecia mais suave, o céu, num adorável tom salmão, iluminado pelo sol que surgia do oceano oriental.

Traçou um caminho pelas ruas sinuosas, estreitas a ponto de tornar um desafio a passagem de um guarda-chuva aberto, e atravessou algumas das pontes que uniam partes da cidade. Passou por lojas de roupa e papelarias,

uma loja de vinhos, uma de calçados e algumas mercearias bem abastecidas, todas fechadas àquela hora da manhã.

Chegou ao fim da rua e entrou na praça.

De um lado, havia uma torre antiga que um dia fora uma igreja e agora era um teatro. Do outro, o campanário de uma capela de Carmine. Entrou em casas e lojas altas que refletiam o tempo e o orgulho. Vincenti não gostava tanto dos campos de Veneza. Tendiam a parecer velhos, áridos e urbanos. Diferentemente dos canais, onde os *palazzos* comprimiam-se como pessoas acotovelando-se em busca de ar no meio da multidão.

Observou a praça vazia. Tudo limpo e ordenado.

Exatamente como ele gostava.

Era um homem que possuía riqueza, poder e um futuro. Morava numa das maiores cidades do mundo, com um estilo de vida que condizia com o de uma pessoa de prestígio e tradição. Seu pai, uma alma comum, que despertara nele o amor pela ciência, ensinara-lhe a aceitar a vida como ela se apresentasse. Bom conselho. Viver era reagir e recuperar. Estar com problemas ou livrar-se deles ou, ainda, pronto para encontrar outros mais. O truque era saber em qual das situações se encontrava e agir de acordo.

Ele acabara de se livrar de problemas.

E estava prestes a encontrar outros.

Durante os últimos dois anos, fora o líder do Conselho dos Dez, que dirigia a Liga Veneziana. Quatrocentos e trinta e dois homens e mulheres; cujas ambições eram refreadas por regulamentações governamentais excessivas, leis de restrição ao comércio e políticos que reduzem os ganhos corporativos. Os Estados Unidos e a União Europeia eram os piores, ser comparação. Todos os dias, algum impedimento enfraquecia os lucros. Os membros da Liga gastavam bilhões para tentar impedir mais regulamentações.

E, enquanto um grupo de políticos era secretamente influenciado a cooperar, outro grupo estava decidido a fazer nome ao perseguir os que ajudavam.

Um ciclo frustrante e sem fim.

Motivo pelo qual a Liga decidiu criar um local em que os negócios não apenas pudessem crescer, mas ditar regras. Um lugar semelhante à república veneziana original e que, por séculos, foi governado por homens que possuíam a habilidade mercantil dos gregos e a audácia dos romanos. Empreendedores que eram, a um só tempo, homens de negócio, soldados, governantes e estadistas. Uma cidade-estado que, por fim, tornou-se um império. Periodicamente, a república veneziana formava associações com outros estados — alianças que garantiam sobrevivência — e a ideia funcionou bem. Sua encarnação moderna expunha uma filosofia semelhante. Ele trabalhou duro por sua fortuna, e concordava com algo que Irina Zovastina dissera-lhe uma vez. Todos amam mais algo que lhes deu trabalho.

Atravessou a praça e aproximou-se do café, que abria todos os dias às 6 horas, só para ele. A manhã era a sua parte favorita do dia. Sua mente

parecia mais alerta antes do meio-dia. Ele entrou no ristorante e notou a presença do dono.

— Emilio, poderia pedir um favor? Diga a meus convidados que retomarei em breve. Há algo que preciso fazer. Não vou demorar.

O homem sorriu e acenou com a cabeça, garantindo que não haveria problema.

Vincenti passou por seus dirigentes corporativos que o aguardavam na sala adjacente e atravessou a cozinha. Um aroma de peixe grelhado e ovos fritos penetrou suas narinas. Parou por um momento e admirou o que estava fazendo um chiado no fogão, depois saiu do prédio pelos fundos, encontrando um dos inumeráveis becos de Veneza, escurecido por prédios altos de tijolo, cobertos de excrementos de pombos.

Três inquisidores esperavam a alguns metros dali. Ele acenou com a cabeça, e eles andaram em fila indiana. Numa interseção, viraram à direita e seguiram por outro beco. Ele notou um fedor conhecido, meio esgoto, meio limo — a mortalha de Veneza. Pararam na entrada dos fundos de um prédio que tinha uma loja de vestidos no térreo e apartamentos nos três andares superiores. Ele sabia que agora estavam do outro lado da praça, na diagonal do café.

Outro inquisidor os aguardava à porta.

— Ela está aí? — perguntou Vincenti. O homem fez que sim com a cabeça.

Ele fez um gesto, e três dos homens entraram no prédio, enquanto o quarto ficou esperando do lado de fora. Vincenti os seguiu por um lance de escadas de metal. No terceiro andar, pararam diante da porta de um dos apartamentos. Vincenti ficou mais afastado no corredor, enquanto armas eram sacadas e um dos homens se preparava para chutar a porta.

Ele acenou.

O sapato encontrou a madeira, e a porta se despedaçou.

Os homens entraram impetuosamente.

Alguns segundos depois, um de seus homens fez um sinal. Vincent entrou no apartamento e fechou a porta.

Dois inquisidores seguravam uma mulher. Esbelta, de cabelos claros, não era pouco atraente. Uma das mãos tapava sua boca, o cano de uma arma pressionava sua têmpora.

Estava com medo, mas calma. Esperado, pois era uma profissional.

— Surpresa em me ver? — perguntou ele. — Tem me observado há quase um mês.

O olhar dela não ofereceu resposta.

— Não sou idiota, embora seu governo deva me considerar assim.

Ele sabia que ela trabalhava para o Departamento de Justiça norte americano, uma agente de uma unidade internacional especial chamada Magellan Billet. A Liga Veneziana já havia se deparado com a unidade antes, há alguns anos, quando começou a investir na Ásia Central. Era esperado, na verdade. Os Estados Unidos ficaram desconfiados.

Nada jamais resultou daquelas investigações, mas agora Washington

parecia estar mais uma vez obsessiva com sua organização.

Observou o equipamento da agente. Câmera de longo alcance sobre um tripé, telefone celular, caderno de anotações. Sabia que interrogá-la seria inútil. Ela poderia dizer pouca coisa, quando muito, que ele já não soubesse.

— Você interferiu no meu café da manhã.

Fez um gesto, e um dos homens confiscou-lhe os brinquedos.

Foi até a janela e observou o campo ainda deserto lá embaixo. O que escolhesse em seguida poderia muito bem determinar seu futuro. Estava prestes a fazer malabarismos entre dois opostos num jogo perigoso que nem a Liga Veneziana, nem Irina Zovastina apreciariam. Nem, a propósito, o americanos. Vincenti vinha planejando sua jogada audaciosa por muito tempo.

Como seu pai dizia, os mansos não merecem nada.

Manteve o olhar para fora da janela, ergueu o braço direito e girou o pulso. Um estalo indicou que o pescoço da mulher fora quebrado por completo. Matar não era problema. Ver era outra questão.

Seus homens sabiam o que fazer.

Um carro aguardava lá embaixo para levar o corpo para o outro lado da cidade, onde o caixão esperava desde a noite anterior. Com bastante espaço para mais um.

DINAMARCA

Malone estudou o homem que acabara de chegar, sozinho, dirigindo um Audi com um adesivo brilhante de locadora grudado no para-brisa. Era baixo, troncado, com cabelos desgrenhados, roupas largas e ombros e braços que pareciam estar habituados ao trabalho pesado. Provavelmente com 40 e poucos anos, seus traços indicavam ascendência eslava — nariz largo, olhos fundos. O homem foi até a varanda e disse:

— Não estou armado. Mas pode verificar, se quiser. Malone manteve a arma apontada.

— É animador lidar com profissionais.

— Você é o do museu — reconheceu o homem.

— E você é o que me deixou lá dentro.

— Não fui eu. Mas concordei.

— Muita honestidade para um homem com uma arma apontada para si.

— Armas não me incomodam. E Malone acreditou.

— Não estou vendo dinheiro algum.

— Não vi o medalhão ainda — observou o homem.

Malone recuou, deixando-o entrar.

— Você tem nome?

O convidado parou no vão da porta e encarou-o com um olhar firme.

— Viktor.

* * *

Cassiopeia observou por trás das árvores o homem do carro e Malone entrarem na casa. Não importava se ele estava sozinho ou não.

O drama estava prestes a se desenrolar por si mesmo.

E ela esperava, para o bem de Malone, que ela e Thorvaldsen tivessem calculado corretamente.

* * *

Malone permaneceu afastado, enquanto Thorvaldsen e o homem chamado Viktor conversavam. Permaneceu alerta, observando com atenção de alguém que passara 12 anos como agente do governo. Também

enfrentara muitas vezes adversários desconhecidos apenas com sabedoria e bom senso, pedindo aos céus que nada desse errado e conseguindo sair inteiro.

— Você tem roubado esses medalhões por todo o continente — disse Thorvaldsen. — Por quê? O valor deles não é tão grande.

— Não concordo. Você quer 50 mil euros pelo seu. Isso é cinco vezes o que vale.

— E, por incrível que pareça, você está disposto a pagar. O que significa que não está nessa como colecionador. Para quem você trabalha?

— Para mim mesmo.

Thorvaldsen deu uma risadinha sofisticada.

— Senso de humor. Gosto disso. Detectei um sotaque do Leste Europeu no seu inglês. Antiga Iugoslávia? Croácia?

Viktor permaneceu em silêncio e Malone notou que a visita não havia tocado em nada dentro da casa.

— Presumi que não responderia a essa pergunta — disse Thorvaldsen — Como quer concluir nosso negócio?

— Gostaria de examinar o medalhão. Se ficar satisfeito, o dinheiro estará disponível amanhã. Não posso fazer a transação hoje. É domingo.

— Depende de onde é o seu banco — disse Malone.

— O meu está fechado. — O olhar vazio e fixo de Viktor indicou que não ofereceria nada mais.

— Onde ficou sabendo do fogo grego? — perguntou Thorvaldsen.

— Você é bem informado.

— Sou dono de um museu greco-romano.

Os pelos da nuca de Malone se levantaram. Pessoas como Viktor, que parecia não ter a língua solta, ofereciam concessões apenas quando sabiam que seus interlocutores não estariam por perto por tempo suficiente para repetir a informação.

— Sei que você está atrás de medalhões de elefante — disse Thorvaldsen —, e tem todos eles, exceto o meu e três outros. Minha suspeita é de que foi contratado, e não faço ideia de por que eles são tão importantes. E você também não quer saber. Um empregado fiel.

— E quem é você? Certamente, não o dono de um museu greco-romano.

— Pelo contrário, sou o dono, sim, e quero ser pago por meus itens destruídos. Daí o preço elevado.

Thorvaldsen pôs a mão no bolso e retirou um estojo de plástico transparente, que jogou para o alto. Viktor pegou-o com as duas mãos. Malone viu o convidado soltar o medalhão sobre a palma da mão. Mais ou menos do tamanho de uma moeda de 50 centavos, cor de estanho, com símbolos gravados nas duas faces. Viktor retirou uma lupa de palheiro do bolso.

— É especialista? — perguntou Malone.

— Sei o suficiente.

— As microgravuras estão aí — disse Thorvaldsen. — Letras gregas. ZH

Zeta. Eta. É impressionante que os antigos tivessem habilidade suficiente para gravá-las.

Viktor continuou seu exame.

— Satisfeito? — perguntou Malone.

* * *

Viktor examinou o medalhão E, embora não estivesse com o microscópio e a balança, aquele parecia genuíno.

Na verdade, o melhor exemplar até então.

Ele fora desarmado porque queria que aqueles homens achassem que estavam no comando. Astúcia, e não força, era necessária ali. Mas algo o preocupava. Onde estava a mulher?

Ergueu a cabeça e deixou a lupa cair na mão direita.

— Posso examinar melhor, perto da janela? Preciso de uma luz melhor.

— Sem dúvida — disse o homem mais velho.

— Qual o seu nome? — perguntou Viktor.

— Que tal Ptolomeu? Viktor abriu um sorriso.

— Houve muitos. Qual deles é você?

— O primeiro. O general mais oportunista de Alexandre. Reivindicou o Egito como prêmio após a morte do rei. Homem astuto. Seus herdeiros mantiveram o domínio da região por séculos.

Ele balançou a cabeça.

— No fim, os romanos os derrotaram.

— Como o meu museu. Nada dura para sempre.

Viktor aproximou-se da vidraça sombria. O homem armado manteve a guarda na porta. Ele só precisaria de um instante. Quando se posicionou sob os raios do sol, momentaneamente de costa para eles, fez sua jogada.

* * *

Cassiopeia viu um homem aparecer de trás das árvores, do outro lado da casa. Era magro, jovem e ágil. Ainda que, na noite anterior, ela não tivesse visto o rosto de nenhum dos dois que tocaram fogo no museu, reconheceu o passo ligeiro e a atitude cuidadosa.

Um dos ladrões.

Indo direto para o carro de Thorvaldsen.

Perfeito, ela teve que admitir, especialmente considerando que eles sabiam que alguém estaria pelo menos alguns passos à frente deles.

Ela viu o homem enfiar uma faca nos dois pneus traseiros, e depois se retirar.

Malone percebeu o movimento. Viktor largou a lupa na mão direita, enquanto a esquerda segurava o medalhão. Mas quando a lupa foi colocada no olho de Viktor, e o exame recomeçou, notou que o medalhão estava agora na mão direita, o dedo indicador e o polegar da mão esquerda fechados, escondendo a moeda.

Nada mal. Combinado habilidosamente com o ato de ir até a janela e encontrar a iluminação certa. Distração perfeita.

Seu olhar encontrou o de Thorvaldsen, mas o dinamarquês logo acenou para indicar que também havia notado. Viktor segurava a moeda sob a luz, examinando-a com a lupa.

Thorvaldsen balançou a cabeça, sinalizando que era para deixar passar.

Malone perguntou mais uma vez:

— Satisfeito?

Viktor largou a lupa na mão esquerda e a embolsou, junto com o verdadeiro medalhão. Então ergueu a moeda que havia trocado, certamente a falsa do museu, agora sendo devolvida.

— É genuíno.

— Vale 50 mil euros? — perguntou Thorvaldsen. Viktor fez que sim com a cabeça.

— Vou transferir o dinheiro. Diga-me para onde.

— Ligue amanhã para o número no medalhão, como fez antes, e combinaremos a troca.

— Deixe a moeda no estojo — disse Malone. Viktor foi até a mesa.

— Belo jogo que vocês dois estão fazendo.

— Não é um jogo — disse Thorvaldsen.

— Cinquenta mil euros?

— Como eu disse, você destruiu meu museu.

Malone notou a confiança no olhar cauteloso de Viktor. O homem entrou na situação sem conhecer o inimigo, achando-se mais esperto, e isso era sempre perigoso.

Malone, no entanto, havia cometido um erro mais grave.

Havia se oferecido a participar, acreditando apenas que seus dois amigos sabiam o que estavam fazendo.

PROVÍNCIA DE XINYANG, CHINA

15 H

Zovastina olhou para fora do helicóptero quando deixaram o espaço aéreo da federação e voaram para o extremo oeste da China. A área fora um dia uma porta dos fundos lacrada para a União Soviética, guardada por aglomerados de tropas.

Agora, as fronteiras estavam abertas. Transporte e comércio irrestritos. A China havia sido um dos primeiros a reconhecer formalmente a Federação, e os tratados entre as duas nações garantiam que as viagens e o comércio fluíssem livremente.

A província de Xinyang representava 16 por cento da China. A maior parte, montanhas e desertos, carregados de recursos naturais. Completamente diferente do resto do país. Menos comunista. Islamismo pesado. Um dia chamou-se Turquestão Oriental, e sua identidade estava mais ligada à Ásia Central do que ao Reino Médio.

A Liga Veneziana havia sido útil na formalização de relações amistosas com os chineses, outro motivo pelo qual ela decidiu juntar-se ao grupo. A Grande Expansão Econômica do Ocidente começara cinco anos antes quando Pequim passara a investir bilhões na infraestrutura e desenvolvimento por toda Xinyang. Os membros da Liga receberam muitos dos contratos para petroquímicas, mineração, reformas nas estradas, usinas e construção civil. Os amigos da Liga na capital chinesa eram muitos, uma vez que o dinheiro falava tão alto no mundo comunista quanto em qualquer outro lugar, e ela usara tais conexões para maximizar sua vantagem política.

O voo de Samarcanda demorava pouco mais de uma hora no helicóptero de alta velocidade. Ela fizera o trajeto muitas vezes e, como sempre, olhava demoradamente para o terreno acidentado, imaginando as caravanas antigas que um dia seguiram para leste e oeste ao longo da famosa Estrada da Seda. Jade, coral, linho, vidro, ouro, ferro, alho, chá — até mesmo pigmeus, mulheres e cavalos, tão ferozes que diziam ter suado sangue — eram comercializados. Alexandre, o Grande, jamais chegou a esses extremos orientais, mas Marco Polo havia definitivamente passado por aquelas terras.

Adiante, ela avistou Kashgar.

A cidade ficava no limite do deserto de Taklimakan, 120 quilômetros a leste da fronteira da Federação, à sombra da neveda Pamir, uma das cordilheiras mais altas e estereis do mundo. Um oásis adornado, a metrópole

mais ocidental da China existia, assim como Samarcanda, há mais de 2 mil anos. Um dia, um local de agitados mercados ao ar livre e bazares lotados, hoje, estava consumida por poeira, lamentações e gritos em falso de muezins convocando os homens a orar em suas 4 mil mesquitas.

Trezentos e cinquenta mil pessoas viviam entre seus hotéis, depósitos, negócios e templos. Os muros da cidade não existiam há muito tempo e uma supervia expressa, mais uma parte da grande expansão econômica, agora circundava e direcionava táxis verdes em todas as direções.

O helicóptero inclinou-se para o norte, onde a paisagem se curvava. O deserto ao leste não estava longe. Taklimakan significa literalmente "entre e não sairá". Uma descrição apropriada para um lugar com ventos tão quentes que podiam matar, e matavam, caravanas inteiras em minutos.

Irina avistou seu destino.

Um prédio de vidro preto no centro de um prado coberto de pedras, início de uma floresta meio quilômetro atrás. Nada identificava a estrutura de dois andares, que ela sabia pertencer à Philogen Pharmaceutique, uma corporação de Luxemburgo com sede na Itália, sendo seu maior acionista um expatriado americano com um nome bastante italiano: Enrico Vincenti.

Ela fez questão de conhecer com antecedência a história pessoal de Vincenti.

Ele era virólogo, contratado pelos iraquianos nos anos 1970 como parte de um programa de armas biológicas a que o então líder, Saddam Hussein, queria dar continuidade.

Hussein via a Convenção de Armas de Toxinas Biológicas de 1972, que baniu a guerra de germes no mundo todo, como nada além de uma oportunidade. Vincenti havia trabalhado com os iraquianos até pouco antes da Guerra do Golfo, quando Hussein rapidamente dispersou a pesquisa. A paz trouxe inspetores da ONU, o que forçou um abandono quase permanente. Então, Vincenti mudou de atividade, abrindo uma empresa farmacêutica que expandiu num ritmo recorde durante os anos 1990. Agora, era a maior da Europa, com um conjunto impressionante de patentes. Um enorme conglomerado multinacional. Grande conquista para um cientista mercenário, o que a deixou curiosa por muito tempo.

O helicóptero pousou e ela entrou apressada no prédio.

Os muros externos de vidro eram uma mera fachada. Como mesas unidas umas às outras, outra estrutura completa erguia-se do lado de dentro. Uma passagem de ardósia polida circundava o prédio interno, e plantas volumosas enfileiravam-se nas laterais da passarela. Ela sabia que a disposição única era um modo de garantir a segurança com discrição. Nada de cercas vivas cobertas por fios de arame farpado. Nada de guardas do lado de fora. Nada de câmeras. Nada que alertasse qualquer um de que o prédio tinha algo de especial.

Ela atravessou o perímetro externo e aproximou-se de uma das entradas, seu caminho bloqueado por um portão de metal. Havia um segurança atrás de um balcão de mármore.

O portão era controlado por um scanner manual, mas não exigiram que

ela parasse.

Do outro lado, havia um homem malicioso, 50 e tantos anos, cabelos grisalhos e ralos, e um rosto insípido. Óculos com armação de metal protegiam olhos inexpressivos.

Vestia um jaleco preto e dourado aberto na frente, no crachá de segurança da lapela estava escrito: "Grant Lyndsey."

— Bem-vinda, ministra — disse em inglês.

Irina respondeu ao cumprimento com um olhar que expressava aborrecimento. O e-mail dele indicava urgência, e embora ela não tivesse gostado nada da convocação, cancelara as atividades da tarde para comparecer.

Eles se dirigiram ao prédio interno.

Além da entrada principal, o caminho bifurcava-se. Lyndsey tomou a esquerda e a guiou por um labirinto de corredores sem janelas. Tudo era asséptico como em um hospital e cheirava a cloro. Todas as portas eram equipadas com trancas eletrônicas. Diante da que estava marcada com as palavras "Cientista Chefe", Lyndsey retirou a identificação da lapela e deslizou o cartão por uma fenda.

Uma decoração moderna predominava no escritório sem janelas. Cada vez que ela fazia uma visita, estranhava a mesma coisa. Nenhuma foto de família. Nenhum diploma na parede. Nenhuma lembrança. Como se aquele homem não tivesse vida. O que provavelmente não estava longe da verdade.

— Preciso mostrar-lhe uma coisa — disse Lyndsey. Falava-lhe de igual para igual, o que ela desprezava. O tom sempre deixava claro que ele morava na China e não estava sujeito a ela.

Ele ligou um monitor que, de uma câmera montada no teto, mostrava uma mulher de meia-idade sentada numa cadeira, vendo televisão.

Ela sabia que era uma sala no segundo andar do prédio, na ala da enfermaria, porque já tinha visto imagens de lá antes.

— Semana passada — disse Lyndsey. — Requisitei uma dúzia de prisão. Como fizemos antes.

Ela não sabia que outro teste clínico havia sido feito.

— Por que não fui informada?

— Não sabia que precisava informá-la.

Ouviu o que ele não disse. Vincenti é o responsável. O laboratório é dele, os funcionários são dele, assim como os preparados. Ela mentira a Enver antes. Não o tinha curado. Vincenti o curou. Um técnico daquele laboratório administrou o antiagente. Embora ela tivesse o elemento biológico patogênico, Vincenti controlava os medicamentos da cura. Um freio e um contrapeso originado da desconfiança, acertado desde o começo para garantir que suas posições de negociação permanecessem iguais.

Lyndsey apontou um controle remoto, e a tela mudou para outras salas da enfermaria, oito no total, cada uma ocupada por um homem ou uma mulher. Diferentemente da primeira, esses pacientes estavam deitados de costas, ligados a gotejamentos intravenosos.

Imóveis.

Ele tirou os óculos.

— Usei apenas 12, uma vez que estavam prontamente disponíveis no momento do contato. Eu precisava de um estudo rápido do antiagente para o novo vírus. Aquele sobre o qual lhe falei um mês atrás. Uma coisinha asquerosa.

— E onde a encontrou?

— Numa espécie de roedor ao leste daqui, na província de Heilongjiang. Ficamos sabendo de histórias sobre como as pessoas ficavam doentes depois de comer os bichos.

Como era de se esperar, existe um vírus complexo flutuando no sangue do rato. Com um pequeno ajuste, o vírus toma força. Morte em menos de um dia. — Ele apontou para a tela. — Aqui está a prova.

Ela de fato havia pedido um agente mais ofensivo. Algo que funcionasse ainda mais rápido que os 28 que já possuía.

— Estão todos em suporte de vida. Clinicamente mortos há dias. Preciso de autópsias para verificar os parâmetros infecciosos, mas eu queria lhe mostrar antes de fatiarmos os sujeitos.

— E o antiagente?

— Uma dose e todos os 12 estavam prestes a ficar saudáveis. Reversão total em questão de horas. Então, substituí o antiagente por um placebo em todos eles, exceto na mulher. Ela é o controle. Conforme o esperado, os outros decaíram rapidamente e morreram. — Ele pôs a imagem na tela de volta para a primeira mulher. — Mas ela está livre do vírus. Perfeitamente normal.

— Por que esse teste foi necessário?

— Você queria um novo vírus. Eu precisava ver se os ajustes funcionavam. — Lyndsey sorriu para ela. — E, como eu disse, tinha que verificar o antiagente.

— Quando recebo o novo vírus?

— Pode levá-lo hoje. Por isso a chamei.

Irina nunca gostava de transportar os vírus, mas só ela conhecia a localização do laboratório. Seu acordo era com Vincenti. Um ajuste pessoal entre eles. De modo algum ela poderia confiar a qualquer pessoa os frutos do negócio. E seu helicóptero jamais seria parado pelos chineses.

— Deixe o vírus pronto — disse ela.

— Todos congelados e empacotados. Apontou para a tela.

— E quanto a ela? Lyndsey deu de ombros.

— Será infectada novamente. Estará morta até amanhã.

A ministra ainda estava tensa. Ter pisoteado seu pretenso assassino aliviara parte de sua frustração, mas perguntas sem respostas sobre a tentativa de assassinato permaneciam. Como Vincenti ficara sabendo? Será que a ordem partira dele? Difícil saber. Mas fora pega desprevenida. Vincenti estava um passo à frente. E ela não gostava disso.

Também não gostava de Lyndsey.

Apontou novamente para a tela.

- Prepare-a para sair também. Imediatamente.
- Isso é sensato?
- Isso é da minha conta. Ele abriu um sorriso.
- Alguma diversão?
- Gostaria de vir junto para ver?
- Não, obrigado. Gosto daqui, do lado chinês da fronteira. Irina se levantou.
- E se eu fosse você, ficaria aqui.

DINAMARCA

Malone manteve a guarda quando Thorvaldsen concluiu seu negócio com Viktor.

— Podemos fazer a troca aqui — disse Thorvaldsen. — Amanhã.

— Você não me parece um homem que precisa de dinheiro — disse Viktor.

— Na verdade, gosto de ter o máximo que possa conseguir.

Malone reprimiu um sorriso. Seu amigo dinamarquês doava milhões de euros a causas por todo o mundo. Muitas vezes, ele se perguntou se ele mesmo não era uma dessas causas, uma vez que Thorvaldsen fizera questão, dois anos atrás, de viajar até Atlanta para oferecer-lhe a chance de mudar de vida em Copenhague. Uma oportunidade que ele aproveitou e da qual nunca se arrependeu.

— Estou curioso — disse Viktor. — A qualidade da falsificação era impressionante. Quem é o artesão?

— Uma pessoa talentosa, que tem orgulho do próprio trabalho.

— Transmita meus elogios.

— Parte dos seus euros será transmitida. — Thorvaldsen fez uma pausa. — Agora, tenho uma pergunta. Vai atrás dos dois últimos medalhões, aqui na Europa?

— O que você acha?

— E do terceiro, em Samarcanda?

Viktor não respondeu, mas a mensagem de Thorvaldsen certamente foi recebida. Conheço bem o seu negócio. Viktor estava saindo.

— Ligo amanhã.

Thorvaldsen permaneceu sentado enquanto o homem deixava a sala.

— Estou ansioso para receber notícias suas. A porta da frente abriu, depois fechou.

— Cotton — disse Thorvaldsen, retirando um saco de papel do bolso. — Temos pouco tempo. Com cuidado, coloque o estojo com o medalhão aqui dentro.

Ele entendeu.

— Impressões digitais? Foi por isso que deu a ele a moeda.

— Você viu que ele não tocou em nada. Mas teve que segurar o medalhão para poder fazer a troca.

Malone usou o cano da arma para colocar o estojo de plástico dentro do

saco, tomando cuidado para que caísse direito. Enrolou a abertura, formando uma bolsa de ar.

Diferentemente do que aparecia na televisão, o papel, e não o plástico, era o melhor recipiente para provas de impressão digital. Chance muito menor de borrar.

Thorvaldsen levantou-se.

— Venha. — Viu o amigo sair arrastando os pés pela sala, a cabeça erguida. — Temos que ir rápido.

Notou que Thorvaldsen dirigia-se para os fundos.

— Aonde está indo?

— Para fora daqui.

Ele seguiu apressado o amigo, e saíram pela porta da cozinha, que dava para um deque cercado de frente para o mar. A 50 metros dali, uma doca projetava-se da praia rochosa, onde uma lancha aguardava.

O céu da manhã estava coberto de nuvens. Nuvens cinza-metálicas agora pairavam baixo. Um vento norte cascadeava com força, atravessando o braço de mar e arrastando a água marrom e espumosa.

— Vamos embora? — perguntou ele, enquanto Thorvaldsen saía do deque de madeira.

O dinamarquês continuava movendo-se numa velocidade surpreendente para um homem com a espinha torta.

— Onde está Cassiopeia? — perguntou Malone.

— Em apuros — disse Thorvaldsen. — Mas é a nossa única salvação.

* * *

Cassiopeia viu o homem sair da casa, entrar no carro alugado e voltar rápido pela vereda marginada de árvores que ia dar na rodovia. Ligou um monitor de LCD, ligado por rádio a duas câmeras de vídeo que ela instalara na semana anterior — uma na entrada da rodovia, outra montada no alto, a 50 metros da casa.

Na tela minúscula, o carro parou.

O destruidor de pneus saiu correndo de trás das árvores. O motorista abriu a porta e saiu. Os dois correram por alguns metros pela alameda, na direção da casa.

Ela sabia exatamente o que eles estavam esperando.

Então, desligou o monitor e apressou-se a sair do esconderijo.

* * *

Viktor esperou para ver se estava certo. Ele tinha estacionado o carro logo depois de uma curva da alameda de terra, e observava a casa de trás de um tronco de árvore.

— Eles não vão a lugar algum — disse Rafael. — Dois pneus furados.

Viktor sabia que a mulher tinha que estar espiando.

— Eu não descuidei um segundo — disse Rafael. — Agi como se

estivesse de guarda e não notei nada.

O que Viktor mandara o parceiro fazer.

Do bolso, retirou o medalhão que conseguiu roubar. As ordens da ministra Zovastina foram claras. Recuperar e devolver todos eles intatos. Cinco foram encontrados.

Só faltavam três.

— Como eles eram? — perguntou Rafael.

— Enigmáticos.

E falava sério. Conseguira prever as atitudes deles, quase bem demais e isso o incomodava.

A mesma mulher esbelta com movimentos de tigresa apareceu, saindo do bosque. Com certeza, vira os pneus serem cortados e estava indo correndo contar para seus compatriotas.

Ele ficou satisfeito ao ver que estava certo. Mas por que ela não interrompera o ataque? Talvez sua tarefa fosse simplesmente observar. Ele notou que ela carregava algo. Pequeno e retangular. Ele queria ter trazido o binóculo.

Rafael pôs a mão no bolso da jaqueta e retirou o controlador de rádio.

Viktor pôs a mão no braço do parceiro com delicadeza.

— Ainda não.

A mulher parou e examinou os pneus, depois seguiu a passos rápidos na direção da porta da casa.

— Dê-lhe um tempo.

Três horas antes, depois de combinar o encontro, eles dirigiram direto para lá. Um reconhecimento completo confirmou que a casa estava vazia, então esconderam pacotes de fogo grego sob a fundação elevada e dentro do sótão. Em vez de uma das tartarugas inflamando a mistura, montaram um detonador via rádio.

A mulher desapareceu dentro da casa.

Viktor contou até dez em silêncio e preparou-se para tirar a mão do braço de Rafael.

* * *

Malone ficou de pé na lancha. Thorvaldsen ao seu lado.

— O que quis dizer com Cassiopeia está em apuros?

— A casa está carregada de fogo grego. Eles vieram antes de nós e prepararam. Agora que está com o medalhão, Viktor não pretende nos deixar sobreviver ao encontro.

— E estão esperando para ter certeza de que Cassiopeia esteja lá dentro.

— É a minha estimativa. Mas estamos prestes a ver se é a deles também.

* * *

Cassiopeia deixou a porta fechar, depois atravessou a casa correndo. Isso era arriscado. Ela só podia esperar que os ladrões lhe dessem alguns segundos antes de detonarem a mistura. Seus nervos tinham, a mente oscilava, a melancolia foi substituída pela onda de adrenalina.

No museu, Malone notara sua ansiedade, aparentemente sabendo que algo estava errado.

E estava.

Mas no momento ela não podia se preocupar com isso. Já havia gasto emoção suficiente em coisas que não poderia mudar. Naquele exato momento, encontrar a porta dos fundos era tudo o que importava.

Ela irrompeu na luz fraca do dia. Malone e Thorvaldsen esperavam no barco. A casa bloqueava qualquer visão da fuga deles pela alameda. Ela ainda segurava o monitor de LCD. Sessenta metros até a água. Ela pulou do deque de madeira.

* * *

Malone avistou Cassiopeia escapando da casa e correndo direto até eles.

Cinquenta metros.

Trinta.

Um zunido sólido e crescente, e a casa pegou fogo de repente. Nuns segundos estava intata, no segundo seguinte, as chamas se derramavam pelas janelas, saíam por baixo, e estendiam-se para o céu através do telhado. Como o papel flash de mágica, pensou. Sem explosão. Combustão instantânea. Total. Completa. E, na falta de água salgada, incontrolável.

Cassiopeia encontrou a doca e pulou para dentro da lancha.

— Você passou rente — disse ele.

— Abaixem-se — mandou ela.

Eles se agacharam na lancha, e ele a viu ajustar um receptor de vídeo. Apareceu a imagem de um carro.

Os dois homens entraram. Ele reconheceu Viktor. O carro saiu desaparecendo da tela. Ela apertou um botão e outra imagem mostrou o carro entrando na rodovia.

Thorvaldsen pareceu satisfeito.

— Parece que nosso ardil funcionou.

— Não acha que poderia ter me contado o que estava acontecendo? — perguntou Malone.

Cassiopeia deu um sorriso malicioso.

— Que graça teria?

— Ele está com o medalhão.

— Que é exatamente o que queríamos que ele tivesse — disse Thorvaldsen.

A casa continuou a se consumir. A fumaça crescia no céu. Cassiopeia acionou o motor de popa e direcionou a lancha para as águas profundas. A propriedade costeira de Thorvaldsen ficava a apenas alguns quilômetros

para o norte.

— Pedi que trouxessem a lancha logo depois que chegamos — disse Thorvaldsen, pegando Malone pelo braço e conduzindo-o à popa. Um borrito frio e salgado encobria a lancha. — Fico grato por você estar aqui. Vamos pedir sua ajuda hoje, após a destruição do museu. Por isso ela queria se encontrar com você. Precisa da sua ajuda, mas duvido que vá pedir agora.

Ele queria fazer perguntas, mas sabia que não era o momento. Sua resposta, no entanto, nunca foi incerta.

— Pode contar comigo. — Fez uma pausa. — Vocês dois podem conta comigo.

Thorvaldsen apertou seu braço em agradecimento. Cassiopeia manteve a atenção à frente, navegando a lancha pelas vagas.

— Qual a gravidade? — perguntou ele.

O barulho do motor e o vento mascararam a pergunta, de modo que apenas Thorvaldsen o ouviu.

— Bastante grave. Mas agora temos esperança.

PROVÍNCIA DE XINYANG, CHINA

15H

Zovastina estava sentada com o cinto afivelado em seu assento do compartimento traseiro do helicóptero. Normalmente, viajava por meios mais luxuosos, mas hoje usava o helicóptero mais rápido, de padrão militar. Um membro de seu Bando Sagrado pilotava a aeronave. Metade de sua guarda pessoal, incluindo Viktor, tinha breve de piloto. Ela estava de frente para a prisioneira do laboratório, com outro de seus guardas ao lado da mulher. Ela fora levada a bordo algemada, mas Zovastina ordenou que a soltassem.

— Qual é o seu nome? — perguntou à mulher.

— Isso importa?

Falavam por fones, em khask, que ela sabia que nenhum dos estrangeiros a bordo entendia.

— Como se sente?

A mulher hesitou antes de responder, como se estivesse em dúvida entre mentir ou não.

— Não me sentia tão bem há anos.

— Fico contente. É nosso objetivo melhorar a vida de todos os nossos cidadãos. Talvez, quando sair da prisão, você possa ter uma admiração maior por nossa nova sociedade.

Uma expressão de desprezo formou-se no rosto manchado pela infecção. Nada nela era atraente, e Zovastina perguntou-se quantas derrotas foram necessárias para que ela perdesse todo o respeito próprio.

— Duvido que eu faça parte da sua nova sociedade, ministra. Minha sentença é longa.

— Disseram que você estava envolvida no tráfico de cocaína. Se os soviets ainda estivessem aqui, você teria sido executada.

— Os russos? — Ela riu. — Eram eles que compravam a droga. Ela não ficou surpresa.

— À maneira do nosso novo mundo.

— O que aconteceu com os outros que vieram comigo? Irina decidiu ser honesta.

— Mortos.

Embora aquela mulher certamente estivesse habituada a dificuldades, ela notou o mal-estar. Compreensível, na verdade. Lá estava ela, a bordo de

um helicóptero com a ministra suprema da Federação Asiática Central depois de ter sido retirada às pressas da prisão e submetida a um teste médico desconhecido, do qual era a única sobrevivente.

— Vou me certificar de que sua sentença seja reduzida. Embora possa não estar agradecida, a Federação reconhece a sua assistência.

— Eu deveria me sentir grata?

— Você se ofereceu como voluntária.

— Não me lembro de ninguém ter dito que eu tinha escolha. Olhou pela janela para os picos silenciosos da P amir, que sinalizavam a fronteira e o território amistoso. A ministra notou o olhar da mulher.

— Não quer fazer parte do que está prestes a acontecer?

— Eu quero ser livre.

Alguma coisa dos seus anos de universidade, algo que Sergei dissera há muito tempo, passou por sua mente. A raiva parecia sempre ser dirigida a indivíduos — o ódio preferia as classes. Então, ela perguntou:

— Por que você sente raiva?

A mulher a observou com uma expressão vazia.

— Eu deveria ter sido um dos que morreram.

— Por quê?

— Suas prisões são lugares nojentos, dos quais poucos conseguem sair.

— Como deveriam ser, para desencorajar qualquer um a querer estar lá.

— Muitos não têm escolha. — A mulher fez uma pausa. — Diferente da senhora, ministra.

A fortaleza de montanhas cresceu na janela.

— Séculos atrás, os gregos vieram para o Oriente e mudaram o mundo. Você sabia disso? Eles conquistaram a Ásia. Mudaram nossa cultura. Agora os asiáticos estão prestes a ir para o Ocidente e fazer o mesmo. Você está ajudando a tornar isso possível.

— Não ligo nem um pouco para os seus planos.

— Meu nome, Irina, Eirene em grego, significa paz. É o que buscamos.

— E matar prisioneiros vai trazer essa paz?

Essa mulher não se importava com o destino. A vida inteira de Zovastina parecia determinada pelo destino. Até então, ele forjara uma nova ordem política, exatamente como Alexandre fizera. Outra lição de Sergei dita em voz alta. Lembre-se, Irina, do que Arrian disse a Alexandre. Ele sempre foi o rival de si mesmo. Somente nos últimos anos, ela conseguiu compreender esse mal. Olhava fixamente para a mulher que destruiu a vida por alguns milhares de rublos.

— Já ouviu falar de Menander?

— Por que você não me fala?

— Foi um dramaturgo grego do século IV a.C., escrevia comédias.

— Prefiro tragédias.

Irina estava cansada daquele derrotismo. Nem todo mundo podia ser mudado. Diferentemente do coronel Enver, que viu as possibilidades que lhe oferecia e converteu-se prontamente. Homens como ele viriam a ser

úteis nos próximos anos, mas aquela alma deplorável não representava nada além de fracasso.

— Menander escreveu algo que sempre achei verdadeiro. Se quisesse viver a vida toda sem dor, terá que ser um deus ou um cadáver.

Ela estendeu a mão e soltou o cinto de segurança da mulher. O guarda, sentado ao lado da prisioneira, abriu a porta da cabine com força. A mulher pareceu momentaneamente assustada com o ar penetrante e o ruído do motor que entrou com ímpeto.

— Eu sou um deus — disse Zovastina. — Você é um cadáver.

O guarda arrancou o fone de ouvido da mulher, que pareceu perceber o que estava prestes a acontecer e começou a resistir.

Mas ele a empurrou pela porta.

Zovastina viu o corpo cair pelo ar cristalino e desaparecer entre os picos abaixo.

O guarda bateu a porta da cabine, e o helicóptero seguiu voando a oeste, para Samarcanda.

Pela primeira vez desde a manhã daquele dia, sentiu-se satisfeita.

Estava tudo no lugar certo agora.

AMSTERDÃ, HOLANDA

19H

Stephanie Nelle saiu do táxi com dificuldade e rapidamente puxou o capuz do sobretudo para cima. A chuva de abril caía, e a água formava poças entre as pedras da calçada, fluindo furiosamente na direção dos canais da cidade. A fonte, uma tempestade horrível que chegara de súbito do mar do Norte, agora permanecia escondida atrás de nuvens azul-marinho, mas um chuvisco constante permanecia visível na penumbra dos postes de rua.

Seguiu apressada pela chuva, enfiando mãos sem luva nos bolsos do casaco. Atravessou uma passarela para pedestres em forma de arco, entrou no Rembrandtplein e notou que a noite tórrida não havia refreado as multidões nos shows eróticos, casas de massagem, bares gays e boates de strip-tease.

Avançando pelas entranhas do distrito da luz vermelha, passou por bordéis, com as janelas de vidro espelhado lotadas de garotas oferecendo satisfação em couro e renda. Numa delas, uma asiática, vestindo traje de escrava completo, estava sentada num banco acolchoado, virando as páginas de uma revista.

Disseram a Stephanie que a noite não era o período mais ameaçador para uma visita ao renomado distrito. O desespero matinal dos viciados que estavam de passagem e a irritação dos cafetões no início da tarde à espera dos negócios da noite costumavam ser mais intensos. Mas as avisaram que o norte, perto do Nieuwmarkt, numa área um pouco além das multidões, exalava uma aura silenciosa de ameaça. Portanto ela estava atenta quando rompeu a linha invisível e entrou. Seus olhos disparavam de um lado para o outro, como os de um gato à espreita, seu curso estabelecido diretamente para o café no fim da rua.

O Jan Heuval ocupava o piso térreo de um depósito de três andares. Um brown café (denominação dos bares de Amsterdã em que a venda e o consumo de maconha são permitidos — N. do T.) um dos muitos espalhados pelo Rembrandtplein. Empurrou a porta de entrada e notou, de imediato, o aroma de cannabis sendo queimada e a ausência de placas com os dizeres: Sem drogas, por favor.

O café estava superlotado, seu ar quente saturado de neblina alucinógena cheirava a corda chamuscada. O aroma de peixe frito e

castanhas torradas misturou-se às lufadas inebriantes, e ela sentiu os olhos arderem. Baixou o capuz e sacudiu a chuva no piso já úmido do vestibulo.

Então avistou Klaus Dyhr. Trinta e poucos anos, loiro, pele clara, rost envelhecido — exatamente como tinham descrito.

Não pela primeira vez, ela lembrou a si mesma por que estava ali. Retribuindo um favor. Cassiopeia Vitt pedira-lhe para entrar em contato com Dyhr. E como ela devia à amiga pelo menos um favor, dificilmente poderia negar o pedido. Antes de entrar em contato, fez uma pesquisa e descobriu que Dyhr era holandês, sua educação fora alemã, e trabalhava como químico para um fabricante de plástico. Sua obsessão eram as moedas. Supunha-se que possuía uma coleção impressionante, e um exemplar em especial atraía a atenção de sua amiga muçulmana.

O holandês estava sozinho, em pé diante de uma mesa na altura do peito, bebericando uma cerveja marrom e mastigando peixe frito. Um cigarro enrolado queimava no cinzeiro, e a névoa verde e densa que subia espiralada não era de tabaco.

— Sou Stephanie Nelle — disse ela, em inglês. — A mulher que ligou.

— Disse que estava interessada em comprar.

Ela sentiu o tom curto que dizia: "Fale o que você quer, me pague, e eu vou embora." Também notou o olhar vidrado, que quase não podia ser evitado. Até ela estava começando a sentir agitação.

— Como disse ao telefone, quero o medalhão de elefante. Ele engoliu um trago da cerveja.

— Por quê? Não tem nenhuma relevância. Tenho muitas outras moedas que valem muito mais. Bons preços.

— Tenho certeza de que tem. Mas eu quero o medalhão. Você disse que estava à venda.

— Eu disse que depende de quanto você quer pagar.

— Posso vê-lo?

Klaus pôs a mão no bolso. Ela aceitou a oferta e examinou o medalhão oblongo através de uma capa de plástico. Um guerreiro de um lado, um elefante de guerra montado desafiando um cavaleiro do outro. Mais ou menos do tamanho de uma moeda de 50 centavos, as imagens quase totalmente desgastadas.

— Você não sabe nada do que é isso, sabe? — perguntou Klaus. Ela resolveu ser sincera.

— Estou fazendo isso para outra pessoa.

— Quero 6 mil euros.

Cassiopeia dissera-lhe para pagar o que fosse. O preço era irrelevante. Mas, olhando para a peça embrulhada, ela perguntou-se por que algo tão desinteressante seria tão importante.

— Existem apenas oito agora — disse ele. — Seis mil euros é uma pechincha.

— Só oito? Por que vender?

Klaus pegou o cigarro aceso entre os dedos, deu uma tragada profunda, prendeu, depois soltou a fumaça densa devagar e com um

zunido.

— Preciso do dinheiro. — Os olhos escorregadios voltaram o olhar para baixo, na direção da cerveja.

— As coisas vão mal? — ela perguntou.

— Parece que você se importa.

Dois homens colocaram-se ao lado de Klaus. Um tinha a pele clara, o outro era bronzeado. Os rostos e feições eram uma mistura conflitante de traços árabes e asiáticos.

A chuva continuava caindo lá fora, mas os casacos dos homens estavam secos. O mais claro pegou o braço de Klaus e uma faca foi enfiada no estômago do homem. O bronzeado pôs o braço em volta dela, num abraço aparentemente amigável e trouxe a ponta de uma faca perto de suas costelas, apertando a navalha contra seu casaco.

— O medalhão — disse o claro, com um movimento de cabeça. — Na mesa.

Decidida a não discutir, fez calmamente o que era pedido.

— Vamos sair agora — disse o bronzeado, embolsando a moeda. Seu hálito fedia a cerveja. — Fique aqui.

Stephanie não tinha nenhuma intenção de desafiá-los. Sabia respeitar armas apontadas para ela.

Os homens seguiram o caminho sinuoso até a porta e saíram do café.

— Pegaram minha moeda — disse Klaus, erguendo a voz. — Vou atrás deles.

Ela não sabia se era idiotice ou se a droga que falava mais alto.

— Que tal me deixar cuidar disso? — disse ela. Klaus avaliou-a com um olhar desconfiado.

— Eu garanto — ela disse. — Vim preparada.

COPENHAGUE

19H

Malone terminou o jantar. Estava sentado do lado de dentro do café Norden, um restaurante de dois andares, de frente para a Højbro Plads. A noite tornara-se desagradável, com um aguaceiro brusco de abril ensopando a praça quase vazia. Sentia-se seco e sem saída, ao lado de uma janela aberta, no segundo andar, e apreciava a chuva.

— Fico grato por sua ajuda hoje — disse Thorvaldsen, do outro lado da mesa.

— Quase ser detonado? Duas vezes? Para que servem os amigos? Terminou sua sopa de tomate. O café servia uma das melhores que ele já tomara. Estava cheio de perguntas, mas percebeu que as respostas, como sempre com Thorvaldsen, seriam distribuídas com economia.

— Na casa, você e Cassiopeia falaram sobre o corpo de Alexandre, o Grande. Que sabem onde está. Como isso é possível?

— Conseguimos descobrir muita coisa sobre o assunto.

— O amigo de Cassiopeia do museu em Samarcanda?

— Mais que um amigo, Cotton. Isso ele já imaginava.

— Quem era ele?

— Ely Lund. Cresceu aqui, em Copenhague. Ele e meu filho, Cai, eram amigos.

Malone notou a tristeza quando Thorvaldsen mencionou o filho morto. Seu estômago também revirou diante da lembrança daquele dia, dois anos atrás, na cidade do México, quando o rapaz foi assassinado. Malone estava lá, numa missão da Magellan Billet, e derrubou os atiradores, mas uma bala o atingira também. Perder um filho. Ele não conseguia imaginar Gary, seu filho de 15 anos, morrendo.

— Enquanto Cai queria trabalhar para o governo, Ely adorava história. Concluiu o doutorado e tornou-se especialista em antiguidade grega, trabalhando em alguns museus europeus antes de ir parar em Samarcanda. O museu cultural de lá tem um acervo soberbo, e a Federação Asiática Central oferecia incentivos para ciências e artes.

— Como Cassiopeia o conheceu?

— Eu os apresentei. Três anos atrás. Achei que seria bom para os dois.

Bebeu um gole do seu drinque.

— O que aconteceu?

— Ele morreu. Há pouco menos de dois meses. Foi duro para ela.
— Ela o ama? Thorvaldsen deu de ombros.
— Com ela, é difícil saber. Raramente deixa as emoções transparecerem.

Mas tinha deixado um pouco antes. Sua tristeza ao ver o museu erchas. O olhar distante para o outro lado do canal. Sua recusa em olhar nos seus olhos. Nada dito.

Apenas sentido.

Quando chegaram a Christiangularde na lancha, Malone quis respostas mas Thorvaldsen prometeu que tudo seria explicado durante o jantar. Então, ele foi levado de volta a Copenhague, dormiu um pouco, depois trabalhou na livraria o resto do dia. Foi até a seção de História algumas vezes e encontrou alguns volumes sobre Alexandre e a Grécia. Mas a maior parte do tempo, perguntou-se o que Thorvaldsen quis dizer com Cassiopeia precisa da sua ajuda.

Agora estava começando a entender.

Pela janela aberta, do outro lado da praça, viu Cassiopeia saindo da livraria, correndo na chuva, algo embalado numa sacola de plástico, debaixo do braço. Trinta minutos antes, tinha lhe dado a chave da loja para que pudesse usar o computador e o telefone.

— Encontrar o corpo de Alexandre — disse Thorvaldsen — está relacionado a Ely e às páginas do manuscrito que ele descobriu. Inicialmente, Cai pediu a Cassiopeia para localizar os medalhões do elefante. Mas quando começamos a ir no encaixe deles, descobrimos que já havia outras pessoas procurando.

— Como Ely relacionou os medalhões ao manuscrito?

— Examinou o de Samarcanda e encontrou as microletras. ZH. Ela tem uma conexão com o manuscrito. Depois que Ely morreu, Cassiopeia quis saber o que estava acontecendo.

— Foi quando foi até você pedir ajuda? Thorvaldsen fez que sim.

— Não pude recusar.

Ele sorriu. Quantos amigos comprariam um museu inteiro e duplicariam tudo o que havia no interior só para que pudesse ser destruído pelo fogo?

Cassiopeia desapareceu sob o parapeito da janela. Ele ouviu a porta de entrada do café abrir e fechar, depois, passos subindo a escada de metal até o segundo andar.

— Você pegou muita chuva hoje — Malone disse quando ela chegou ao topo.

O cabelo dela estava preso num rabo de cavalo, a calça jeans e o pulôver, molhados pela chuva.

— Difícil uma garota ficar bonita desse jeito.

— Até que não.

Ela lhe lançou um olhar.

— Você está encantador esta noite.

— Tenho os meus momentos.

Cassiopeia retirou o laptop dele da sacola de plástico e disse a Thorvaldsen:

— Fiz o download de tudo.

— Se eu soubesse que você ia trazê-lo na chuva — disse Malone —, teria pedido um depósito de garantia.

— Você precisa ver isto.

— Contei a ele sobre Ely — disse Thorvaldsen.

O salão estava escuro e deserto. Malone comia ali três ou quatro vezes por semana, sempre à mesma mesa, mais ou menos no mesmo horário. Ele gostava de solidão.

Cassiopeia encarou-o.

— Sinto muito — disse ele, e foi sincero.

— Obrigada.

— Fico grato por você ter me livrado de uma.

— Você teria dado um jeito de sair. Eu só acelerei as coisas.

Ele se lembrou do apuro e não teve tanta certeza se concordava com ela.

Ele queria perguntar mais sobre Ely Lund, curioso sobre como ele conseguira violar o seu cofre emocional. Assim como no dele, havia incontáveis travas e alarmes.

Mas ficou em silêncio — como sempre, quando os sentimentos eram inevitáveis.

Cassiopeia ligou o laptop e abriu diversas imagens escaneadas na tela. Palavras. De um cinza espectral, indistintas em alguns trechos, e todas em grego.

— Cerca de uma semana após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a. C. — disse Cassiopeia —, embalsamadores egípcios chegaram à Babilônia. Embora fosse verão, um inferno de tão quente, encontraram o cadáver incorrupto, a pele do rosto ainda aparentando ter vida. Isso foi recebido como um sinal dos deuses da grandeza de Alexandre. Ele havia lido sobre isso antes.

— E que sinal. Provavelmente ainda estava vivo, em coma terminal.

— É o consenso moderno. Mas esse estado clínico era desconhecido então. Portanto, começaram a realizar sua tarefa, mumificando o corpo.

Ele balançou a cabeça.

— Impressionante. O maior conquistador de seu tempo, morto por embalsamadores.

Cassiopeia sorriu, concordando.

— A mumificação geralmente levava setenta dias. A ideia era secar o corpo para interromper a decomposição. Mas com Alexandre, usaram um método diferente. Ele foi imerso em mel branco.

Malone conhecia as propriedades do mel, uma substância que não apodrece. Embora o tempo causasse a cristalização, não destruía sua composição básica, que poderia ser facilmente reconstituída com calor.

— O mel — ela disse — teria preservado Alexandre, dentro e fora, melhor que a mumificação. Por fim, o corpo foi envolvido em bandagens

douradas depois colocado num sarcófago de ouro, vestido com mantos e uma coroa, envoltos em mais mel. Foi ali que ficou, na Babilônia, por um ano, enquanto uma carruagem incrustada com pedras preciosas era construída. Em seguida, um cortejo fúnebre partiu da Babilônia.

— Que foi quando os jogos funerários começaram — ele disse. Cassiopeia fez que sim com a cabeça.

— De certo modo, Pérdicas, um dos generais de Alexandre, convocou os companheiros para uma reunião de emergência um dia após a morte de Alexandre. Roxane, a esposa asiática de Alexandre, estava grávida de seis meses. Pérdicas queria esperar o nascimento para decidir o que fazer. Se o filho fosse menino, seria o herdeiro legítimo.

Mas outros rejeitaram a ideia. Não queriam ter um monarca descendente de bárbaros. Queriam que o meio-irmão de Alexandre, Felipe fosse o rei, ainda que o homem fosse, de acordo com todos os relatos, mentalmente debilitado.

Malone lembrou-se dos detalhes do que havia lido antes. De fato, as brigas irromperam em torno do leito de morte de Alexandre. Pérdicas convocou então uma assembleia de macedônios e, para manter a ordem, colocou o cadáver no meio deles. A assembleia votou pelo abandono da campanha árabe e aprovou a divisão do império. Governos foram distribuídos entre os Companheiros. Uma rebelião logo estourou à medida que os generais passaram a lutar entre si. No fim do verão, Roxane deu à luz um menino, batizado com o nome de Alexandre IV. Com o objetivo de manter a paz, um ajuste conjunto foi concebido através do qual a criança e Felipe, o meio-irmão, foram considerados reis, embora os Companheiros governassem suas respectivas porções do império, sem se preocupar com os dois.

— Como ficou isso — perguntou Malone —, seis anos depois, quando o meio-irmão foi assassinado por Olímpia, a mãe de Alexandre? Ela o odiava desde o nascimento porque Felipe da Macedônia havia se divorciado dela para se casar com a mãe. Então, alguns anos depois, Roxane e Alexandre IV foram envenenados. Nenhum deles jamais governou nada.

— No fim, a irmã de Alexandre foi assassinada também — disse Thorvaldsen. — Toda a sua linhagem foi erradicada. Nem um herdeiro legítimo sobreviveu. E o maior império do mundo desmoronou.

— Então, o que tudo isso tem a ver com os medalhões de elefante? E que relevância possível isso teria hoje?

— Ely acreditava que teria muita. Malone viu que havia mais coisa.

— E em que você acredita?

Cassiopeia ficou em silêncio, como se estivesse incerta, mas sem querer expressar suas reservas.

— Está tudo bem — disse ele. — Conte-me quando estiver pronta. Algo lhe ocorreu, e ele disse a Thorvaldsen:

— E os dois últimos medalhões aqui na Europa? Ouvi você perguntar a Viktor sobre eles. Ele provavelmente foi atrás desses próximos.

— Estamos à frente dele nisso.

- Alguém já os pegou? Thorvaldsen olhou para o relógio.
- Pelo menos um, espero, a esta hora.

AMSTERDÃ

Stephanie saiu do café e voltou à chuva. Ao puxar o capuz sobre a cabeça, encontrou o fone de ouvido e falou ao microfone escondido sob o casaco.

- Dois homens acabaram de sair daqui. Eles têm o que eu quero.
- Cinquenta metros à frente, seguindo para a ponte — foi a resposta.
- Faça-os parar.

Ela se apressou noite adentro.

Stephanie levava dois agentes do Serviço Secreto, requisitados entre os agentes estrangeiros do presidente Danny Daniels. Um mês atrás, o presidente solicitara que ela o acompanhasse à conferência econômica anual europeia. Líderes nacionais reuniram-se 60 quilômetros ao sul de Amsterdã. Esta noite, Daniels estava num jantar formal, seguro dentro da Haia, então ela conseguiu arrebanhar dois ajudantes. Apenas por segurança, ela lhes dissera, e prometeu um jantar onde quisessem depois.

- Estão armados — disse um dos agentes em seu ouvido.
- Facas dentro do café — disse ela.
- Revólveres aqui fora.

Sua espinha enrijeceu. A coisa estava ficando feia.

- Onde eles estão?
- Na passarela de pedestres.

Ouviu tiros e sacou uma Beretta padrão Megallan Billet que estava escondida pelo casaco.

Mais tiros.

Ela virou uma esquina.

As pessoas estavam se dispersando. O Bronzeado e o Claro estavam acomodados numa ponte, atrás de um corrimão de ferro na altura do peito, atirando nos dois homens do Serviço Secreto, um de cada lado do canal.

Vidros se estilhaçaram quando uma bala atingiu um dos bordéis.

Uma mulher gritou.

Mais pessoas apavoradas passaram correndo por Stephanie, que baixou a arma, escondendo-a ao lado do corpo.

- Vamos interromper isso — ela disse ao microfone.
- Diga isso a eles — respondeu um dos agentes.

Uma semana antes, quando aceitou fazer um favor a Cassiopeia, não viu o risco, mas no dia anterior algo lhe disse para ir preparada,

especialmente quando Cassiopeia disse que ela e Henrik Thorvaldser ficariam gratos com o gesto. Qualquer coisa em que Thorvaldsen se envolvesse indicava problemas.

Mais tiros partindo da ponte.

— Vocês não vão sair daqui — ela gritou.

O Claro girou e apontou a arma em sua direção.

Ela mergulhou num caramanchão baixo. Uma bala silvou perto dos tijolos a alguns metros dali. Ela abraçou a escada e se levantou de volta com cuidado. A chuva jorrava das trepadeiras e encharcou suas roupas.

Deu dois tiros.

Agora, os dois homens estavam no centro de um triângulo. Sem saída.

O Bronzeado mudou de posição, tentando diminuir sua exposição, mas um dos agentes o atingiu no peito. Ele cambaleou até que outra sequência de tiros o fez vacilar até o parapeito da ponte, o corpo se dobrando para o lado e caindo no canal.

Ótimo. Agora havia cadáveres.

O Claro correu até o parapeito e tentou olhar. Parecia querer pular porém, mais tiros o mantiveram no mesmo lugar. Endireitou-se, depois correu em frente, arremetendo-se contra o outro extremo da ponte, atirando de modo indiscriminado. O agente do Serviço Secreto mais adiante devolveu o fogo, enquanto o que estava ao lado dela apressou-se e derrubou o homem, por trás, com três tiros.

Sirenes foram ouvidas.

Ela saiu da posição estratégica e foi andando depressa até a ponte. O Claro estava caído sobre as pedras do pavimento, a chuva levando para longe o sangue que derramava do corpo. Ela acenou com o braço para que os agentes se aproximassem.

Os dois foram correndo.

O Bronzeado boiava com o rosto para baixo no canal.

Luzes vermelhas e azuis apareceram a 50 metros dali, acelerando na direção da ponte. Três carros de polícia.

Ela apontou para um dos agentes.

— Preciso de você em água, pegando um medalhão no bolso daquele homem. Está numa capa de plástico e tem um elefante. Depois de pegá-lo, nade para longe e não seja pego. O homem pôs a arma no coldre e saltou por cima do parapeito. Ela gostava disso no Serviço Secreto. Sem perguntas, ação.

O carro da polícia parou derrapando.

Ela sacudiu o rosto para tirar a chuva e olhou de relance para o outro agente.

— Saia daqui e consiga auxílio diplomático para mim.

— Onde você vai estar?

A mente dela voltou por um segundo ao verão anterior. Roskilde. Ela e Malone.

— Presa.

COPENHAGUE

Cassiopeia bebericava vinho e observava Malone digerindo o que ela e Thorvaldsen contavam.

— Cotton — disse ela —, deixe-me explicar a conexão que despertou nosso interesse. Contamos a você, um pouco antes, sobre fluorescência de raios X. Um pesquisador do museu cultural de Samarcanda foi o pioneiro da técnica, mas Ely teve a ideia de examinar textos medievais bizantinos. Foi neles que encontrou a escrita no nível molecular.

— O pergaminho reutilizado é chamado palimpsesto — explicou Thorvaldsen. — Bastante engenhoso, na verdade. Depois que os monges raspavam a tinta original e escreviam nas páginas limpas, cortavam e viravam as folhas de lado, formando com elas o que hoje reconheceríamos como livros.

— É claro — disse ela — que muito do pergaminho original é perdido com essa mutilação, porque os originais raramente eram mantidos juntos. Ely, no entanto, encontrou alguns que tinham se mantido relativamente intatos. Num deles, encontrou alguns teoremas perdidos de Arquimedes. Notável, uma vez que quase nenhum dos escritos de Arquimedes existe hoje. — Ela o encarou fixamente. — Em outro, encontrou a fórmula do fogo grego.

— E a quem ele contou?

— Irina Zovastina — disse Thorvaldsen. — Ministra suprema da Federação Asiática Central. Zovastina pediu que as descobertas fossem mantidas em segredo. Pelo menos por algum tempo. Uma vez que ela pagava as contas, foi difícil recusar. Ela também o incentivou a examinar mais manuscritos do museu.

— Ely — comentou ela — entendeu a necessidade de sigilo. As técnicas eram novas, e eles precisavam ter certeza de que o que estavam descobrindo era autêntico. Ele não viu mal em esperar. Na verdade, queria examinar o máximo de manuscritos que pudesse antes da divulgação.

— Mas contou a você — disse Malone.

— Estava animado e queria compartilhar. Sabia que eu não diria nada.

— Quatro meses atrás — disse Thorvaldsen —, Ely deparou-se com algo extraordinário em um dos palimpsestos. A história de Jerônimo de Cárdia. Jerônimo era amigo e compatriota de Eumenes, um dos generais de Alexandre, o Grande. Eumenes também atuava como secretário pessoal de

Alexandre. Apenas fragmentos dos trabalhos de Jerônimo sobreviveram mas sabe-se que eram bastante confiáveis. Ely descobriu um relato completo, da época de Alexandre, contado por um observador de credibilidade. — Thorvaldsen fez uma pausa. — É uma história e tanto, Cotton. Você leu parte dela antes, sobre a morte de Alexandre e o fluido.

Cassiopeia sabia que Malone estava intrigado. Em alguns momentos ele a fazia lembrar de Ely. Os dois usavam o humor para zombar da realidade, desviar de um assunto, distorcer um argumento ou, o mais irritante, fugir do envolvimento. Mas enquanto Malone transpirava autoconfiança e controle do ambiente à sua volta, Ely tinha uma inteligência cuidadosa e uma emoção suave. Que contraste haviam sido.

Ela, morena, cabelos pretos, muçulmana espanhola. Ele, claro, escandinavo protestante. Mas ela adorava estar perto dele. Era a primeira vez que sentia isso em muito tempo.

— Cotton — ela disse —, cerca de um ano depois que Alexandre morreu, no inverno de 321 a.C., seu cortejo fúnebre finalmente partiu da Babilônia. Pérdicas havia decidido, a essa altura, enterrar Alexandre na Macedônia. Isso contradizia o desejo de Alexandre, que, em seu leito de morte, pediu para ser sepultado no Egito. Ptolomeu, outro dos generais, havia reivindicado o Egito como sua porção do império, e já estava lá, atuando como governante. Pérdicas atuava como regente para o infante, Alexandre IV. De acordo com a constituição macedônia, o novo regente deveria enterrar seu predecessor de modo adequado...

— É — disse Malone —, se Pérdicas permitisse que Alexandre fosse enterrado por Ptolomeu, no Egito, isso poderia dar a Ptolomeu um direito maior ao trono.

Ela assentiu.

— Além disso, havia uma profecia popular na época, que dizia que se os reis não fossem enterrados em terras macedônias, a linhagem real acabaria. O que se verificou foi que Alexandre, o Grande, não foi enterrado na Macedônia, e sua linhagem real de fato terminou.

— Li sobre o que aconteceu — disse Malone. — Ptolomeu atacou o cortejo fúnebre no que é hoje o norte da Síria e levou o corpo para o Egito. Pérdicas tentou invadir duas vezes pelo Nilo. No fim, seus comandantes se rebelaram e o mataram a facadas.

— Aí, Ptolomeu fez algo inesperado — disse Thorvaldsen. — Recusou a regência oferecida a ele pelo exército. Ele poderia ter sido o rei de todo o império, mas se recusou e voltou toda a atenção para o Egito. Estranho, não acha?

— Talvez ele não quisesse ser rei. Pelo que li, havia tanta traição e cinismo por lá, que ninguém sobrevivia por muito tempo. O assassinato simplesmente fazia parte do processo político.

— Mas talvez Ptolomeu soubesse de algo que ninguém mais sabia. — Ela viu que Malone esperava sua explicação. — Que o corpo no Egito não era o de Alexandre.

Ele abriu um sorriso.

— Li sobre essas histórias. Supõe-se que, depois de atacar o cortejo, Ptolomeu tenha produzido algo semelhante a Alexandre e substituído o cadáver verdadeiro, depois permitido a Pérdicas e outros uma chance de apoderarem-se dele. Mas são histórias. Não existem provas que as confirmem.

Ela balançou a cabeça.

— Estou falando sobre algo inteiramente diferente. O manuscrito que Ely descobriu nos conta exatamente o que aconteceu. O corpo enviado ao Ocidente para o enterro em 321 a.C. não era o de Alexandre. Uma troca foi feita na Babilônia durante o ano anterior. Alexandre foi sepultado num local que apenas alguns poucos sabiam. E guardaram bem o segredo. Durante 2.300 anos, ninguém ficou sabendo.

Dois dias se passaram desde que Alexandre executou Gláucias. O que restou do corpo do médico permaneceu do lado de fora dos muros da Babilônia, no chão e nas árvores, os animais ainda comendo a carne nos ossos. A fúria do rei permaneceu incontrolável. Tinha o temperamento irascível, era desconfiado e infeliz. Eumenes foi chamado para comparecer diante do rei, e Alexandre disse ao secretário que logo morreria. A afirmação chocou Eumenes, pois não poderia imaginar o mundo sem Alexandre. O rei disse que os deuses estavam impacientes, e que seu tempo entre os vivos estava prestes a acabar. Eumenes ouviu, mas depositou pouca confiança na previsão. Alexandre acreditava há muito tempo não ser filho de Felipe, mas o descendente mortal de Zeus. Uma alegação fantástica, certamente, mas após todas as suas grandes conquistas, muitos passaram a concordar com ele. Alexandre falou sobre Roxane e o filho que carregava no ventre. Se fosse menino, teria direito genuíno ao trono, mas Alexandre reconhecia o ressentimento que os gregos teriam de um regente com sangue estrangeiro. Ele disse a Eumenes que seus Companheiros lutariam entre si por seu império, e que ele não queria fazer parte do conflito. "Que lutem pelo próprio destino", ele disse. O dele estava definido. Então, disse a Eumenes que queria se enterrado com Heféstion. Como Aquiles, que desejava ter suas cinzas misturadas às do amante. Alexandre queria o mesmo.

"Eu cuidarei para que suas cinzas e as dele sejam unidas", disse Eumenes. Mas Alexandre balançou a cabeça. "Não. Enterre-nos juntos." Uma vez que Eumenes vira a grandiosa pira funerária de Heféstion há apenas dois dias, perguntou como seria possível. Alexandre disse que o corpo cremado na Babilônia não era o de Heféstion.

Ele ordenara que embalsamassem o corpo de Heféstion no outono passado, para que pudesse ser transportado a um local em que pudesse repousar em paz para sempre. Alexandre queria o mesmo para si. "M unifiquem-me", ordenou, "depois levem-me para onde eu também possa repousar no ar puro." Forçou Eumenes a prometer que cumpriria seu desejo, em segredo, envolvendo apenas outros dois, que foram designados pelo rei.

Malone ergueu o olhar após a leitura na tela. Do lado de fora, a chuva aumentou.

— Para onde o levaram?

— As coisas se tornam mais confusas — disse Cassiopeia. — Ely datou o manuscrito de cerca de quarenta anos após a morte de Alexandre. — Ele estendeu a mão e rolou as páginas na tela para cima. — Leia isto. Mais de Jerônimo de Cárdia.

Que erro que o maior dos reis, Alexandre da Macedônia, deva fazer para sempre em local desconhecido. Ainda que tenha buscado repouso tranquilo, que ele mesmo planejou, tal destino não parece adequado. Alexandre estava certo quanto aos Companheiros, os generais lutarão entre si, matando uns aos outros e todos os que representassem uma ameaça a suas pretensões.

Ptolomeu pode ter sido o mais afortunado. Governou o Egito por 30 anos. No último ano de seu reinado, ficou sabendo de meus esforços em escrever este relato e solicitou que eu fosse da biblioteca em Alexandria até o palácio. Sabia de minha amizade com Eumenes e leu com interesse o que eu escrevera até então. Em seguida, confirmou que o corpo enterrado em Mênfis não era o de Alexandre. Ptolomeu deixou claro que sabia disso desde quando atacou o cortejo funerário. Anos depois, finalmente ficou curioso e despachou investigadores. Eumenes foi trazido ao Egito e disse a Ptolomeu que os verdadeiros restos mortais de Alexandre estavam escondidos em local conhecido apenas por ele. A essa altura, o local de sepultamento em Mênfis, em que se pensava estar Alexandre, havia se tornado um templo. "Nós dois lutamos ao seu lado e teríamos ficado contente em morrer por ele", Ptolomeu disse a Eumenes. "Ele não deveria fazer para sempre em segredo." Dominado pelo remorso e sentindo que Ptolomeu estava sendo sincero, Eumenes revelou o local do sepulcro, distante, nas montanhas, onde os citas ensinaram Alexandre sobre a vida, então Eumenes morreu pouco depois. Ptolomeu lembrou que, quando perguntado a quem deixara seu reino, Alexandre respondera "ao mais inteligente". Então, Ptolomeu disse tais palavras a mim:

E tu, aventureiro, pois que minha voz imortal, embora distante, alcança teus ouvidos, ouça minhas palavras. Navegue até a capital fundada pelo pai de Alexandre, onde sábios estão de guarda.

Toque o ser mais íntimo da ilusão dourada.

Divida a fênix. A vida prove a medida do verdadeiro túmulo.

Mas fique alerta, pois há apenas uma chance de sucesso.

Escale os muros erguidos por deuses.

Quando chegar ao sótão, fite o olho fulvo e ouse encontrar o distante refúgio.

Ptolomeu, então, entregou-me um medalhão de prata que retratava Alexandre quando lutou contra elefantes. Ele me disse que, em honra daquelas batalhas, ele cunhara as moedas. Também me disse para voltar quando desvendasse o enigma. Mas um mês depois, Ptolomeu estava morto.

SAMARCANDA
 FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL
 23H

Zovastina bateu de leve na porta de laça branca. Uma mulher imponente e bem-vestida, por volta dos 50 e tantos anos, de cabelos cinza-escuro opacos, atendeu. Como sempre, Zovastina não esperou ser convidada a entrar.

— Ela está acordada?

A mulher fez que sim com a cabeça, e Zovastina marchou pelo corredor.

A casa sobressaía num terreno arborizado nas cercanias da cidade, além do alastramento de prédios baixos e mesquitas coloridas, numa área em que muitas das propriedades mais recentes se espalhavam, a terra íngreme que um dia esteve ocupada por torres de guarda da era dos soviets. A prosperidade da Federação gerou uma classe média e uma alta, e os que tinham posses começaram a ostentá-las. Essa casa, construída uma década atrás, pertencia a Zovastina, embora ela nunca tivesse morado ali. Em vez disso, dera a casa a sua amante.

Examinou o interior luxuoso. Um console esculpido de forma elaborada, estilo Luís XV, exibia uma sequência de estatuetas brancas de porcelana dadas a ela pelo presidente da França. O teto abobadado caixotão decorava a sala de estar adjacente, o piso coberto por parquetes formando mosaicos protegidos por um carpete ucraniano. Mais um presente. Um espelho alemão destacava um dos lados da longa sala, e cortinas de tafetá adornavam três janelas muito altas.

Toda vez que passava pelo corredor de mármore, sua mente voltava a seis anos antes, à tarde em que aproximou-se da mesma porta fechada. Dentro do quarto, encontrara Karyn nua, um homem de peito magro, cabelos cacheados e braços musculosos sobre ela. Ela ainda podia ouvir os gemidos, a exploração feroz um do outro, inesperadamente excitante. Ficara parada por um longo minuto, assistindo, até que se largassem.

— Irina — Karyn disse com calma. — Este é Michele.

Karyn saiu da cama e afastou o longo cabelo ondulado, expondo os seios com que Irina muitas vezes se deliciara. Magra como um chacal, cada centímetro da pele de Karyn reluzia com cor de canela. Lábios finos e um esgar de desdém, nariz

inclinado e narinas delicadas, faces lisas como porcelana. Zovastina suspeitava de que a amante a traía, mas presenciar o ato em primeira mão era algo completamente diferente.

— *Vocês têm sorte por eu não mandar matá-los. Karyn parecia despreocupada.*

— *Olhe para ele. Ele se importa com como eu me sinto, dá sem questionar. Você só recebe. É só o que sabe fazer. Dar ordens e esperar que sejam obedecidas.*

— *Não me lembro de ter recebido nenhuma reclamação.*

— *Ser sua prostituta não foi barato. Abri mão de coisas mais preciosas que dinheiro.*

O olhar de Zovastina passou de modo involuntário para o corpo nu de Michele.

— *Gostou dele, não gostou? — perguntou Karyn. Irina não respondeu. E a vez disso, ordenou:*

— *Quero você fora daqui antes do anoitecer.*

Karyn aproximou-se, o cheiro doce de um perfume caro chegando antes.

— *Você realmente quer que eu vá? — Sua mão desceu pela coxa de Zovastina*

— *Talvez você queira tirar essas roupas e se juntar a nós.*

Ela bateu no rosto da amante com as costas da mão. Não foi a primeira vez, mas foi a primeira com raiva. Um fio de sangue correu pelo lábio de Karyn, e ela recebeu um olhar de ódio em resposta.

— *Fora. Antes do anoitecer, ou não verá o amanhecer.*

Seis anos antes. Muito tempo.

Ou pelo menos assim parecia.

Virou a maçaneta e entrou.

O quarto ainda estava decorado com delicada mobília provincial francesa. Uma lareira de mármore e camadas de ouro, guardada por um par de leões de pórfiro egípcios, adornava uma das paredes. Aparentemente fora de lugar, o respirador estava ao lado da cama de baldaquino, o tubo de oxigênio do outro lado, e uma bolsa intravenosa suspensa por um suporte de aço inoxidável, tubos transparentes serpenteando para um braço.

Karyn estava deitada no centro de uma cama king-size, apoiada sobre travesseiros, cobertas de seda coral ajustadas à cintura. Sua carne era da cor de cinzas marrons, seu brilho, de papel encerado. O que um dia foi um cabelo cheio e loiro, agora pendia emaranhado, revoltado, ralo como uma névoa. Os olhos, que costumavam cintilar um azul vivo, agora orbitavam cavidades fundas, como criaturas enfumadas em cavernas. As maçãs do rosto angulares não existiam mais, substituídas pelo rosto esquelético que transformava o nariz pequeno e redondo em aquilino. Uma camisola de renda enfeitava o corpo enfraquecido como uma bandeira flácida pendurada no mastro.

— *O que você quer esta noite? — murmurou Karyn, a voz frágil e cansada. O tubo nas narinas enviava oxigênio a cada respiração. — Veio ver se morri?*

Irina aproximou-se lentamente da cama de quatro colunas. O cheiro do

quarto se intensificou. Uma mistura enjoativa de desinfetante, doença e decomposição.

— Nada a dizer? — Karyn conseguiu falar, a voz quase apenas ar. Irina olhou longamente para a mulher. Seu relacionamento com ela, o que não lhe era típico, não envolvera muito planejamento. Primeiro, Karyn estava em sua equipe de trabalho, depois foi sua secretária pessoal, e, finalmente, sua concubina. Cinco anos juntas. Mais cinco separadas, até que, no ano anterior, Karyn inesperadamente retornara a Samarcanda, doente.

— Vim mesmo para ver como você está.

— Não, Irina. Você veio ver quando eu vou morrer.

Quis dizer-lhe que essa era a última coisa que queria, mas a lembrança da traição de Michele e Karyn a afastou de qualquer concessão emocional. Em vez disso, perguntou:

— Valeu a pena?

Zovastina sabia que anos de sexo sem proteção, passando de um homem a outro, e de uma mulher a outra, arriscando-se, finalmente acabaram cobrando um preço. Pelo caminho, um deles transmitira-lhe o HIV. Sozinha, assustada e sem dinheiro, Karyn passou por cima do orgulho e retornou ao único lugar que acreditou poder oferecer algum conforto.

— É por isso que você continua vindo? — perguntou Karyn. — Para ter a prova de que eu estava errada?

— Você estava errada.

— Seu rancor vai consumi-la.

— Isso vindo de uma pessoa que literalmente foi consumida pelo rancor.

— Cuidado, Irina, você não tem a mínima ideia de quando foi infectada. Talvez eu venha a compartilhar este sofrimento.

— Fiz o teste.

— E que médico foi tolo o suficiente para fazer isso? — Uma tosse sufocou as palavras de Karyn. — Ainda está vivo para contar o que sabe?

— Não respondeu minha pergunta. Valeu a pena? Um sorriso enrugou o rosto contido.

— Você não pode mais me dar ordens.

— Você voltou. Você queria ajuda. Estou ajudando.

— Sou uma prisioneira.

— Você pode ir embora quando quiser. — Fez uma pausa. — Por que não pode aceitar a verdade?

— E qual é a verdade, Irina? Que você é lésbica. Seu querido marido sabia. Tinha que saber. Você nunca fala dele.

— Ele está morto.

— Um acidente de carro conveniente. Quantas vezes você usou essa estratégia de solidariedade com o seu pessoal?

Essa mulher sabia demais sobre seus negócios, o que tanto a atraía quanto repelia. O grau de intimidade que tinham e a capacidade de compartilhar faziam parte de sua ligação. Ali era o lugar em que, de vez em quando, poderia ser ela mesma de verdade.

— Ele sabia o que estava em jogo quando concordou em se casar comigo. Mas era ambicioso, como você. Queria as armadilhas. E as armadilhas fazem parte do pacote.

— Como deve ser difícil viver uma mentira.

— É o que você faz. Karyn balançou a cabeça.

— Não, Irina. Eu sei o que eu sou. — As palavras pareciam extrair sua força, e ela parou para aspirar o oxigênio algumas vezes antes de dizer: — Por que você não me mata logo?

Parte da Karyn de antes vazou através do tom amargo. Matar essa mulher não era uma opção. Salvá-la... esse era o seu objetivo. O destino negou a Aquiles uma chance de salvar seu Pátroclo. A incompetência custou a Alexandra Magno seu amor, quando Heféstion morreu. Não seria vítima dos mesmos erros.

— Você acredita seriamente que alguém mereça isto? — Karyn puxou a camisola com força. Pequenos botões de pérola estouraram para cima dos lençóis. — Olhe para os meus seios, Irina.

Doeu olhar. Desde que Karyn voltara, Irina estudara sobre Aids e sabia que a doença afetava as pessoas de modo diferente. Algumas sofriam internamente. Cegueira, colite, diarreias potencialmente letais, inflamação no cérebro, tuberculose e, o pior de tudo, pneumonia. Outros eram fragilizados externamente, a pele coberta pelos efeitos do sarcoma de Kaposi, devastada pela herpes, ou definhavam, ficando a epiderme inevitavelmente colada aos ossos. Karyn aparentava a combinação que era muito mais comum.

— Lembra como eu era bonita? Minha pele linda? Você venerava meu corpo.

Ela se lembrava.

— Cubra-se.

— Não suporta ver? Irina não disse nada.

— A gente caga até o eu arder, Irina. Não consegue dormir, fica com um nó no estômago. Todo dia, espero para ver que nova infecção vai se infestar dentro de mim.

Isto é o inferno.

Ela atirara aquela mulher do helicóptero para a morte. Ordenara o fim de incontáveis adversários políticos. Forjara uma federação por meio de uma campanha dissimulada de assassinatos biológicos que causara milhares de mortes. Nenhuma dessas mortes significou nada. Se Karyn morresse seria diferente. Por isso permitira que ela ficasse.

Por isso forneceu os remédios necessários para mantê-la viva. Ela mentiu para os alunos. Ali estava o seu ponto fraco. Talvez o único.

Karyn deu um sorriso débil.

— Toda vez que você vem aqui, eu vejo em seus olhos. Você se importa. — Karyn segurou o braço dela. — Você pode me ajudar, não pode? Aqueles germes com que brincou anos atrás. Deve ter aprendido alguma coisa. Não quero morrer, Irina.

A ministra lutou para manter um distanciamento emocional. Aquiles e

Alexandre falharam ao não conseguir isso.

— Rezarei aos deuses por você.

Karyn começou a rir. Um riso preso, gutural, misturado ao ruído da saliva. Que a deixou surpresa e magoada.

Karyn continuou rindo.

Ela saiu correndo do quarto, direto para a porta da casa.

Essas visitas eram um erro. Chega. Não agora. Muita coisa estava prestes a acontecer.

A última coisa que ouviu antes de sair foi o som repugnante de Karyn engasgando com a própria saliva.

VENEZA

20H

Vincenti pagou o táxi aquático, depois ergueu-se até o nível da rua e seguiu para dentro do San Silva, um dos principais hotéis de Veneza. Promoções de final de semana e pacotes econômicos não se aplicavam ali, apenas 42 suítes luxuosas de frente para o Grande Canal, no que um dia foi a casa de um doge. O saguão majestoso refletia a decadência do velho mundo. Colunas romanas, mármore rajado, acessórios com qualidade de museu — o ambiente espaçoso agitado por pessoas, atividades e barulho.

Peter O'Conner esperava impaciente numa sacada silenciosa. O'Conner não era ex-agente da inteligência militar ou do governo, mas apenas um homem com talento para colher informações associado a uma consciência quase inexistente.

A Philogen Pharmaceutique gastava milhões anualmente numa tropa de segurança interna para proteger segredos de comércio e patentes, mas O'Conner relatava diretamente a Vincenti — um par de olhos e ouvido pessoais proporcionando o luxo indispensável de ser capaz de implementar o que fosse preciso para proteger seus interesses.

E ele ficava contente em recebê-lo.

Cinco anos antes, foi O'Conner quem controlou uma rebelião entre um bloco considerável de acionistas da Philogen diante da decisão de Vincent de expandir a empresa ainda mais na Ásia. Há três anos, quando uma gigante farmacêutica americana tentou uma aquisição hostil, O'Conner aterrorizou acionistas suficientes para evitar qualquer abandono de ações em massa. E recentemente, quando Vincenti enfrentou um desafio do seu conselho de diretores, O'Conner descobriu a sujeira usada para extorquir votos suficientes, de modo que Vincenti conseguiu não apenas manter o emprego de CEO, como também foi reeleito presidente do conselho.

Vincenti acomodou-se num sofá de couro trabalhado. Uma olhada rápida no relógio gravado no mármore atrás do balcão da recepção confirmou que precisava estar no restaurante às 21h15. Assim que ele se acomodou, O'Conner entregou-lhe folhas grampeadas e disse:

— É o que temos até agora.

Ele passou os olhos nas transcrições de conversas por telefone e discussões diretas, todas de aparelhos de escuta que monitoravam Irina Zovastina. Ao terminar, perguntou:

— Ela está atrás desses medalhões de elefante?

— Nossa vigilância — disse O'Conner — foi suficiente para saber que ela enviou alguns de seus guardas atrás desses medalhões. O próprio chefe deles, Viktor Tomas, está liderando uma equipe. Outra equipe foi para Amsterdã. Estão botando fogo em prédios por toda Europa para mascarar os roubos.

Vincenti sabia tudo sobre o Bando Secreto de Zovastina. Mais um parte de sua obsessão com tudo o que é grego.

— Eles estão com os medalhões?

— Pelo menos quatro. Foram atrás de dois ontem, mas não ficou sabendo dos resultados.

Ele ficou perplexo.

— Precisamos saber o que ela está fazendo.

— Estou trabalhando. Consegui subornar alguns no palácio. Infelizmente, a vigilância eletrônica só funciona quando ela fica parada. Irina está constantemente em movimento. Foi até o laboratório da China hoje.

Vincenti já ficara sabendo da visita por meio do cientista chefe, Grant Lyndsey.

— Você devia tê-la visto naquela tentativa de assassinato — disse O'Conner. — Cavalgou direto na direção do matador profissional desafiando-o a atirar. Assistimos de uma câmera de longo alcance. É claro que ela tinha um atirador de precisão no palácio, pronto para derrubar o cara. Mas ainda assim, cavalgar direto na direção dele? Tem certeza de que ela não tem colhões entre as pernas?

Ele deu uma risadinha contida.

— Eu não vou olhar.

— Essa mulher é louca.

Motivo pelo qual Vincenti havia mudado de ideia em relação ao florentino. O Conselho dos Dez ordenara trabalhos de investigação preliminares sobre a possibilidade de Zovastina precisar ser eliminada, e o florentino fora contratado para realizar essa busca. A princípio, Vincenti decidiu aproveitar o florentino para um adiamento total do julgamento, uma vez que, para realizar o que planejava em segredo, Zovastina tinha que sumir. Então, prometeu um grande ganho ao florentino se ele conseguisse matá-la.

Depois, uma ideia melhor surgiu.

Se ele revelasse o assassinato planejado, isso poderia abrandar qualquer receio que Zovastina nutrisse quanto à lealdade da Liga. E ele ganharia tempo para preparar algo melhor. Algo que, na verdade, vinha imaginando durante as últimas semanas. Mais sutil. Menos resíduos.

— Ela também foi até a casa novamente — contou O'Conner. — Há pouco. Saiu discretamente, sozinha, num carro. Câmeras montadas em árvores captaram a visita. Ela ficou meia hora.

— Sabemos qual é o estado atual da ex-amante dela?

— Estável. Escutamos a conversa com um monitor parabólico em uma

casa próxima. Um casal estranho. Uma coisa de amor e ódio.

Vincenti achava interessante que uma mulher que conseguia governar com uma crueldade irrestrita alimentasse tamanha obsessão. Fora casada por alguns anos com um diplomata de nível médio do antigo serviço do exterior do Cazaquistão. Certamente, um casamento de aparências. Uma forma de mascarar sua sexualidade questionável.

Ainda que os relatórios que ele reunira indicassem relação marido-mulher amigável. O homem morreu de repente numa batida de carro 17 anos atrás, logo depois que ela se tornou presidente do Cazaquistão, e poucos anos antes de conseguir formar a Federação. Karyn Walde apareceu alguns anos depois e se manteve como o único relacionamento longo de Zovastina, que acabou mal. Ainda que, há um ano, quando a mulher reapareceu, Zovastina a tinha escolhido de imediato e tinha feito um acordo, através de Vincenti, para conseguir medicamentos anti-HIV.

— Devemos agir? — perguntou ele. O'Conner assentiu.

— Espere mais um pouco e será tarde demais.

— Faça os preparativos. Será na Federação antes do final da semana.

— Pode dar confusão.

— Não importa. Nada de impressões digitais, apenas. Nada que ligue qualquer coisa a mim.

AMSTERDÃ

21H

Stephanie conheceu o interior de uma cadeia dinamarquesa no último verão, quando ela e Malone foram presos. Agora, visitava uma cela holandesa. Não havia muita diferença. Sabiamente, ficou de boca fechada quando a polícia correu para a ponte e avistou o homem morto. Os dois agentes do Serviço Secreto conseguiram escapar, e ela esperava que o da água tivesse recuperado o medalhão. Suas suspeitas, no entanto, foram confirmadas. Cassiopeia e Thorvaldsen estavam envolvidos em alguma coisa, e não se tratava de colecionar moedas antigas. A porta da cela da detenção se abriu e um homem magro entrou. Sessenta e poucos anos, rosto longo, traços marcantes e cabelos grisalhos cheios. Edwin Davis. Conselheiro de segurança nacional interino do presidente. O homem que substituiu o falecido Larry Daley. E que mudança.

Davis fora transferido do Estado, um carreirista com dois doutorados — um em História Americana, o outro em relações internacionais — além de competências organizacionais soberbas e uma habilidade diplomática nata. Tinha maneiras atenciosas e simples, semelhantes às do próprio presidente Daniels, que as pessoas tendiam a subestimar.

Três secretários de Estado o haviam utilizado para pôr ordem em departamentos desestruturados. Agora, trabalhava na Casa Branca ajudando a administração a finalizar os três últimos anos do segundo mandato.

— Eu estava jantando com o presidente. Em Haia. Que lugar incrível aliás. A comida estava magnífica, e eu geralmente não ligo para gastronomia. Trouxeram um bilhete dizendo onde você estava, e eu disse a mim mesmo: deve haver uma explicação lógica para Stephanie Nelle estar sob custódia holandesa, encontrada com uma arma ao lado de um homem morto na chuva.

Ela abriu a boca para responder, e ele ergueu a mão para que parasse.

— A história fica melhor.

Ela sentou-se em silêncio, com as roupas molhadas.

— Enquanto me perguntava como poderia deixá-la aqui, uma vez que tinha quase certeza de que não queria saber por que você veio a Amsterdã, o próprio presidente me chamou a um canto e disse que eu viesse. Parece que dois agentes do Serviço Secreto estavam envolvidos, mas não estavam

presos. Um deles estava encharcado, depois de ter nadado num canal para recuperar isto.

Ela apanhou o que ele lhe jogou, e viu novamente o medalhão com elefantes, acomodado em sua capa plástica.

— O presidente interveio com os holandeses. Você está livre. Ela se levantou.

— Antes de sairmos, preciso saber sobre os homens que morreram.

— Como eu já sabia que você ia dizer isso, descobri que os dois estavam com passaporte da Federação Asiática Central. Verificamos. Parte da força de segurança pessoal da ministra suprema Irina Zovastina.

Ela notou algo em seu olhar. Davis era muito mais fácil de entender que Daley tinha sido.

— Isso não o chocou.

— Poucas coisas me chocam agora. — Sua voz reduzira-se a um sussurro. — Temos um problema, Stephanie, e agora, feliz ou infelizmente, dependendo de seu ponto de vista, você faz parte dele.

Ela seguiu Davis até a suíte do hotel. O presidente Danny Daniels estava sentado, esparramado num sofá, enrolado num roupão de banho, os pés descalços apoiados na mesa dourada de tempo de vidro. Era um homem alto, com penugens de cabelos loiros, voz estrondosa e atitude apaziguadora. Embora ela tivesse trabalhado para ele durante cinco anos, só havia chegado a conhecê-lo de verdade no outono anterior, com a traição que cercava a biblioteca de Alexandria. Na época, ele a havia demitido e recontratado. Daniels segurava um drinque de alguma coisa numa das mãos, e um controle remoto na outra.

— Não há nada para se assistir nessa droga de TV que não seja legendado ou numa língua que não entendo. E não suporto mais essa BBC News ou a CNN International.

Mostram a mesma matéria várias vezes. — Daniels desligou o aparelho e jogou o controle remoto para o lado. Bebeu um gole do drinque e disse a ela:

— Fiquei sabendo que teve outra noite de fim de carreira. Ela notou o brilho nos olhos dele.

— Parece que é o meu caminho para o sucesso.

Ele fez um gesto, e ela se sentou. Davis foi para o lado e permaneceu de pé.

— Tenho mais notícias ruins — disse Daniels. — Sua agente em Veneza está desaparecida. Não se tem notícias dela há 12 horas. Vizinhos no prédio em que ela estava posicionada relataram um tumulto hoje pela manhã. Quatro homens. Uma porta arrombada. É claro que, agora, ninguém viu nada oficialmente. Italianos típicos. — Ele ergueu um braço numa agitação nervosa. — Pelo amor de Deus, não me envolvam. — O presidente parou por um instante, o rosto obscurecido. — Nada disso parece boa coisa.

Stephanie havia autorizado o uso de Naomi Johns pela Casa Branca; que precisava de um reconhecimento de campo sobre um suspeito — Enrico Vincenti, financista internacional com laços com uma organização

chamada a Liga Veneziana. Conhecia o grupo. Mais um dos incontáveis cartéis mundo afora. Naomi trabalhou para Stephanie por muitos anos, e foi a agente que investigou Larry Dale. Deixara a Billet no ano anterior, mas logo retornou, e Stephanie ficara contente. Naomi era boa. O trabalho de reconhecimento deveria ser de baixo risco. Apenas gravar encontros e apresentações. Stephanie até mesmo dissera para ela tirar alguns dias de folga na Itália depois que terminasse.

Agora, ela poderia estar morta.

— Quando autorizei o uso dos serviços dela, seu pessoal disse tratar-se apenas de coleta de informações.

Ninguém respondeu e o olhar dela ia de um homem para o outro. Daniels perguntou:

— Onde está o medalhão? Ela o entregou a ele.

— Você quer me contar sobre isso?

Ela se sentia suja. O que queria era tomar uma ducha e se deitar, mas percebeu que isso não ia acontecer. Ficava ofendida ao ser interrogada, mas ele era o presidente dos Estados Unidos e salvara a sua pele, então explicou sobre Cassiopeia, Thorvaldsen e o favor. O presidente ouviu com uma atenção fora do comum, depois disse:

— Conte a ela, Edwin.

— O que você sabe sobre a ministra suprema Zovastina?

— O suficiente para saber que não é nossa amiga.

Sua mente cansada relembrou a história pertinente de Zovastina. Nascida numa família de classe operária no norte do Cazaquistão, o pai morreu lutando contra os nazistas em nome de Stalin. Depois, um terremoto, logo após a guerra, matou a mãe e o resto dos parentes próximos. Cresceu num orfanato, até que uma prima distante da mãe a acolheu.

A acabou tornando-se economista, fez estágio no Instituto Leningrado e afiliou-se ao Partido Comunista aos 20 e poucos anos. Batalhou para chegar a chefe do Comitê dos Representantes dos Trabalhadores local. Em seguida conseguiu uma vaga no Comitê Central do Cazaquistão e rapidamente chegou ao Soviete Supremo. Primeiro, promoveu reformas agrárias e econômicas, depois tornou-se crítica de Moscou. Após a independência da Rússia, foi um dos seis membros do partido que concorreram à presidência do Cazaquistão. Quando nenhum dos dois candidatos na liderança conseguiram alcançar uma maioria, de acordo com a constituição nacional, os dois foram desqualificados do segundo turno, o qual ela ganhou.

— Aprendi há muito tempo — disse Daniels — que se você tem que dizer a alguém que é seu amigo, o relacionamento está com grandes problemas. Essa mulher pensa que somos um bando de idiotas. Não precisamos de amigos como ela.

— Mas ela ainda precisa ser adulada. Daniel saboreou um pouco mais do drinque.

— Infelizmente.

— A Federação Asiática Central não deve ser subestimada — esclareceu Davis. — Terra de povo resistente e memórias longas. Vinte e oito

milhões de homens e mulheres disponíveis para recrutamento militar. Dos quais, 22 milhões estão aptos e prontos para servir. Cerca de um milhão e meio de novos alistados a cada ano. É uma força de combate e tanto. Atualmente, a Federação gasta 1,2 bilhão de dólares por ano com defesa, mas isso não inclui o que lançamos lá dentro, que é o dobro disso.

— E a grande merda — continuou Daniels — é que o povo ama essa mulher. O padrão de vida melhorou mil vezes. Antes dela, 64 por cento viviam na pobreza. Agora são menos de 15 por cento. É tão bom quanto o que conseguimos. Ela está investindo em diversas áreas. Energia hidroelétrica, algodão, ouro... Está cheia de superávits.

Essa Federação está numa posição geoeconômica magnífica. Rússia, China, Índia. Bem no meio de todas elas. Senhora esperta, também. Está posicionada numa das maiores reservas de petróleo e gás natural, que antes os russos controlavam totalmente. E eles ainda estavam furiosos por causa da independência, então ela fez um acordo, vendendo-lhes petróleo e gás a preços abaixo do mercado, o que fez Moscou largar do pé dela.

Stephanie estava impressionada com o conhecimento que Daniel tinha da região.

— Então — disse o presidente —, alguns anos atrás, ela entrou num grande lease com a Rússia pelo Baykonur Cosmodrome. O porto espacial da Rússia encontra-se no meio do antigo Cazaquistão. Nove mil quilômetros quadrados, dos quais agora a Rússia tem uso exclusivo até 2050. Em troca, é claro, ela conseguiu cancelamento de dívidas.

Depois disso, fez um agrado aos chineses, resolvendo uma disputa por fronteiras que durava séculos. Nada mau para uma economista que cresceu num orfanato.

— Temos problemas com Zovastina? — perguntou ela. Mais uma vez, nenhum dos dois homens respondeu à pergunta, então ela trocou a marcha. — O que Enrico Vincenti tem a ver com isso?

— Zovastina e Vincenti têm ligações — disse Daniels — através da Liga Veneziana. Os dois são membros. Quatrocentas e poucas pessoas. Muito dinheiro, tempo e ambição, mas a Liga não está interessada em mudar o mundo, só quer ser deixada em paz. Odeiam o governo, leis restritivas, tarifas, impostos, ou qualquer coisa que os mantenha na linha. Atuam em muitos países...

Ela viu que Daniels lera seu pensamento. O presidente balançou a cabeça.

— Não aqui. Não como da última vez. Verificamos. Nada. A Federação Asiática Central é sua principal preocupação.

Davis disse:

— Todos os países de lá estavam carregados de dívidas externas da época da dominação soviética e das tentativas de independência. Zovastina conseguiu renegociar esses compromissos com credores de vários governos, e uma grande parcela dessa dívida foi perdoada. Mas um influxo de capital novo ajudaria. Nada diminui o progresso mais que dívidas em longo prazo. — Fez uma pausa. — Há 3,6 bilhões de dólares aos cuidados de uma

variedade de bancos pelo mundo, ligados a membros da Liga Veneziana.

— Um bolão para um imenso jogo de pôquer — disse Daniels. Ele percebeu a implicação, uma vez que os presidentes não eram propensos a acionar alertas baseados em suspeitas inconsistentes.

— Que está prestes a começar. Daniels assentiu.

— Até agora, corporações organizadas sob a lei da Federação Asiática Central adquiriram, ou tomaram, quase oitenta empresas em todo o mundo. Indústria farmacêutica, tecnologia da informação, fabricação de automóveis e caminhões, e telecomunicações são apenas algumas das áreas. Eles até adquiriram a maior produtora mundial de saquinhos de chá. Goldman Sachs prevê que, se isso continuar, a Federação poderá muito bem tornar-se a terceira ou quarta maior economia mundial, atrás de nós, da China e da Índia.

— É alarmante — observou Davis. — Particularmente porque está acontecendo com pouco ou nenhum alarde. As corporações geralmente gostam de chamar atenção para suas aquisições. Não aqui. Tudo está sendo feito com discrição.

Daniels gesticulou com o braço.

— Zovastina precisa de um fluxo de capital consistente para manter as engrenagens do governo em movimento. Nós temos os impostos, ela tem a Liga. A Federação é rica em algodão, ouro, urânio, prata, cobre, chumbo zinco...

— E ópio — ela completou.

— Zovastina — disse Davis — já contribuiu até nisso. A Federação agora a terceira, no mundo todo, em apreensão de opiáceos. Ela acabou com o tráfico na região, o que faz com que os europeus a amem. Não se pode falar mal dela de jeito nenhum do outro lado do Atlântico. É claro que ela distribui petróleo e gás baratos para muitos deles também.

— Vocês percebem — disse ela — que Naomi pode estar morta por causa de tudo isso? — O pensamento embrulhou seu estômago. Perder um agente era a pior coisa que ela poderia imaginar. Por sorte, raramente acontecia. Mas quando acontecia, sempre tinha que enfrentar uma combinação perturbadora de raiva e resignação.

— Percebemos — disse Davis. — E não ficará impune.

— Ela e Cotton Malone eram próximos. Trabalharam juntos na Bille muitas vezes. Uma ótima equipe. Ele vai ficar aflito quando souber.

— Este é outro motivo para você estar aqui — disse o presidente.

— Algumas horas atrás, Malone estava envolvido num incêndio num museu greco-romano em Copenhague. Henrik Thorvaldsen era o dono do lugar e Cassiopeia Vitt ajudou-o a escapar das chamas.

— Você parece muito atualizado.

— É parte do meu trabalho, embora eu goste cada vez menos dela.

— Daniels gesticulou com o medalhão. — Um destes estava no museu.

Ela se lembrou do que Klaus Dyhr dissera. Apenas oito. Davis apontou o dedo longo para a moeda.

— É chamado de medalhão de elefante.

— Importante? — perguntou ela.

— Parece que sim — disse Daniels. — Mas precisamos da sua ajuda para saber mais.

COPENHAGUE

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE ABRIL

0H

Malone pegou um cobertor e foi para o sofá no outro cômodo. Após o incêndio no outono passado, durante a reconstrução, eliminara algumas das paredes do apartamento e refizera outras, ajustando a distribuição do espaço para que o quarto andar da livraria passasse a ser uma sala de estar mais prática.

— Gosto dos móveis — disse Cassiopeia. — Combinam com você.

Optara por se afastar da simplicidade dinamarquesa e mandara vir tudo de Londres. Um sofá, cadeiras, mesas e luminárias. Muita madeira e couro, quente e aconchegante.

Havia notado que muito pouco mudava na decoração, a não ser quando um livro subia do primeiro andar ou mais uma foto de Gary chegava por e-mail e era acrescentada à coleção cada vez maior. Sugeriu que Cassiopeia dormisse ali, na cidade, em vez de dirigir de volta a Christiàngade com Thorvaldsen, e ela não discutiu. Durante o jantar, ele ouviu várias explicações deles, atento para ver se Cassiopeia tinha algum interesse pessoal que afetasse sua opinião sobre o que quer que estivesse acontecendo.

O que não era bom.

Ele passara por isso recentemente, quando Gary foi ameaçado. Ele estava sentada na beira de sua cama. Luminárias com muito charme, mas sem muita força, iluminavam as paredes mostarda.

— Henrik disse que talvez eu precise da sua ajuda.

— Você não concorda?

— Não sei se você concorda.

— Você amava Ely?

Ficou surpreso consigo mesmo por perguntar, e ela não respondeu de imediato.

— Difícil saber.

Não era uma resposta.

— Ele deve ter sido bastante especial.

— Ely era extraordinário. Inteligente. Animado. Engraçado. Quando descobriu aqueles textos perdidos, você precisava ver. Parecia que tinha acabado de descobrir um continente.

— Há quanto tempo vocês estavam se vendo?

— Entre idas e vindas, há três anos.

Os olhos dela distanciaram-se novamente, como quando o museu pegava fogo. Eles eram tão parecidos. Os dois mascaravam os sentimentos. Mas todos têm um limite. Ele ainda estava lidando com a compreensão de que Gary não era seu filho biológico, mas o produto de um caso que a mulher teve há muito tempo. Havia uma foto do garoto em uma das mesas de cabeceira, e seu olhar foi naquela direção. Havia determinado que os genes não importavam. O garoto ainda era seu filho, e ele e a ex-mulher fizeram as pazes. Cassiopeia, por outro lado, parecia estar lutando com seu demônio. A objetividade parecia estar em ordem.

— O que você está tentando fazer?

O pescoço dela enrijeceu e as mãos ficaram tensas.

— Viver a minha vida.

— Isso tem a ver com Ely ou com você?

— Isso importa?

Em parte, ela estava certa. Não deveria importar qual dos dois. A luta era dela. Não dele. Mas era atraído por essa mulher, ainda que ela estivesse obviamente interessada em outra pessoa. Então, eliminou a emoção do cérebro e perguntou:

— O que as impressões digitais de Viktor revelaram? Ninguém disse nada sobre isso no jantar.

— Ele trabalha para a ministra suprema Irina Zovastina. É chefe de segurança pessoal dela.

— Alguém ia me contar? Ela deu de ombros.

— Ia. Se você perguntasse.

Ele suprimiu a raiva, ao perceber que ela estava zombando dele.

— Você acha que a Federação Asiática Central está diretamente envolvida?

— O medalhão de elefante do museu de Samarcanda ainda não foi tocado.

Bom argumento.

— Ely encontrou a primeira prova tangível do túmulo perdido de Alexandre, o Grande, em séculos. Sei que transmitiu isso a Zovastina, porque me contou sua reação.

Ela tem uma obsessão com história grega e Alexandre. O museu de Samarcanda recebe bons fundos por causa de seus interesses na Idade Helenística. Quando Ely descobriu o enigma de Ptolomeu sobre o túmulo de Alexandre, Zovastina ficou fascinada. — Cassiopeia hesitou. — Ele morreu menos de uma semana depois de contar a ela.

— Acha que foi assassinado?

— A casa dele pegou fogo sem sobrar nada. Nem da casa, nem dele.

Os pontos ligavam-se. Fogo grego.

— E quanto aos manuscritos que ele descobriu?

— Pedimos para alguns acadêmicos averiguarem. Ninguém do museu sabia de nada.

— E agora, estão incendiando mais prédios e roubando outros medalhões.

— Algo assim.

— O que vamos fazer?

— Ainda não decidi se preciso da sua ajuda.

— Precisa.

Ela o examinou com desconfiança.

— O que você sabe dos registros históricos a respeito da sepultura de Alexandre?

— Ele foi sepultado pela primeira vez por Ptolomeu em Mênfis, no sul do Egito, cerca de um ano depois de sua morte. Depois, o filho de Ptolomeu transferiu o corpo para o norte, para Alexandria.

— Isso mesmo. Em algum momento entre 283 a.C., quando Ptolomeu morreu, e 274. Um mausoléu foi construído numa área nova da cidade, numa encruzilhada de duas avenidas principais que ladeavam o palácio real, ele acabou recebendo o nome de Soma, corpo, em grego. A mais grandiosa sepultura na cidade mais grandiosa da época.

— Ptolomeu era esperto — afirmou ele. — Esperou até que todos os herdeiros de Alexandre estivessem mortos, para então se proclamar faraó. Seus herdeiros foram espertos também. Transformaram o Egito num reino grego. Enquanto os outros Companheiros administraram mal ou perderam suas porções do império, os Ptolomeu mantiveram a deles por trezentos anos. O Soma foi usado para obter grandes vantagens políticas.

Ela concordou.

— Uma história impressionante mesmo. O túmulo de Alexandre tornou-se um local de peregrinação. César, Otaviano, Adriano, Calígula e uma dúzia de outros imperadores foram prestar sua homenagem.

Deve ter sido um local e tanto. Uma múmia coberta de ouro com uma coroa de ouro, dentro de um sarcófago de ouro, envolta em mel dourado. Durante um século e meio, Alexandre permaneceu tranquilo, até que Ptolomeu IX precisou de dinheiro. Ele retirou todo o ouro do cadáver e derreteu a tumba, substituindo-a por uma de vidro.

O Soma durou seiscentos anos. O último registro de sua existência é de 391 d.C.

Ele conhecia o resto da história. Tanto a construção quanto os restos mortais de Alexandre Magno desapareceram. Por 1.600 anos, as pessoas buscaram. Mas o maior conquistador do mundo antigo, um homem venerado como um deus vivo, havia desaparecido.

— Você sabe onde está o corpo? — perguntou ele.

— Ely achava que sabia. — As palavras soaram distantes, como se ela estivesse falando com seu fantasma.

— Você acha que ele estava certo? Ela deu de ombros.

— Vamos ter que conferir.

— Onde?

Finalmente encarou-o com olhos cansados.

— Veneza. Mas antes temos que pegar o último medalhão. E Viktor

certamente está se encaminhando para ele neste exato momento.

— E onde está?

— Isso é interessante. Está em Veneza também.

SAMARCANDA

2H

Zovastina sorriu para o núncio papal. Era um homem bonito, de cabelos ruivos com mechas grisalhas, e com um par de olhos intensamente curiosos. Americano. Monsenhor Colin Michener. Parte do novo Vaticano orquestrada pelo primeiro papa africano em um século. Duas vezes, esse mensageiro já fora até lá para investigar se a Federação permitiria uma presença católica, mas ela reprovou as duas tentativas. Embora o islamismo fosse a religião dominante da nação, o povo nômade que povoou a Ásia Central por muito tempo, sempre colocou sua lei à frente até mesmo da charia. O isolamento geográfico levou a uma independência social, até mesmo de Deus, portanto ela duvidava que os católicos fossem sequer bem-vindos. Ainda assim, precisava de algo daquele enviado, e chegara o momento de negociar.

— O senhor não é uma pessoa de hábitos noturnos? — Ela perguntou, ao notar o ar cansado que Michener tentava esconder apenas minimamente.

— Esse não é o tempo tradicionalmente reservado para o sono?

— Não seria vantajoso para nenhum de nós dois que nos vissem numa reunião em pleno dia. Sua Igreja não é tão popular assim por aqui.

— Isso é algo que gostaríamos de mudar. Irina deu de ombros.

— Estaria pedindo ao povo para abandonar coisas que lhe são preciosas há séculos. Nem mesmo os muçulmanos, com toda a sua disciplina e preceitos morais, foram capazes disso. Descobrirá que aqui reinam mais os usos políticos e organizacionais do apego religioso do que as crenças espirituais.

— Sua Santidade não quer mudar a Federação. Só pede que à Igreja seja concedida a liberdade de buscar aqueles que querem praticar sua fé.

A ministra abriu um sorriso.

— Já visitou algumas de nossas cidades sagradas? Ele balançou a cabeça.

— Tem o meu incentivo. Notará algumas coisas interessantes. Homens beijam, esfregam e rodeiam objetos venerados. Mulheres arrastam-se sob pedras sagradas para aumentar a fertilidade. E não deixe de notar as árvores de desejos e os postes mongóis com bolas de pelo de cavalo sobre as sepulturas. Amuletos e talismãs são muito populares.

O povo deposita sua fé em coisas que nada têm a ver com seu Deus cristão.

— Há um número cada vez maior de católicos, batistas, luteranos, até alguns budistas, entre essas pessoas. Parece que há aqueles que querem adorar de formas diferentes.

Eles não têm direito ao mesmo privilégio?

Outro motivo pelo qual ela finalmente decidira receber esse mensageiro era o Partido da Renascença Islâmica. Ainda que considerado ilegal ano atrás, conseguiu prosperar em silêncio, especialmente no vale de Fergana, no antigo Uzbequistão. Ela infectou os principais agitadores em segredo, e pensou ter matado todos os líderes, mas o partido se recusava a ser extinto. Permitir mais concorrência religiosa, especialmente de uma organização como a dos católicos romanos, forçaria os islâmicos a focarem sua raiva num inimigo mais ameaçador que ela. Então, disse:

— Decidi permitir à Igreja acesso à Federação.

— Fico contente em saber.

— Com condições.

A expressão de alegria do sacerdote perdeu o brilho.

— Não é tão ruim assim — disse ela. — Na verdade, tenho uma única e simples solicitação. Amanhã à noite, em Veneza, dentro da basílica, o túmulo de São Marcos será aberto.

Um olhar perplexo invadiu os olhos do emissário.

— Certamente conhece a história de São Marcos e de como ele veio a ser enterrado em Veneza.

Michener assentiu.

— Tenho um amigo que trabalha na basílica. Eu e ele conversamos sobre isso.

Ela conhecia a história. Marcos, um dos 12 discípulos de Cristo ordenado bispo de Alexandria por Pedro, foi martirizado pelos pagãos da cidade em 67 d.C., mas quando tentaram queimar seu corpo, uma tempestade caiu sobre as chamas, dando tempo para que cristãos o apanhassem. Marcos foi mumificado, depois sepultado em segredo até o século IV. Após a tomada de Alexandria pelos cristãos, um sepulcro primoroso foi construído, e tornou-se tão sagrado que os patriarcas recém-nomeados tomavam posse sobre o túmulo de São Marcos. O templo conseguiu sobreviver à chegada do islamismo e às invasões persas e árabes do século XVII.

Mas em 828, um grupo de mercadores venezianos roubou o corpo.

Veneza queria uma afirmação simbólica de sua independência política e teológica. Roma possuía Pedro, Veneza teria Marcos. Ao mesmo tempo, o clero alexandrino estava extremamente preocupado com as relíquias sagradas da cidade. O controle islâmico se tornava cada vez mais antagônico. Templos e igrejas vinham sendo demolidos. Então, com o auxílio dos guardiões do túmulo, o corpo de São Marcos foi retirado.

Zovastina adorava os detalhes.

O corpo de São Cláudio o substituiu para que não percebessem o roubo

O odor dos fluidos de embalsamamento era tão forte que, para desencorajar as autoridades a examinarem o carregamento do navio que partia, camadas de repolho e carne de porco foram colocadas em torno do cadáver. E funcionou. Inspetores muçulmanos fugiram horrorizados diante da presença de carne de porco. O corpo foi então envolto em lona e içado para uma ponta de verga. Supostamente, na viagem de volta à Itália, uma aparição do fantasma de São Marcos salvou o navio de afundar numa tempestade.

— No dia 31 de janeiro de 828, Marcos foi presenteado ao doge de Veneza — disse ela. — O doge abrigou os restos mortais sagrados no palácio, mas eles acabaram desaparecendo, ressurgindo em 1094, quando a recém-concluída Basílica de San Marco foi dedicada formalmente ao santo. Colocaram os restos mortais numa cripta abaixo da igreja, mas os transferiram para cima no século XIX, sob o altar superior, onde estão hoje. Muitas lacunas na história desse corpo, o senhor não acha?

— É assim com as relíquias.

— Durante quatrocentos anos em Alexandria, depois novamente por quase trezentos anos em Veneza, não se conhecia a localização do corpo de São Marcos.

O nuncio deu de ombros.

— É a fé, ministra.

— Alexandria sempre sentiu profundamente o roubo — continuou ela.

— Especialmente pelo modo como Veneza, durante séculos, reverenciou o ato, como se os ladrões estivessem numa missão sagrada. Ora, nós dois sabemos que a coisa toda foi política. Os venezianos roubavam no mundo todo.

Abutres em grande escala, tomando tudo o que conseguissem, usando tudo para obter vantagens. São Marcos foi, talvez, seu roubo mais lucrativo. A cidade inteira, até hoje, gira em torno dele.

— Então, por que vão abrir o túmulo?

— Bispos e nobres das igrejas Coptica e Etíope querem que São Marco seja devolvido. Em 1968, seu papa Paulo VI deu ao patriarca de Alexandria algumas relíquias para apaziguá-los. Mas elas vinham do Vaticano, não de Veneza, e não funcionou. Eles querem o corpo de volta, e discutem isso há muito tempo com Roma.

— Trabalhei como secretário papal de Clemente XV. Estou a par de tais discussões.

Ela suspeitava há muito tempo de que aquele homem era mais que um nuncio. Parecia que o novo papa escolhia seus emissários com cuidado.

— Então, sabe que a Igreja nunca abriria mão desse corpo. Mas o patriarca de Veneza, com a aprovação de Roma, concordou em fazer uma concessão... parte da reconciliação de seu papa africano com o mundo. Parte da relíquia, do túmulo, será devolvida. Desse modo, os dois lados ficam satisfeitos. Mas essa é uma questão delicada, especialmente para os venezianos. Perturbar o santo deles. — Ela balançou a cabeça. — É por isso que o túmulo será aberto amanhã à noite, em segredo. Parte dos restos

mortais será retirada. Em seguida, o sepulcro será fechado. Nenhum esclarecimento até que o anúncio da doação seja feito daqui a alguns dias.

— A senhora possui informações excelentes.

— É um assunto pelo qual tenho interesse. O corpo naquele túmulo não é de São Marcos.

— Então de quem é?

— Digamos apenas que o corpo de Alexandre, o Grande, desapareceu de Alexandria no século IV, quase no mesmo período em que o corpo de São Marcos reapareceu. Marcos foi conservado em sua versão do Soma de Alexandre, que foi venerada, assim como Alexandre havia sido seiscentos anos antes. Meus especialistas estudaram uma variedade de textos antigos, alguns dos quais o mundo não chegou a conhecer...

— E a senhora acha que o corpo da basílica veneziana é, na verdade, o de Alexandre, o Grande?

— Não estou dizendo nada, apenas que a análise de DNA pode agora determinar a raça. Marcos nasceu na Líbia, de pais árabes. Alexandre era grego. Haveria diferenças cromossômicas notáveis. Também fiquei sabendo que existem exames de dentina com uso de isótopos, tomografia e datação de carbono que poderiam nos dizer muita coisa.

Alexandre morreu em 323 a.C., e Marcos, no primeiro século depois de Cristo. Quanto a isso também, haveria diferenças científicas nos restos mortais.

— A senhora planeja violar o cadáver?

— Não mais do que vocês. Diga-me, o que eles vão arrancar?

O americano refletiu sobre a afirmação. Ela sentira, antes, que ele voltaria a Samarcanda com muito mais autoridade que antes. H ora de ver se isso era verdade.

— Tudo o que eu quero são alguns minutos sozinha com o sarcófago aberto. Se eu retirar alguma coisa, ninguém notará. Em troca, a Igreja poderá se movimentar livremente pela Federação e ver quantos cristãos afeiçoam-se à sua mensagem. Mas qualquer construção deverá ser aprovada pelo governo. Isso serve tanto para a sua proteção quanto para a nossa. Haveria violência se a construção de igrejas não fosse tratada com cautela.

— Planeja viajar para Veneza? Ela assentiu.

— Gostaria de fazer uma visita discreta, ajustada por Sua Santidade. Fiquei sabendo que a Igreja possui muitos contatos dentro do governo italiano.

— A senhora percebe, ministra, que na melhor das hipóteses qualquer coisa que encontrar lá seria como o Santo Sudário ou as visões de Maria. Uma questão de fé.

Mas ela sabia que poderia muito bem haver algo conclusivo. O que Ptolomeu escrevera em seu enigma? Toque o ser mais íntimo da ilusão dourada.

— Apenas alguns minutos sozinha. É só o que peço. O núncio papal ficou em silêncio.

Ela esperou.

— Darei instruções ao patriarca de Veneza para lhe conceder o tempo.

Ela estava certa. Ele não retornara de mãos vazias.

— Muita autoridade para um mero núncio.

— Trinta minutos. A partir de uma hora de quarta-feira. Informaremos às autoridades italianas que a senhora comparecerá a uma recepção privada, a convite da Igreja.

Ela assentiu.

— Combinarei uma entrada na catedral através da Porta dei Fiori, no arrio oeste. A essa hora, haverá poucas pessoas na praça principal. Estará sozinha?

Estava cansada do padre intrometido.

— Se isso importar, talvez devamos esquecer tudo. Viu que Michene notou sua irritação.

— Ministra, leve quem quiser. Sua Santidade simplesmente quer fazê-la feliz.

*HAMBURGO, ALEMANHA**1H*

Viktor estava sentado no bar do hotel. Rafael dormia no andar de cima. Saíram de carro de Copenhague, para o sul, atravessando a Dinamarca até o norte da Alemanha.

Hamburgo era o ponto de encontro combinado com os dois membros do Bando Sagrado enviados a Amsterdã para a entrega do sexto medalhão. Deveriam chegar de madrugada.

Ele e Rafael resolveram os outros roubos, mas o prazo estava se aproximando, então Zovastina ordenou a entrada de um segundo time em campo.

Tomava uma cerveja e aproveitava a tranquilidade do local. Poucos clientes ocupavam as cabines à meia-luz.

A tensão fortalecia Zovastina. Ela gostava de manter as pessoas no limite. Os elogios eram poucos, as críticas, frequentes. Os funcionários do palácio. O Bando Sagrado.

Seus ministros. Ninguém queria decepcioná-la. Mas ele ouvira a conversa pelas costas dela. Interessante que uma mulher tão sintonizada com o poder pudesse tornar-se tão cega para os ressentimentos. A lealdade superficial era uma ilusão perigosa. Rafael estava certo, algo estava prestes a acontecer. Como chefe do Bando Sagrado, acompanhou muitas vezes Zovastina ao laboratório nas montanhas, a leste de Samarcanda. Esse ficava do lado dela da fronteira, com o pessoal dela, com os germes dela. E ele viu os sujeitos dos testes, retirados de cadeias, e as mortes horríveis. Também ficava do lado de fora de salas de reunião, enquanto ela conspirava com generais. A Federação possuía um exército impressionante, uma força aérea razoável e uma capacidade de mísseis de curta distância limitada. A maior parte fornecida, e financiada, pelo Ocidente com o propósito de defesa, uma vez que o Irã, a China e o Afeganistão, todos faziam fronteira com a Federação.

Não contara a Rafael, mas sabia o que ela estava planejando. Ouviu-o falar sobre o caos no Afeganistão, onde o Talibã ainda apegava-se ao poder transitório. Sobre o Irã, cujo presidente radical fazia ameaças constantes. E sobre o Paquistão, um lugar que exportava violência de olhos vendados.

Essas nações eram seu objetivo inicial.

E milhões morreriam.

Uma vibração no bolso o assustou.

Localizou o celular, olhou o visor e atendeu, o estômago revirando de modo familiar.

— Viktor — disse Zovastina. — Ainda bem que o encontrei. Há um problema.

Ouviu-a contar sobre um incidente em Amsterdã, em que dois membros do Bando Sagrado foram mortos enquanto tentavam obter um medalhão.

— Os americanos fizeram investigações oficiais. Querem saber por que o meu pessoal estava atirando em agentes do Serviço Secreto. E esta é uma boa pergunta.

Ele queria dizer que provavelmente foi porque estavam morrendo de medo de decepcioná-la, de modo que isso afetou sua capacidade de raciocínio, levando-os a cometer descuidos. Mas ele não cometeria esse erro e apenas observou:

— Preferia ter cuidado eu mesmo do assunto.

— Está bem, Viktor. Esta noite, vou reconhecer meu erro. Você foi contra a ideia de uma segunda equipe, e rejeitei sua opinião.

Ele sabia que não devia se mostrar agradecido. Já era incrível que ela admitisse ter errado.

— Mas você, ministra, quer saber por que os americanos estavam justamente lá?

— Isso me passou pela cabeça, sim.

— Pode ser porque fomos descobertos.

— Duvido que se importem com o que fazemos. Estou mais preocupada com nossos amigos da Liga Veneziana. Especialmente o gordo.

— Ainda assim, os americanos estavam lá.

— Pode ter sido por acaso.

— O que eles dizem?

— Os representantes se negaram a dar qualquer detalhe.

— Ministra — disse num tom baixo —, já sabemos o que de fato estamos tentando encontrar?

— Tenho tentado resolver isso. Estamos indo devagar, mas agora sei que a chave para decifrar o enigma de Ptolomeu é encontrar o corpo que um dia ocupou o Soma em Alexandria. Estou convencida de que os restos mortais de São Marcos, na Basílica di San Marco, em Veneza, são o que procuramos.

Ele não sabia disso.

— É por isso que vou a Veneza. Amanhã à noite. Ainda mais chocante.

— Não é arriscado?

— É necessário. Quero você comigo, na basílica. Você precisa estar com o outro medalhão na igreja à 1 hora.

Ele sabia qual era a resposta apropriada.

— Sim, ministra.

— E você não chegou a dizer, Viktor. Conseguimos o da Dinamarca?

— Conseguimos.

— Teremos que nos virar sem o da Holanda.

Ele notou que ela não estava nervosa. Estranho, considerando o fracasso.

— Viktor, eu ordenei que o medalhão veneziano fosse o último por um motivo.

E agora ele sabia por quê. A basílica. E o corpo de São Marcos. Mas ainda estava preocupado com os americanos. Felizmente, conseguira controlar a situação na Dinamarca.

Os três problemas que tentaram levar a melhor sobre ele estavam mortos, e Zovastina não precisava saber.

— Tenho planejado isso há algum tempo — dizia ela. — Há suprimentos esperando por você em Veneza. Então, não vá de carro, vá de avião. Esta é a localização deles.

Ela forneceu o endereço de um depósito e o código de acesso para uma trava eletrônica.

— O que aconteceu em Amsterdã não é importante. O que ocorrer em Veneza... será vital. Eu quero o último medalhão.

HAIA

1H10

Stephanie ouvia com grande interesse Edwin Davis e o presidente Daniels explicarem o que estava acontecendo.

— O que você sabe sobre zoonose? — Davis perguntou a ela.

— É uma doença que pode ser transmitida de animais a humanos.

— É ainda mais específico — disse Daniels. — Uma doença que normalmente existe de forma inofensiva em animais, mas que pode infectar humanos com resultados devastadores.

Antraz, peste bubônica, ebola, raiva, gripe aviária, até mesmo a gripe comum são alguns dos exemplos mais conhecidos.

— Não sabia que você era bom em biologia. Daniels riu.

— Não sei droga nenhuma de ciência. Mas conheço muita gente que sabe. Diga a ela, Edwin.

— Existem cerca de 1.500 elementos patogênicos zoonóticos conhecidos. Metade permanece quieta nos animais, vivendo à custa do hospedeiro, não chegando nunca a causar infecção. Mas quando transmitida a outro animal pelo qual o elemento patogênico não nutra nenhum instinto paterno, é uma loucura. Foi exatamente assim que a peste bubônica começou. Os ratos tinham a doença, as pulgas se alimentavam dos ratos, depois as pulgas transmitiram a doença aos humanos, nos quais ela ficava desenfreada...

— Até que — disse Daniels — desenvolvemos uma imunidade à maldita doença. Infelizmente, no século XIV, isso levou algumas décadas e nesse meio tempo, um terço da Europa morreu.

— A gripe espanhola pandêmica de 1918 foi uma zoonose, não? — ela perguntou.

Davis assentiu.

— Saiu das aves para os humanos, depois sofreu uma mutação que possibilitava a transmissão entre humanos. E como foi transmitida! Vinte por cento do mundo chegou a sofrer da doença. Cerca de cinco por cento de toda a população mundial morreu. Vinte e cinco milhões de pessoas nos primeiros seis meses. Para dar uma perspectiva, a Aids matou 25 milhões nos primeiros 25 anos.

— E esses números de 1918 são duvidosos — observou Daniels.

— A China e o resto da Ásia sofreram terrivelmente sem nenhuma

contagem precisa das mortes. Alguns historiadores acreditam que 100 milhões podem ter morrido pelo mundo todo.

— O elemento patogênico de uma zoonose é a arma biológica perfeita — disse Davis. — Tudo o que se precisa fazer é encontrar um, seja vírus, bactéria, protozoário ou parasita. Isolá-lo, então ele pode infectar à vontade. Se você for inteligente, duas versões podem ser criadas. Uma que só passa de animais a humanos, de modo que a vítima tem que ser infectada diretamente. Outra, produzida por mutação, que passa diretamente de humano a humano. A primeira poderia ser usada para ataques limitados a alvos específicos, com risco mínimo de que a coisa vá além da pessoa infectada. A outra seria uma arma de destruição em massa. Infeccione alguns, e a matança nunca terminará.

Stephanie percebeu que tudo o que Edwin Davis dissera era real demais.

— Deter essas coisas é possível — disse Daniels. — Mas leva tempo para isolar, estudar e desenvolver medidas defensivas. Felizmente, a maioria das zoonoses conhecidas têm antiagentes, algumas até têm vacinas que previnem infecções indiscriminadas. Mas levam tempo para ser desenvolvidas, e muita gente morreria nesse intervalo.

Stephanie perguntou-se aonde aquele raciocínio chegaria.

— Por que tudo isso é importante?

Davis pegou um arquivo sobre a mesa de tampo de vidro, ao lado dos pés descalços de Daniels.

— Há nove anos, um casal de gansos ameaçados de extinção foi roubado de um zoológico particular na Bélgica. Mais ou menos na mesma época, alguns roedores ameaçados de extinção e uma espécie rara de caramujo foram levados de um zoológico na Austrália e de outro, na Espanha. Geralmente, esse tipo de coisa não é tão significativo.

Mas começamos a verificar, e descobrimos que aconteceu pelo menos quarenta vezes pelo mundo. A interrupção aconteceu no ano passado. Na África do Sul. Os ladrões foram presos. Encobrimos a prisão com morte falsas. Os homens cooperaram, considerando que uma prisão da África do Sul não é um bom lugar para passar alguns anos.

Foi quando descobrimos que Irina Zovastina estava por trás dos roubos.

— Quem conduziu essa investigação? — perguntou ela.

— Painter Crowe, da Sigma — disse Daniels. — Muita ciência aí. É especialidade deles. Mas agora a coisa passou para o seu setor.

Aquilo não souou bem para ela.

— Tem certeza de que não pode ficar nas mãos de Painter? Daniels sorriu.

— Depois desta noite? Não, Stephanie, essa é toda sua. Pagamento por eu ter salvado a sua pele com os holandeses.

O presidente ainda segurava o medalhão de elefante. Então, ela perguntou:

— Qual é a importância da moeda?

— Zovastina está colecionando isto — disse Daniels. — Aqui está o

verdadeiro problema. Sabemos que ela reuniu um inventário bastante substancial de zoonoses. Vinte ou mais na última contagem. E, aliás, fo esperta, possui versões múltiplas. Como Edwin disse, uma para ataques limitados, outra para transmissões de humano a humano.

Há um laboratório biológico perto da capital dela em Samarcanda. Mas o interessante é que Enrico Vincenti tem outro laboratório logo do outro lado da fronteira, na China. O qual Zovastina gosta de visitar.

— Motivo pelo qual você queria uma pesquisa de campo sobre Vincenti?

Davis assentiu.

— Vale a pena conhecer o inimigo.

— A CIA está cultivando informações secretas dentro da Federação - disse Daniels, balançando a cabeça. — Avanço difícil. E confuso. Mas estamos obtendo algum progresso.

Ainda assim, ela detectou algo:

— Vocês têm uma fonte de informações?

— Se quiser chamar assim - disse o presidente. — Tenho minhas dúvidas. Zovastina é um problema em muitos níveis.

Ela entendia o dilema dele. Numa região do mundo onde os americanos tinham poucos amigos, Zovastina havia declarado abertamente ser um deles. Havia ajudado muitas vezes com obtenção de informações secundárias que frustraram atividades terroristas no Afeganistão e no Iraque. Por necessidade, os Estados Unidos forneceram-lhe dinheiro, apoio militar e equipamentos sofisticados, o que foi um risco.

— Conhece a história do homem que dirigia pela estrada e viu uma cobra no meio da pista?

Stephanie sorriu: mais uma das famosas histórias de Daniels.

— O cara parou e viu que a cobra estava ferida. Então, levou o animal para casa e cuidou dele até ficar bom. Quando a cobra se recuperou, ele abriu a porta da casa e deixou-a sair. Mas enquanto rastejava para fora, picou sua perna. Pouco antes de ficar inconsciente pelo veneno, ele gritou para a cobra: "Eu a acolhi, alimentei, tratei as feridas e você me paga com uma mordida?" A cobra parou e disse: "Tudo verdade. Mas as quando fez isso, sabia que eu era uma cobra." Ela entendeu a mensagem.

— Zovastina - disse o presidente - está tramando algo, e isso envolve Enrico Vincenti. Não gosto de guerras biológicas. O mundo as banuiu há mais de trinta anos.

E essa forma é a pior. Ela está planejando algo terrível, e essa Liga Veneziana, da qual ela e Vincenti são membros, está lá, ajudando-a. Felizmente, ela ainda não agiu. Mas temos motivos para acreditar que pode começar logo. Os idiotas que a cercam, no que vagamente podem ser chamadas de nações, não têm noção do que está acontecendo.

Ocupados e preocupados demais com Israel e conosco. Irina está usando essa estupidez em benefício próprio. Ela pensa que eu sou burro também. Chegou a hora de mostrar que sabemos dos seus planos.

— Seria preferível ficarmos nas sombras um pouco mais - disse Davis

— Mas o fato de dois agentes do Serviço Secreto terem matado seus guarda com certeza disparou o alarme.

— O que você quer que eu faça?

Daniels bocejou, e ela conteve o próprio bocejo. O presidente abanou a mão.

— Deixe disso. Nossa, está de madrugada. Não ligue para mim. Pode bocejar. Você vai poder dormir no avião.

— Para onde vou?

— Veneza. Se Maomé não vem à montanha, então, por Deus levaremos a montanha até ele.

VENEZA

8H

Vincenti entrou no salão principal de seu *palazzo* e preparou-se. Normalmente, não se preocupava com esse tipo de apresentação. A final, a Philogen Pharmaceutique contava com um setor de marketing e um departamento de vendas abrangente, com centenas de empregados. Aquilo, no entanto, era algo especial, algo que exigia apenas sua presença, então programou uma apresentação privada em sua casa.

Notou que a agência de publicidade externa, com sede em Milão, parecia não querer correr riscos. Quatro representantes, três mulheres e um homem, uma delas vice-presidente sênior, foram enviados para atualizá-lo.

— Damaris Corrigan — disse a vice-presidente em inglês apresentando a si mesma e seus três sócios. Era uma mulher atraente, de 50 e poucos anos, e usava um terno azul-marinho de risca de giz.

Ao lado, a fumaça do café saía de uma cafeteira de prata. Ele aproximou-se e encheu uma xícara.

— Não podemos deixar de nos perguntar — disse Corrigan — se algo está prestes a acontecer?

Ele abriu o paletó e se acomodou numa cadeira estofada.

— Como assim?

— Quando fomos contratados há seis meses, você queria sugestões sobre como comercializar uma possível cura para o HIV. Então, nos perguntamos se a Philogen estava prestes a divulgar algo. Agora, que nos pede para ver o que temos, achamos que talvez tivesse havido uma descoberta.

Ele parabenizou a si mesmo em silêncio.

— Acho que você usou a palavra que está em vigor. Possível. Certamente, é a nossa esperança sermos os primeiros a encontrar uma cura. Estamos gastando milhões em pesquisa. Mas se fosse feita uma descoberta, e nunca se sabe quando isso ocorrerá, não quero ter que ficar esperando meses por um planejamento de marketing eficiente.

— Fez uma pausa. — Não. Nada até agora, mas um pouco de prontidão é bom.

Sua convidada aceitou a explicação com um aceno de cabeça, depois desfilou até um cavalete. Ele lançou um olhar para uma das mulheres sentadas ao seu lado. Uma morena com um belo corpo, não mais de 30, 35

anos, usando uma saia de lã justa. Ficou pensando se era a gerente de contas ou apenas decoração.

— Fiz leituras fascinantes nas últimas semanas — disse Corrigan. — O HIV parece ter dupla personalidade, dependendo da parte do globo que se estuda.

— Essa observação tem um fundo de verdade — Vincenti confirmou — Aqui e em lugares como a América do Norte, a doença está razoavelmente controlada. Não é mais uma das causas principais de mortes. As pessoas simplesmente convivem com ela. Drogas sintomáticas reduziram a taxa de mortalidade para menos da metade. Mas na África e na Ásia a história é outra. No mundo todo, ano passado, três milhões morreram por causa do HIV.

— E foi o que fizemos primeiro — disse ela. — Identificamos nosso mercado de projeção.

Ela dobrou a folha em branco no bloco preso ao cavalete, revelando uma tabela.

— Esses números representam as últimas ocorrências das infecções de HIV no mundo todo.

REGIÕES	NÚMEROS
América do Norte	1.011.000
Europa Ocidental	988.000
Oceania	22.000
América Latina	1.599.000
África Subsaariana	20.778.000
Caribe	536.000
Europa Oriental	2.000
Sudeste Mediterrâneo	893.000
Nordeste Asiático	6.000
Sudeste Asiático	<u>11.277.000</u>
TOTAL	37.112.000

— Qual é a fonte de informação? — perguntou Vincenti.

— Organização Mundial de Saúde. E isso representa o mercado presente total disponível para qualquer cura. — Corrigan virou a página. — Essa tabela mostra com mais exatidão o mercado disponível. Como pode ver, os dados mostram que cerca de um quarto das infecções por HIV mundiais já resultaram numa manifestação da síndrome de imunodeficiência adquirida. Nove milhões de indivíduos infectados com o HIV agora têm Aids em estado desenvolvido.

REGIÕES	NÚMEROS
América do Norte	555.000
Europa Ocidental	320.500
Oceania	14.000
América Latina	573.500

África Subsaariana	6.300.000
Caribe	160.500
Europa Oriental	10.800
Sudeste Mediterrâneo	15.000
Nordeste Asiático	17.600
Sudeste Asiático	1.340.000
TOTAL	9.306.900

Corrigan mostrou a tabela seguinte.

— Esta indica as projeções para daqui a cinco anos. Mais uma vez, as informações são da Organização Mundial de Saúde.

REGIÕES	ESTIMADO
América do Norte	8.150.000
Europa Ocidental	2.331.000
Oceania	45.000
América Latina	8.554.000
África Subsaariana	33.609.000
Caribe	6.962.000
Europa Oriental	20.000
Sudeste Mediterrâneo	3.532.000
Nordeste Asiático	486.000
Sudeste Asiático	45.059.000
TOTAL	108.748.000

— Impressionante. Poderíamos ter, em breve, 110 milhões de pessoas infectadas, no mundo, com o HIV. As estatísticas atuais indicam que 50 por cento desses indivíduos acabarão desenvolvendo Aids. Quarenta por cento desses 50 por cento estarão mortos em dois anos. É claro que a grande maioria será na África e da Ásia. — Corrigan balançou a cabeça. — Um mercado e tanto, não é?

Vincenti digeriu os números. Usando uma média de 70 milhões de casos de HIV, até mesmo com tratamentos a moderados 5 mil euros por ano, qualquer cura geraria inicialmente 350 bilhões de euros. É verdade, uma vez que a população inicial fosse curada, o mercado encolheria. Mas e daí? O dinheiro estaria ganho. Mais do que qualquer um poderia gastar durante uma vida inteira. Depois, certamente haveria novas infecções e mais vendas, não os bilhões que a campanha inicial geraria, mas, ainda assim, uma onda contínua de bons negócios.

— Nossa próxima análise envolve um exame da concorrência. Pelo que pudemos ficar sabendo através da OMS, cerca de 16 drogas estão sendo usadas globalmente, agora, para tratamento sintomático da Aids. Há cerca de uma dúzia de jogadores neste jogo. As vendas de seus remédios foram de um pouco mais de 1 bilhão de euros no ano passado.

A Philogen possuía patentes para seis medicamentos que, quando usados em combinação com outros, demonstraram-se eficientes para conter

o vírus. Embora fossem necessárias, em média, cinquenta pílulas por dia, a chamada terapia de coquetel era a única coisa que realmente funcionava. Não uma cura, a avalanche de medicamentos simplesmente confundia o vírus, e era apenas uma questão de tempo até que a natureza passasse a perna nos microbiólogos. Variedades de HIV resistentes aos remédios já haviam surgido na Ásia e na China.

— Demos uma olhada nos tratamentos combinados — disse Corrigan — Um regime de três drogas custa, em média, cerca de 20 mil euros por ano. Mas essa forma de tratamento é basicamente um luxo ocidental. Inexistente na África e na Ásia. A Philogen doa medicamentos, a custos reduzidos, para alguns dos governos afetados, mas tratar esses pacientes de forma apropriada custaria bilhões de euros anuais, dinheiro que nenhum governo africano tem para gastar.

O próprio pessoal de marketing dele já dissera o mesmo. O tratamento realmente não era uma opção para o devastado Terceiro Mundo. Interromper a disseminação do HIV era o único método com boa relação custo/benefício para atacar a crise. A camisinha foi a escolha inicial, e uma das subsidiárias da Philogen tinha dificuldade em atender à demanda. As vendas haviam aumentado aos milhares por cento ao longo das duas últimas décadas.

Assim como os lucros. Mas, recentemente, o uso de camisinhas estava diminuindo. As pessoas estavam se tornando complacentes. Corrigan dizia:

— De acordo com sua própria propaganda, um de seus concorrentes, Kellwood-Lafarge, gastou mais de 100 milhões de euros em pesquisas de cura para a Aids só no ano passado. Você gastou mais ou menos um terço disso.

Ele deu um sorriso afetado para a mulher.

— Concorrer com a Kellwood-Lafarge é comparável a pescar baleia com vara e anzol. É o maior conglomerado da indústria farmacêutica no planeta. Difícil se equiparar a alguém, euro por euro, quando o outro tem um rendimento bruto anual de mais de 100 bilhões de euros.

Vincenti bebeu seu café, enquanto Corrigan mostrava uma tabela em branco.

— Deixando tudo isso de lado, vamos dar uma olhada nas ideias para produtos. O nome para qualquer tipo de cura, é claro, é crucial. Atualmente, das 16 drogas sintomáticas no mercado, as designações variam. Coisas como Bactrim, Diflucan, Intron, Pentam, Videz, Crixivan, Hivid, Retrovir. Devido ao uso mundial que qualquer droga terá, achamos que uma designação mais simples, mais universal, como a AZT utilizou, pode ser melhor do ponto de vista do marketing. Pelo que nos disseram, a Philogen possui agora oito curas possíveis em desenvolvimento. — Corrigan passou para a tabela seguinte, que mostrava conceitos de embalagens. — Não temos como saber se a cura será sólida ou líquida, tomada por via oral ou injeção, então, criamos variações, mantendo as cores no seu tema preto e dourado.

Ele examinou as propostas. Ela apontou para o cavalete.

— Deixamos um espaço em branco para o nome, que será inserido em

letras douradas. Ainda estamos desenvolvendo isso. O importante neste planejamento é que nem mesmo o nome pode ser traduzido para uma língua em particular. A embalagem será característica o suficiente para proporcionar o reconhecimento imediato.

Ele estava satisfeito, mas achou melhor conter o sorriso.

— Tenho um nome possível. Algo que está se formando em minha cabeça.

Corrigan pareceu interessada.

Ele se levantou, foi até o cavalete, abriu uma caneta e escreveu ZH.

Notou um olhar de perplexidade no rosto de todos.

— Zeta. Eta. Grego antigo. Significava "vida" — traduziu ele. Corrigan assentiu.

— Apropriado. Ele concordou.

ILHA DE VOZROZHDENIYA
FEDERAÇÃO DA ÁSIA CENTRAL
13H

Zovastina estava emocionada com a multidão. Sua equipe prometera que viriam 5 mil. Em vez disso, seu secretário de viagens disse no helicóptero, a noroeste de Samarcanda, que mais de 20 mil pessoas aguardavam sua chegada. Mais uma prova, disseram-lhe, de sua popularidade. Agora, vendo a agitação indicativa de prestígio, perfeita para as câmeras de televisão voltadas para o palanque, não podia deixar de sentir-se satisfeita.

— Olhem à sua volta — disse ao microfone. — O que conseguimos conquistar quando temos a mente e o coração funcionando em uníssono. — Ela hesitou por um momento para causar efeito, e fez um movimento visível. — Kantubek renascida.

A multidão, densa como um formigueiro, expressou seu entusiasmo com os gritos que ela se acostumara a ouvir.

A ilha de Vozrozhdeniya ficava no centro do mar de Aral, uma vastidão remota que um dia abrigou o Grupo de Guerra Microbiológica da União Soviética, e também proporcionou um exemplo trágico da exploração da Ásia por seus antigos donos. Foi ali que germes de antraz e bacilos de peste foram desenvolvidos e armazenados. Após a queda do governo comunista, em 1991, a equipe do laboratório abandonou a ilha e os contêineres com os germes mortais que, ao longo da década seguinte, desenvolveram vazamentos. O desastre biológico potencial foi combinado à vazante do mar de Aral. Alimentado pelo amplo Amu Darya, o extraordinário lago que foi um dia compartilhado entre o Cazaquistão e o Uzbequistão. Mas quando os soviéticos alteraram o curso do Darya e desviaram o fluxo do rio para um canal de 1.200 quilômetros de comprimento — água usada para o cultivo de algodão nos moinhos dos sovietses — o mar interno, que um dia foi um dos maiores corpos de água doce do mundo, começou a desaparecer, substituído por um deserto incapaz de sustentar vida.

Mas ela havia mudado tudo isso. O canal não existia mais, o rio fora recuperado. A maioria de seus pares parecia condenada a ser uma cópia de seus conquistadores, mas seu cérebro não fora atrofiado pela vodca. Ela sempre cuidou do prêmio e aprendeu a assumir e manter o poder.

— Duzentas toneladas de antraz comunista foram neutralizadas aqui — disse à multidão. — Cada partícula do veneno se foi. E fizemos os soviéticos pagarem por isso.

O povo urrou em aprovação.

— Deixem-me contar algo a vocês. Uma vez que nos libertamos das garras asfixiantes de Moscou, tiveram a audácia de dizer que lhes devíamos dinheiro. — Ela ergueu os braços. — Podem imaginar? Pilharam nossa terra. Destruíram nosso mar. Envenenaram nosso solo com seus germes. E nós lhe devemos dinheiro? — Viu milhares de cabeça balançarem. — Foi exatamente o que eu disse também. Não.

Esquadrinhou os rostos que a olhavam, todos banhados pela forte luz do sol do meio-dia.

— Então, fizemos os soviéticos pagarem para limpar a própria sujeira. E fechamos seu canal, que sugava a vida de nosso mar antigo.

Irina nunca usava o singular "eu". Sempre "nós".

— Muitos de vocês, com certeza, lembram-se, como eu, dos tigres, javalis e aves aquáticas que cresciam no delta do Amu Darya. Os milhões de peixes que enchiam o mar de Aral. Nossos cientistas sabem que 178 espécies um dia viveram aqui. Agora restam apenas 38. O progresso soviético. — Balançou a cabeça. — As virtudes do comunismo.

— Deu um sorriso afetado. — Criminosos. É o que eram. Criminosos simples e ordinários.

O canal havia sido um fracasso não apenas ambiental, mas também estrutural. Vazamentos e inundações eram comuns. Como os próprios soviéticos, que pouco se importavam com eficiência, o canal perdeu mais água do que chegou a fornecer. À medida que o mar de Aral secava, a ilha de Vozrozhdeniya tornava-se uma península, ligada à costa, e crescia o medo de que os mamíferos e répteis carregassem as toxinas biológicas mortais. Isso acabou. A terra estava limpa. Conforme declaração da equipe de inspeção das Nações Unidas, que classificou como extremamente hábil o esforço realizado.

Ela ergueu o punho.

— E dissemos àqueles criminosos soviéticos que, se pudessemos, condenaríamos todos eles às nossas prisões.

O povo aprovou com mais gritos.

— Esta cidade de Kantubek, onde estamos, aqui na praça central, ressurgiu das cinzas. Os soviéticos a reduziram a entulho. Agora, cidadãos livres da Federação moram aqui em paz e harmonia, numa ilha que também renasceu. O próprio Aral está voltando, o nível de suas águas subindo a cada ano, o deserto artificial mais uma vez transformando-se em solo oceânico. Isso é um exemplo do que somos capazes de conquistar. Nossa terra. Nossa água. — Ela hesitou. — Nossa herança.

A multidão explodiu.

A ministra encarou demoradamente os rostos, absorvendo a expectativa que sua mensagem parecia provocar. Adorava estar no meio do povo. E eles a adoravam. Conquistar o poder era uma coisa. Mantê-lo era

bem diferente.

E ela pretendia mantê-lo.

— Meus concidadãos, saibam que podemos fazer qualquer coisa se estivermos determinados. Quantos pelo mundo declararam que não poderíamos nos consolidar? Quantos disseram que havíamos nos separado graças à guerra civil? Quantos afirmaram que éramos incapazes de nos governar sozinhos. Duas vezes realizamos eleições nacionais.

Livres e abertas, com muitos candidatos. Ninguém pode dizer que qualquer um dos dois pleitos tenha sido injusto. — Ela fez uma pausa. — Temos uma constituição que garante os direitos humanos, assim como a liberdade intelectual, política e pessoal.

Ela sentia prazer com o momento. A reabertura da ilha de Vozrozhdeniya era certamente um evento que exigia sua presença. A TV da Federação e mais três novos canais de transmissão independentes que ela autorizara para membros da Liga Veneziana espalhavam sua mensagem pela nação. Os donos dos novos canais haviam prometido, em sigilo, o controle sobre o que produzissem, como parte da camaradagem que os membros da Liga usufruíam, e ela ficava contente com a presença deles. Seria difícil alegar que ela controlava a mídia, quando, de acordo com todas as aparências e provas, ela não controlava.

Irina olhou para a cidade reconstruída, seus prédios de pedra e tijolo construídos no estilo de um século atrás. Kantubek poderia voltar a ser povoada. O Ministério do Interior informara que 10 mil fizeram pedidos de concessão de terra na ilha, mais um indício da confiança do povo depositada nela, uma vez que tantos estavam dispostos a viver onde há apenas vinte anos nada teria sobrevivido.

— A estabilidade é a base de tudo — clamou ela.

Sua frase de efeito, repetida ao longo dos últimos 15 anos.

— Hoje, batizamos esta terra em nome do povo da Federação Asiática Central. Que a nossa união dure para sempre.

Afastou-se do púlpito, enquanto a multidão aplaudia.

Três seguranças formaram uma barreira e a escoltaram na saída do palanque. O helicóptero esperava, assim como o avião que a levaria para o oeste, para Veneza, onde as respostas a tantas perguntas aguardavam.

VENEZA

14H

Malone permaneceu em pé ao lado de Cassiopeia, enquanto ela pilotava a lancha na lagoa. Eles haviam seguido direto de avião de Copenhague, e pousaram no aeroporto Marco Polo uma hora antes. Ela visitara Veneza muitas vezes em missões para a Magellan Billet. Era um território conhecido, vasto e isolado, mas o centro permanecia compacto, com cerca de 3 quilômetros de comprimento e 1,5 de largura — e teve a esperteza para conseguir manter o mundo a distância durante séculos.

A proa da lancha apontava para o nordeste, para longe do centro, fazendo-os passar do polo de fabricação de vidros de Murano, direto para Torcello, um dos muitos trechos de terra que se espalhavam pela lagoa veneziana.

Alugaram a lancha perto do aeroporto, uma embarcação aerodinâmica de madeira com cabines fechadas da proa à popa. Os motores ágeis faziam o casco deslizar pelas vagas encrespadas, transformando a água verde em uma espuma viscosa.

Durante o café da manhã, Cassiopeia contara-lhe sobre o último medalhão de elefante. Ela e Thorvaldsen mapearam os roubos pela Europa notando desde o início que as decadracmas em Veneza e Samarcanda pareciam estar sendo ignoradas. Por esse motivo, tinham quase certeza de que o medalhão de Copenhague seria o próximo. Depois que o quarto foi roubado de uma coleção particular na França três semanas antes, ela e Thorvaldsen esperaram pacientemente.

— Eles não deixaram o medalhão de Veneza por último à toa — disse-lhe Cassiopeia por cima do ruído dos motores. Um dos ônibus aquáticos da cidade passou no sentido oposto, fazendo um barulho contínuo do escape do motor. — Acho que você gostaria de saber por quê.

— A pergunta me passou pela cabeça, sim.

— Ely acreditava que o corpo de Alexandre, o Grande, poderia estar dentro do túmulo de São Marcos.

Ideia interessante. Diferente. Doida.

— Longa história — disse ela —, mas é possível que estivesse certo. Supõe-se que o corpo na basílica de São Marcos seja o de uma múmia de 2 mil anos. São Marcos foi mumificado em Alexandria, depois que morreu no primeiro século da era cristã. Alexandre é trezentos anos mais velho e foi

mumificado também. Mas no século IV, quando Alexandre desapareceu do túmulo, os restos mortais de Marcos surgiram de repente em Alexandria.

— Imagino que você tenha mais provas que isso.

— Irina Zovastina tem uma obsessão por Alexandre. Ely me contou tudo sobre isso. Ela tem um acervo particular de arte grega, uma vasta biblioteca e é especialista em Homero e na Ilíada. Agora, está enviando suas seguranças para buscarem os medalhões de elefante sem deixar vestígios. E a moeda de Samarcanda permanece completamente ilesa. — Ela balançou a cabeça. — Esperavam que esse roubo fosse o último, assim estariam perto da basílica de São Marcos.

— Já estive dentro dessa basílica — disse ele. — O sarcófago do santo está sob o altar principal, que pesa toneladas. Seriam necessários elevadores hidráulicos e muito tempo para entrar lá. O que é impossível, considerando-se que a basílica é a principal atração turística da cidade.

— Não sei como pretende fazer isso, mas estou convencida de que ela vai tentar abrir aquele túmulo.

Mas antes, ele pensou, parece que eles precisariam do sétimo medalhão.

Afastou-se do leme, descendo três degraus até a cabine dianteira, decorada com cortinas de borlas, assentos bordados e mogno lustroso. Decorada para aluguel. Ele comprara um guia de Veneza no aeroporto e decidiu ler o que desse sobre Torcello.

Os romanos começaram a ocupação da minúscula ilha nos séculos V e VI. Depois, no século VIII, moradores do continente fugiram de invasores lombardos e hunos e reocuparam a ilha. Depois de 1500, 20 mil pessoas viviam numa colônia próspera entre igrejas, conventos, palácios, mercados e um movimentado centro de embarque. Os mercadores que roubaram o corpo de São Marcos em Alexandria, em 828, eram cidadãos de Torcello. O guia mencionava a cidade como o lugar onde "os romanos encontraram Bizâncio pela primeira vez". Um divisor de águas. A oeste ficava o Conselho Legislativo. A leste, o Taj Mahal. Depois, a febre infecciosa, a malária e o lodo que entupia seus canais a levaram ao declínio. Seus cidadãos mais ativos se mudaram para a região central de Veneza. As casas dos mercadores ficaram abandonadas. Todos os palácios foram esquecidos. Construtores de outras ilhas acabaram vasculhando os escombros em busca da pedra certa ou cornija esculpida, e tudo foi desaparecendo aos poucos.

O pântano dominou a área e agora, menos de sessenta pessoas moravam lá, em poucas casas.

Ele olhou pela janela dianteira e avistou uma única torre de tijolos vermelhos — antiga, orgulhosa e solitária — esticando-se para o céu. Uma foto no guia correspondia à paisagem. Ele ficou sabendo que a torre do sino ficava ao lado da última pretensão de fama de Torcello: a Basílica di Santa Maria Assunta, construída no século XVII, o mais antigo local de culto de Veneza. Ao lado dela, de acordo com o guia, ficava uma igreja baixa em formato de cruz grega, erguida seiscentos anos depois. Santa Fosca.

A força dos motores diminuiu quando Cassiopeia baixou o acelerador e

a lancha foi se acomodando na água. Ele subiu de volta até onde ela estava, diante do leme.

À frente, avistou faixas estreitas de bancos de areia ocre mascarados por juncos, bambus e ciprestes retorcidos. A velocidade da lancha foi reduzida, e eles entraram em um canal lamacento. Os molhes tinham, de um lado, campos cobertos de vegetação e, do outro, um caminho pavimentado. À esquerda deles, um ônibus aquático da cidade aguardava a entrada de passageiros no único terminal de transporte público da ilha.

— Torcello — disse ela. — Tomara que nós tenhamos chegado primeiro.

..*

Viktor desceu do *vaporetto*, e Rafael veio atrás.

O ônibus aquático levava os dois de San Marco a Torcello numa viagem lenta e ruidosa pela lagoa veneziana. Ele escolheu o transporte público por ser o modo mais discreto de fazer o reconhecimento do alvo da noite.

Seguiram um grupo de turistas armados com câmeras que iam na direção das duas igrejas famosas da ilha, uma rua que parecia uma calçada ao lado de um canal vagaroso.

O caminho terminava próximo a um amontoado de prédios baixos de pedra que acomodavam poucos restaurantes, algumas lojas para turistas e um trecho de terra minúsculo que sustentava plantações de alcachofra e algumas residências pomposas. Duas igrejas e um restaurante eram o motivo da sua fama.

Tinham voado de Hamburgo, com escala em Munique. Depois dali voltariam para a Federação, para casa, tendo concluído sua pilhagem pela Europa. De acordo com as ordens da ministra suprema, Viktor precisava obter o sétimo medalhão antes da meia-noite, uma vez que era esperado na basílica de São Marcos à 1 hora.

Zovastina ir a Veneza era algo extremamente incomum.

O que quer que ela estivesse prevenido parecia ter começado.

Mas pelo menos este roubo deveria ser fácil.

..*

Malone olhou para a elegância arquitetônica da torre do sino, uma massa de tijolos e mármore encaixados de forma engenhosa por meio de pilastras e arcos. Quarenta e cinco metros de altura, como um talismã no deserto. O caminho para o topo, sobre rampas que subiam sinuosas ao longo das paredes externas, o fez lembrar da Torre Redonda de Copenhague. Ele pagaram os 6 euros de entrada e subiram para estudar a ilha a partir do ponto mais alto.

Ele parou ao lado de uma parede na altura do peito e olhou através dos arcos abertos, notando como a terra e a água pareciam perseguir uma à outra num abraço apertado.

Garças brancas subiam da grama do pântano para o céu. Pomares e

campos de alcachofra apareciam indistintos. O cenário melancólico lembrava uma cidade fantasma do Oeste americano.

Abaixo ficava a basílica. Não parecia confortável ou acolhedora, uma aparência de celeiro improvisado, como se estivesse inacabada. Malone lera no guia que fora construída às pressas por homens que achavam que o mundo acabaria no ano 1000.

— É uma ótima alegoria — disse Cassiopeia. — Uma catedral bizantina bem ao lado de uma igreja grega. Oriente e Ocidente lado a lado. Assim como Veneza.

Em frente às duas igrejas havia uma *piazzetta* coberta de grama. Um dia o centro de vida da cidade, agora, nada além do gramado de uma aldeia. Trilhas empoeiradas estendiam-se para fora, algumas iam dar num segundo canal, outras serpenteavam até fazendas distantes. Dois outros prédios de pedra ficavam de frente para a *piazzetta*, ambos pequenos, talvez 12 metros de altura e 6 de largura, dois andares, com telhado triangular. Juntos, compreendiam o Museo di Torcello. O guia indicava que um dia haviam sido palácios, ocupados séculos atrás por mercadores ricos, mas agora pertenciam ao governo.

Cassiopeia apontou para o prédio da esquerda.

— O medalhão está lá dentro, no segundo andar. Não chega a ser um grande museu. Fragmentos de mosaicos, capiteis, alguns quadros, livros e moedas. Artefatos gregos, romanos e egípcios.

Ele a encarou. Ela continuou olhando para a ilha. Ao sul aparecia o contorno do centro de Veneza, campanários contra o céu que escurecia, sinal da aproximação de uma tempestade.

— O que estamos fazendo aqui?

Ela não respondeu de imediato. Ele estendeu a mão e a tocou no braço. Ela estremeceu ao contato, mas não resistiu. Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ele se perguntou se a atmosfera triste de Torcello fizera-a lembrar-se de coisas que deveriam ser esquecidas.

— Este lugar acabou — murmurou ela.

Estavam sozinhos no alto da torre, o silêncio ocioso interrompido apenas por sons de passos, vozes e risos dos que estavam subindo.

— Assim como Ely — disse ele.

— Sinto falta dele. — Ela mordeu o lábio.

Ele se perguntou se o ataque de sinceridade significava um aumento da confiança.

— Não há nada que você possa fazer.

— Eu não diria isso.

Ele não gostou de como as palavras soaram.

— O que você tem em mente?

Cassiopeia não respondeu, e ele não pressionou. Em vez disso, ficaram olhando para além do telhado das igrejas. Havia barracas de rendas, artigos de vidro e lembranças ao lado do caminho curto que ia da aldeia até o gramado da praça. Um grupo de visitantes seguia na direção das igrejas. Entre eles, Malone avistou um rosto conhecido.

Viktor.

— Também o estou vendo — disse Cassiopeia. As pessoas chegaram ao topo do campanário.

— O outro homem é o que rasgou os pneus do carro — disse ela. Viram os dois seguirem direto para o museu.

— Precisamos descer daqui — disse ele. — Eles podem decidir verificar o resto da ilha também. Lembre que pensam que nós morremos.

— Como este lugar — murmurou ela.

VENEZA

15H

Stephanie saiu do táxi aquático e abriu caminho pelas ruas estreitas e cheias. Pedira informação no hotel e os estava seguindo do melhor modo que podia, mas Veneza era um vasto labirinto. Estava no meio do bairro de Dorsoduro, uma área silenciosa e pitoresca há muito tempo associada a riqueza, seguindo por vias movimentadas que pareciam becos no meio da agitação do comércio.

À frente, avistou o palacete. Rigidamente simétrica, emanando um ar de superioridade perdida, sua beleza originava-se do contraste agradável dos muros de tijolos vermelhos com as veias de trepadeiras verde-esmeralda, realçado por acabamentos de mármore.

Atravessou um portão de ferro forjado e anunciou sua presença com uma batida na porta da frente. Uma senhora com uma expressão graciosa, vestindo uniforme de empregada, atendeu.

— Estou aqui para falar com o senhor Vincenti — disse Stephanie. — Diga-lhe que trago cumprimentos do presidente Danny Daniels.

A mulher examinou-a com um olhar curioso, e ela ficou imaginando se o nome do presidente dos Estados Unidos lhe era familiar. Então, para garantir, entregou à empregada um pedaço de papel dobrado.

— Entregue isso a ele.

A mulher hesitou e fechou a porta.

Stephanie esperou.

Dois minutos depois, a porta se abriu novamente.

Uma abertura maior desta vez.

E ela foi convidada a entrar.

— Apresentação fascinante — Vincenti disse.

Sentaram-se numa sala retangular sob um teto dourado, a elegância do cômodo realçada pelo brilho opaco da laça que certamente cobria os móveis há séculos. Ela aspirou o odor abafado de umidade e pensou ter detectado o cheiro de gatos misturado com fragrância de lustra-móveis de limão.

O anfitrião mostrou o bilhete.

— "O presidente dos Estados Unidos me enviou." Uma declaração tão importante. — Parecia satisfeito com a percepção de sua importância.

— O senhor é um homem interessante, Sr. Vincenti. Nascido no interior de Nova York. Cidadão americano. August Rothman. — El

balançou a cabeça. — Enrico Vincenti?

Mudou de nome. Fico curiosa. Por quê?

Ele deu de ombros.

— É tudo uma questão de imagem.

— Realmente soa mais... — hesitou — europeu.

— Na verdade, pensei muito até chegar a esse nome. Enrico veio de Enrico Dandolo, 39º doge de Veneza, no século XII. Liderou a Quarta Cruzada que conquistou Constantinopla e encerrou o Império Bizantino. Um homem e tanto. Lendário, pode-se dizer.

— Vincenti tirei de outro veneziano do século XII. Um nobre e monge beneditino. Quando sua família inteira foi eliminada no mar Egeu, fez o pedido e recebeu permissão para dispensar os votos monásticos. Casou-se e fundou cinco novas linhagens de sua família a partir dos filhos. Bastante ativo. Admirei sua flexibilidade.

— Então, o senhor se tornou Enrico Vincenti. Aristocracia veneziana.

Ele assentiu.

— Ficou ótimo, não?

— Quer que eu continue dizendo o que sei?

— Sim.

— Tem 60 anos. Bacharel em biologia pela Universidade da Carolina do Norte. Mestrado pela Universidade de Duke. Doutorado em virologia pela Universidade da Ânglia Oriental, Centro John Innes, Inglaterra. Foi convocado para lá por uma empresa farmacêutica com ligações com o governo iraquiano. Trabalhou para os iraquianos antes, no programa inicial de armas biológicas, logo depois que Saddam assumiu o poder em 1979. Em Salman Pak, norte de Bagdá, administrado pelo Centro Técnico de Pesquisas, que cuidava da busca por germes. Embora o Iraque tenha assinado a Convenção sobre Armas Biológicas em 1972, Saddam nunca a ratificou. O senhor ficou com eles até 1990, logo antes da merda que virou a Guerra do Golfo para os iraquianos. Foi quando fecharam tudo e o senhor caiu fora.

— Tudo correto, Srta. Nelle, ou posso chamá-la de Stephanie?

— Como preferir.

— OK, Stephanie, por que sou tão interessante para o presidente dos Estados Unidos?

— Eu não tinha terminado.

Ele gesticulou mais uma vez para que ela continuasse.

— Antraz, botulismo, cólera, peste, ricina, salmonela, até varíola... o senhor e seus colegas mexeram com tudo isso.

— Seu pessoal em Washington ainda não descobriu que isso foi tudo ficção?

— Talvez em 2003, quando Bush invadiu o Iraque, mas com toda certeza do mundo não em 1990. Naquela época, era realidade. Goste especialmente da doença de camelo.

Vocês, imbecis, acharam que fosse a arma perfeita. Mais segura que varíola para o manuseio em laboratório, mas uma grande arma étnica, uma

vez que os iraquianos eram imunes de maneira geral, graças a todos os camelos que manusearam ao longo dos séculos. Mas para os ocidentais e israelenses, uma questão totalmente diferente. Uma zoonose fatal.

— Mais ficção — disse Vincenti, e ela se perguntou quantas vezes ele pronunciaria a mesma mentira com igual convicção.

— Muitos documentos, fotos e testemunhas para fazer essa farsa vingar — disse ela. — Foi por isso que vocês sumiram do Iraque, depois de 1990.

— Fale sério, Stephanie, ninguém nos anos 1980 achou que a guerra biológica fosse sequer uma arma de destruição em massa. Washington não estava nem aí. Saddam, pelo menos, viu o potencial.

— Agora, ficamos espertos. É uma ameaça e tanto. Na verdade, muitos acreditam que a primeira guerra biológica não será uma troca de cataclismos. Será um conflito regional de baixa intensidade. Um estado malévolos agindo contra seus vizinhos. Nenhuma globalidade moral e consensual se aplicará. Semelhante a guerra Irã/Iraque dos anos 1980, quando alguns dos seus bichos foram de fato usados em pessoas.

— Teoria interessante, mas não é um problema do seu presidente? Por que eu me importaria?

Ela decidiu mudar de rumo.

— Sua empresa, a Philogen Pharmaceutique, é uma grande história de sucesso. O senhor detém, pessoalmente, 2,4 milhões de ações do grupo, representando cerca de por cento da empresa, o maior acionista isolado. Um conglomerado impressionante. Ativos um pouco abaixo de 10 bilhões de euros, o que inclui subsidiárias inteiras que produzem cosméticos, produtos de higiene, sabonetes, comida congelada e uma cadeia de lojas de departamento europeia. O senhor comprou a empresa há 15 anos por praticamente nada...

— Estou certo de que sua pesquisa mostrou que ela estava quase falida na época.

— O que comprova a questão. Como e por que o senhor conseguiu comprá-la e salvá-la?

— Já ouviu falar em oferta pública inicial? As pessoas investiram.

— Na verdade, não. O senhor canalizou a maior parte do capital inicial para lá. Cerca de 40 milhões de dólares, pela nossa estimativa. Um pé de meia e tanto para quem trabalhou para um governo ardiloso.

— Os iraquianos foram generosos. Também tinham um plano de saúde magnífico e um sistema de aposentadoria maravilhoso.

— Muitos de vocês lucraram. Monitoramos muitos microbiólogos-chave então. Inclusive o senhor.

Vincenti pareceu notar a tensão na voz dela.

— Esta visita tem um objetivo?

— O senhor é um grande homem de negócios. De acordo com todos os relatos, um excelente empreendedor. Mas as finanças da sua corporação estão desequilibradas. Seus gastos estão excedendo todos os recursos que possui, ainda assim, continua avançando.

Edwin Davis a informara bem.

— Daniels está interessado em investir? O que resta, três anos de mandato? Diga-lhe que posso conseguir um lugar no meu conselho diretor para ele.

Ela pôs a mão no bolso e jogou-lhe um medalhão de elefante encapado. Ele segurou o objeto com uma rapidez surpreendente.

— Sabe o que é isso?

Ele examinou a decadracma.

— Parece um homem lutando contra um elefante. É um homem de pé, segurando uma lança. Infelizmente, História não é o meu forte.

— Germes são a sua especialidade. Ele a examinou com um olhar crítico.

— Quando os inspetores de armas da ONU o questionaram, após a primeira Guerra do Golfo, sobre o programa de armas biológicas do Iraque, o senhor disse que nada havia sido desenvolvido. Muita pesquisa, mas o empreendimento como um todo recebeu poucos fundos e foi mal administrado.

— Todas aquelas toxinas que mencionou? São volumosas, de difícil armazenamento, desajeitadas e quase impossíveis de controlar. Não são armas práticas. Eu estava certo.

— Homens espertos como o senhor conseguem resolver esses problemas.

— Não sou tão bom assim.

— Foi o que eu disse também, mas há quem discorde.

— Não deveria dar ouvido a eles. Ela ignorou a provocação.

— Três dias depois que o senhor saiu do Iraque, a Philoger Pharmaceutique estava em pleno funcionamento, e o senhor era membro da Liga Veneziana. — Ela olhou para ver se suas palavras causavam uma reação. — Tornar-se membro tem um preço. Bastante alto, eu soube.

— Não acredito que seja ilegal homens e mulheres apreciarem a companhia uns dos outros.

— Vocês não são o Rotary Club.

— Temos um propósito, membros selecionados, e uma dedicação à nossa missão. Igual a qualquer clube de serviços que conheço.

— Ainda não respondeu minha pergunta — ela observou. — Já viu uma moeda dessas antes?

Ele jogou a moeda de volta.

— Nunca.

Ela tentou interpretar aquele homem de circunferência imponente cujo rosto era tão enganoso quanto a voz. De tudo o que ficara sabendo, ele era um virologista medíocre com formação ordinária, que levava jeito para os negócios. Mas também podia ter sido o responsável pela morte de Naom Johns.

Hora de descobrir.

— O senhor não é tão esperto quanto pensa. Vincenti afastou uma mecha rebelde de seu cabelo fino.

— Isto está ficando cansativo.

— Se ela estiver morta, o senhor também está.

Ela esperou mais uma vez uma reação, e ele parecia estar se equilibrando entre o mínimo de verdade possível e o máximo de mentira que ela toleraria.

— Terminamos? — ele perguntou, ainda com uma máscara cordial de educação.

Ela se levantou.

— Na verdade, isso é só o começo. — Mostrou o medalhão. — Na face desta moeda, escondidas nas dobras da capa do guerreiro, há micro-letas. Impressionante que os antigos tivessem a capacidade de gravar desta forma. As letras eram como as marcas d'água. Dispositivos de segurança. Está possui duas. ZH. Zeta. Eta. Significa algo para o senhor?

— Nada.

Mas ela captou o momento em que seus olhos brilharam com interesse. Ou foi surpresa? Talvez até um nanossegundo de choque.

— Perguntei a alguns especialistas em grego antigo. Disseram que ZH significa vida. Interessante, não acha, que alguém tenha tido o trabalho de gravar letras minúsculas com tal mensagem, quando tão poucos na época eram capazes de lê-la. Lentes eram praticamente desconhecidas naquele tempo.

Ele deu de ombros.

— Isso não me interessa.

Vincenti esperou cinco minutos completos depois que a porta do palazzo se fechou. Sentou-se no salão e deixou o silêncio aliviar a ansiedade.

Só um farfalhar de asas engaioladas e o estalo do bico de seus canários perturbavam a tranquilidade. O palazzo pertenceu um dia a um *bon viveur* de gostos intelectuais que, séculos atrás, transformou-o num lugar central para a Sociedade Literária Veneziana. Outro dono aproveitou o Grand Canal e recebeu muitas procissões funerárias, utilizando a sala em que ele estava sentado como um teatro de autópsias e local de armazenagem de cadáveres. Depois, contrabandistas escolheram a casa para comércio de mercadorias, cercando os muros deliberadamente com inscrições de mau agouro para manter os curiosos a distância.

Ele sentiu saudade desses tempos.

Stephanie Nelle, empregada do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, supostamente enviada pelo presidente dos Estados Unidos, deixara-o aturdido.

Mas não por tudo que os americanos sabiam sobre seu passado — isso logo se tornaria irrelevante. E não pelo que poderia ter acontecido à agente enviada para espioná-lo — ela estava morta e enterrada, para nunca ser encontrada. Não. Seu estômago doía por causa das letras na moeda.

ZH.

Zeta. Eta.

Vida.

— Pode entrar agora — ele gritou.

Peter O'Conner entrou na sala à vontade, depois de ter escutado toda a conversa de um salão anexo. Um dos muitos gatos de Vincenti também correu para o salão principal.

— O que você acha? — perguntou Vincenti.

— Ela é uma mensageira que escolheu as palavras com cuidado.

— Aquele medalhão que ela me mostrou é exatamente o que Zovastina está querendo. Bate com a descrição que li ontem no material que você me deu no hotel. — Mas ele ainda não sabia por que as moedas eram tão importantes.

— Tem uma novidade, Zovastina está vindo para Veneza. Hoje.

— Em visita formal? Não fiquei sabendo de nada disso.

— Não é oficial. Chega e vai embora hoje à noite. Avião particular. Acordo especial, com o Vaticano, pela alfândega italiana. Uma fonte ligou e me disse.

Agora, ele sabia. Algo estava definitivamente acontecendo, e Zovastina estava alguns passos à frente dele.

— Precisamos saber quando ela chega e para onde vai.

— Já estou cuidando disso. Estaremos prontos. Para ele também era hora de agir.

— Estamos prontos em Samarcanda?

— É só dar a ordem.

Ele decidiu aproveitar-se da ausência do inimigo. Não fazia sentido esperar até o final de semana.

— Deixe o jato pronto. Vamos sair em menos de uma hora. Mas enquanto estivermos fora, certifique-se de que sabemos exatamente o que a ministra suprema está fazendo aqui.

O'Conner sinalizou que havia entendido. Agora, o que realmente incomodava.

— Mais uma coisa. Preciso enviar uma mensagem para Washington. Que seja perfeitamente compreendida. Mande matar Stephanie Nelle. Pegue aquele medalhão.

17H

Malone saboreava seu prato de massa de espinafre trançada com queijo e presunto. Viktor e seu grupo haviam deixado a ilha uma hora atrás, depois de passarem cerca de vinte minutos dentro do museu, depois examinando a área ao redor da basílica, especialmente o jardim que separava a igreja do Canale Borgognoni, um curso de água navegável que se estendia entre Torcello e a próxima ilha. Ele e Cassiopeia observaram de diferentes posições. Viktor pareceu não ter notado nada, com certeza concentrado na tarefa que tinha pela frente, confortável no anonimato.

Depois que Viktor e seu cúmplice partiram no ônibus aquático, ele e Cassiopeia retiraram-se para a aldeia. Um dos ambulantes que vendiam lembranças disse a eles que o restaurante, Locanda Cipriani, que existia ali há décadas, era considerado um dos mais famosos de Veneza. As pessoas chegavam de barco todas as noites para aproveitar o ambiente. Dentro, entre tetos de madeira, tijolos de terracota e baixos-relevos impressionantes, havia uma galeria de fotos — Hemingway, Picasso, Diana e Charles, rainha Elizabeth, Churchill, inúmeros atores e artistas — cada uma personalizada com uma mensagem de agradecimento.

Estavam sentados no jardim sob um caramanchão de rosas perfumadas à sombra das duas igrejas e do campanário, o oásis tranquilo emoldurado por romãzeiras em flor.

Ele tinha que admitir, a comida era excelente. Até Cassiopeia parecia estar com fome. Nenhum dos dois havia comido desde o café da manhã em Copenhague.

— Ele voltará antes de escurecer — ela disse calmamente.

— Mais uma fogueira?

— Parece que é o jeito deles, embora desnecessário. Ninguém sentirá falta daquela moeda.

Depois que Viktor saiu, eles arriscaram entrar no museu. Cassiopeia estava certa. Nada de mais ali. Bugigangas, fragmentos de colunas, capiteis, mosaicos e alguns quadros. No segundo andar, duas caixas frágeis com tampo de vidro expunham cacos de cerâmica, joias e utensílios domésticos antigos, todos supostamente encontrados em Torcello ou nas proximidades. O medalhão de elefante encontrava-se em uma das caixas, entre uma variedade de moedas. Malone notou que o prédio não possuía alarmes nem segurança. E a única funcionária, uma mulher corpulenta usando um

vestido branco e simples, parecia apenas preocupada que ninguém tirasse fotografias.

— Vou matar o filho da puta — resmungou Cassiopeia.

A declaração não o surpreendeu. Sentira sua raiva crescente na torre do sino.

— Acha que Irina Zovastina mandou matar Ely? Ela havia parado de comer.

— Alguma prova, além do fato de que a casa dele foi totalmente destruída pelo fogo?

— Foi Irina, eu sei.

— Na verdade, não sabe porcaria nenhuma.

Ela permaneceu imóvel. Além do jardim, o crepúsculo começava a se estabelecer.

— Sei o suficiente.

— Cassiopeia, você está tirando conclusões precipitadas. Concordo, o incêndio é suspeito, mas se foi ela, você precisa saber por quê.

— Quando Gary foi ameaçado, o que você fez?

— Peguei-o de volta. Ileso.

Ele viu que ela sabia que ele estava certo. Primeira regra de uma missão. Nunca perder de vista o objetivo.

— Não preciso do seu conselho.

— O que você precisa fazer é parar e pensar.

— Cotton, há mais coisas acontecendo aqui do que você percebe.

— Isso me deixa chocado.

— Vá pra casa. Me deixe.

— Não posso fazer isso.

Uma vibração no bolso da calça assustou-o. Pegou o celular, conferiu o número e disse a ela:

— É Henrik. — E atendeu.

— Cotton, o presidente Daniels acabou de ligar.

— Tenho certeza de que a conversa foi interessante.

— Stephanie está em Veneza. Foi enviada para falar com um homem chamado Enrico Vincenti. O presidente está preocupado. Perderam contato com ela.

— Por que ligar para você?

— Ele o estava procurando, embora eu tenha sentido que ele sabia que você já estava aqui.

— Não é difícil de checar, ainda mais que os passaportes foram escaneados no aeroporto. Desde que se saiba que país verificar.

— Parece que ele sabia o país certo.

— Por que Stephanie foi enviada para cá?

— Ele disse que Vincenti tem ligação com Irina Zovastina. Sei quem Vincenti. É problema. Daniels também me disse que outra agente está desaparecida há mais de um dia, e presume-se que esteja morta. Ele disse que você a conhecia. Naomi Johns.

Cotton fechou os olhos. Haviam entrado para a Magellan Billet junto

e trabalharam em dupla algumas vezes. Boa agente. Melhor amiga ainda. Esse era o problema de sua antiga profissão, as pessoas raramente eram demitidas. Ou você pedia demissão, aposentava-se ou morria. Fora a muitos velórios.

— Vincenti está envolvido nisso?

— Daniels acha que sim.

— Fale sobre Stephanie.

— Está hospedada no Montecarlo, um quarteirão ao norte e atrás da basílica de São Marcos, na *calle degli Specchieri*.

— Por que não usar o pessoal deles?

— Disse que Naomi Johns era a representante deles no caso. Não havia mais ninguém averiguando a situação. Esperava que eu pudesse entrar em contato com você para pedir que localizasse Stephanie. É possível?

— Vou cuidar disso.

— Como estão as coisas aí?

Ele olhou para Cassiopeia do outro lado da mesa.

— Nada boas.

— Diga a Cassiopeia que a encomenda dela estará aí em breve. Ele desligou e perguntou a ela:

— Você ligou para Henrik? Ela assentiu.

— Três horas atrás. Depois que localizamos os ladrões.

Eles tinham se separado para fazer o reconhecimento dos museus.

— Stephanie está em Veneza e pode estar em apuros — ele disse.

— Tenho que saber o que aconteceu com ela.

— Posso cuidar das coisas por aqui. Ele tinha dúvidas quanto a isso.

— Eles vão esperar para voltar depois que escurecer — ela disse.

— E u perguntei. Esta ilha fica deserta à noite, exceto pelas pessoas que vêm para jantar. O comércio fecha às 21 horas. O último ônibus aquático parte às 22 horas, quando todos vão embora.

O garçom entregou uma caixa prateada, envolvida por uma fita vermelha, junto com uma bolsa de pano comprida, com cerca de 90 centímetros e também com um laço de enfeite. Explicou que um táxi aquático entregara-as minutos atrás. Malone deu-lhe 2 euros de gorjeta.

Cassiopeia desembulhou a caixa, espiou e passou-a para ele. Dentro havia duas pistolas automáticas com dois pentes de reserva.

Ele fez um gesto para a bolsa.

— E isso?

— Uma surpresa para os nossos ladrões. Ele não gostou do que poderia supor.

— Verifique o que houve com Stephanie — ela disse. — Chegou a hora de Viktor ver um fantasma.

21H

Malone encontrou o hotel Montecarlo exatamente conforme as orientações de Thorvaldsen, escondido numa rua que parecia uma rodovia, repleta de lojas e cafés movimentados 300 metros ao norte da basílica. A briu passagem no meio da multidão densa da noite até uma fachada de vidro e entrou no saguão, onde um homem do Oriente Médio com uma camisa branca, gravata e calça preta aguardava atrás do balcão.

— Prego — disse Malone. — Inglês?

O homem sorriu e respondeu em inglês.

— Claro.

— Estou procurando Stephanie Nelle. Americana. Está hospedada aqui.

A expressão de reconhecimento surgiu de imediato, então ele perguntou:

— Qual é o quarto?

O homem olhou o porta-chaves atrás dele.

— O 210.

Malone seguiu na direção da escadaria de mármore.

— Mas ela não está lá.

Ele voltou.

— Saiu para a praça minutos atrás. Para tomar um *gelato*. Acabou de deixar a chave. — O recepcionista mostrou um pedaço de metal pesado com o número 210 gravado na lateral.

Como era diferente obter informações na Europa. Isso teria custado pelo menos 100 dólares no seu país. Ainda assim, nada daquilo parecia estar certo. Thorvaldsen disse que Washington havia perdido contato com Stephanie. Mas estava claro que ela esteve no hotel e, como todos os agentes da Magellan Billet, estava com um world phone.

Ainda assim, ela acabara de sair do hotel para tomar um sorvete?

— Alguma ideia de onde ela foi?

— Eu indiquei a ela o passeio. Em frente à basílica. Há boas iguarias por lá.

Ele também gostava de sorvete. Então, por que não? Poderiam tomar um, os dois.

Cassiopeia assumiu posição perto de onde o canal lamacento escoava para a lagoa, não muito longe do terminal de transporte público de Torcello. Se seus instintos estivessem certos, Viktor e seu grupo voltariam ali em algum momento nas próximas horas.

A escuridão encobria a ilha.

Apenas o restaurante em que comera com Malone permanecia aberto, mas ela sabia que fecharia em meia hora. Também verificara as duas igrejas e o museu. Estavam trancados, e todos os funcionários partiram no ônibus aquático que saía uma hora antes.

Através da névoa espessa que cobria a lagoa, avistou barcos navegando em todas as direções, confinados, ela sabia, a canais sinalizados que funcionavam como rodovias sobre a água rasa. O que estava prestes a fazer cruzaria uma fronteira moral que jamais rompera antes. Ela havia matado, mas apenas quando forçada. Isso era diferente. Seu sangue corria frio, o que a surpreendeu.

Mas devia isso a Ely.

Pensava nele todos os dias.

Especialmente no tempo que passaram nas montanhas.

Ela olhava além da massa de rocha que descia em colinas inclinadas, desfiladeiros, gargantas e precipícios. Ficara sabendo que a cordilheira Pamir era um local de tempestades e terremotos violentos, névoas constantes e águas altaneiras. Solitário e abandonado. Apenas um latido selvagem rasgava o silêncio.

— Você gosta disto, não? — perguntou Ely.

— Gosto de você.

Ele sorriu. Estava com quase 40 anos, tinha ombros largos, um rosto redondo e vivo e olhar malicioso. Era um dos poucos homens que afaziam sentir deslocada mentalmente, e ela adorava a sensação. Ele havia lhe ensinado tanto...

— Vir aqui é uma das mordomias do meu trabalho — disse Ely.

Ele contara a ela sobre seu retiro nas montanhas, a leste de Samarcanda, perto da fronteira com a China, mas aquela era a sua primeira visita. A cabana de três cômodos era feita de madeira de lei sólida, acomodada no bosque perto da estrada principal, cerca de 2 mil metros acima do nível do mar. Uma breve caminhada entre as árvores os levara àquela posição elevada e à espetacular paisagem montanhosa.

— A cabana é sua? — ela perguntou. Ele balançou a cabeça.

— É da viúva de um dono de loja da aldeia. Ela me ofereceu a cabana no ano passado, quando vim aqui numa visita. O dinheiro que pago de aluguel a ajuda a viver, e eu posso usufruir disso tudo.

Ela adorava seu jeito tranquilo. Nunca erguia a voz ou dizia palavras ofensivas. Era apenas um homem simples que adorava o passado.

— Encontrou o que queria?

Ele apontou o solo rochoso e a terra magenta.

— Aqui?

Ela balançou a cabeça.

— Na Ásia.

Ela parecia refletir sobre a pergunta com seriedade. Ela permitiu-lhe desenvolver seus ricos pensamentos, enquanto observava a neve cair aos poucos sobre um dos flancos distantes.

— Acredito que sim — ele respondeu. Ela abriu um sorriso diante da afirmação.

— E o que conseguiu?

— Conheci você.

A lisonja nunca funcionava com ela. Os homens tentavam o tempo todo. Mas com Ely era diferente.

— Além disso — ela replicou.

— Aprendi que o passado nunca morre.

— Pode falar sobre isso?

O latido parou, e o vago tamborilar de um regato distante pode ser ouvido.

— Não agora — ele respondeu.

Ela passou o braço em torno dele, trouxe-o para perto, e disse:

— Quando estiver pronto, você fala.

Seus olhos se umedeceram com a lembrança. Ely foi especial de muitas maneiras. Sua morte foi um choque, como quando ficou sabendo que o pai havia morrido, ou quando a mãe sucumbiu a um câncer sobre o qual ninguém sabia. Dores demais. Desgostos demais.

Avistou um par de luzes amarelas seguindo em sua direção, um barco fazendo um curso direto para Torcello. Dois táxis aquáticos já tinham chegado e partido, trazendo e levando clientes do restaurante.

Esse poderia ser mais um.

Ela foi sincera quanto ao que disse a Malone. Ely foi assassinado. Não tinha nenhuma prova. Só a sua certeza visceral. Mas esse sentimento sempre lhe fora suficiente.

Thorvaldsen, abençoado seja, percebeu que ela precisava tomar uma decisão, motivo pelo qual enviou, sem questionar, a bolsa de pano que ela embalava com força entre os braços, e a arma que acomodava no cinto. Odiava Irina Zovastina e Viktor, e qualquer um que a fizera chegar àquele momento.

O barco desacelerou, reduzindo a força do motor.

A embarcação baixa era parecida com a que ela e Malone haviam alugado. Seu curso ia direto para a entrada do canal e, à medida que se aproximava, à luz amarelada do leme, ela viu não um taxista indefinido, mas Viktor.

Adiantado.

O que era bom.

Queria cuidar disso sem Malone.

..*

Stephanie caminhava devagar pela praça San Marco, os alto ornamentos dourados da basílica iluminados para a noite. Cadeiras e mesas

enfileiravam-se com simetria a partir das colunatas do famoso passeio. Grupos de artistas afastavam-se numa bagunça alegre. A turba habitual de turistas, guias, vendedores ambulantes, mendigos e cambistas fora reduzida pelo tempo cada vez pior.

Passou pelos celebrados mastros de bronze e pelo impressionante campanário, fechados até o dia seguinte. Um cheiro de peixe, pimenta e uma leve fragrância de cravo-da-Índia chamaram sua atenção. Fontes de luz melancólicas iluminavam a praça com um matiz dourado. As pombas, que dominavam a área durante o dia, não estavam mais lá. Em qualquer outra circunstância, o cenário seria romântico.

Mas agora, ela estava de guarda. Pronta.

..*

Malone procurava Stephanie na multidão, quando os sinos do campanário bateram 22 horas. Uma brisa soprou no sul e fez rodopiar o ar amortecido pela neblina. Ficou feliz por estar de casaco, sob o qual escondia uma das armas que Thorvaldsen enviara a Cassiopeia.

A basílica fortemente iluminada dominava uma extremidade da velha praça, e um museu, a outra, tudo amadurecido por anos de glória e esplendor. Visitantes moviam-se de modo desordenado pelas longas galerias, muitos buscando possíveis tesouros nas vitrines. *Astrattorias*, cafés e quiosques de gelato, protegidas do tempo pelas colunatas do passeio, tinham intenso movimento.

Ele inspecionou a *piazza*. Talvez 180 metros de comprimento por 60 de largura. Limitada dos três lados por uma fileira contínua de prédios artísticos que pareciam formar um vasto palácio de mármore. Do outro lado da praça úmida, por entre a agitação dos guarda-chuvas, localizou Stephanie, que andava rápido na direção da colunata sul.

Ele parou sob a colunata norte, que se estendia para a sua direita, a partir da basílica, pelo que parecia uma eternidade, na direção do museu no outro extremo.

No meio da multidão, um homem chamou sua atenção.

Estava sozinho, usando um sobretudo verde-oliva, as mãos enfiadas no bolso do casaco. Manteve um olho em Stephanie e outro no homem de casaco verde-oliva. Levou apenas um minuto para concluir que o homem estava definitivamente interessado nela.

Então avistou mais um problema usando uma capa de chuva bege do outro lado da colunata, a atenção do outro homem também se voltava para a *piazza*.

Dois pretendentes.

Malone seguiu andando, notando as vozes, risos, uma fragrância de perfume, o clique-claque de saltos. Os dois homens juntaram-se, depois abandonaram suas posições, virando à esquerda, apressando-se na direção da colunata sul, em que Stephanie acabara de entrar.

Malone desviou para a esquerda, para a neblina, e atravessou a praça

correndo.

Os dois homens avançaram paralelamente a ele, seus vultos iluminados entre cada um dos arcos. A melodia distante da orquestra de um dos cafés encobria todo o som.

Malone diminuiu o passo e seguiu caminho entre um labirinto de mesas, vazias graças ao tempo inóspito. Abaixo do passeio coberto, Stephanie parou diante de um balcão de vidro, analisando os sorvetes.

Os dois homens dobraram a esquina a 50 metros dali.

Ele parou ao lado dela e disse:

— O de flocos é excelente.

A surpresa invadiu-lhe o rosto.

— Cotton, mas o que...

— Não dá tempo, temos companhia, atrás de mim, vindo para cá. Ele a viu olhar acima do ombro dele.

Ele se virou. Armas apareceram.

Ele empurrou Stephanie para longe do balcão, e juntos, saíram das colunatas, de volta à piazza.

Ele pegou sua arma com firmeza e preparou-se para lutar.

Mas eles estavam encurralados. Uma praça aberta do tamanho de um campo de futebol estendia-se atrás deles. Não havia para onde fugir.

— Cotton — disse Stephanie. — Estou no controle da situação.

Ele a encarou e pediu aos céus que ela estivesse certa.

..*

Viktor avançou lentamente com a lancha pelo canal estreito e passou sob uma frágil ponte em arco. Não planejava amarrar a lancha no fim do curso, perto do restaurante, só queria certificar-se de que a aldeia tinha sido evacuada pelo resto da noite. Estava feliz com o tempo úmido, uma tempestade italiana típica viera do mar, com a chuva indo e voltando, incomodando mais do que atrapalhando, mas o suficiente para dar-lhes uma ótima cobertura.

Rafael ficou de olho nas margens enegrecidas. A maré alta chegara duas horas atrás, o que deveria tornar seu ponto de desembarque muito mais acessível. Ele localizara o local antes. Adjacente à basílica, onde um canal preguiçoso cortava um caminho pela largura da ilha. Um ancoradouro de concreto, perto da basílica, serviria para a parada.

Ele avistou a aldeia adiante.

Escura e silenciosa.

Nenhum barco.

Acabavam de vir do armazém que Zovastina indicara. Conforme dissera, a ministra suprema preparou tudo com antecedência. Fogo grego, armas e munição estavam guardados lá. Ele se questionava, no entanto, sobre atear fogo ao museu. Parecia desnecessário, mas Zovastina deixara claro que não deveria sobrar nada.

— Parece que está OK — disse Rafael.

Ele concordou.

Então desengatou a marcha e desligou o motor.

..*

Cassiopeia sorriu. Ela estava certa. Eles não seriam tolos a ponto de ancorar na aldeia. Planejaram o reconhecimento do outro canal que passava ao lado da basílica para determinar seu destino.

Ela viu o contorno do barco virar 180 graus e deixar o canal. Estendeu o braço para trás, encontrou a arma que Thorvaldsen enviara e carregou o cilindro. Agarrou a arma e a bolsa de pano e saiu do esconderijo, mantendo o olhar sobre a água.

Viktor e o cúmplice chegaram à lagoa.

Os motores foram ligados.

O barco virou para a direita, iniciando a circum-navegação da ilha.

Ela correu pela noite encharcada, na direção das igrejas, uma parada a ser feita pelo caminho.

Stephanie estava perplexa com a presença de Malone. Só havia uma forma de ter sido encontrada. Mas não havia tempo no momento para considerar as implicações.

— Agora — ela disse para o microfone na lapela.

Três estouros ecoaram do outro lado da piazza, e um dos homens armados caiu na calçada. Ela e Malone mergulharam nas pedras úmidas do pavimento, enquanto o homem que restou buscou proteção. Malone reagiu com a habilidade do agente que um dia fora, rolando de volta para as colunatas, atirando duas vezes, tentando levar o agressor restante de volta à praça aberta.

As pessoas se dispersaram num frenesi, o pânico tomando conta de San Marco.

Malone levantou-se de um salto e abraçou a face molhada de um dos arcos. O assaltante estava a 15 metros, preso no fogo cruzado entre Malone e o atirador que Stephanie posicionara no alto de um prédio do lado norte.

— Gostaria de me contar o que está acontecendo? — Malone perguntou, sem tirar os olhos do homem.

— Já ouviu falar em isca?

— Sim, e é o infeliz que está no anzol.

— Tem um pessoal meu na praça.

Ele arriscou olhar à sua volta, mas não viu nada.

— Invisível?

Ela também olhou. Ninguém ia na direção deles. Todos fugiam na direção da basílica. Uma raiva familiar cresceu dentro dela.

— A polícia vai chegar a qualquer momento — disse ele.

Ela se deu conta de que isso seria um problema. Suas regras na Magellan Billet desaconselhavam agentes a envolverem as pessoas do lugar. Geralmente eram inúteis, quando não eram totalmente hostis, e ela tinha visto provas disso, em primeira mão, em Amsterdã.

— Ele saiu — disse Malone, correndo. Ela o seguiu e disse para o microfone:

— Saíram daqui.

* * *

Malone corria para uma saída que ia das colunatas para longe da praça, e para as ruas escuras de Veneza. No fim da saída, havia uma passarela de

pedestres em arco sobre um dos canais.

Ela viu Malone atravessá-la correndo.

Malone continuou correndo. Lojas fechadas enfileiravam-se dos dois lados da travessa ridiculamente estreita. Logo à frente, a rua fazia um ângulo à direita. Alguns pedestres dobravam a esquina. Ele diminuiu o passo e escondeu a arma sob a jaqueta, mantendo o dedo firme no gatilho.

Parou na esquina seguinte, rente ao brilho de uma vitrine molhada. Engoliu o ar quente e pesado, e espiou com cautela pelo canto.

Uma bala passou zunindo e ricocheteou na pedra.

Stephanie o encontrou.

— Não é imprudente fazer isso?

— Não sei. A festa é sua.

Arriscou olhar de novo. Nada.

Ele abandonou a posição e correu mais 10 metros, até onde a rua virava novamente. Uma olhada da esquina, e viu mais lojas fechadas, sombras escuras e uma treva enevoada que poderia esconder quase qualquer coisa.

Stephanie aproximou-se, arma em punho.

— Você não é a agente de campo restrito? — perguntou. — Anda armada agora?

— Parece que tenho precisado bastante disso ultimamente. Assim como ele, mas ela estava certa.

— Isto é uma imprudência. Vamos levar um tiro ou ser presos se continuarmos. O que está fazendo aqui?

— Essa ia ser minha pergunta para você. Este é o meu trabalho. Você é o vendedor de livros. Por que Danny Daniels o enviou?

— Disse que tinham perdido contato com você.

— Ninguém tentou entrar em contato comigo.

— Parece que nosso presidente quer que eu me envolva, mas não teve a cortesia de pedir.

Tiros e gritos foram ouvidos logo atrás, vindos da praça. Mas Malone tinha uma preocupação maior. Torcello.

— Estou com uma lancha parada logo depois de San Marco, no molhe — Apontou para uma outra rua que parecia um beco. — Conseguiremos chegar lá, se formos por ali.

— Aonde vamos? — perguntou Stephanie.

— Ajudar alguém que precisa ainda mais de ajuda que você.

..*

Viktor desligou o motor e deixou o barco tocar o cais de pedra devagar. Um cenário silencioso de tons cinza-ardósia, verdes lamacentos e azuis pálidos os engolfava. A silhueta de ferro da basílica elevava-se a 30 metros dali, logo depois de uma massa irregular de sombras baixas que definiam o jardim e o pomar. Rafael saiu da cabine da popa com duas bolsas no ombro e disse:

— Oito pacotes e uma tartaruga devem ser suficientes. Se

incendiarmos a parte de baixo, o resto vai queimar com facilidade.

Rafael conhecia a poção antiga, e Viktor passara a confiar em sua perícia. Viu o parceiro apoiar as bolsas no chão, dar um passo de volta para dentro da cabine e montar uma das tartarugas robóticas.

— Ele está carregado e pronto.

— Por que "ele"?

— Não sei. Parece macho. Viktor sorriu.

— Estamos precisando de descanso.

— Tirar uns dias de folga seria bom. Talvez a ministra nos dê um tempo, como recompensa.

Ele riu.

— A ministra não acredita em recompensas. Rafael ajustou a alça das duas bolsas.

— Passar uns dias nas Maldivas seria ótimo. Deitar na areia. Água quente.

— Pare de sonhar. Sem chance de acontecer. Rafael pôs uma das bolsas pesadas no ombro.

— Não há nada de errado em sonhar. Especialmente aqui, nesta chuva.

Viktor pegou a tartaruga, enquanto Rafael erguia a outra bolsa.

— Entrar e sair. Rapidinho, OK? O parceiro assentiu.

— Parece que vai ser fácil. Ele concordou.

..*

Cassiopeia ficou no pórtico da entrada do museu, usando sua sombra e seis colunas altas como cobertura. A névoa transformara-se em garoa, mas felizmente a noite úmida estava quente. Uma brisa constante agitava a espuma no canal e encobria os sons que ela precisava desesperadamente ouvir. Como o motor do barco, que já deveria estar em um jardim à sua direita a esta altura.

Dois caminhos de seixos levavam à saída, um para um píer de pedra, que certamente era o ponto de parada de Viktor, o outro, para a água. Precisava ser paciente para permitir que os homens entrassem e subissem ao segundo andar.

Depois fazê-los provar do próprio veneno.

Stephanie ficou ao lado de Malone enquanto ele afastava a lancha do molhe de concreto. Os barcos da radiopatrulha estavam chegando, sendo presos aos postes do ancoradouro na lateral do cais, onde San Marc terminava na margem da lagoa. Luzes de emergência estroboscópicas varreram a escuridão.

— Aquilo vai virar um inferno — disse Malone.

— Daniels deveria ter pensado nisso antes de interferir. Malone seguiu as sinalizações luminosas do canal no sentido norte, paralelo à margem. Mais lanchas da polícia passaram em alta velocidade, sirenes ligadas. Ela encontrou o world phone, digitou um número, aproximou-se de Malone e mudou para viva voz.

— Edwin — ela falou. — Você tem sorte de não estar aqui, porque eu te socaria.

— Você não trabalha para mim? — perguntou Davis.

— Eu tinha três homens naquela praça. Por que não estavam lá quando precisei deles?

— Enviamos Malone. Disseram-me que ele vale por três.

— Não importa quem você é — disse Malone. — Elogios geralmente funcionam comigo. Mas estou com Stephanie. Você cancelou o reforço dela?

— Ela tinha o atirador no telhado e você. Era suficiente.

— Agora é que eu vou te socar mesmo — ela disse.

— Que tal resolvermos a situação para que você possa fazer isso depois?

— Que diabos está acontecendo? — ela disse, o volume da voz aumentando. — Por que Cotton está aqui?

— Preciso saber o que aconteceu.

Ela engoliu a raiva e passou um resumo. Depois, disse:

— Há muita coisa acontecendo naquela praça agora, muita atenção voltada para lá.

— Não é necessariamente algo ruim — disse Davis.

A ideia original era ver se Vincenti agiria. Homens cercaram o hotel a noite toda e, quando ela saiu, eles subiram de imediato para o quarto, certamente com a intenção de encontrar o medalhão. Ela se perguntava o porquê da mudança de estratégia — envolvendo Malone — mas reteve essa dúvida e disse ao telefone:

— Por que Malone está aqui?

Malone desviou para a esquerda, contornando a margem, a bússola indicando nordeste, e aumentou a potência do motor.

— O que estão fazendo neste exato momento? — Davis perguntou.

— Indo na direção de outro problema — disse Malone. — Você precisa responder à pergunta dela.

— Queremos San Marco em alvoroço esta noite. Ela esperou por mais informações.

— Ficamos sabendo que Irina Zovastina está a caminho de Veneza. Aterrissará nas próximas duas horas. Incomum, para dizer o mínimo. Um chefe de Estado fazendo uma visita não oficial a outro país sem nenhum motivo aparente. Precisamos descobrir o que ela fará aí.

— Por que não pergunta a ela? — disse Malone.

— Você é sempre tão prestativo?

— É uma das minhas melhores qualidades.

— Senhor Malone — disse Davis —, ficamos sabendo do incêndio em Copenhague e dos medalhões. Stephanie está com um deles. Pode quebrar o meu galho e nos ajudar?

— É tão ruim assim? — ela perguntou.

— Não é bom.

Stephanie viu que a cooperação de Malone não esteve em dúvida em momento algum.

— Para onde Zovastina está indo?

— Para o interior da basílica, por volta da 1 hora.

— Você parece estar bem informado.

— Uma daquelas fontes impecáveis. Tão impecáveis que fico admirado.

A linha ficou muda por um momento.

— Não estou empolgado com nada disso — Davis disse finalmente. — Mas, acreditem, não temos escolha.

..*

Viktor pisou no gramado da aldeia, diante da basílica e da igreja examinando o Museo di Torcello. Colocou a bolsa sobre um pedaço de mármore esculpido em forma de trono. Ficava sabendo que se chamava Sedia d'Attila, Assento de Átila. Supostamente, Átila, o Huno, em pessoa havia sentado ali, mas ele duvidava.

Avaliou o alvo final. O museu era um retângulo curto de dois andares, talvez 20 metros por 10, com um conjunto de janelas duplas, em cima e embaixo, em cada extremidade, com grades de ferro forjado. Uma torre do sino projetava-se para o alto. A piazzetta em volta tinha árvores espalhadas e exibia, sobre a grama bem aparada, restos de colunas de mármore e pedra esculpida.

Uma porta dupla de madeira no centro do piso térreo do museu era a única entrada. Abriam para fora e eram travadas por um toco grosso de madeira escurecida colocado no centro, preso com firmeza por suportes de

ferro. Dois cadeados, um em cada extremo, seguravam a barra no lugar.

Ele apontou para a porta e disse:

— Ponha fogo neles.

Rafael tirou uma garrafa de plástico de uma das bolsas. Seguiu o parceiro até a porta, onde embebeu com cautela cada cadeado em fogo grego. Afastou-se quando Rafael pegou um acendedor e transformou os cadeados numa chama azul e brilhante.

Material impressionante. Até o metal sucumbia à sua fúria. Não é bastante para derreter, porém mais que suficiente para enfraquecer.

Observou as chamas arderem por quase dois minutos antes de se consumirem.

..*

Cassiopeia manteve a vigília a 30 metros dali, enquanto dois pontos de luz azul intensa, como estrelas distantes, brilharam e se apagaram. Dois empurrões com um pé de cabra, e os ladrões destrancaram a porta principal do museu.

Levaram o equipamento para dentro.

Ela viu que carregavam um dos dispositivos robóticos, o que significava que o Museo di Torcello logo viraria cinza.

Um dos homens fechou a porta dupla.

A piazzetta estava mais uma vez escura, úmida e sinistra. Só o estalo da chuva encontrando as poças perturbava o silêncio. Ela permaneceu no pórtico da basílica, considerando o que estava prestes a fazer, então notou que a barra de madeira que trancava a porta tinha sido deixada do lado de fora.

..*

Viktor subiu uma escada em espiral até o segundo andar do museu, acostumando os olhos ao breu da noite. Discernira sombras suficientes para se locomover entre os poucos objetos expostos no térreo e para subir ao igualmente escasso segundo andar, onde três caixas com tampo de vidro o aguardavam. Na caixa do meio, exatamente onde ele observara antes, estava o medalhão de elefante.

Rafael ficara embaixo, posicionando pacotes de fogo grego para destruição máxima. Carregou dois pacotes com identificação para o segundo andar. Com um golpe rápido de pé de cabra, estilhaçou o vidro e pegou o medalhão com cuidado entre os cacos. Depois, jogou um dos pacotes com três quartos de vácuo dentro da caixa de exposição.

O outro pôs no chão.

Enfiou o medalhão no bolso.

Difícil saber se era autêntico, mas na inspeção casual à distância anteriormente, certamente parecera genuíno.

Olhou para o relógio de pulso: 22h40. Adiantado. Tempo mais que

suficiente para encontrar a ministra suprema. Talvez Zovastina os recompensasse, sim, com alguns dias de descanso.

Desceu a escada.

Eles haviam notado que o piso dos dois andares era de madeira. Uma vez que o fogo começasse a devastar o andar de baixo, seriam apenas alguns minutos até que os pacotes de cima se juntassem à confusão.

No escuro, viu que Rafael inclinava-se para a tartaruga. Ouviu um clique e o dispositivo começou a perambular. O robô parou no canto do salão e começou a encharcar a parede mais afastada, esguichando o perfumado fogo grego.

— Tudo pronto — disse Rafael.

A tartaruga continuou seu trabalho, despreocupada com sua breve autodestruição. Só uma máquina. Sem sentimentos. Sem remorso. Exatamente, ele pensou, o que Irina Zovastina esperava dele.

Rafael empurrou a porta principal.

Ela não abriu.

Deu mais um empurrão.

Nada.

Viktor aproximou-se e pressionou as mãos abertas contra a madeira. A porta dupla estava trancada. Por fora. Uma onda de raiva o levou a jogar o corpo contra a madeira, mas tudo o que conseguiu foi machucar o ombro. As placas espessas, firmadas na vertical por dobradiças de ferro, recusavam-se a ceder.

Olhou fixamente para a escuridão.

Durante o reconhecimento do prédio, notara as grades nas janelas. Não eram obstáculos, uma vez que pretendiam entrar e sair pela porta. Agora, no entanto, ganhavam uma importância maior.

Encarou Rafael. Embora não pudesse ver o rosto do parceiro, sabia exatamente o que ele estava pensando.

Eles estavam encurralados.

SAMARCANDA
TERÇA-FEIRA, 21 DE ABRIL
1H

Vincenti desceu com cuidado a escada do jato particular. A viagem para o leste, de Veneza para a Federação Asiática Central, levava quase sei horas, mas ele havia feito o trajeto muitas vezes e aprendera a aproveitar os luxos do jato para descansar durante o longo voo. Peter O'Conner o acompanhou na noite relaxante.

— Adoro Veneza — disse Vincenti —, mas gostarei mais quando finalmente estiver morando aqui. Não vou sentir falta daquela chuva toda.

Um carro aguardava no asfalto, e ele seguiu direto para lá, esticando as pernas rígidas, forçando os músculos cansados. O motorista apareceu e abriu a porta de trás.

Vincenti entrou, enquanto O'Conner se sentou no banco da frente. Uma separação de acrílico garantia a privacidade do banco de trás.

Já acomodado no banco posterior estava um homem de cabelos pretos, pele morena e um olhar que sempre, mesmo na adversidade, parecia achar a vida cômica. Uma barba curta e espessa cobria o maxilar quadrado e o pescoço fino, os traços joviais, mesmo àquela hora da noite, ágeis e atentos.

Kamil Karimovich Revin era o ministro do exterior da Federação. Mal completara 40 anos, com pouca ou nenhuma credencial diplomática, geralmente era considerado o mascote da ministra suprema, e fazia exatamente o que ela mandava. Alguns anos atrás, no entanto, Vincenti havia notado algo mais.

— Bem-vindo — Kamil disse-lhe. — Já faz alguns meses.

— Tenho tido muitos afazeres, meu amigo. A Liga consome muito do meu tempo.

— Tenho lidado com alguns dos seus membros. Alguns estão começando a selecionar residências locais.

Um dos acordos feitos com Zovastina solicitava que os membros da Liga se mudassem para a Federação. Ótima jogada para os dois lados. A nova utopia para os negócios livraria a todos de tributações onerosas. Mas seu influxo de capital na economia, na forma de produtos, serviços e investimento direto, compensaria com sobra a Federação por quaisquer impostos que pudessem ser cobrados. Melhor ainda, toda uma alta classe seria estabelecida de modo instantâneo, sem os efeitos do fomento indireto

que as democracias do Ocidente adoravam impor. Vincenti sempre achou muito injusto que poucos pagassem pelo bem-estar de muitos.

Os membros da Liga haviam sido incentivados a adquirir terras, e muitos o fizeram, inclusive ele, pagando o governo, uma vez que a maior parte das terras da Federação, graças aos soviéticos, ainda era estatal. O próprio Vincenti fez parte do comitê que negociou esse aspecto do acordo da Liga com Zovastina, e foi o primeiro a comprar, adquirindo 200 acres de vales e montanhas no que um dia fora o leste do Tajiquistão.

— Quantos fecharam negócio? — ele perguntou.

— Cento e dez até agora. Muitas preferências variadas em termos de localização, mas as preferidas têm sido em Samarcanda e proximidades.

— Perto da fonte do poder. Essa cidade e Tashkent logo se tornarão centros financeiros internacionais.

O carro deixou o terminal aéreo e começou o trajeto de 4 quilômetros até a cidade. Outra melhoria seria um novo aeroporto. Três membros da Liga já traçavam planos para instalações mais modernas.

— Por que estão aqui? — perguntou Kamil. — O Sr. O'Conner não foi tão direto quando falei com ele.

— Ficamos gratos pela informação sobre a viagem de Zovastina. Alguma ideia de por que ela está em Veneza?

— Não deixou nenhum aviso, dizendo apenas que retornaria logo.

— Então, ela está em Veneza fazendo não se sabe o quê.

— E se descobrir que você está aqui — disse Kamil — estamos todos mortos. Lembre-se, não há defesa para os germezinhas dela.

O ministro do Exterior fazia parte da nova geração de políticos que surgiram com a Federação. E embora Zovastina fosse a primeira a se tornar ministra suprema, não seria a última.

— E eu posso agir contra os bichos dela. Um sorriso apareceu no rosto do asiático.

— Você pode matá-la e acabar com eles? Ele admirava a ambição bruta.

— O que você tem em mente?

— Algo melhor — assegurou Vincenti.

— A Liga o apoiará?

— O Conselho dos Dez autorizou tudo o que estou fazendo. Kamil abriu um grande sorriso.

— Nem tudo, meu amigo. Estou sabendo. Aquele atentado contra a vida dela. Aquilo foi coisa sua. Pude notar. E você deu um jeito de anular o assassinato. Caso contrário, como ela estaria preparada? — Ele fez uma pausa. — Eu me pergunto: será que também vou ser anulado?

— Você quer sucedê-la?

— Prefiro viver.

Vinenti olhou pela janela para telhados planos, cúpulas azuis e minaretes delgados. Samarcanda encontra-se numa cavidade, cercada por montanhas. A noite camuflava a mistura de neblina e fumaça que cobria perpetuamente a terra antiga. Ao longe, as luzes das fábricas emitiam um

halo indistinto. O que um dia forneceu produtos manufaturados à União Soviética hoje acelerava o produto interno bruto da Federação. A Liga já havia investido bilhões na modernização. Mais estava por vir. Então, ele precisava saber:

— Você quer mesmo ser ministro supremo?

— Tudo depende. Sua Liga pode fazer isso acontecer?

— Os germes dela não me assustam. Não deveriam assustá-lo também.

— Ah, meu valente amigo, vi inimigos demais morrerem de repente. É impressionante que ninguém jamais tenha notado. Mas as doenças dela funcionam bem. Só uma gripe ou um resfriado que se torna grave.

Ainda que os burocratas da Federação, inclusive Zovastina detestassem qualquer coisa que fosse soviética, haviam aprendido bem com seus antecessores corruptos.

Era por isso que Vincenti era sempre cuidadoso com as palavras, mas generoso com as promessas.

— Nada pode ser obtido sem riscos. Revin deu de ombros.

— Verdade. Mas às vezes os riscos são grandes demais. Vincenti olhava para Samarcanda. Um lugar tão velho, que existia desde o século V antes de Cristo. A Cidade das Sombras, Jardim da Alma, Joia do Islã, Capital do Mundo. Uma diocese cristã antes da conquista do Islã e dos russos.

Graças aos soviéticos, Tashkent, 200 quilômetros para o nordeste, havia crescido mais e com mais prosperidade. Mas Samarcanda ainda era a alma da região.

Ele olhava fixamente para Kamil Revin.

— Estou prestes a dar um passo perigoso. Meu mandato de chefe do Conselho dos Dez acaba em breve. Se formos fazer isso, temos que fazer agora. Hora de você se decidir.

Está dentro ou fora?

— Duvido que estaria vivo amanhã se dissesse que estou fora. Estou dentro.

— Fico contente por nos entendermos.

— E o que está prestes a fazer? — o ministro do Exterior perguntou. Vincenti voltou a olhar para a cidade. Em uma das centenas de mesquitas que dominavam a paisagem, em caligrafia árabe fortemente iluminada, letras de pelo menos um metro de altura proclamavam: "Deus é Imortal." Com toda a sua elaborada história, Samarcanda ainda mantinha uma solenidade institucional imperturbável, derivada de uma cultura que há muito tempo perdera a imaginação. Zovastina parecia concentrada em mudar esse mal. Sua visão era clara e grandiosa. Mentira ao dizer a Stephanie Nelle que História não era o seu forte. Na verdade, era a sua meta. Mas esperava não estar errando em dar vida ao passado.

Não importava. Agora, era tarde demais para voltar atrás.

Então olhou para seu conspirador e respondeu à pergunta com franqueza:

— Mudar o mundo.

TORCELLO

Viktor não parava de pensar. A tartaruga continuava seu ataque programado ao piso térreo do museu, deixando um rastro odorífero de fogo grego. Pensou em tentar forçar a porta dupla com Rafael, mas sabia que a espessura da madeira e a barra do lado de fora fariam do esforço uma insensatez.

As janelas pareciam ser a única saída.

— Pegue um dos pacotes com vácuo — ele disse a Rafael, enquanto seus olhos varreram o salão e ele decidiu pelas janelas à sua esquerda.

Rafael pegou um dos sacos plásticos transparentes do chão.

O fogo grego deveria enfraquecer o velho ferro fundido, assim como os pinos que prendiam as grades à parede externa, o suficiente para que pudessem forçá-los. Ele sacou uma das armas que obtiveram no depósito e estava prestes a atirar na vidraça, quando, do outro lado do salão, vidros se estilhaçaram.

Alguém havia atirado na janela pelo lado de fora.

Viktor se abaixou para se proteger, como Rafael, esperando para ver o que aconteceria em seguida. A tartaruga prosseguia com seu rastejar rítmico, parando e recomeçando ao encontrar obstáculos. Ele não fazia ideia de quantas pessoas havia do lado de fora, e se ele e Rafael estavam vulneráveis pelas outras três janelas.

Sentiu os limites do perigo no qual tinham que se equilibrar. Uma coisa estava clara. A tartaruga precisava ser desligada. Ganhariam tempo com isso.

Mas ainda assim.

Eles não sabiam de nada.

..*

Cassiopeia colocou a arma de volta nas costas e pegou o arco de fibra de vidro que estava na sacola de pano. Thorvaldsen não questionou por que ela precisaria de um arco e flechas de alta velocidade, e ela não sabia se a arma seria de fato útil.

Mas agora, tinha certeza.

Estava a 30 metros do museu, seca sob o pórtico da basílica. Vindo do outro lado da ilha, ela havia parado na aldeia para pegar uma das

lâmpadas que iluminava um dos molhes perto do restaurante. Notara as lâmpadas antes, quando ela e Malone chegaram, outra razão pela qual pediu o arco a Thorvaldsen. Depois, encontrou trapos numa lixeira perto da barraca de um vendedor ambulante. Enquanto os ladrões cuidavam da tarefa no interior do museu, preparou quatro flechas, envolvendo as pontas de metal com tiras de pano e embebendo-as em querosene.

Os fósforos foram obtidos durante o jantar com Malone — algumas cartelas encontradas numa bandeja no banheiro.

Cassiopeia acendeu os trapos inflamáveis de duas flechas, depois carregou devagar o arco com o primeiro projétil em chamas. Seu alvo eram as janelas do térreo que ela acabara de estilhaçar com balas. Se Viktor queria um incêndio, então era exatamente isso o que conseguiria.

Aprendera a manejar arco e flecha quando criança. Nunca caçou, detestava a ideia, mas divertia-se com frequência praticando em sua propriedade francesa. Ela era boa, especialmente à distância, portanto, 30 metros até as janelas do outro lado da piazzetta não eram problema. E as grades em si não deveriam ser um impedimento. Muito mais ar do que ferro.

Ela estendeu a corda.

— Por Ely — sussurrou.

..*

Viktor viu chamas atravessarem a janela aberta e baterem numa folha alta de vidro que ficava atrás de uma das exposições do térreo. O que quer que tivesse impulsionado as chamas, havia perfurado o vidro, que se despedaçou, batendo no piso de madeira e levando o fogo junto. A tartaruga já havia passado por aquela parte do museu, o que foi confirmado por um estrondo, quando o fogo grego ganhou vida.

O laranja e o amarelo evoluíram rápido para um azul ardente, e o chão foi devorado.

Mas os pacotes de vácuo...

Viu que Rafael notara o mesmo. Quatro estavam espalhados. Dois em cima de caixas de exibição, dois no chão, um dos quais anunciava sua presença numa cascata de chamas em forma de cogumelo.

Viktor mergulhou para baixo da caixa de exibição que restou, buscando proteção contra o calor.

— Volte para cá — ele gritou para Rafael.

O parceiro recuou em sua direção. Metade do piso térreo estava agora em chamas. Chão, paredes, teto e instalações, todos pegando fogo. O lugar que ele usava como refúgio ainda não pegara, graças à falta de poção, mas ele sabia que isso só iria durar alguns preciosos minutos. A escada começava à sua direita, com o caminho livre até lá. Mas o andar de cima forneceria pouco abrigo, considerando que o fogo logo o destruiria, vindo de baixo.

Rafael aproximou-se.

— A tartaruga. Consegue vê-la?

Ele percebeu o problema. O aparelho era sensível ao calor, programado

para explodir quando a temperatura atingisse um nível predeterminado.

— Qual foi a temperatura definida?

— Baixa. Eu queria que o lugar se incendiasse rápido.

Viktor observou as chamas. Então, localizou a tartaruga, ainda atravessando o piso em chamas, cada exalação do funil produzindo estrondos como os de um dragão que cuspia fogo.

Mais vidros estilhaçados do outro lado do salão.

Difícil saber se o culpado tinha sido o calor ou balas de revólver.

A tartaruga seguia direto na direção deles, saindo do fogo e encontrando uma parte do chão que ainda não queimava. Rafael levantou-se e, antes que Viktor pudesse impedi-lo, correu até o aparelho. Desativá-la era a única forma de cancelar a programação.

Uma flecha em chamas perfurou o peito de Rafael.

Suas roupas pegaram fogo.

Viktor ficou de pé e estava prestes a disparar para socorrer o parceiro, quando viu o funil da tartaruga retrair-se e o aparelho interromper o avanço.

Ele sabia o que ia acontecer.

Mergulhou na direção da escada, jogando-se pelo vão aberto, e correu pelos degraus de metal.

Engatinhando, ele subiu numa fuga desesperada.

A tartaruga pegou fogo.

..*

Cassiopeia não havia planejado atirar em um dos ladrões, mas o Homem apareceu assim que ela soltou a corda. Viu quando a flecha em chamas bateu no peito dele e as roupas pegaram fogo. Depois, uma enorme bola de fogo consumiu o interior do museu, com o calor lançando-se pela janela aberta e explodindo o vidro que restava. Ela pulou para o solo molhado.

As labaredas invadiam a noite através das aberturas estilhaçadas.

Saiu do pórtico da basílica e assumiu posição do outro lado da torre do sino do museu. Pelo menos um dos homens estava morto. Difícil saber quais dos dois, mas isso não importava.

Ela ficou de pé e passou para a frente do prédio, vendo a prisão que construíra queimar.

Mais uma flecha em chamas pronta para detonar.

VENEZA

Zovastina seguia ao lado do núncio papal. Pousara há uma hora, e o monsenhor Michener esperava por ela na pista de aterrissagem. Ela, Michener e dois de seus guardas seguiram do aeroporto ao centro por meio de um táxi aquático particular.

Não conseguiram utilizar a entrada norte da basílica, próxima à Piazzetta dei Leoncini, conforme o combinado. Uma porção considerável de São Marco fora isolada com cordão, por causa de um tiroteio, o núncio informou-a. Então, fizeram um desvio por uma travessa, atrás da basílica, e entraram na igreja pelos escritórios da diocese.

O núncio papal estava diferente do dia anterior, com a batina preta e a gola de padre substituída por roupas comuns. Parecia que o papa cumpria a promessa de fazer daquela uma visita discreta.

Ela agora caminhava dentro da igreja cavernosa, o teto e as paredes chamejantes com mosaicos dourados. Claramente, uma combinação bizantina, como se tivesse sido construída em Constantinopla, e não na Itália. Cinco cúpulas hemisféricas formavam a abóbada. Os domos de Pentecostes, são João, são Leonardo, os profetas, e o que estava acima dela, a Ascensão. Graças ao brilho quente das luzes incandescentes posicionadas de forma estratégica, ela concordou em silêncio que a igreja merecia o nome de basílica de Ouro.

— Um lugar e tanto — disse Michener. — Não é?

— É o que a religião e o poder econômico podem fazer quando se unem. Os mercadores venezianos eram os abutres do mundo. Esta é a melhor evidência de suas pilhagens.

— A senhora é sempre tão cínica?

— Os soviéticos me ensinaram que o mundo é um lugar duro.

— E aos seus deuses, a senhora alguma vez agradece?

Ela sorriu. Aquele americano a havia estudado. Jamais conversaran sobre suas crenças em outras conversas.

— Meus deuses são fiéis a mim, assim como o seu é fiel a você.

— Temos esperanças de que reconsidere seu paganismo.

Ela ficou indignada com o rótulo. A palavra em si dava a entender que a crença em muitos deuses era inferior à crença em um. Ela não via dessa forma. Ao longo da história, muitas das culturas do mundo concordaram com ela, o que fez questão de esclarecer:

— Minhas crenças me servem muito bem.

— Não tive a intenção de insinuar que estão erradas. Apenas que podemos ser capazes de oferecer novas possibilidades.

Após esta noite, ela teria pouca utilidade para a Igreja Católica. A ministra permitiria um contato limitado dentro da Federação, o suficiente para manter os muçulmanos radicais em desequilíbrio, mas jamais permitiria uma posição segura a uma organização capaz de dominar tudo o que a cercava.

Seguiu na direção do altar elevado, além de um biombo com uma cruz multicolorida que tinha uma aparência suspeita de iconostase. Ela pôde notar a movimentação do outro lado intensamente iluminado.

— E estão se preparando para abrir o sarcófago. Decidimos entregar uma das mãos, um braço ou alguma outra relíquia de fácil extração.

Ela não resistiu.

— Não vê o quanto isso é ridículo? Michener deu de ombros.

— Se agradecer aos egípcios, qual é o mal?

— E quanto à santidade dos mortos que sua religião prega constantemente? Mas parece que não há nada de errado em mexer no túmulo de um homem, e remover partes de seu cadáver para dar aos outros.

— Trata-se de algo lamentável, porém necessário.

Ela desprezava aquela inocência imperturbável. — É disso que gosto em *sua* igreja. Flexível quando *necessário*.

Olhou para a nave deserta, com a maior parte das capelas, altares e nichos encobertos pelas sombras. Seus dois guardas estavam a poucos metros. Ela examinou o piso de mármore, tão primoroso quanto as paredes de mosaicos. Muitos temas geométricos, animais e florais, juntamente com as ondulações inconfundíveis — propositais, diziam alguns — que imitavam o mar, porém mais pareciam o efeito de um alicerce fraco.

Pensou nas palavras de Ptolomeu. *E tu, aventureiro, pois que minha voz imortal, embora distante, alcança teus ouvidos, ouça minhas palavras. Navegue até a capital fundada pelo pai de Alexandre, onde sábios estão de guarda.*

Ainda que Ptolomeu certamente acreditasse em sua inteligência, o tempo resolvera parte do enigma. Nectanebo governava o Egito, como faraó, durante a era de Alexandre, o Grande. Enquanto Alexandre era adolescente, Nectanebo foi levado ao exílio por invasores persas. Na época, os egípcios acreditavam firmemente que Nectanebo retornaria um dia para expulsar os persas. E quase dez anos após sua derrota, a ideia acabou tornando-se mais ou menos verdadeira, quando Alexandre chegou e os persas renderam-se de imediato e partiram. Para exaltar seu libertador e tornar sua presença mais palatável, os egípcios contavam histórias de que, no início de seu reino, Nectanebo viajara para a Macedônia, disfarçado de mágico, e uniu-se a Olímpia, mãe de Alexandre, o que tornaria Nectanebo, e não Felipe, o pai de Alexandre. A história era um absurdo completo, mas foi difundida o suficiente para que, trezentos anos depois, encontrasse espaço no Romance de Alexandre, uma obra de ficção histórica fantasiosa que

muitos historiadores, ela sabia, citavam de maneira errônea como fonte confiável de informações. Durante seu reinado como último faraó egípcio, a História registra que Nectanebo estabeleceu Mênfis como sua capital, o que solucionava a navegação até a capital fundada pelo pai de Alexandre.

A parte seguinte, onde sábios estão de guarda, reforçava tal conclusão.

No templo de Nectanebo, em Mênfis, erguia-se um semicírculo com 12 estátuas de calcário retratando sábios e poetas gregos. Homero, a quem Alexandre venerava, era uma figura central. Platão, que foi mestre de Aristóteles, e o próprio Aristóteles estavam lá também, junto com outros gregos renomados com os quais Alexandre tinha forte ligação. Apenas fragmentos dessas esculturas restavam, mas o suficiente para saber que um dia existiram.

Ptolomeu sepultou o corpo que acreditava ser de Alexandre no templo de Nectanebo. Lá permaneceu até depois da morte de Ptolomeu, quando seu filho transferiu o corpo para o norte, em Alexandria.

Navegue até a capital fundada pelo pai de Alexandre, onde sábios estão de guarda.

Vá para o sul, a Mênfis, para o templo de Nectanebo.

Ela pensou no próximo verso do enigma.

Toque o ser mais profundo da ilusão dourada.

E sorriu.

TORCELLO

Viktor colou o corpo na escada, ergueu o braço e protegeu o rosto do calor opressivo que subiu pelo portal do térreo. A tartaruga havia reagido às temperaturas crescentes, desintegrando-se automaticamente, fazendo o que tinha sido criada para fazer. Impossível Rafael ter sobrevivido. As temperaturas iniciais do fogo grego eram elevadíssimas, o suficiente para amolecer metal e queimar pedra, mas seu calor secundário era ainda mais destrutivo. A carne humana não resistia. Assim como deveria ter acontecido com o homem em Copenhague, Rafael logo viraria cinza.

Virou as costas.

O fogo alastrava-se a 3 metros dele. O calor tornava-se insuportável. Chegou ao topo da escada.

O velho prédio fora construído numa época em que o teto do primeiro andar era duplicado para servir de piso. O teto abaixo estava, àquela altura, totalmente incendiado.

Um dos propósitos de fazer a tartaruga explodir era forçar a destruição de dentro para fora. Rangidos e gemidos nas placas do piso superior confirmaram a ampla devastação.

O peso das três caixas de exibição não ajudava. Embora o segundo andar ainda não estivesse em chamas, ele percebeu que ir para lá poderia ser insensato. Felizmente, a escadaria em que estava era feita de pedra. Uma janela dupla a alguns metros dele dava para a piazzetta. Ele decidiu arriscar. Pisou com cuidado, segurando o perímetro externo, olhando para baixo através da vidraça.

..*

Cassiopeia viu o rosto na janela. Largou o arco de imediato, pegou o revólver e deu dois tiros.

..*

Viktor pulou de volta para a escadaria, quando a janela se estilhaçou. Pegou o revólver e preparou-se para responder aos tiros. Tinha visto o suficiente para saber que estava sendo atacado por uma mulher, o que ficou claro pela silhueta. Ela segurava um arco, mas o substituiu rapidamente pelo

revólver.

Antes que pudesse tirar vantagem da posição mais elevada, uma flecha em chamas passou entre as barras de ferro e entrou pela janela aberta, alojando-se no gesso do outro lado do salão. Felizmente, nenhuma tartaruga havia encharcado as coisas ali. Apenas os dois pacotes que ele deixara antes, um no chão, outro dentro da caixa de exibição que ele havia roubado, eram problemas em potencial.

Precisava fazer alguma coisa.

Aproveitou a dica da agressora e atirou na janela dupla que dava para os fundos do prédio.

..*

Cassiopeia ouviu vozes à esquerda, onde ficavam o restaurante e a pousada. Os tiros certamente tinham atraído a atenção dos hóspedes da pousada. Avistou vultos seguindo pela trilha que partia da aldeia e rapidamente abandonou sua posição na piazzetta, recuando para o pórtico da basílica. Havia atirado a última flecha em chamas com a esperança de que incendiasse o segundo andar também. A luz das chamas, reconhecera claramente o rosto de Viktor na janela.

As pessoas apareceram. Um homem segurava o celular perto do ouvido. Não havia polícia na ilha, o que faria com que ela ganhasse tempo, e duvidou de que Viktor conseguiria o auxílio de qualquer dos espectadores. Haveria perguntas demais sobre o cadáver no primeiro andar.

Então, ela decidiu ir embora.

..*

Viktor olhava para o pacote de fogo grego no chão de madeira. Decidiu que uma investida rápida seria o melhor, então, pisou com cuidado, agarrou o pacote e pulou direto na direção da janela em que acabara de atirar.

O piso aguentou.

Colocou o pacote do outro lado das grades de ferro fundido em forma de C.

O piso no centro do salão gemeu.

Lembrou-se das vigas mestras abaixo, que com certeza estavam enfraquecendo a cada segundo. Mais alguns passos na direção da flecha presa na parede, e ele a puxou.

Os trapos enrolados na ponta ainda queimavam. Correu até a escada, depois, com um lançamento furtivo, arremessou a flecha na armação da janela aberta. Ela foi parar em cima do pacote, com as chamas tremulando a alguns centímetros do invólucro de plástico. Ele sabia que o saco derreteria em poucos segundos.

Buscou refúgio no vão da escada.

Ouviu um zunido e mais uma tempestade de fogo se alastrou.

Olhou pela abertura do vão e viu que o ferro fundido pegava fogo. Poi

sorte, a maior parte da potência de fogo havia ficado do lado de fora. O caixilho da janela não se juntou à conflagração.

O segundo andar desmoronou, engolindo a caixa com o outro pacote de combustível. O saco restante pegou fogo, fazendo subir uma nuvem de calor. O Museo di Torcello não resistiria por muito mais tempo.

Ele pulou para a janela aberta.

Segurou firme a cornija que passava acima do caixilho e buscou um apoio para os dedos, o corpo tenso, pés estendidos para fora, batendo nas grades em chamas.

Nada saiu do lugar.

Mais uma flexão, e chutou novamente, a adrenalina impulsionando cada movimento à medida que o calor começava a afetar sua respiração.

As barras começaram a ceder.

Mais chutes, e um canto se desprende do parafuso na parede externa.

Mais duas pancadas, e a estrutura inteira voou para fora.

Mais piso desabando.

Outra caixa de exibição e pedaços de uma coluna espatifaram-se no térreo, agitando-se no fogo como ingredientes de um ensopado.

E olhou pela janela.

A queda era de 3 ou 4 metros. Labaredas saíam das janelas do térreo.

Ele saltou.

..*

Malone manteve a lancha voltada para nordeste, acelerando o máximo que as águas encrespadas permitiam, na direção de Torcello. Avistou um brilho no horizonte, tremeluzindo de forma constante. Fogo.

Ondas de fumaça corriam para cima, sendo dissolvidas em tufos cinzentos pelo ar úmido. Eles estavam a bons 10 ou 15 minutos dali. — Parece que estamos atrasados — disse Stephanie.

..*

Viktor manteve-se nos fundos do museu. Ouviu gritos e vozes que vinham do outro lado da cerca viva que separava o quintal do jardim e do pomar que ficavam entre onde ele estava e o canal, no qual sua lancha aguardava.

Abriu caminho para atravessar a cerca viva e entrou no jardim.

Por sorte, o início da primavera significava pouca vegetação. Conseguiu encontrar uma trilha e seguir reto na direção da doca de concreto.

Lá, pulou para dentro do barco.

Desamarrou as cordas e afastou-se da doca. Ninguém o havia visto ou seguido. A lancha deslizou pelo canal que lembrava um rio, e a corrente a fez passar pela basílica e pelo museu, de volta à entrada norte da lagoa.

Esperou até se afastar bem da doca e ligou o motor. Manteve a potência baixa e mudou a direção, navegando devagar e sem farol.

A margem dos dois lados estava a 50 metros de distância, na maior parte, barracos, baixios e juncos lamacentos. Olhou o relógio – 23h20.

Na entrada do canal, ligou o motor e entrou nas águas turbulentas. Finalmente, acendeu as luzes da lancha e seguiu rumo ao canal principal, contornando Torcello até Veneza e San Marco.

Ouviu um barulho e virou.

Uma mulher saía da cabine da popa. Com uma arma na mão.

SAMARCANDA

2H

Vincenti puxou a cadeira para perto da mesa quando o garçom colocou a comida diante dele. Quase todos os hotéis da cidade eram túmulos abandonados, em que pouco ou nada funcionava. O Intercontinental era diferente, oferecia serviços com a qualidade cinco estrelas europeia, anunciados como hospitalidade asiática. Após o longo voo da Itália, estava faminto, então, pediu que levassem uma refeição ao quarto, para ele e um convidado.

— Diga a Ormand — disse ao garçom — que não me agradou nada a demora de trinta minutos para preparar esses pratos principais, especialmente depois que eu liguei com antecedência. Ou melhor, peça para Ormand vir até aqui depois que eu terminar, e eu mesmo conversarei com ele.

O garçom assentiu e retirou-se.

Arthur Benoit, sentado na frente dele, abriu um guardanapo de pano sobre o colo.

— Você tem que ser tão duro com ele?

— O hotel é seu. Por que você não pega no pé dele?

— Porque não me aborreceu. Prepararam a comida o mais rápido que puderam.

Ele não dava a mínima. Havia muita coisa acontecendo, e estava impaciente. O'Conner chegou antes para certificar-se de que as coisas estivessem prontas. Ele decidiu comer, descansar um pouco e resolver alguns negócios durante uma refeição no meio da noite.

Benoit pegou um garfo.

— Suponho que o convite para acompanhá-lo não tenha sido pelo prazer de minha companhia. Vamos deixar de lado as bobagens, Enrico. O que você quer?

Ele começou a comer.

— Preciso de dinheiro, Arthur. Ou melhor, a Philogen Pharmaceutiqu precisa de dinheiro.

Benoit apoiou o garfo na mesa e deu um gole de vinho.

— Antes que meu estômago fique embrulhado, de quanto você precisa?

— Um bilhão de euros. Talvez um bilhão e meio.

— Só isso?

Vincenti sorriu diante do sarcasmo. Benoit fez fortuna em bancos, os quais ainda controlava na Europa e na Ásia. Era multibilionário e membro da Liga Veneziana há muito tempo. Os hotéis eram um hobby, e acabara de construir um Intercontinental para atender ao influxo de membros da Liga e de outros viajantes de luxo esperados.

Ele também havia se mudado para a Federação, um dos primeiros membros da Liga a fazê-lo. Ao longo dos anos, Benoit várias vezes forneceu dinheiro para financiar a ascensão meteórica da Philogen.

— Suponho que queira o empréstimo abaixo do custo primário internacional.

— Nada menos que isso. — Ele encheu a boca com uma garfada de faisão recheado, saboreando o gosto penetrante.

— Quanto abaixo? Ele notou o ceticismo.

— Dois pontos.

— Por que eu não lhe dou o dinheiro logo de uma vez?

— Arthur, já pedi milhões em empréstimos a você, pagando cada centavo, com juros. Então, espero um tratamento preferencial, sim.

— No momento, pelo que entendo, você tem vários empréstimos pendentes nos meus bancos. Bastante consideráveis.

— Dos quais, todos estão em aberto.

Percebeu que o banqueiro sabia que aquilo era verdade.

— Qual seria o benefício de tal acordo? Agora, eles estavam chegando a algum lugar.

— Quantas ações da Philogen você possui?

— Cem mil títulos. Comprados de acordo com recomendações suas. Ele espetou mais um naco da ave fumegante.

— Verificou a cotação de ontem?

— Nem me preocupe.

— Alta de meio ponto percentual, 61.25. É realmente um investimento seguro. Eu mesmo comprei quase 500 mil novos títulos na semana passada.

— Enrolou o faisão no recheio de mozzarella defumada. — Em segredo, é claro.

A expressão de Benoit indicou que entendeu a mensagem.

— Coisa grande?

Seu companheiro de Liga podia ser um diletante na área de hotelaria, mas o que gostava mesmo era de ganhar dinheiro. Então, balançou a cabeça e se fez de dissimulado.

— Olhe, Arthur, as leis do uso de informação privilegiada me proíbem de dar esse tipo de informação. Fico constrangido só de você ter me perguntado.

Benoit sorriu diante da repreensão.

— Não existem leis de uso de informação privilegiada aqui. Lembre-se, nós estamos criando as leis. Então, conte o que está planejando.

— Não posso. — E ele se manteve firme na recusa, esperando para ver se a ganância, como de costume, superaria o bom senso.

— Quando precisará do bilhão... ou bilhão e meio? Vincenti engoliu o fãção com a ajuda do vinho.

— Daqui a sessenta dias, no máximo. Benoit pareceu considerar a solicitação.

— E a duração do empréstimo? Supondo, é claro, que seja possível.

— Vinte e quatro meses.

— Um bilhão de dólares, com juros, pagos em dois anos?

Ele não disse nada. Só mastigou, deixando que a revelação fosse absorvida.

— Como eu disse, sua corporação está altamente endividada. Esse empréstimo não seria bem-visto por meus comitês de aprovação.

Vincenti finalmente disse o que o homem queria ouvir.

— Você será meu sucessor no Conselho dos Dez. A expressão de Benoit foi de surpresa.

— Como você poderia saber? É uma seleção aleatória entre os membros.

— Um dia você descobrirá, Arthur, que nada é aleatório. Meu mandato está para acabar. Seus dois anos começarão em breve.

Ele sabia que Benoit queria desesperadamente fazer parte do Conselho. E ele precisava de amigos lá. Amigos que lhe devessem favores. Até então, quatro dos cinco membros que permaneceriam eram seus amigos. Agora, acabava de comprar mais um.

— OK — disse Benoit. — Mas vou precisar de alguns dias para negociar o risco entre alguns dos meus bancos.

Ele abriu um sorriso e continuou comendo.

— Faça isso. Mas vá por mim, Arthur, não se esqueça de ligar para o seu corretor.

Zovastina olhou para o seu relógio Louis Vuitton, um presente do ministro do Exterior sueco durante uma visita oficial alguns anos atrás. Era um homem charmoso, que chegou a flertar com ela. Ela retribuiu a atenção, ainda que pouca coisa no diplomata tenha lhe parecido estimulante. O mesmo era verdade para o núncio papal Colin Michener, que parecia sentir prazer em irritá-la. Durante os últimos minutos, ela e o monsenhor andaram pela nave da basílica — aguardando, supôs, a preparação do altar.

— O que o faz trabalhar para o papa? — ela perguntou. — Um dia secretário papal do último papa, agora, um mero núncio.

— Sua Santidade gosta de recorrer a mim para projetos especiais.

— Como eu? Ele assentiu.

— Você é bastante especial.

— Por que motivo?

— É uma chefe de Estado. Por que mais?

Esse homem era esperto, como o diplomata sueco do relógio francês, rápido para pensar e falar, mas com respostas de menos. Ela apontou para um dos enormes pilares de mármore, com a base cercada por um banco de pedra isolado por cordas para evitar que as pessoas se sentassem.

— O que são essas manchas pretas? — Ela havia notado os borrões em todas as colunas.

— Fiz a mesma pergunta um dia — observou Michener. — Séculos de pessoas sentadas fielmente nos bancos, encostando a cabeça no mármore. Gordura de cabelo absorvida pela pedra. Imagine quantos milhões de cabeças foram necessárias para deixar essas impressões.

Ela invejava tais nuances históricas do Ocidente. Infelizmente, sua terra natal fora torturada por invasores que, sem exceção, fizeram questão de eliminar todos os vestígios do que se passara antes deles. Primeiro, os persas, depois os gregos, mongóis, turcos e, finalmente, os piores de todos, os russos. Um prédio permanecia aqui e ali, mas nada como aquele edifício dourado.

Estavam à esquerda do altar elevado, do lado de fora da iconostase, os dois guardas dela próximos o suficiente para ouvirem um grito. Michener apontou para o mosaico do chão.

— Está vendo a pedra em forma de coração?

Ela viu. Pequena, discreta, tentando misturar-se aos desenhos exuberantes que espiralavam ao seu redor.

— Ninguém sabia o que era isso. Então, há cerca de cinquenta anos

atrás, durante uma restauração do piso, a pedra foi erguida e, abaixo dela, encontraram uma pequena caixa com um coração humano ressecado. Pertenceu ao doge Francesco Erizzo, que morreu em 1646. Fui informado que seu corpo se encontra na igreja de San Martino, mas ele determinou que seu ser mais íntimo fosse enterrado próximo ao santo patrono dos venezianos. — Michener apontou para o altar elevado. — São Marcos.

— Sabe o que é o ser mais íntimo?

— O coração humano? Quem não sabe? Os antigos viam o coração como a sede da sabedoria, da inteligência, a essência da pessoa.

O motivo exato, ela pensou, do uso da descrição por Ptolomeu. Toque o ser mais íntimo da ilusão dourada.

— Deixe-me mostrar uma outra coisa — disse Michener. Passaram diante do biombo elaborado, cheio de quadrados, romboides e quadriláteros formados no mármore colorido. Atrás do anteparo, havia homens de joelhos, trabalhando embaixo da mesa do altar, onde estava um sarcófago de pedra, banhado em luz. Uma grade de ferro que protegia a parte da frente, com cerca de 2 metros de comprimento e 1 de altura, estava sendo removida.

Michener notou o interesse da ministra e parou.

— Em 1835, a mesa do altar foi esvaziada, e criaram um local proeminente para o santo. Lá, ele descansou. Esta será a primeira vez que o sarcófago é aberto desde então. — O núncio conferiu a hora em seu relógio. — Quase 1 hora. Logo estarão prontos para nós.

Ela continuou seguindo o homem irritante até o outro lado da basílica, para o sombrio transepto sul. Michener parou diante de outra das altas colunas de mármore.

— A basílica foi destruída por um incêndio em 976 — contou —, e reconstruída e dedicada em 1094. Como você mencionou quando eu estava em Samarcanda, durante os Ianos em que o paradeiro do corpo de Marcos foi esquecido. Então, durante uma missa para dedicar a nova basílica, no dia 26 de junho de 1094, um ruído de desmoronamento veio deste pilar. Lascas de pedra. Um tremor. Primeiro, uma das mãos, um braço, depois o corpo inteiro foi revelado, e acreditou-se de forma geral que, com o reaparecimento de São Marcos, tudo estava certo com o mundo novamente.

Ela mais se divertiu do que se impressionou.

— Ouvi a história. Incrível como o corpo reapareceu de repente, bem quando a nova igreja e o doge precisavam de apoio político e financeiro dos venezianos. O padroeiro da cidade revelado por um milagre. Deve ter sido um espetáculo e tanto. Imagino que o doge, ou algum ministro esperto, tenha produzido a cena toda em segredo. Um truque político brilhante. Ainda se fala disso novecentos anos depois. Michener balançou a cabeça, achando graça.

— Que falta de fé.

— Eu me concentro no que é real. Ele apontou.

— Como em Alexandre, o Grande, deitado naquela tumba? Sua descrença a incomodou.

— E como sabe que não é ele? A Igreja não faz ideia de quem seja o

corpo roubado pelos venezianos em Alexandria há mais de mil anos.

— Então, diga-me, ministra, o que a faz ter tanta certeza?

Ela olhou para o pilar de mármore que sustentava o teto grandioso e não conteve o impulso de acariciar as laterais, perguntando-se se a história do corpo surgindo de lá era verdadeira.

Gostava de histórias assim.

Por isso, contou ao núncio uma das suas.

Eumenes encarou uma tarefa enorme. Como secretário pessoal de Alexandre, foi encarregado de certificar-se de que o rei fosse sepultado ao lado de Heféstion. Três meses haviam se passado desde a morte do rei, e o corpo mumificado ainda se encontrava no palácio. A maioria dos outros companheiros havia deixado a Babilônia há muito tempo, aventurando-se para tomar o controle de sua porção do império. Encontrar um corpo adequado para a troca revelou-se um desafio, mas um homem com o tamanho, forma e idade de Alexandre foi localizado fora da cidade, em uma vila não muito distante. Eumenes envenenou o homem, e um dos embalsamadores egípcios, que recebeu a promessa de um enorme pagamento, mumificou o impostor. Depois, o egípcio deixou a cidade, mas um dos dois cúmplices de Eumenes o matou. A troca de corpos aconteceu durante uma tempestade de verão que atingiu a cidade com chuvas fortes. Uma vez envolto pelas bandagens douradas, vestido com túnicas dourada e colocada a coroa, ninguém poderia distinguir os dois cadáveres. Eumenes manteve Alexandre escondido por alguns meses, até o cortejo fúnebre sair da Babilônia em direção à Grécia com o impostor. A cidade então entrou em letargia e nunca mais saiu. Eumenes e seus dois ajudantes conseguiram sair sem incidentes, levando Alexandre para o norte, realizando o último desejo do rei.

Michener disse:

— Então, o corpo que está aqui pode não ser o de Alexandre, afinal?

— Não me lembro de ter prometido me explicar. Ele sorriu.

— Não, ministra, não prometeu. Devo dizer apenas que gostei de sua história.

— Tão divertida quanto a sua história do pilar. Ele concordou.

— Provavelmente têm o mesmo grau de credibilidade.

Mas ela discordava. Sua história vinha de um manuscrito molecular descoberto através de análises de raios X, imagens que permaneceram além da visão do olhar humano durante séculos. Somente a tecnologia moderna foi capaz de revelá-las. Não era uma fábula. Alexandre, o Grande, não foi sepultado no Egito. Foi levado a outro lugar, que acabou sendo descoberto por Ptolomeu, o primeiro faraó grego. Um lugar para o qual a múmia que estava a 10 metros dela poderia levá-la.

Um homem apareceu da iconostase e disse a Michener:

— Estamos prontos.

O núncio acenou e fez um gesto para que Irina fosse na frente.

— Parece, ministra, que chegou a hora de ver de quem é a fábula verdadeira.

Viktor viu a mulher subir os degraus até o convés central da lancha, mantendo a arma apontada em sua direção.

— Gostou do incêndio? — ela perguntou.

Ele passou o câmbio para neutro e foi na direção dela.

— Sua puta, imbecil. Vou te mostrar... Ela ergueu o revólver.

— Ande. Mostre.

Os olhos que o encaravam estavam cheios de ódio.

— Você mata com facilidade — ele disse.

— Assim como você.

— E quem eu matei?

— Talvez tenha sido você. Talvez algum outro do Bando Sagrado. Dois meses atrás. Em Samarcanda. Ely Lund. A casa dele foi totalmente destruída num incêndio, graças ao seu fogo grego.

Ele se lembrou da tarefa. Cuidara de tudo pessoalmente a pedido de Zovastina.

— Você é a mulher de Copenhague. Eu a vi no museu, depois na casa.

— Quando tentou nos matar.

— Parece que você e seus amigos provocaram esse desafio.

— O que você sabe sobre a morte de Ely? Você é o chefe do Bando Sagrado de Zovastina.

— Como sabe disso? — Então, lembrou-se. — A moeda que examine naquela casa. Impressões digitais.

— Sujeito inteligente.

Cassiopeia parecia estar lutando contra uma condenação dolorosa, então ele decidiu ativar seu conflito emocional.

— Ely foi assassinado.

— Por você?

Ele notou um arco e uma aljava com flechas pendurados no ombro dela. Ela havia demonstrado como conseguia se manter fria quando travou a porta do museu e usou as flechas para pôr fogo no prédio. Então, decidiu não pressioná-la demais.

— Eu estava lá.

— Por que Zovastina queria que ele morresse?

A lancha balançava nas ondas que não podiam ser vistas, e ele pôde senti-las sendo empurradas pelo vento. A única iluminação vinha do brilho fraco do painel de controle.

— Você, seus amigos, esse Ely, estão todos envolvidos com coisas que

não lhes dizem respeito.

— E eu diria que isso é algo que deveria preocupar você. Vim para mata-los dois. Um já foi. Só falta um.

— É o que vai ganhar com isso?

— O prazer de vê-lo morrer. Ela apontou.

E atirou.

..*

Malone passou o reversor para o neutro. — Ouviu isso?

Stephanie também estava alerta.

— Pareceu um tiro. Perto daqui.

Ele pôs a cabeça para fora do para-brisa e notou que o incêndio em Torcello, a cerca de um quilômetro e meio, queimava com vigor renovado. A névoa havia subido, o tempo ali parecia mudar rápido, a visibilidade agora estava razoável. As luzes dos barcos formavam caminhos em todas as direções.

Tentou ouvir mais sons.

Nada.

Ligou os motores.

..*

Cassiopeia mirou na antepara, fazendo a bala passar a centímetros da perna de Viktor.

— Ely nunca machucou ninguém. Por que ela tinha que matá-lo?

— Manteve a arma apontada para ele. — Fale. Por quê? — A pergunta saiu dividida, palavra por palavra, dentes cerrados, mais súplica do que raiva.

— Zovastina é uma mulher com uma missão. Seu Ely interferiu.

— Era um historiador. Como poderia representar uma ameaça?

— Sentiu ódio de si mesma por se referir a ele no passado.

A água batia no casco baixo, e o vento continuava a agitar a lancha.

— Você ficaria surpresa com a facilidade com que ela mata as pessoas.

Ele ter se desviado da pergunta só aumentou sua raiva.

— Vá para o maldito timão. — Ela o observou pelo lado oposto do leme — Siga em frente, devagar e com cuidado.

— Para onde?

— São Marcos.

Ele se virou e engatou a marcha, depois virou a lancha para a esquerda de repente, fazendo o convés girar sob os pés dela. No momento de surpresa, quando manter o equilíbrio superou sua vontade de atirar, ele se atirou em cima dela.

..*

Viktor sabia que tinha que matar aquela mulher. Ela representava fracasso em diversos níveis — o suficiente para que, se ela fosse descoberta, Zovastina perdesse toda a confiança nele.

Sem contar o que acontecera a Rafael.

Segurou com a mão esquerda o alto da porta da cabine traseira, e usou o painel de madeira para girar o corpo contra o giro do convés, batendo com as botas nos braços da mulher.

Ela se desviou do golpe e caiu para frente.

A cabine tinha alguns metros quadrados. Duas aberturas dos dois lados davam acesso para fora do barco. Os motores gemiam enquanto a lancha, sem piloto, enfrentava as vagas. A água batia no para-brisa. A mulher ainda segurava a arma, mas estava com dificuldade para retomar o equilíbrio.

Ele deu-lhe um golpe no maxilar com a palma da mão aberta. Seu pescoço foi jogado para trás, e ela bateu a cabeça em algo. Ele aproveitou o momento de confusão para girar o leme novamente e diminuir a velocidade. Estava preocupado com os bancos de areia movediça e o mato grudento. Torcello erguia-se à sua esquerda, o museu em chamas iluminando a noite. O barco rodopiava nas águas encrespadas, e a mulher segurava o crânio.

Ele decidiu deixar as coisas por conta da natureza.

E chutou-a para o mar.

Zovastina atravessou a iconóstase, foi ao presbitério e ficou olhando para o baldaquim luxuoso da basílica. Quatro colunas de alabastro, adornadas com relevos elaborados, sustentavam um enorme bloco de serpentina esculpido em galerias cruzadas. Atrás, emoldurada pelo baldaquim, brilhava a famosa Pala d'Oro, a tela repleta de ouro, pedras preciosas e esmalte.

Sob o altar, analisou as duas partes distintas do sarcófago de pedra. O tempo disforme não passava de uma laje com a superfície interior esculpida em forma de um retângulo liso sobre o qual estava escrito *corpus divi marci evangelistae*. Seu latim era suficiente para uma tradução aproximada. Corpe do divino são Marcos. Dois anéis de ferro pesados saíam do alto, que parecia ser o meio pelo qual as pedras enormes haviam sido colocadas no lugar. Agora, barras de ferro grossas passavam pelos anéis, aparafusadas em cada extremidade por quatro guindastes hidráulicos.

— Isto é um verdadeiro desafio — disse Michener. — Pouco espaço sob o altar. É claro que conseguiríamos entrar facilmente com equipamento pesado, mas não temos tempo ou privacidade para isso.

Ela notou os homens preparando os guindastes.

— Padres? Ele assentiu.

— Ordenados aqui. Achamos melhor manter isto entre nós.

— Sabe o que tem dentro? — ela perguntou.

— O que você está perguntando, na verdade, é se os restos mortais estão mumificados. — Michener deu de ombros. — Faz mais de 170 anos que esse túmulo foi aberto pela última vez. Ninguém sabe de verdade o que há lá dentro.

Ela não gostou da afetação dele. Ptolomeu aproveitou-se da troca de Eumenes e usou todo o potencial político do que o mundo acreditava ser o cadáver de Alexandre.

Ela não tinha como saber se o que estava prestes a ver traria alguma resposta, mas era imperativo descobrir.

Michener fez um gesto para um dos padres, e os guindastes hidráulicos foram acionados. Os anéis de ferro no alto do túmulo foram estendidos para cima, depois, muito lentamente, um milímetro de cada vez, os guinchos ergueram o tempo pesado.

— Mecanismos poderosos — disse Michener. — Pequenos, mas capazes de levantar uma casa.

O tempo estava agora 2 centímetros para cima, mas o interior do

sarcófago permanecia nas sombras. Ela olhou acima do baldaquim, para o semidomo fortemente iluminado da abside, para um mosaico dourado de Cristo.

Os quatro homens pararam de operar os guindastes.

A tampa do sarcófago permaneceu suspensa cerca de 4 centímetros acima da base, as barras de ferro agora emparelhadas com a parte de baixo do altar.

Não havia mais espaço para subir.

Michener fez um gesto para que eles recuassem na direção da iconostase, para longe do altar, onde sussurrou:

— Sua Santidade está tentando atender ao seu pedido com a esperança de que você retribuirá o favor. Mas sejamos realistas. Você não cumprirá com a sua promessa.

— Não estou acostumada a ser ofendida.

— E Sua Santidade não está acostumado a ouvir mentiras. O diplomata parecia ter abandonado toda a dissimulação.

— Vocês terão acesso à Federação, conforme garanti.

— Queremos mais.

Agora ela percebia. E ele esperou até a tampa ser erguida. E ela sentiu ódio de si mesma, mas por causa de Karyn, Alexandre, o Grande, e o que mais estivesse lá para ser revelado, não tinha escolha.

— O que vocês querem?

Ele pôs a mão sob o paletó e retirou um maço de papéis dobrados.

— Preparamos uma concordata entre a Federação e a Igreja. Garantia por escrito de que teremos o acesso. Conforme seu pedido ontem, nos reservamos o direito de ter qualquer construção de igreja aprovada pela Federação.

Ela desdobrou os papéis e viu que até mesmo o texto havia sido preparado em cazaque.

— Achamos que seria mais fácil se estivesse na sua língua.

— Acharam que fosse mais fácil para divulgação. Minha assinatura é sua garantia. Não haveria como negar seu pedido depois de assinar.

Ela olhou rapidamente a concordata. O texto detalhava um esforço cooperativo entre a Igreja Católica e a Federação da Ásia Central por "juntas, promover e estimular o exercício livre da religião por meio da autorização irrestrita do trabalho missionário". Os parágrafos seguintes esclareciam que a violência contra a Igreja não seria tolerada, e que os agressores seriam punidos. Outras cláusulas garantiam que vistos seriam concedidos livremente para pessoas da Igreja, e que nenhuma represália seria tolerada contra qualquer convertido.

Olhou mais uma vez para o altar. A parte de baixo do sarcófago permanecia nas sombras. Mesmo a 10 metros dali, não conseguia ver nada lá dentro.

— Seria bom ter você no meu time — ela disse.

— Gosto de servir à Igreja.

Ela olhou para o relógio de pulso: 0h50. Viktor já deveria estar lá

Nunca se atrasava. Sempre tão confiável. Olhou para a nave, depois na direção das partes do átrio oeste onde apenas o teto dourado era iluminado. Muitos locais escuros para se esconder. Ela se perguntou se, quando fosse 1 hora, e tivesse o direito a seus trinta minutos, estaria realmente sozinha.

— Se for um problema assinar a concordata — disse Michener —, podemos simplesmente esquecer tudo.

As palavras dela no dia anterior, quando o desafiou. Decidiu pagar para ver.

— Tem uma caneta?

Malone avistou um par de luzes vermelhas em movimento a 500 metros, movendo-se de forma irregular sobre as águas negras, como se o barco estivesse sem piloto.

— Está vendo aquilo ali? — perguntou a Stephanie, apontando.

Ela estava do outro lado do leme.

— Está além do canal sinalizado.

Ele pensou a mesma coisa. Manteve o barco seguindo em frente. Chegaram perto da embarcação à deriva, talvez a 200 metros. Sem dúvida, o outro barco, mais ou menos do mesmo formato e tamanho do barco deles, estava perto dos bancos de areia. Depois viu alguém cair na água.

Outro vulto apareceu e três tiros soaram.

— Cotton — disse Stephanie.

— Já estou cuidando disso.

Ele girou o timão para a esquerda e foi direto na direção dos faróis. O outro barco pareceu ganhar vida e sair em outra direção. Ele seguiu reto, formando ondas e partindo na direção da outra embarcação. A água golpeou o casco. Malone ainda estava a 150 metros, com o outro barco seguindo mais rápido. A silhueta obscura do piloto surgiu diante do leme, um revólver no braço estendido.

— Abaixei-se — ele gritou para Stephanie.

Ela também pareceu ter localizado o perigo, e já estava saltando para a proa molhada. Mergulhou com ela quando as duas balas passaram zunindo, uma estilhaçando uma janela na cabine de popa.

Malone ficou de pé com um salto e retornou o controle do leme. O outro barco estava acelerando na direção de Veneza. Precisava persegui-lo, mas agora se perguntava sobre a pessoa que caíra na água.

— Encontre uma lanterna — ele disse, ao reduzir a velocidade do barco e manobrar na direção do local onde vira a outra embarcação pela primeira vez.

Stephanie correu para dentro da cabine dianteira, e ele a ouviu vasculhar os compartimentos. Ela reapareceu com uma luz na mão.

Ele mudou o câmbio para ponto morto.

Stephanie percorreu a água com o facho da lanterna. Ele ouviu sirenes a distância e avistou três barcos com faróis de emergência piscando, contornando uma das ilhas na direção de Torcello.

Noite agitada para a polícia italiana.

— Vê alguma coisa? — ele perguntou. — Alguém caiu na água.

Tinha que ter cuidado para não passar por cima da pessoa, mas ia ser difícil no breu total.

— Ali — Stephanie gritou.

Malone correu para o lado dela e viu um vulto debatendo-se. Só foi preciso um segundo para saber que era Cassiopeia. Antes que ele pudesse reagir, Stephanie jogou a lanterna para o lado e pulou na água.

Ele disparou de volta para o leme e manobrou o barco.

Voltou ao outro lado do convés quando Stephanie e Cassiopeia aproximavam-se com dificuldade. Abaixou-se e segurou Cassiopeia, puxando-a para fora da água.

Deitou seu corpo debilitado sobre o convés.

Ela estava inconsciente.

Uma aljava com um arco e flechas estava presa ao seu ombro. Com certeza, isso já renderia uma história, ele pensou. Rolou Cassiopeia para o lado.

— Tussa até sair tudo.

Ela parecia ignorá-lo.

Ele bateu em suas costas.

— Tussa.

Ela começou a cuspir água, engasgando cada vez que expelia, mas pelo menos estava respirando.

Stephanie saiu da lagoa.

— Ela está tonta, mas não foi atingida por nenhuma bala.

— Difícil acertar um tiro no escuro de um convés oscilante.

Ele continuou dando tapas leves nas costas dela, e mais água saiu dos pulmões. Ela parecia estar voltando a si.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

Os olhos dela pareciam estar restabelecendo o foco. Ele conhecia a expressão. Ela tinha sido atingida na cabeça.

— Cotton? — ela perguntou.

— Acho que não adiantaria perguntar por que você está com arco e flechas?

Ela esfregou a cabeça.

— Aquele maldito...

— Quem era ele? — perguntou Stephanie.

— Stephanie? O que está fazendo aqui? — Cassiopeia estendeu a mão e tocou as roupas molhadas de Stephanie. — Você me tirou da água?

— Eu lhe devia uma.

Malone ficara sabendo apenas de parte do que acontecera no outono passado em Washington enquanto estava sitiado no Sinai, mas as duas pareciam ter se aproximado.

Mas no momento ele precisava saber:

— Quantos mortos dentro do museu de Torcello?

Cassiopeia ignorou-o e estendeu a mão para trás, procurando algo. Sua mão reapareceu com uma Glock. Balançou a arma para tirar a água, secando o cano. Ótima vantagem das Glock, que ele sabia de experiência própria:

eram praticamente à prova d'água.

Ela ficou de pé.

— Precisamos ir.

— Era Viktor que estava no barco com você? — ele perguntou, agora com irritação na voz.

Mas Cassiopeia havia recuperado as faculdades mentais, e ele viu a raiva reaparecer em seu olhar.

— Já lhe disse que isso não tem a ver com você. Não é sua briga.

— Está bem. Tem um monte de merda acontecendo aqui que você não faz ideia.

— Eu sei que os desgraçados da Ásia mataram Ely por ordem de Irina Zovastina.

— Quem é Ely? — perguntou Stephanie.

— É uma longa história — ele disse. — Que está causando muitos problemas no momento.

Cassiopeia continuou balançando a cabeça para dissipar a confusão mental, e a arma, para tirar a água.

— Precisamos ir.

— Você matou alguém? — ele perguntou.

— Tostei um deles feito um marshmallow.

— Vai lamentar depois.

— Obrigada pelo conselho. Vamos.

Ele decidiu que ia atrasá-la e tentou:

— Para onde Viktor estava indo?

Ela tirou o arco das costas.

— Henrik te mandou essa coisa? — ele perguntou, lembrando-se da bolsa de pano no restaurante.

— Como eu disse, Cotton, isso não é assunto seu.

Stephanie interveio.

— Cassiopeia. Não sei metade do que está acontecendo aqui, mas sei o suficiente para afirmar que você não está pensando. Como você me disse no outono, use a cabeça. Deixe-nos ajudar. O que aconteceu?

— Você também, Stephanie, não se meta. Estou esperando por esses homens há meses. Esta noite, finalmente, estive com eles na minha mira. Peguei um. Quero pegar o outro. E, sim, é Viktor. Ele estava lá quando Ely morreu. Queimaram-no até a morte. E para quê? — O volume da voz aumentava cada vez mais. — Quero saber por que ele morreu.

— Então, vamos descobrir — disse Malone.

Cassiopeia andou com passos hesitantes. No momento, estava encurralada, sem ter para onde ir, e parecia ser inteligente o bastante para saber que nenhum dos dois recuaria. Apoiou as palmas das mãos no parapeito do convés e recuperou o fôlego. Finalmente, disse:

— OK. OK. Vocês estão certos.

Malone se perguntou se ela estava apenas tentando acalmá-los.

Cassiopeia permaneceu imóvel.

— Isto é pessoal. Mais do que qualquer um de vocês pode entender. —

Hesitou. — É mais do que Ely.

Essa foi a segunda vez que ela insinuou algo nesse sentido.

— Que tal você nos contar o que está em jogo?

— Que tal eu não contar?

Malone queria desesperadamente ajudá-la, e discutir parecia não adiantar. Então, olhou para Stephanie, que entendeu o que seu olhar estava pedindo.

Fez um gesto de aprovação.

Ele dirigiu-se ao leme e ligou os motores. Mais cruzadores da polícia passaram na direção de Torcello. Ele virou o barco para Veneza, para as luzes distantes da embarcação de Viktor.

— Não se preocupe com o cadáver — disse Cassiopeia. — Não sobra nada do corpo nem do museu.

Ele queria saber algo.

— Stephanie, alguma notícia de Naomi?

— Nada desde ontem. Por isso eu vim.

— Quem é Naomi? — perguntou Cassiopeia.

— Isso é assunto meu — ele disse. Cassiopeia não o provocou. Em vez disso, disse:

— Aonde estamos indo?

Ele olhou para o relógio. O visor luminoso indicava 0h45.

— Como eu disse, tem muita coisa acontecendo aqui, e sabemos exatamente para onde Viktor está indo.

SAMARCANDA

4H

Vincenti sentiu um arrepio na espinha. É verdade que havia mandado matar pessoas, uma delas ontem mesmo, mas aquilo era diferente. Estava prestes a tomar um caminho ousado. Um caminho que não só o transformaria no homem mais rico do planeta, mas também lhe garantiria um lugar na História.

Faltava pouco mais de uma hora para o amanhecer. Ele estava no banco traseiro do carro, quando O'Conner e dois outros homens aproximaram-se de uma casa protegida por alguns castanheiros em flor e uma cerca de ferro alta, propriedade de Irina Zovastina.

O'Conner aproximou-se do carro, e Vincenti baixou o vidro.

— Os dois guardas estão mortos. Retiramos os dois sem problemas.

— Alguma outra forma de segurança?

— Só isso. Zovastina deixa o lugar sem muito controle. Porque pensava que ninguém se importasse.

— Estamos prontos?

— Só a mulher que cuida da moça está lá dentro.

— Então, vamos ver se são pessoas agradáveis.

Vincenti entrou pela porta da frente. Os dois outros homens que haviam contratado para a noite seguraram a enfermeira de Karyn Walde, uma mulher idosa com uma expressão severa, usando robe e chinelos. Uma expressão aterrorizada tomou conta do rosto asiático.

— Soube que você cuida de Karyn Walde — ele disse.

A mulher assentiu.

— E que você não aprova o modo como a ministra suprema trata dela.

— Ela é terrível com ela.

Ele ficou satisfeito por saber que suas informações eram precisas.

— Soube que Karyn está sofrendo. A doença está evoluindo.

— E a ministra não a deixa descansar.

Ele fez um sinal, e os dois homens a soltaram. Aproximou-se e disse:

— Estou aqui para livrá-la do sofrimento. Mas preciso de sua ajuda.

O olhar dela estava carregado de desconfiança.

— Onde estão os guardas?

— Mortos. Espere aqui enquanto vou vê-la. — Ele fez um gesto. — No final do corredor?

Ela assentiu mais uma vez.

Ele ligou um dos abajures de cabeceira e analisou a visão patética inclinada sob um acolchoado rosa-claro.

Karyn Walde respirava com o auxílio de aparelhos e oxigênio engarrafado. Uma bolsa intravenosa alimentava um braço. Ele retirou uma seringa, inseriu a agulha numa abertura para medicamentos intravenosos e deixou-a pendurada.

Os olhos da mulher se abriram.

— Você precisa acordar — ele disse.

Ela piscou algumas vezes, tentando processar o que estava acontecendo. Depois ergueu o corpo do travesseiro.

— Quem é você?

— Sei que você não tem tido muita ajuda ultimamente, mas sou um amigo.

— Eu o conheço?

Ele balançou a cabeça.

— Não há razão para que conheça. Mas eu a conheço. Diga, como era amar Zovastina?

Certamente, uma pergunta esquisita, vinda de um estranho, no meio da noite, mas ela só deu de ombros.

— Por que você se importaria com isso?

— Lido com ela há muitos anos. Nem uma vez sequer a vi senti afeição por alguém ou o contrário. Como você conseguiu?

— É uma pergunta que me fiz muitas vezes.

Ele observou a decoração do quarto. Elegante e cara, como o resto da casa.

— Você mora bem.

— É um pequeno conforto.

— No entanto, quando ficou doente e soube que era HIV positivo voltou para ela. Retornou após vários anos de afastamento.

— Você sabe muito sobre mim.

— Para ter voltado, devia sentir algo por ela.

Karyn voltou a se recostar no travesseiro.

— Sob alguns aspectos, ela é tola.

Ele ouviu com atenção.

— Ela se imagina o Aquiles do meu Pátroclo. Ou pior, é Alexandre e me vê como Heféstion. Ouvi essas histórias muitas vezes. Conhece a Ilíada?

Ele balançou a cabeça.

— Aquiles sentiu-se responsável pela morte de Pátroclo. Permitiu que o amante liderasse os homens numa batalha, fingindo ser ele. Alexandre, o Grande, sentiu uma culpa enorme pela morte de Heféstion.

— Você entende de literatura e História.

— Eu não entendo de nada. Só ouvi a falação dela.

— Por que ela é tola?

— Ela quer me salvar, mas não consegue dizer isso. Vem, fica olhando para mim, me castiga, até me ataca, mas está sempre tentando me salvar.

Quando adoeci, sabia que ela era fraca, por isso voltei ao lugar em que sabia que cuidariam de mim.

— Ainda que, obviamente, você a odeie.

— Eu garanto, quem quer que você seja, que uma pessoa no meu lugar tem pouca alternativa.

— Você fala livremente com estranhos.

— Não tenho nada a esconder ou temer. Minha vida está acabando.

— Você desistiu?

— Como se eu tivesse escolha.

Ele decidiu ver o que mais poderia descobrir.

— Zovastina está em Veneza. Neste exato momento. Buscando algo
Você está sabendo disso?

— Não me surpreende. Ela é o grande herói, na busca do grande herói

Eu sou a amante frágil. Não devo fazer perguntas ou provocar o herói, apenas aceitar o que é oferecido.

— Você já ouviu muita besteira.

Ela deu de ombros.

— Irina se considera minha salvadora, então eu deixo. Por que não?
Além do mais, atormentá-la é meu único prazer. As escolhas que fazemos na vida e toda essa baboseira.

— A vida às vezes é imprevisível.

Ele percebeu que ela ficou intrigada.

— Onde estão os guardas?

— Mortos.

— E a minha enfermeira?

— Ela está bem. Acho que realmente se importa com você.

Um leve movimento de cabeça.

— É verdade.

No auge da forma física, aquela mulher deveria ter sido maravilhosa, capaz de seduzir homens e mulheres. Era fácil ver por que atraía Zovastina. Mas também era fácil ver como as duas teriam entrado em conflito. As duas eram mulheres alfa. As duas acostumadas a fazerem as coisas do próprio jeito.

— Tenho observado você há algum tempo — ele disse.

— Não há muito o que ver.

— Diga-me, se pudesse conseguir qualquer coisa no mundo, o que seria?

A alma gravemente doente deitada diante dele pareceu considerar a questão com seriedade. Viu as palavras formarem-se em sua mente. Vira a mesma resolução antes, há muito tempo, em outras pessoas que enfrentavam consequências terríveis semelhantes às dela, apegadas a pouca ou nenhuma esperança, uma vez que nem a ciência nem a religião poderiam ajudá-las.

Só um milagre.

Assim, quando ela respirou fundo e pronunciou a resposta, ele não se decepcionou.

— Viver.

VENEZA

Viktor passou correndo pela fachada oeste da basílica, fortemente iluminada. No alto, o próprio são Marcos fazia a vigília na noite escura, acima de um leão dourado de asas abertas. O centro da piazza estendia-se para a esquerda, isolado por cordas, uma multidão de policiais reunia-se na calçada ampla. Havia uma aglomeração de pessoas, e ele soube do tiroteio ouvindo trechos de conversas. Contornou a cena e seguiu para a entrada norte da igreja, a que Zovastina indicara.

Estava enervado pela aparição da mulher com o arco. Ela deveria ter morrido na Dinamarca. E se não estava morta, os outros dois problemas certamente ainda respiravam.

As coisas estavam saindo do controle. Deveria ter ficado e se certificado de que ela morreria na lagoa, mas Zovastina estava esperando, e ele não podia se atrasar.

Não conseguia tirar da mente a cena da morte de Rafael.

Zovastina não se importaria, a não ser em saber se a morte levantou alguma suspeita. Como poderia? Não haveria corpo a ser encontrado. Apenas fragmentos de ossos e cinzas.

Como quando a casa de Ely Lund pegou fogo.

— *Vocês vão me matar?* — Ely perguntou. — *O que foi que eu fiz?* — C invasor exibiu a arma. — *Como eu posso ser uma ameaça a qualquer pessoa?*

Viktor estava fora do alcance da visão, num quarto ao lado, escutando.

— *Por que não me responde?* — Ely falava cada vez mais alto.

— *Não estou aqui para falar — disse o homem.*

— *Está aqui para atirar em mim?*

— *Faço o que me mandam.*

— *E não faz ideia do motivo?*

— *Não me importa.*

O silêncio tomou conta da sala.

— *E eu queria ter feito mais algumas coisas — Ely finalmente disse. O tom era melancólico, cheio de resignação, surpreendentemente calmo. — Sempre achei que a minha doença me mataria.*

Viktor escutou com interesse renovado.

— *Você está infectado?* — o estranho perguntou, com desconfiança na voz. — *Você não parece doente.*

— Não há razão para parecer. Mas está lá.
Viktor ouviu o clique característico da arma.

Ficou do lado de fora e viu a casa pegar fogo. O escasso departamento de bombeiros de Samarcanda pouco fez. No fim, as paredes desmoronaram, e o fogo grego consumiu tudo. Agora ele sabia mais uma coisa.

A mulher de Copenhague se importava o suficiente com Ely Lun para vingar sua morte.

Viktor contornou a basílica e avistou o portal norte. Um homem esperava do lado de dentro, diante das portas de bronze abertas. Viktor se recompôs.

A ministra suprema ia querer que ele estivesse controlado e atento.

..*

Zovastina devolveu a concordata assinada a Michener.

— Agora, deixe-me durante meus trinta minutos.

O nuncio papal fez um gesto, e todos os padres se retiraram do presbitério.

— Vai lamentar por ter me pressionado — ela deixou claro.

— Talvez você descubra que é difícil ameaçar Sua Santidade.

— Quantos exércitos tem o papa?

— Muitos já fizeram essa pergunta. Mas não foram necessárias armas para dobrar o comunismo. João Paulo II saiu-se muito bem, totalmente sozinho.

— E o seu papa é igualmente astuto?

— Atravesse o caminho dele e descobrirá.

Michener se afastou, passando pela iconostase da nave e desaparecendo na direção da entrada principal da basílica.

— Voltarei daqui a meia hora — avisou na escuridão.

A ministra viu Viktor saindo do breu. Ele passou por Michener, que cumprimentou com um aceno de cabeça. Os dois outros guardas dela estavam um pouco afastados.

Viktor entrou no presbitério. As roupas úmidas e sujas, o rosto manchado de fuligem.

Tudo o que ela queria saber era:

— Está com você?

Ele entregou o medalhão de elefante a ela.

— O que você acha? — ela perguntou.

— Parece autêntico, mas não tive oportunidade de testá-lo.

Ela pôs a moeda no bolso. Depois.

O sarcófago aberto aguardava a 10 metros dali.

Era o que importava no momento.

..*

Malone foi o último a pular do barco para o molhe de concreto. Estavam de volta ao centro da cidade, em São Marcos, onde a famosa praça terminava na lagoa. Ondulações batiam nos remos em movimento e empurravam gôndolas amarradas à doca. Ainda restavam muitos policiais por ali, e mais pessoas do que há uma hora.

Stephanie foi na direção de Cassiopeia, que já passava entre fileiras de vendedores ambulantes, indo na direção da basílica, o arco e as flechas ainda pendurados no ombro.

— A Pocahontas ali precisa de uma coleira.

— Sr. Malone.

Na multidão, ele avistou um homem de 40 e poucos anos, vestindo calça cáqui, camisa de manga longa e casaco de algodão, andando em sua direção. Cassiopeia pareceu ter ouvido o cumprimento também, pois parou e seguiu para onde Malone e Stephanie estavam.

— Sou o monsenhor Colin Michener — o homem disse ao se aproximar.

— Não parece ser padre.

— Não esta noite. Mas me disseram para esperá-lo, e devo dizer que a descrição que me deram foi precisa. Alto, cabelos claros, acompanhado por uma mulher mais velha.

— Como? — disse Stephanie.

Michener abriu um sorriso.

— Ouvi dizer que você não gosta de falar da idade.

— E quem lhe disse isso? — Malone queria saber.

— Edwin Davis — disse Stephanie. — Ele disse que tinha uma fonte impecável. Você, presumo?

— Conheço Edwin há muito tempo.

Cassiopeia apontou para a igreja.

— Outro homem entrou naquela basílica? Baixo, atarracado, usando jeans?

O padre fez que sim.

— Está lá. Com a ministra Zovastina. O nome dele é Viktor Tomas, é chefe da segurança pessoal de Zovastina.

— Você está bem informado — disse Malone.

— E eu diria que é Edwin quem sabe das coisas. Mas não pôde me dizer uma coisa. Como conseguiu esse nome? Cotton.

— É uma longa história. Neste exato momento, precisamos entrar na basílica. E tenho certeza de que sabe por quê.

Michener fez um gesto, e eles foram para trás de um dos vendedores ambulantes, afastando-se do fluxo de pedestres.

— Ontem tivemos acesso a uma informação sobre a ministra Zovastina que transmitimos a Washington. Ela queria espiar dentro do túmulo de São Marcos, então Sua Santidade achou que os Estados Unidos talvez quisessem dar uma olhada na mesma hora.

— Vamos indo? — Cassiopeia perguntou.

— Você é nervosa, não? — disse Michener.

— Eu só quero ir.

— Está levando um arco e flechas.

— Você é sagaz.

Michener ignorou a gracinha e encarou Malone.

— A situação vai sair do controle?

— Não mais do que já saiu.

Michener apontou para a praça.

— Como o homem que foi morto aqui hoje.

— E tem um museu em chamas em Torcello — Malone acrescentou quando sentiu o celular vibrando.

Tirou o aparelho do bolso, verificou o visor. Era Henrik, de novo. E atendeu:

— Enviar um arco e flechas para ela não foi uma boa ideia.

— Não tive escolha. — Thorvaldsen disse ao telefone. — Tenho que falar com ela. Ela está com você?

— Ah, claro.

Entregou o telefone a Cassiopeia, que se afastou.

..*

Cassiopeia segurava o telefone perto do rosto, a mão tremendo.

— Ouça bem — Thorvaldsen disse em seu ouvido. — Há coisas que você precisa saber.

..*

— Isto é o caos — Malone disse a Stephanie.

— E piora a cada minuto.

Ele observava Cassiopeia, de costas para eles, segurando o celular.

— Ela está confusa — ele esclareceu.

— Um estado, creio eu, pelo qual todos já passamos. Ele sorriu diante da verdade da afirmação.

Cassiopeia terminou a ligação e voltou para devolver-lhe o telefone.

— Recebeu ordens para atacar? — ele perguntou.

— Algo assim.

Ele olhou para Michener.

— Está vendo com o que eu tenho que lidar. Então, espero que você me diga algo útil.

— Zovastina e Viktor estão no presbitério da basílica.

— Era o que eu queria saber.

— Mas preciso falar com você em particular — Michener disse a Stephanie. — Uma informação que Edwin me pediu para transmitir.

— Prefiro ir com eles.

— Ele disse que era decisivo.

— Fale com ele — disse Malone. — Cuidamos das coisas lá dentro.

..*

Zovastina aproximou-se da mesa do altar e se abaixou.

Um dos padres havia deixado uma barra leve no chão. Fez um gesto para que Viktor se ajoelhasse a seu lado.

— Mande os outros dois saírem pela igreja, andarem, especialmente no andar de cima. Quero ter certeza de que não temos nenhum observador.

Viktor despachou os outros seguranças e retornou.

Ela pegou a lanterna e, com a respiração presa, iluminou o interior do sarcófago de pedra. Imaginava aquele momento desde que Ely Lund contou-lhe que havia uma possibilidade.

Aquele era o impostor? Ptolomeu poderia ter deixado uma pista que levaria ao local onde Alexandre, o Grande, jazia? Aquele lugar distante, nas montanhas, onde os citas ensinaram a Alexandre sobre a vida. A vida na forma do fluido. Lembrou-se do que o historiador da corte de Alexandre escrevera em um dos manuscritos descobertos por Ely. O pescoço do homem havia inchado com protuberâncias tão severas que ele mal conseguia engolir, como se a garganta estivesse cheia de seixos, e expelia um líquido a cada inspiração. Seu corpo estava coberto de lesões. Não havia força em nenhum de seus músculos. Cada inspiração demandava esforço. No entanto, em um dia, o fluido o curou. Os cientistas de seu laboratório biológico acreditavam que os sintomas eram virais. Era possível que a natureza, que criou tantos agressores, também tivesse gerado um modo de freá-los?

Mas não havia restos mortais dentro da sepultura de pedra.

Em vez disso, ela viu uma caixa de madeira fina, de meio metro quadrado, toda decorada, com duas alças de latão. A decepção fez seu estômago se contrair. Mascarou a emoção de imediato e ordenou:

— Retire-o.

Viktor pôs a mão sob o tampo de pedra dependurado, removeu o receptáculo decorado e colocou-o sobre o piso de mármore.

O que ela esperava? Qualquer múmia teria pelo menos 2 mil anos. É verdade que os embalsamadores egípcios eram bons no que faziam, e múmias com essa idade e mais velhas haviam sobrevivido intactas. Mas foram as que permaneceram imperturbadas no túmulo durante séculos, não transportadas precariamente pelo mundo, desaparecendo por centenas de anos a cada vez. Ely Lund estava convencido de que o enigma de Ptolomeu era autêntico. Estava igualmente convencido de que os venezianos, em 828, deixaram Alexandria não com São Marcos, mas com os restos mortais de outro, talvez até mesmo o corpo que repousara no Soma por seiscentos anos, reverenciado e adorado por todos como sendo o de Alexandre, o Grande.

— Abra.

Viktor abriu o fecho e retirou a tampa. O interior estava forrado com veludo vermelho desbotado. Partes do tecido frágil encontravam-se desfiadas lá dentro. Ela as removeu com cuidado e viu dentes, uma omoplata, um fêmur, parte de um crânio e cinzas.

Fechou os olhos.

— O que você esperava? — uma nova voz perguntou.

SAMARCANDA

Vincenti refletiu sobre a resposta de Karyn Walde à sua pergunta e perguntou:

— O que você estaria disposta a fazer para ter sua vida de volta?
— Posso fazer pouco. Olhe para mim. E nem sei o seu nome. Essa mulher havia passado a vida manipulando os outros e, mesmo agora, ainda era capaz.

— Enrico Vincenti.
— Italiano? Não parece.
— Gostei do nome.

Ela abriu um sorriso.

— Tenho a sensação, Enrico Vincenti, de que você e eu somos muito parecidos.

Ele concordava. Era um homem de dois nomes, muitos interesses, mas uma só ambição.

— O que você sabe sobre o HIV?
— Só que está me matando.
— Sabia que ele existe há milhões de anos? O que é incrível, considerando que nem sequer está vivo. Apenas ácido ribonucleico cercado por uma cobertura protetora de proteína.

— Você é algum tipo de cientista?

— Na verdade, sou. Você sabia que o HIV não possui nenhuma estrutura celular? Não é capaz de produzir uma única fagulha de energia. A única característica de um organismo vivo que ele apresenta é a habilidade de se reproduzir. Mas até isso requer o material genético de um hospedeiro.

— Como eu?

— Infelizmente. Há cerca de mil vírus conhecidos. Novos, no entanto são encontrados todos os dias. Cerca de metade vive em plantas, o restante em animais.

O HIV habita animais, mas é impressionantemente único.

Ele viu a expressão confusa no rosto mirrado.

— Não quer conhecer o que a está matando?

— Isso importa?

— Na verdade, poderia importar muito.

— Então, meu novo amigo, que está aqui sabe-se lá por que motivo, por

favor, continue.

Vincenti gostou da atitude.

— O HIV é especial porque é capaz de substituir a composição genética de uma célula pela sua. Por isso é chamado de retrovírus. Agarra-se à célula e a modifica, formando uma cópia. É um ladrão que rouba a identidade da célula. — Ele fez uma pausa, dando a ela algum tempo para absorver a metáfora. — Duzentas mil células de HIV agrupadas mal seriam visíveis a olho nu. É superflexível, quase indestrutível, mas necessita de uma mistura precisa de proteínas, sais, açúcares e, o mais decisivo, o PH exato, para viver. Muito de um, pouco de outro e — estalou os dedos — morre.

— Imagino que é aí que eu entro.

— Ah, sim, mamíferos de sangue quente. Seus corpos são perfeitos para o HIV. Tecido cerebral, líquido cefalorraquidiano, medula óssea, leite materno, células cervicais, sêmen, mucosas e secreções vaginais podem todos abrigá-lo. Sangue e linfa, no entanto, são seus habitats favoritos. Assim como você, Walde — ele apontou —, o vírus simplesmente quer sobreviver.

Vincenti olhou para o relógio sobre a cabeceira. O'Conner e os outros dois homens estavam de guarda do lado de fora. Escolhera ter a conversa ali, uma vez que ninguém iria incomodá-los. Kamil Revin lhe dissera que os guardas da casa eram trocados toda semana. Ninguém do Bando Sagrado gostava da tarefa, portanto, a menos que fosse a vez deles, ninguém prestava muita atenção ao local. Era só mais uma obsessão de Zovastina.

— O interessante é o seguinte — revelou. — O HIV não deveria sequer ser capaz de viver dentro de você. Células de combate a infecções demais vagando pelo seu sangue. Mas ele adotou uma forma refinada de guerrilha microscópica, brincando de esconde-esconde com os seus glóbulos brancos. Aprendeu a se esconder num lugar em que ninguém iria sequer pensar em procurar.

Esperou um momento, depois disse.

— Gânglios linfáticos. Nódulos do tamanho de uma ervilha espalhados pelo corpo. Agem como filtros, prendendo invasores inesperados para que os leucócitos possam destruí-los. Os nódulos são a toca do leão do nosso sistema imunológico, o último lugar que o retrovírus deveria usar para se esconder, mas demonstraram ser o local perfeito. Bastante espantoso, na verdade. O HIV aprendeu a duplicar a cobertura de proteína produzida naturalmente pelo sistema imunológico dentro dos gânglios linfáticos. Assim, despercebido, bem debaixo do nariz do sistema imunológico, ele vive paciente, convertendo células dos gânglios de inimigos que combatem infecções para cópias de si mesmos. Durante anos, faz isso, até os gânglios incharem, deteriorarem, e o fluxo sanguíneo estar inundado de HIV. O que explica por que leva tanto tempo da infecção até a certeza de que o vírus está no seu sangue.

Sua mente agitou-se com o pensamento analítico do cientista que foi durante muitos anos. Agora, no entanto, era um empreendedor global, um manipulador, muito semelhante a Karyn Walde, prestes a realizar a maior

manipulação de todas.

— E sabe o que é ainda mais impressionante? — acrescentou. — Cada réplica de uma célula pelo HIV é individual. Então, quando os gânglios linfáticos cedem, em vez de um invasor, há bilhões de diferentes invasores, um exército de diferentes tipos de retrovírus, correndo descontrolados pelo seu sangue. Seu sistema imunológico reage, como deve ser, mas é forçado a gerar leucócitos novos e diferentes para combaterem cada variedade. O que é impossível. E para piorar as coisas, todas as variedades do retrovírus podem destruir qualquer um dos leucócitos. As chances são de bilhões contra uma, os resultados praticamente inevitáveis. E você é uma prova viva disso.

— Com certeza, você não veio só para dar uma aula de ciência.

— Vim ver se você queria viver.

— A menos que você seja um anjo ou o próprio Deus, isso é impossível.

— Agora, aí é que está. O HIV não pode matar ninguém. Ele a deixa indefesa quando um outro vírus, bactéria, fungo ou parasita entra no seu fluxo sanguíneo em busca de um lar. Não há glóbulos brancos suficientes para limpar a corrente. Então, a única pergunta é: qual infecção será a causa da sua morte?

— Que tal você dar o fora e me deixar morrer?

Karyn Walde era mesmo uma mulher amarga, mas conversar com ela havia despertado os sonhos dele. Imaginou-se falando à imprensa, repórteres aguardando cada palavra sua, tornando-se, da noite para o dia, uma autoridade reconhecida mundialmente. Previu contratos com editoras, direitos para filmes, especiais de TV, convites para palestras, prêmios. Certamente, o Prêmio Albert Lasker. A Medalha Nacional de Ciências. Talvez até um Prêmio Nobel. Por que não?

Mas tudo isso dependia da decisão que estava prestes a tomar.

Olhou para a concha humana deitada à sua frente. Apenas os olhos pareciam vivos.

Estendeu a mão na direção da agulha hipodérmica saindo da válvula intravenosa.

— O que é isso? — ela perguntou, notando o líquido claro que a seringa continha.

Ele não respondeu.

— O que você está fazendo?

Ele segurou o êmbolo e liberou o conteúdo para dentro do fluxo intravenoso.

Karin tentou erguer-se, mas o esforço foi em vão. Caiu de volta na cama, as pupilas dilatadas. Ele viu suas pálpebras ganharem peso, a respiração ficar lenta. Ela ficou frouxa. Seus olhos se fecharam.

E não se abriram.

VENEZA

Zovastina levantou-se e encarou o invasor. Era baixo, tinha as costas tortas, cabelos e sobrancelhas cheios, e falava com a voz frágil da maturidade. Os traços enrugados, maçãs esqueléticas, cabelo grosso e mãos com veias ressaltadas remetiam todos à velhice.

— Quem é você? — perguntou.

— Henrik Thorvaldsen.

Reconheceu o nome. Um dos homens mais ricos da Europa Dinamarquês. Mas o que fazia ali?

Viktor reagiu de imediato ao visitante, apontando sua arma. Ela estendeu a mão e o conteve, dizendo com o olhar: Vamos ver o que ele quer.

— Conheço você.

— Eu também. Passou de burocrata soviética a formadora de nações Um feito e tanto.

Irina não queria ouvir elogios.

— O que está fazendo aqui?

O homem mais velho aproximou-se da caixa de madeira.

— Pensou mesmo que Alexandre, o Grande, estivesse aí?

Aquele homem conhecia suas intenções.

— E tu, aventureiro, pois que minha voz imortal, embora distante, alcança teus ouvidos, ouve minhas palavras. Navega até a capital fundada pelo pai de Alexandre, onde sábios estão de guarda. Toca o ser mais íntimo da ilusão dourada. Divide a fênix. A vida provê a medida do verdadeiro túmulo. Mas fica alerta, pois há apenas uma chance de sucesso.

Ela se esforçou para esconder o choque diante da declamação de Thorvaldsen.

Aquele homem conhecia mesmo suas intenções.

— Você acha que é a única que sabe? — ele perguntou. — É tão pretensiosa assim?

Ela pegou a arma de Viktor e apontou para Thorvaldsen.

— O suficiente para atirar em você.

..*

Malone estava preocupado. Ele e Cassiopeia encontravam-se a 1! metros acima e a 30 metros de distância de onde Thorvaldsen desafiava

Irina Zovastina, com Viktor assistindo. Michener os levava para dentro da basílica pelo átrio oeste, até uma escada íngreme. No alto, as paredes, arcos e domos refletiam a arquitetura abaixo, mas em vez da fachada suntuosa de mármore e dos mosaicos cintilantes, o museu do andar de cima e a loja de presentes eram cercados apenas por paredes de tijolos.

— Que diabos ele está fazendo aqui? — Malone murmurou. — Acabou de ligar para você lá fora.

Ficaram espremidos atrás de uma balastrada de pedra, além da qual havia uma visão panorâmica dos altos domos abobadados, cada um apoiado sobre imensos pilares de mármore. Mosaicos de teto dourados brilhavam com o reflexo das lâmpadas incandescentes. O piso de mármore e as capelas laterais não iluminadas delineados em diferentes tons de preto e cinza. O presbitério, no outro extremo, onde Viktor e Thorvaldsen estavam, destacava-se como um palco luminoso num teatro escuro.

— Não vai me responder?

Cassiopeia ficou em silêncio.

— Vocês dois estão prestes a me deixar irritado.

— Eu lhe disse pra ir pra casa.

— Henrik pode estar dando um passo maior que a perna.

— Ela não vai atirar nele. Pelo menos não até saber por que ele está aqui.

— E por que ele está aqui?

Silêncio de novo.

Eles precisavam mudar de posição.

— Que tal irmos para lá?

Ele apontou para a esquerda, para o transepto norte e outra galeria que ficava acima do presbitério.

— O vento circula para lá no museu. Vamos ficar mais perto e poderemos ouvir.

Ela indicou a direita.

— Vou por ali. Com certeza, tem uma abertura para o transepto superior daqui. Assim, ficamos dos dois lados.

..*

O coração de Viktor disparou. Primeiro, a mulher. Agora, o suposto dono do museu. Com certeza, o outro homem também estava vivo. E provavelmente por perto. Mas notou que Thorvaldsen não prestou nenhuma atenção nele.

Nem sinal de tê-lo reconhecido.

Zovastina olhava para Thorvaldsen pela mira da arma.

— Sei que é pagã — disse o dinamarquês com calma. — Mas atiraria em mim aqui, no altar de uma igreja cristã?

— Como sabe do enigma de Ptolomeu?

— Ely me contou.

Irina baixou a arma e examinou o invasor.

– Como o conheceu?
– Ele e meu filho eram próximos. Desde crianças.
– Por que está aqui?
– Por que é tão importante encontrar o túmulo de Alexandre, o Grande?

– Existe alguma razão para que eu discuta esse assunto com você?
– Deixe-me ver se posso lhe dar algumas. No momento, você tem quase trinta zoonoses que coletou de uma variedade de animais exóticos, muitos dos quais roubou de zoológicos e outras coleções particulares. Você tem pelo menos dois laboratórios de armas biológicas à disposição, um administrado pelo seu governo, outro pela Philogen Pharmaceutique, corporação controlada por um homem chamado Enrico Vincenti. Vocês dois também são membros da Liga Veneziana. Estou sendo eficiente?

– Ainda está respirando, não?

Thorvaldsen sorriu com satisfação evidente.

– Pelo que sou grato. Também possui um exército formidável. Quase um milhão nas tropas. Cento e trinta jatos de combate. Várias aeronaves de transporte e apoio, bases adequadas, excelente rede de comunicações. Tudo de que uma despota ambiciosa precisaria.

Irina não gostava do fato de Viktor estar escutando, mas precisava desesperadamente ouvir mais, então, virou-se para ele e disse:

– Descubra o que os outros dois guardas estão fazendo e certifique-se de que estamos sozinhos.

..*

Os outros dois?

Malone ouviu as palavras, enquanto assumia posição atrás de outro corrimão de pedra, este, bem acima do presbitério, menos de 40 metros acima de Thorvaldsen e Zovastina.

Cassiopeia estava a 50 metros do outro lado da nave, no transepto sul, numa posição igualmente elevada.

Não podia vê-la, mas esperava que tivesse escutado.

Zovastina esperou Viktor sair, depois encarou Thorvaldsen.

– Há algum problema em meu desejo de defender minha nação?

– Cuidado com as armadilhas da guerra. Elas logo arrasarão sua resistente fortaleza.

– O que Sarpédon disse a Heitor na *Iliada*. Você me estudou. Deixe-me fazer uma citação. Nem penso que verá faltar nossa coragem, enquanto durar nossa força.

– Não está planejando defender nada. Está preparando um ataque. Essas zoonoses são agressivas. Irã, Afeganistão, Paquistão, Índia. Apenas um homem chegou a conquistá-los. Alexandre, o Grande. E só conseguiu manter os territórios por alguns anos. Desde então, conquistadores tentaram e falharam. Até os americanos tentaram com o Iraque. Mas você, ministra suprema, pretende superar a todos.

Suas informações vazaram — copiosamente. Ela precisava voltar para casa e resolver o problema.

— Você quer fazer o que Alexandre fez, só que ao contrário. Não o Ocidente conquistando o Oriente. Desta vez, o Oriente dominará. Pretend conquistar todos os seus vizinhos. E acredita mesmo que o Ocidente lhe permitirá o luxo, achando que você será sua aliada. Mas não planeja parar por aí, certo? Quer o Oriente Médio e a Arábia também. Você tem petróleo. O velho Cazaquistão é rico em petróleo. Mas você vende a maior parte para a Rússia e a Europa por um preço baixo. Então, quer uma nova fonte, uma que lhe desse um poder mundial ainda maior. Suas zoonoses podem tornar tudo isso possível. Você poderia devastar uma nação em questão de dias. Deixá-la aos seus pés. Para começar, nenhum dos países que são sua vítima em potencial é particularmente adepto à guerra, e quando seus germes acabarem, eles estarão indefesos.

Irina ainda segurava a arma.

— O Ocidente deveria receber essa mudança de braços abertos.

— Preferimos os demônios conhecidos. E, ao contrário do que dizem as variadas crenças de todos esses Estados árabes, o Ocidente não é inimigo deles.

Ele apontou diretamente para ela.

— Você é.

..*

Malone escutava com atenção. Thorvaldsen não era nenhum idiota, então tinha algum motivo para desafiar Zovastina. Só o fato de estar lá era altamente incomum. A última viagem que o dinamarquês fizera foi para a Austrália no outono anterior. No entanto, lá estava ele, dentro de uma basílica italiana no meio da noite, cutucando uma déspota, armada, com vara curta.

Viu Viktor sair do presbitério e entrar no transepto sul, abaixo da posição de Cassiopeia. A preocupação imediata de Malone era uma escada a 6 metros, que ia dar na nave. Se havia um portal daquele lado, no transepto norte, com certeza havia outro com passagem para o sul, uma vez que os construtores medievais, adoravam simetria.

Ele estava cercado por mais paredes de alvenaria descobertas, e tapeçarias, rendas e pinturas, a maior parte exposta em caixas de vidro ou mesas.

Uma sombra apareceu na escadaria iluminada e oscilou pelas paredes de mármore, crescendo. Um dos guardas de Zovastina. Indo para o segundo andar. Em sua direção.

Stephanie seguiu o monsenhor Michener pelos corredores da diocese até um cubículo comum, onde encontraram Edwin Davis sentado sob um retrato emoldurado do papa.

— Ainda quer me socar? — perguntou Davis. Ela estava cansada demais para brigar.

— O que faz aqui?

— Tentando impedir uma guerra. Ela não queria ouvir.

— Tem noção de que poderá haver problemas naquela igreja?

— Motivo pelo qual você não está lá dentro. Stephanie se deu conta do que ele queria dizer.

— Malone e Cassiopeia podem ser desmascarados.

— Algo do tipo. Não temos ideia do que Zovastina pode fazer, mas eu não queria que a chefe da Magellan Billet fosse envolvida.

Ela se virou para sair.

— Eu ficaria aqui se fosse você — disse Davis.

— Suma daqui, Edwin. Michener bloqueou a passagem dela.

— Você faz parte desta insanidade? — ela perguntou.

— Como eu disse lá fora, descobrimos algo e transmitimos a um lugar que acreditamos ter interesse. Zovastina é uma ameaça para o mundo.

— A ministra planeja desencadear uma guerra — disse Davis. — Milhões morrerão, e ela está pronta para começar.

Stephanie voltou.

— Então ela arriscou uma viagem à Veneza, para dar uma olhada num cadáver de 2 mil anos de idade. O que ela está fazendo aqui?

— Provavelmente, ficando irritada — disse Michener.

Ela viu um brilho em seus olhos.

— Você armou-lhe uma armadilha?

O padre balançou a cabeça.

— Ela fez tudo sozinha.

— Alguém vai levar um tiro lá dentro. A paciência de Cassiopeia já passou muito do limite. Não acha que um tiroteio atrairá atenção de todos aqueles policiais lá na praça?

— Os muros da basílica têm muitos centímetros de espessura — disse Michener. — Totalmente à prova de som. Ninguém irá perturbá-los.

— Stephanie — disse Davis —, não temos certeza de por que Zovastina se arriscou a vir até aqui. Mas obviamente é importante. Como ela estava decidida a vir, achamos que seria melhor acomodá-la.

— Entendi. Da caixa de areia dela para a nossa. Mas você não tem nenhum direito de colocar Cassiopeia e Malone em risco.

— Não é bem assim. Cassiopeia já estava envolvida, com Henril Thorvaldsen, que, aliás, envolveu você. E Malone? Já é bem crescidinho, pode fazer o que quiser.

Está aqui porque quer.

— Você está buscando informações. Tem esperança de descobrir algo.

— Usando a única isca que temos. Foi ela quem quis olhar dentro do túmulo.

Stephanie estava perplexa.

— Você parece conhecer o plano geral da ministra. O que está esperando? Parta para cima, bombardeie as instalações dela. Impeça suas ações, faça pressão política.

— Não é tão simples. Nossa informação é esboçada. E não temos provas concretas. Certamente, nada que ela não possa simplesmente desmentir. Não se pode bombardear elementos biológicos. E, infelizmente, não sabemos tudo. É nisso que precisamos que Malone e os outros se concentrem para nós.

— Edwin, você não conhece Cotton. Ele não gosta de ser usado.

— Sabemos que Naomi Johns está morta.

Ele guardou essa informação para o momento certo, e as palavras foram um soco no estômago.

— Foi enfiada dentro de um caixão com outro homem, um criminoso pouco importante de Florença. Seu pescoço estava quebrado, e o outro tinha uma bala na cabeça.

— Vincenti? — ela perguntou.

Davis fez que sim.

— Que também está agindo no momento. Partiu hoje para a Federação Asiática Central. Uma viagem não planejada.

Ela pôde ver que ele sabia ainda mais.

— Acabou de sequestrar uma mulher de quem Irina Zovastina cuida desde o ano passado, uma mulher com quem ela já teve um envolvimento romântico.

— Zovastina é lésbica?

— Isso não seria um choque para a Assembleia do Povo? Ela e essa mulher tiveram um relacionamento por muito tempo. Mas a amante está morrendo de Aids, e parece que Vincenti tem um uso para ela.

— E existe alguma razão para você permitir que Vincenti faça o que quer que esteja fazendo?

— Ele está aprontando alguma também. E é mais do que apenas fornecer germes e antiagentes para Zovastina. Mais do que fornecer um abrigo seguro para todas as atividades da Liga Veneziana. Queremos saber o que é.

Ela precisava sair.

Outro padre apareceu à porta e disse:

— Acabamos de ouvir um tiro dentro da basílica.

..*

Malone mergulhou para trás de uma das caixas de exposição quando o segurança atirou. Tentara esconder-se antes que o homem chegasse ao topo da escada, mas pareceu que a visão passageira de sua retirada fora o suficiente para gerar o ataque.

A bala atingiu uma das mesas que exibia tecidos medievais com um baque surdo. A madeira laminada desviou o projétil e deu a Malone o instante que precisava para correr mais para as sombras. O tiro ecoou pela basílica e certamente atraiu a atenção de alguém.

Arrastando-se pelo piso de madeira lustroso, Malone buscou abrigo atrás de uma longa exibição de pinturas em painel e páginas de manuscritos iluministas.

Sua arma estava pronta.

Só precisava atrair o homem para mais perto.

O que não parecia ser um problema.

O som de passos aproximava-se.

..*

Zovastina ouviu o tiro vindo do transepto norte superior. Avistou movimento à sua direita, depois do corrimão de pedra, e viu a cabeça de um de seus seguranças.

— Eu não vim sozinho — disse Thorvaldsen.

— Ela manteve a arma apontada para o dinamarquês.

— São Marcos está cheia de policiais. Vai ser difícil para você sair. É uma chefe de Estado, num país estrangeiro. Vai mesmo atirar em mim? — Ele fez uma pausa. — O que Alexandre faria?

Ela não conseguia saber se Thorvaldsen estava falando sério ou tratando-a com superioridade, mas sabia a resposta:

— Alexandre o mataria.

Thorvaldsen mudou de posição, passando para a esquerda dela.

— Discordo. Era um grande tático. E astuto. O nó górdio, por exemplo.

— O que está acontecendo aí em cima? — ela gritou.

O segurança não respondeu.

— Na aldeia de Gordium — Thorvaldsen dizia —, aquele nó complicado preso a uma carroça. Ninguém conseguia desamarrá-lo. Um desafio que Alexandre resolveu simplesmente cortando a corda com a espada, e depois desatando o nó. Uma solução simples para um problema complexo.

— Você fala demais.

— Alexandre não permitia que a confusão afetasse seu pensamento.

— Viktor — ela gritou.

— É claro — disse Thorvaldsen — que há muitas versões para a história do nó. Uma diz que Alexandre retirou uma vara conectada ao jugo da

carroça, encontrou as pontas da corda, e desamarrou. Então, quem é que vai saber?

Ela estava se cansando da falação daquele homem.

Chefe de Estado ou não.

Irina apertou o gatilho.

SAMARCANDA

Vincenti lembrou-se da primeira indicação de problema. De início, a doença tinha todas as características de um resfriado. Então, pensou na gripe, mas logo os efeitos completos de uma invasão viral tornaram-se aparentes.

Contaminação.

— Eu vou morrer? — Charlie Easton gritou na maca. — Quero saber, droga Diga.

Passou um pano úmido na testa encharcada de Easton, como vinha fazendo há uma hora, e disse calmamente:

— Você precisa se acalmar.

— Não venha com esse papo. É o fim, não é?

Por três anos eles trabalharam lado a lado. Não fazia sentido minimizar a coisa.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Merda. Eu sabia. Você tem que conseguir ajuda.

— Você sabe que não posso.

A localização remota da estação fora escolhida pelos iraquianos e pelos soviéticos com muito cuidado. O sigilo era fundamental. E o preço desse sigilo era fatal quando ocorria um erro, e foi exatamente o que aconteceu.

Easton empurrou a maca com os braços e pernas amarrados.

— Corte essas malditas cordas. Deixe-me sair daqui.

Vincenti amarrara o idiota porque sabia que as opções eram limitadas.

— Não podemos sair.

— Dane-se a polícia. Dane-se você. Corte as malditas cordas.

Easton enrijeceu, a respiração ficou mais carregada, então sucumbiu à febre e relaxou no estado de inconsciência.

Finalmente.

Vincenti deu as costas à maca e pegou um caderno que começara a usar três semanas antes, o nome do parceiro na primeira página. Registrou uma mudança progressiva na cor da pele. De normal para icterica, para um tom tão cinzento que o homem agora parecia morto. Houve uma perda de peso incrível, 18 quilos no total, 4 só num período de dois dias, a absorção intestinal diminuindo para eventuais goles de água morna e soluções líquidas.

E a febre.

Um aumento furioso até os constantes 40 graus, às vezes chegando a picos mais altos, a hidratação se perdendo mais rápido do que era substituída, o corpo

evaporando literalmente diante de seus olhos. Durante anos, eles usaram animais na pesquisa, recebendo de Bagdá um fornecimento inesgotável de gibões, babuínos, saguis, roedores e répteis. Mas ali, pela primeira vez, os efeitos num ser humano puderam ser determinados com precisão.

Olhou para o parceiro. O peito de Easton inchava mais com a respiração dificultada, o chiado do muco no fundo da garganta, o suor gotejando da pele feito chuva.

Anotou cada observação no diário e pôs a caneta no bolso.

Afastou-se da maca e tentou sentir as pernas adormecidas. Saiu com dificuldade para a noite fresca. Perguntou-se quanto tempo os tecidos devastados de Easton iam suportar agora.

O que levantava o problema do que fazer com o corpo.

Não havia protocolos para lidar com esse tipo de emergência, então teria que improvisar. Felizmente, os construtores da estação tiveram o cuidado de disponibilizar um incinerador onde eram jogadas as carcaças dos animais usados nos experimentos. Mas fazer o forno funcionar com algo tão grande quanto um corpo humano exigiria engenhosidade.

— Estou vendo anjos. Estão aqui. Por todo lado — Easton gritou da maca.

Vincenti voltou para dentro.

Agora, Easton estava cego. E ele não sabia ao certo se a febre ou uma infecção secundária havia destruído a retina.

— Deus está aqui. Estou vendo.

— Claro, Charlie. Tenho certeza de que está.

Tomou a pulsação dele. O sangue corria impetuoso pela carótida. Escutou o coração, que batia como um tambor. Verificou a pressão. Prestes a chegar ao limite mínimo.

A temperatura do corpo se estabilizou nos 40 graus.

— O que eu digo a Deus? — perguntou Easton.

Ele olhou para o colega na maca.

— Diga oi.

Puxou uma cadeira e observou a morte tomar conta do outro. O fim chegou vinte minutos depois e não pareceu violento nem doloroso. Apenas uma última respiração. Profunda.

Longa. Sem expiração.

Anotou a data e a hora no diário, depois extraiu amostras de sangue e tecido. Enrolou o corpo com o colchão fino e os lençóis sujos, e carregou o amontoado fétido para fora do prédio, até um barracão adjacente. Já havia um bisturi lá, afiado como de caco de vidro, junto com uma serra de cirurgião. Vestiu um par de luvas grossas de borracha e serrou as pernas. A carne macilenta passava mole e solta pelo corte, o osso era quebradiço, o músculo intermediário oferecia a resistência de um frango cozido. Ampudou os dois braços e enfiou os quatro membros no incinerador, observando sem emoção as chamas consumi-los. Sem as extremidades, o tronco e a cabeça passaram facilmente pela porta de ferro. Em seguida, cortou o colchonete ensanguentado em quatro partes e jogou-o rapidamente no fogo, com os lençóis e as luvas.

Bateu a porta e saiu andando cambaleante.

Estava acabado. Finalmente.

Caiu no chão rochoso e ficou olhando para a noite. Contra o fundo azul-escuro do céu montanhoso, contornado como uma sombra ainda mais escura, o cano da chaminé do incinerador ia até o céu. A fumaça saía, carregando consigo o fedor de carne humana.

Recostou a cabeça e deu boas-vindas ao sono.

Vincenti lembrou-se daquele sono de 25 anos atrás. E do Iraque. Quê inferno. Quente e infeliz. Um local solitário e desesperado. O que a Comissão das Nações Unidas tinha concluído depois da Guerra do Golfo? Dada missão, suas instalações eram completamente arcaicas, mas dentro da atmosfera frenética do momento por que passavam, primorosas. Certo. Esses inspetores não estiveram lá. Ele esteve. Jovem e esquelético, com a cabeça cheia de cabelo e inteligência. Um virólogo brilhante. Ele e Easton acabaram sendo enviados para um laboratório isolado no Tajiquistão, trabalhando em conjunto com os soviéticos que controlavam a região, numa estação escondida ao pé da cordilheira Pamir.

Quantos vírus e bactérias eles tinham buscado? Organismos naturais que podiam ser usados como armas biológicas. Algo que eliminava o inimigo, mas preservava a infraestrutura de uma cultura. Sem necessidade de bombardear a população, gastar balas, correr risco de contaminação nuclear ou colocar tropas em perigo. Um organismo microscópico poderia fazer todo o trabalho pesado. A biologia era o catalisador de uma derrota certa.

O critério de trabalho para tudo o que encontravam era simples: ação rápida. Biologicamente identificável. Que possa ser contido. E, o mais importante, curável.

Centenas de espécies foram descartadas simplesmente porque não se pôde encontrar um meio prático de detê-las. De que adiantaria infectar um inimigo se não fosse possível proteger sua própria população? Todos os quatro critérios tinham que ser satisfeitos antes que um exemplar fosse catalogado. Quase vinte conseguiram.

Ele nunca aceitou o que a imprensa relatou após a Convenção de Armas Biológicas e Tóxicas de 1972 — que os Estados Unidos pararam com negócio de guerra de germes e destruíram todos os seus arsenais. Os militares não descartariam décadas de pesquisa simplesmente porque alguns políticos decidiram, de forma unilateral, que era o melhor a se fazer. Pelo menos alguns daqueles organismos, ele acreditava, estavam escondidos e congelados em alguma instituição militar de pouca importância.

Ele, pessoalmente, encontrou seis elementos patogênicos que atendiam a todos os critérios.

Mas a amostra 65-G falhou em todos os aspectos.

Descobriu-a em 1979, na corrente sanguínea de saguis que tinham sido enviados para experimentos. A ciência convencional da época jamais notaria, mas graças a seu treinamento único como virólogo, e aos equipamentos especiais fornecidos pelos iraquianos, ele a encontrou. Uma coisa com aparência estranha — esférica — cheia de RNA e enzimas

Exposta ao ar, evaporava. Na água, a parede celular desintegrava-se. Em vez de água, ela necessitava de plasma quente e parecia predominante em todos os saguis com que ele se deparava.

Mas nenhum dos animais parecia afetado.

Com Charlie Easton, no entanto, a coisa foi diferente. Imbecil. Foi mordido, dois anos antes, por um dos micos, mas só contou a alguém três semanas antes de morrer, quando os primeiros sintomas apareceram. Um exame de sangue confirmou que ele continha o 65-G. Vincenti acabou usando a infecção de Easton para estudar os efeitos virais em humanos, concluindo que o organismo não era uma arma biológica eficiente. Muito imprevisível, esporádico e lento demais para ser um agente ofensivo eficiente.

Balançou a cabeça. Incrível como tinha sido ignorante. Era um milagre ele ter sobrevivido.

Ele estava no quarto de hotel do Intercontinental, o amanhecer chegava aos poucos a Samarcanda. Precisava descansar, mas ainda estava agitado por causa do encontro com Karyn Walde. Pensou no velho curandeiro novamente. Foi em 1980? Ou 1981?

Na cordilheira de Pamir, cerca de duas semanas antes da morte de Easton. Visitara a aldeia algumas vezes antes, tentando aprender o que podia. O velho certamente já havia morrido. Na época, já estava com a idade avançada.

Mas ainda assim...

O velho subiu descalço a ladeira vermelho-terra com a agilidade de um gato, sobre pés que pareciam ter sola de couro. Vincenti o seguiu e, mesmo com botas pesadas, os dedos e tornozelos doíam. Nada era plano. Rochas surgiam por toda parte, como lombadas afiadas e impiedosas. A aldeia ficava a 1,5 km atrás, quase 300 metros acima do nível do mar, e a jornada deles os levava ainda mais alto.

O homem era um curandeiro tradicional, um misto de médico da família, padre, adivinho e bruxo. Sabia pouco inglês, mas falava chinês e turco razoavelmente. Era quase anão, com feições europeias e uma barba mongol bifurcada. Usava um manto com fios de ouro e um casquete brilhante. De volta à aldeia, Vincenti observou o homem tratar os aldeões com uma preparação de raízes e plantas, administrada meticulosamente com um conhecimento nascido de décadas de tentativa e erro.

— Aonde vamos? — Vincenti perguntou finalmente.

— Responder à sua pergunta e descobrir o que faz parar a febre do seu amigo.

Ao seu redor, um estádio de picos brancos formava uma galeria de alturas inatingíveis. Nuvens carregadas de eletricidade deslizavam entre os cumes. Listras prateadas, vermelhos outonais e densos bosques de nozeiras acrescentavam cor a uma cena que, fora isso, seria pálida. Uma torrente de água podia ser ouvida em algum lugar distante.

Chegaram a uma saliência na rocha, e seguiu o velho por um filão roxo. Ele sabia, de seus estudos, que as montanhas que o cercavam ainda estavam vivas, crescendo lentamente, 6 centímetros por ano.

Saíram numa arena oval, cercada por mais pedras. Não havia muita luz lá dentro, então pegou a lanterna que o velho o incentivara a levar.

O solo rochoso apresentava dois lagos, cada um com cerca de 3 metros de diâmetro, um deles borbulhando com a espuma da energia termal. Aproximou o facho de luz e notou as cores contrastantes. O ativo tinha um tom marrom-avermelhado, o companheiro mais calmo, um verde-piscina.

— A febre que você descreve não é nova — disse o velho. — Muitas gerações sabiam que os animais a provocam.

Aprender mais sobre os iaques, as ovelhas e os javalis que povoavam a região foi uma das razões pelas quais ele foi enviado.

— Como sabe disso?

— Observamos. Mas somente algumas vezes eles passam a febre. Se seu amigo está com a febre, isto vai ajudar. — Ele apontou para o lago verde, a superfície plácida perturbada apenas por uma fileira de plantas flutuantes. Pareciam ninfeias, só que mais cerradas, com a flor central esforçando-se para alcançar preciosas gotas de luz. — As folhas vão salvá-lo. Ele tem que mastigá-las.

Vincenti tocou a água e levou dois dedos úmidos à boca. Sem gosto. Ele meiu que esperava o leve sabor de carbonato encontrado em outras nascentes da região.

O homem ajoelhou e engoliu a mão cheia em concha.

— É boa — ele disse, sorrindo.

Vincenti também bebeu. Quente, como uma xícara de chá, e fresca. Então, ele bebeu mais.

— As folhas vão curá-lo.

Ele precisava saber:

— Esta planta é comum?

O homem fez que sim com a cabeça.

— Só as deste lago funcionam.

— Por quê?

— Eu não sei. Talvez seja a vontade divina.

Ele duvidava disso.

— Outras aldeias sabem disso? Outros curandeiros?

— Eu sou o único que a usa.

Vincenti abaixou-se e puxou uma das carcaças flutuantes para perto, avaliando sua biologia. Era uma traqueófito, as folhas peitadas com pedúnculo e um sistema vascular elaborado. Oito estipulas grossas e polposas cercavam a base e formavam uma plataforma flutuante. O tecido epidérmico era verde-escuro, as paredes das folhas, cheias de glicose. Uma haste curta projetava-se do centro e provavelmente agia como um centro fotossintético devido ao espaço limitado das folhas. As pétalas brancas e macias da flor eram dispostas num verticilo e não exalavam fragrância alguma.

Olhou para baixo da planta. Raízes marrons e fibrosas que lembravam a cauda de um guaxinim estendiam-se na água, em busca de nutrientes. Por todos os aspectos, dava a impressão de ser uma espécie bem adaptada.

— Como ficou sabendo que ela dava resultados?

— Meu pai me ensinou.

Ele ergueu a planta da água e segurou o invólucro. A água quente vazou entre

os dedos.

— As folhas têm que ser mastigadas por completo, o suco, engolido.

Vincenti arrancou um pedaço e o levou à boca. Olhou para o velho — olhar afiado encarando-o com calma e segurança. Enfiou a folha na boca e mastigou. O gosto era amargo, penetrante, como alume — e horrível como tabaco.

Extraiu o suco e engoliu, quase vomitando.

VENEZA

A atenção de Cassiopeia foi atraída, primeiro, para o outro lado da nave, para o transepto norte, onde alguém estava atirando em Malone. Viu, do outro lado do corrimão na altura da cintura, a cabeça e o peito de um dos seguranças, mas não o viu. Depois, viu Zovastina disparar a arma, a bala resvalando no piso de mármore a centímetros de Thorvaldsen. O dinamarquês manteve-se firme, sem se mover.

Um movimento à direita chamou sua atenção. Um homem apareceu no arco da escada, arma em punho. Avistou-a e ergueu a arma, mas não teve chance de atirar. Ela o acertou no peito.

O homem foi atirado para trás, agitando os braços. Ela terminou de matá-lo com mais um tiro bem-posicionado. Do outro lado da nave, a 40 metros, viu o outro segurança avançando para dentro da área de exposições do museu. Tirou o arco do ombro e achou uma flecha, mas se manteve de costas para o corrimão, para não dar chance a Zovastina.

Estava preocupada. Pouco antes da aparição do agressor, Viktor havia desaparecido no transepto inferior. Aonde ele teria ido?

Encaixou a flecha na corda do arco e segurou o cabo com firmeza.

Puxou a corda.

O segurança aparecia e desaparecia na penumbra do transepto oposto.

..*

Malone esperou. A arma estava engatilhada, tudo o que precisava era que o segurança se aproximasse poucos centímetros. Ele conseguira recuar até o capitel mais distante de uma das exposições, usando as sombras como proteção, os passos leves no piso de madeira, três tiros vindos da nave mascarando os movimentos. Impossível saber de onde se originaram, uma vez que os ecos retumbantes camuflavam qualquer sentido de direção. Ele não queria mesmo atirar no segurança. Vendedores de livro, em geral, não matavam pessoas. Mas duvidava que tivesse muita escolha.

Inspirou e resolveu agir.

..*

Zovastina olhava fixamente para Henrik Thorvaldsen, enquanto

outros tiros estouravam acima deles. Seus trinta minutos sozinha na basílica tinham se transformado num tumulto de pessoas inesperadas.

Thorvaldsen fez um gesto na direção da caixa de madeira no chão.

— Não era o que estava esperando, certo?

Ela decidiu ser sincera.

— Valia a pena tentar.

— O enigma de Ptolomeu poderia ser falso. As pessoas procuram o restos mortais de Alexandre, o Grande, há 1.500 anos, sem sucesso.

— E alguém chegou a acreditar que são Marcos estivesse nessa caixa?

Ele deu de ombros.

— Um número incrível de venezianos certamente acredita. Ela precisava ir embora, então gritou:

— Viktor!

— Algum problema, ministra? — uma nova voz perguntou. Michener.

O padre deu um passo e entrou no presbitério iluminado. Ela apontou a arma para ele.

— Você mentiu para mim.

..*

Malone arrastou-se para a esquerda, enquanto o segurança manteve-se junto ao corrimão e seguiu para a direita. Desviou de um leão de madeira preso a um trono ducal entalhado e agachou atrás de uma exposição de tapeçaria que ia até a cintura e o separava de seu perseguidor.

Correu na frente, com a intenção de dar a volta antes que o homem tivesse a chance de reagir.

Encontrou a saída da exposição, virou-se e preparou o movimento.

Uma flecha perfurou o peito do segurança, parando sua respiração. Ele viu um olhar de choque, enquanto o homem tentava segurar a haste fincada. Morreu enquanto o corpo desmoronava no chão.

Malone girou a cabeça para a esquerda.

Do outro lado da nave estava Cassiopeia, arco na mão, o rosto paralisado, sem nenhuma emoção. Atrás dela, no alto da parede mais distante, havia uma janela circular escurecida. Abaixo da janela, Viktor surgiu das sombras e foi na direção de Cassiopeia, a arma na altura dos ombros.

..*

Zovastina estava irritada.

— Você sabia que não havia nada nesse túmulo — disse a Michener.

— Como eu poderia saber isso? Ele não era aberto há 170 anos.

— Pode dizer ao seu papa que a Igreja não terá acesso à Federação com ou sem concordata.

— Passarei a mensagem.

Ela encarou Thorvaldsen.

- Você não chegou a dizer. Qual o seu interesse em tudo isso?
- Detê-la.
- Terá dificuldades.

— Não sei. Você terá que deixar a basílica, e o aeroporto fica a uma longa viagem de barco.

A ministra percebeu que haviam escolhido a armadilha com cuidado. Ou, mais precisamente, haviam deixado que ela escolhesse. Veneza. Cercada de água. Sem carros.

Ônibus. Trens. Muitos barcos vagarosos. Ir embora poderia mesmo representar um problema. O que seria? Um trajeto de uma hora até o aeroporto?

E a expressão de confiança dos dois que a olhavam a 5 metros de distância não lhe dava qualquer conforto.

..*

Viktor aproximou-se da mulher com o arco. A assassina de Rafael. A mulher que acabava de cravar uma flecha em outro de seus seguranças no transepto oposto. Ela precisava morrer, mas ele percebeu que seria tolice. Ele ouvira Zovastina e sabia que as coisas não estavam indo bem. Para saírem, precisariam de garantias. Então, pressionou o cano do revólver na nuca dela.

A mulher não se moveu.

— Eu deveria atirar — ele falou.

— Que graça teria?

— Conseguir empatar o placar.

— Eu diria que estamos empatados. Ely por seu parceiro.

Ele lutou contra uma raiva crescente e forçou o cérebro a pensar. Surgiu uma ideia. Uma maneira de ter a situação de volta sob controle.

— Vá até o corrimão. Devagar.

Cassiopeia deu três grandes passos para a frente.

— Ministra — ele chamou por cima da balaustrada.

Viktor olhou de relance para a prisioneira e viu Zovastina olhando para cima, a arma apontada para os dois homens.

— Esta aqui — ele lhe disse — será nosso passe de saída daqui. Uma refém.

— Excelente ideia, Viktor.

— Ela não sabe das suas trapalhadas, sabe? — A mulher sussurrou para ele.

— Você vai morrer antes de dizer a primeira palavra.

— Não tem por que se preocupar. Não vou contar nada.

..*

Malone viu o apuro de Cassiopeia. Saltou para o corrimão e mirou a arma para o outro lado da nave.

— Largue a arma — gritou Viktor.

Ele ignorou a ordem.

— Eu faria o que ele está mandando — disse Zovastina de baixo. Sua arma ainda apontada em direção de Michener e Thorvaldsen. — Ou atire nos dois.

— Ministra suprema da Federação Asiática Central comete assassinato na Itália? Duvido.

— Verdade — disse Zovastina. — Mas Viktor pode facilmente matar a mulher, o que não deveria ser um problema para mim.

— Largue — disse Cassiopeia.

Ele percebeu que não seria sensato obedecer. Melhor recuar para as sombras e continuar sendo uma ameaça.

— Cotton — Thorvaldsen disse lá de baixo —, faça o que Cassiopeia disse.

Tinha que acreditar que seus dois amigos sabiam o que estavam fazendo. Errado? Provavelmente. Mas ele já tinha feito besteiras antes.

Deixou a pistola cair por cima do corrimão.

..*

— Traga a mulher aqui — Zovastina deu a ordem a Viktor. — Você — disse ao homem que acabara de soltar a arma. — Venha para cá.

Ele não deixou a posição.

— Por favor, Cotton — disse Thorvaldsen. — Faça o que a ministra está mandando.

Uma hesitação, e o homem desapareceu do corrimão.

— Você o controla? — ela perguntou.

— Ninguém faz isso.

Viktor e a prisioneira entraram no presbitério. O outro homem, que recebeu a ordem de Thorvaldsen, seguiu-os um momento depois.

— Quem é você? — ela perguntou. — Thorvaldsen chamou-o de Cotton.

— É Malone.

— E você? — ela perguntou, olhando para a mulher com o arco.

— Uma amiga de Ely Lund.

O que estava acontecendo? Ela precisava desesperadamente saber, então pensou rápido e apontou para a prisioneira de Viktor.

— Ela vem comigo. Para garantir uma passagem segura.

— Ministra — disse Viktor —, acho que seria melhor se ela ficasse aqui comigo. Posso segurá-la até você se afastar.

Ela balançou a cabeça e apontou para Thorvaldsen.

— Leve-o para algum lugar seguro. Assim que eu decolar, ligo para você, e poderá soltá-lo. Qualquer problema, mate-o e certifique-se de que o corpo nunca será encontrado.

— Ministra — disse Michener —, uma vez que a causa de todo esse caos sou eu, que tal me fazer de refém e deixar o cavalheiro fora disso?

— E que tal me levar em vez dela? — perguntou Malone. — Nunca fui à Federação Asiática Central.

Ela analisou o americano. Alto e confiante. Provavelmente um detetive. Mas ela queria saber mais sobre a conexão da mulher com Ely Lund. Qualquer pessoa que conhecesse Ely Lund a ponto de arriscar a vida para vingar sua morte merecia ser bem investigada. Mas quanto a Michener, ela só podia esperar que Viktor tivesse a oportunidade de matar o vigarista mentiroso.

— Está bem, padre, você vai com Viktor. Quanto ao senhor, Malone quem sabe numa próxima vez.

SAMARCANDA

Vincenti acordou.

Estava reclinado no confortável assento de couro do helicóptero. Voando para o leste, para longe da cidade.

O telefone em seu colo vibrava.

Leu a tela de LCD. Grant Lyndsey. Cientista-chefe do laboratório c China. Enfiou um fone no ouvido e atendeu.

— Acabamos — o empregado disse. — Zovastina está com todos os organismos, e o laboratório foi transferido. Completo.

Com o que Zovastina planejava, ele não tinha nenhuma intenção de ser investigado pelo Ocidente ou pelo governo chinês, com uma busca em seu laboratório e dando margem a ligações suas com qualquer coisa. Apenas oito cientistas haviam trabalhado no projeto, sendo Lyndsey o chefe deles. Não existia mais nenhum vestígio de seu trabalho.

— Pague todo mundo e mande-os embora. O'Conner irá visitá-los e cuidar da sua aposentadoria. — Ouviu o silêncio do outro lado da linha. — Não há com que se preocupar, Grant. Recolha os dados do computador e siga para a minha casa da fronteira. Teremos que esperar para ver o que a ministra suprema realmente faz com o seu arsenal antes de agirmos.

— Vou sair imediatamente.

Era o que ele queria ouvir.

— Vejo você antes do fim do dia. Temos muito trabalho pela frente. Mexa-se.

Desligou o telefone e acomodou-se no assento.

Pensou novamente no velho anão nas montanhas de Pamir. Na época o Tajiquistão era um lugar primitivo e hostil. Pouca pesquisa médica havia sido feita ali. Poucos estrangeiros iam até lá. Por isso os iraquianos acharam que a região seria um local promissor para a investigação de zoonoses desconhecidas.

Dois lagos no alto das montanhas.

Um verde, um marrom.

E a planta cujas folhas ele mastigara.

Lembrou-se da água. Quente e limpa. Mas quando voltou a luz da lanterna para o fundo próximo, lembrou-se de uma visão ainda mais estranha.

Duas letras gravadas. Uma em cada lago.

Z e H.

Esculpidas em blocos de pedra, apoiadas no fundo.

Pensou no medalhão que Stephanie Nelle fizera questão de lhe mostrar. Um dos muitos que Irina Zovastina parecia determinada a adquirir.

E as supostas microletras na face.

ZH.

Coincidência? Ele duvidava. Sabia o que as letras significavam, uma vez que consultou estudiosos que lhe disseram que representavam o conceito de vida em grego antigo.

Achou inteligente sua ideia de rotular qualquer futura cura para o HIV com a designação antiga. Agora não tinha mais tanta certeza. Sentiu como se seu mundo desmoronasse, e o anonimato que um dia usufruía estava desaparecendo rapidamente. Os americanos estavam atrás dele. Zovastina também. A própria Liga Veneziana poderia estar atrás dele. Mas havia jogado o dado. Não havia volta.

..*

O olhar de Malone alternava entre Thorvaldsen e Cassiopeia. Nenhum dos amigos demonstrava a menor preocupação com o perigo em que se encontravam. Entre ele e Cassiopeia, poderia alcançar Zovastina e Viktor. Tentou expressar essa intenção com o olhar, mas ninguém parecia interessado.

— Seu papa não me assusta — Zovastina disse a Michener.

— Não é nossa intenção assustar ninguém.

— Você é um hipócrita santimonial.

Michener não disse nada.

— Não tem muito a dizer? — ela perguntou.

— Rezarei por você, ministra.

Irina cuspiu nos pés dele.

— Não preciso das suas orações, padre. — Ela fez um gesto para Cassiopeia. — Hora de irmos. Deixe o arco e as flechas. Não precisará deles.

Cassiopeia largou as armas no chão.

— Aqui está a arma dela — disse Viktor, entregando o revólver.

— Quando sairmos daqui, eu ligo. Se não tiver notícias minhas em três horas, mate o padre. E, Viktor — ela fez uma pausa —, faça com que ele sofra.

Viktor e Michener deixaram o presbitério e andaram pela nave escura.

— Vamos? — Zovastina disse a Cassiopeia. — Imagino que vá se comportar.

— Como se eu tivesse escolha.

— O padre agradece.

Saíram do presbitério.

Malone virou-se para Thorvaldsen.

— E elas simplesmente vão sair, sem nenhuma reação nossa?

— Tinha que ser assim — disse Stephanie, saindo com um homem das

sombras do transepto sul. Apresentou o homem magro como Edwin Davis, conselheiro de segurança nacional interino, a voz anteriormente ao telefone. Tudo nele era limpo e comedido, da calça bem-passada e camisa branca engomada aos sapatos de bico fino de couro de bezerro. Malone ignorou Davis e perguntou a Stephanie:

— Por que tinha que ser assim?

Thorvaldsen respondeu:

— Não tínhamos certeza do que ia acontecer. Estávamos apenas tentando fazer acontecer alguma coisa.

— Queriam que Cassiopeia fosse levada?

Thorvaldsen balançou a cabeça.

— Eu não. Mas parece que Cassiopeia queria. Vi no olhar dela, então aproveitei o momento e a inseri. Por isso pedi que você largasse a arma.

— Vocês estão loucos?

Thorvaldsen aproximou-se.

— Cotton, três anos atrás, apresentei Ely a Cassiopeia.

— O que isso tem a ver?

— Quando Ely era jovem, foi imprudente e experimentou drogas. Não foi cuidadoso com as agulhas e, infelizmente, contraiu HIV. Administrava bem a doença, tomando coquetéis, mas as chances não eram favoráveis. A maioria dos infectados acabam contraindo Aids e morrem. Ele teve sorte.

Malone esperou Thorvaldsen contar mais.

— Cassiopeia compartilha a mesma doença.

Ele havia escutado direito?

— Uma transfusão de sangue há dez anos. Ela toma medicamentos para controlar os sintomas e também consegue controlar a doença.

Malone estava em choque, mas agora, muitos dos comentários dela faziam sentido.

— Como isso é possível? É tão ativa. Forte.

— Tomando os remédios todos os dias, isso é possível, desde que o vírus coopere.

Olhou fixamente para Stephanie.

— Você sabia?

— Edwin me contou antes de irmos para cá. Henrik contou a ele. Ele e Henrik estavam nos esperando. Foi por isso que Michener me chamou para conversar.

— Então, eu e Cassiopeia éramos o quê? Elementos estratégico descartáveis? Com possível negação de responsabilidade? — perguntou a Davis.

— Algo assim. Não tínhamos ideia do que Zovastina faria.

— Seu filho da puta miserável — gritou, indo na direção de Davis.

— Cotton — disse Thorvaldsen —, eu aprovei. Fique bravo comigo.

Malone parou e encarou o amigo.

— O que lhe deu esse direito?

— Quando você e Cassiopeia saíram de Copenhague, o presidente Daniels ligou. Contou-me o que aconteceu com Stephanie em Amsterdã.

perguntou o que sabíamos.

Contei a ele. Ele deu a entender que eu poderia ser útil aqui.

— Junto comigo? Por isso mentiu para mim, dizendo que Stephanie estava correndo perigo?

Thorvaldsen lançou um olhar para Davis.

— Na verdade, estou um pouco perturbado com isso também. Só lhe contei o que me disseram. Parece que o presidente queria que todos nós estivéssemos envolvidos.

Ele olhou para Davis.

— Não gosto do modo como você trabalha.

— Você pode não gostar. Mas devo fazer o que eu tenho que fazer.

— Cotton — disse Thorvaldsen —, houve pouco tempo para planejar, eu estava improvisando à medida que acontecia.

— É mesmo?

— Mas eu não acreditava que Zovastina fizesse algo insensato aqui na basílica. Não poderia. E seria pega totalmente de surpresa. Foi por isso que concordei em desafiá-la. É claro que Cassiopeia era outra questão. Ela matou duas pessoas.

— E mais uma em Torcello. — Ele tomou cuidado para se manter concentrado. — Qual o motivo de tudo isso?

— Uma parte — disse Stephanie — é deter Zovastina. Ela está planejando uma guerra sórdida e tem recursos para fazer com que seja cara também.

— A ministra entrou em contato com a Igreja, e eles nos alertaram — disse Davis. — Por isso estamos aqui.

— Vocês podiam ter nos contado tudo isso — Malone disse a Davis.

— Não, Sr. Malone, não podíamos. Li sua ficha de serviço. Foi um policial excelente. Uma longa lista de missões bem-sucedidas e elogios. Não me parece ser uma pessoa ingênua. Você, mais que qualquer um, deveria entender como é o jogo.

— Aié que está — ele disse. — Eu não jogo mais.

Andou um pouco para tentar se acalmar. Depois, aproximou-se da caixa de madeira aberta no chão.

— Zovastina arriscou tudo só para ver esses ossos?

— Essa é a outra parte disso — disse Thorvaldsen. — A porção mais complicada. Você leu algumas páginas do manuscrito que Ely encontrou sobre Alexandre, o Grande, e o fluido. Ely passou a acreditar, talvez de modo insensato, que, pelos sintomas descritos, o fluido pudesse ter algum efeito em elementos patogênicos virais.

— Como o HIV? — Malone perguntou.

Thorvaldsen assentiu.

— Sabemos que existem substâncias na natureza — casca de árvores, plantas com folhas, raízes — que combatem bactérias e vírus, talvez até alguns cânceres.

Ely esperava que esse fosse o caso.

Malone lembrou-se do manuscrito.

Dominado pelo remorso e sentindo que Ptolomeu estava sendo sincero, Eumenes revelou o local do sepulcro, distante, nas montanhas, onde os citas ensinaram Alexandre sobre a vida.

— Os citas mostraram o fluido a Alexandre. Eumenes disse que Alexandre foi enterrado onde os citas lhe ensinaram sobre a vida.

Algo lhe ocorreu. Disse a Stephanie:

— Você está com um dos medalhões, não?

Stephanie entregou-lhe a moeda.

— De Amsterdã. Conseguimos tomá-la de volta dos seguranças de Zovastina. Disseram ser autêntica.

Segurou a decadracma sob a luz.

— Há letras minúsculas ocultas no guerreiro. ZH — disse Stephanie. — Vida em grego antigo.

Mais da história de Jerônimo de Córdia.

Ptolomeu, então, entregou-me um medalhão de prata que retratava Alexandre quando lutou contra elefantes. Disse-me que, em honra daquela batalha, ele cunhara as moedas. Também me disse para voltar quando desvendasse o enigma. Mas um mês depois, Ptolomeu estava morto.

Agora, Malone sabia.

— As moedas e o enigma combinam.

— Sem dúvida — disse Thorvaldsen. — Mas como?

Ele não estava pronto para explicar.

— Nenhum de vocês chegou a me responder. Por que simplesmente os deixaram ir embora?

— Cassiopeia claramente queria ir — disse Thorvaldsen. — Nós fornecemos informações suficientes sobre Ely para intrigar Zovastina.

— Foi por isso que ligou para ela lá fora?

Thorvaldsen assentiu.

— Ela precisava de informação. Eu não tinha ideia do que ela faria. Você tem que entender, Cotton, Cassiopeia quer saber o que aconteceu com Ely, e as respostas estão na Ásia.

A obsessão incomodava Malone. Por quê? Não tinha certeza. Mas estava claro que incomodava. Assim como a dor de Cassiopeia. E a doença era muita coisa para acompanhar.

Muitas emoções para um homem que fazia de tudo para ignorá-las.

— O que ela fará quando chegar à Federação?

Thorvaldsen deu de ombros.

— Não faço ideia. Zovastina sabe que estou a par do seu plano global. Deixei isso claro. Sabe que Cassiopeia está ligada a mim. Usará a oportunidade que lhe demos para tirar todas as informações que puder de Cassiopeia...

— Antes de matá-la.

— Cotton — disse Stephanie —, esse foi um risco que Cassiopeia aceitou livremente. Ninguém a mandou ir.

Mais melancolia surgiu.

— Não. Simplesmente a deixamos ir. Esse padre está envolvido?

— Ele tem um trabalho a fazer — disse Davis. — Por isso ofereceu sua colaboração.

— Mas tem mais — disse Thorvaldsen. — O que Ely encontrou, o enigma de Ptolomeu, é real. E agora temos todas as peças para descobrir a solução.

Malone apontou para a caixa:

— Não há nada aqui. É um beco sem saída.

Thorvaldsen balançou a cabeça.

— Não é verdade. Esses ossos estavam sob nós, na cripta, há séculos antes de serem transferidos para cá. — Thorvaldsen apontou para o sarcófago aberto. — Quando foram retirados pela primeira vez, em 1835, uma outra coisa foi encontrada com eles. Poucos sabem. — Ele apontou para o escuro do transepto sul. — Está na tesouraria, e esteve lá por muito tempo.

— E você precisava que Zovastina fosse embora, para poder dar uma olhada?

— É por aí. — O dinamarquês mostrou uma chave. — Nosso ingresso para ver.

— Tem consciência que Cassiopeia pode ter dado um passo muito maior do que a perna?

Thorvaldsen acenou com a cabeça pesada.

— Total.

Ele tinha que pensar, então, olhou na direção do transepto sul e perguntou:

— Você sabe o que fazer com o que quer que esteja lá dentro?

Thorvaldsen balançou a cabeça.

— Eu não. Mas temos alguém que talvez saiba.

Malone estava perplexo.

— Henrik acredita — disse Stephanie —, e Edwin parece concordar...

— É Ely — disse Thorvaldsen. — Achamos que ele ainda está vivo.

FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL

6H

Vincenti desceu do helicóptero. A viagem de Samarcanda levou cerca de uma hora. Embora houvesse novas vias expressas até o vale de Fergana, sua propriedade ficava mais para o sul, no velho Tajiquistão, e a viagem aérea ainda era a rota mais rápida e segura.

Ele havia escolhido o terreno com cuidado, no alto de montanhas cercadas de nuvens. Ninguém havia questionado a compra, nem mesmo Zovastina. Explicara apenas que estava cansado do terreno plano e lamacento em Veneza, então, comprou 200 acres de vale arborizado e montanhas rochosas da Pamir. Aquele seria o seu mundo. Um lugar onde não seria visto ou ouvido, cercado de empregados, a uma altura imponente, no meio de um cenário que um dia foi selvagem, e agora era cuidado e arrumado, com toques da Itália, de Bizâncio e da China.

Batizou a propriedade de Attico, e notou, durante o voo, a entrada principal agora adornada por um arco de pedra trabalhado que mostrava o nome. Também notou que mais andaimes tinham sido colocados em torno da casa, e o exterior estava muito próximo da conclusão. As obras foram lentas, mas constantes, e ficaria feliz quando as paredes estivessem totalmente prontas.

Saiu de perto das hélices que ainda giravam e passou por um jardim que mandara plantar num declive de montanha para que a propriedade ficasse com ares de interior da Inglaterra.

Peter O'Conner aguardava nas pedras irregulares do terraço do fundos.

— Tudo certo? — perguntou ao empregado.

O'Conner fez que sim com a cabeça.

— Nenhum problema aqui.

Vincenti ficou do lado de fora, retomando o fôlego. Nuvens carregadas entrelaçavam-se nos picos distantes ao leste, na direção da China. Corvos rondavam o vale.

Ele posicionara o castelo no ar com cuidado para aproveitar ao máximo a vista espetacular. Tão diferente de Veneza. Sem as desconfortáveis exalações fétidas. Só o ar cristalino. Soube que a primavera asiática fora mais quente e seca que de costume, e estava contente com a tréguia.

— E Zovastina? — perguntou.

— Está saindo da Itália neste momento, com outra mulher. Morena bonita, forneceu o nome Cassiopeia Vitt na alfândega.

Esperou, sabendo que O'Conner fizera o serviço completo.

— Vitt mora no sul da França. No momento, financia a reconstrução de um castelo medieval. Grande projeto. Caro. O pai era dono de várias manufaturas espanholas.

Imensos conglomerados. Ela herdou tudo.

— E quanto a ela? A pessoa?

— Muçulmana, mas não praticante. Extremamente culta. Formação em engenharia e história. Não é casada. Trinta e oito anos. Foi tudo o que consegui em cima da hora. Quer mais?

Ele balançou a cabeça.

— Agora, não. Alguma ideia do que ela está fazendo com Zovastina?

— Meu pessoal não soube dizer. Zovastina saiu da basílica com ela e foi direto para o aeroporto.

— Está voltando para cá?

O'Conner fez que sim.

— Deve chegar daqui a quatro ou cinco horas.

Ele viu que tinha mais.

— Nossos homens que foram atrás de Nelle. Um foi eliminado por um atirador de elite. O outro escapou. Parece que Nelle estava preparada para nós.

Vincenti não gostou do que ouviu. Mas esse problema teria que esperar. Ele já tinha pulado do precipício. Tarde demais para subir de volta agora.

Entrou na casa.

Terminara a decoração um ano atrás, tendo gasto milhões com pinturas, revestimento de parede, móveis laqueados e objetos de arte. Mas insistiu para que o conforto não fosse sacrificado em nome da suntuosidade. Então, incluiu um teatro, salas de estar aconchegantes, quartos privados, banheiros e o jardim. Infelizmente, só tinha conseguido aproveitar algumas preciosas semanas ali, contratando empregados que O'Conner avaliava pessoalmente. Em breve, porém, Attico seria seu refúgio pessoal, um lugar para um estilo de vida nobre e pensamentos simples, e ele havia se preparado para esse propósito instalando alarmes sofisticados, equipamentos de comunicação de ponta e uma rede intrincada de passagens secretas.

Passou pelas salas do térreo, que fluíam umas para as outras, no estilo francês, e pareciam frias e sombrias como o crepúsculo da primavera. Um vestibulo elegante no estilo clássico acomodava uma escadaria sinuosa de mármore que levava ao segundo andar.

Ele subiu.

A frescos representando a marcha das ciências liberais surgiram no alto. Essa parte da casa o fazia lembrar o melhor de Veneza, embora as janelas de caixilhos altos emoldurassem paisagens montanhosas em vez do Grande Canal. Seu destino era a porta fechada à esquerda, logo depois do topo da escada, um dos diversos quartos de hóspedes espaçosos.

Entrou em silêncio.

Karyn Walde estava deitada na cama, imóvel.

O'Conner a trouxera de Samarcanda, junto com a enfermeira, em outro helicóptero. Seu braço direito foi ligado mais uma vez ao gotejamento intravenoso. Ele aproximou-se e pegou uma das seringas sobre uma mesa de aço inoxidável. Injetou o conteúdo em um dos orifícios. Alguns segundos depois, o estimulante forçou Walde a abrir os olhos. Em Samarcanda, ele a deixara inconsciente. Agora, precisava dela alerta.

— Vamos lá — ele disse. — Acorde.

Ela pestanejou, e ele viu as pupilas ajustarem o foco.

Em seguida, ela fechou os olhos novamente.

Vincenti pegou uma jarra de água gelada do criado mudo e derramou no seu rosto.

A mulher despertou de repente, cuspidando gotículas, tirando a água dos olhos.

— Seu filho da puta — deixou escapar ao se levantar.

— Eu disse para acordar.

Ela não estava presa. Não era necessário. O olhar varreu o ambiente.

— Onde estou?

— Gostou? É tão elegante quanto ao que está acostumada.

Ela notou os raios de sol se derramando pelas janelas e as portas abertas da varanda.

— Quanto tempo fiquei desacordada?

— Bastante tempo. É de manhã.

O estado de desorientação retornou quando ela compreendeu a realidade.

— O que está acontecendo?

— Quero ler algo para você. Vai me permitir?

— Tenho escolha?

A inteligência também retornou.

— Na verdade, não. Mas acho que valerá a pena.

Desconfiei do Teste Clínico W12-23 desde o início. No começo, Vincen designou apenas a mim e a ele mesmo para a supervisão. Era estranho, uma vez que é raro Vincenti se envolver pessoalmente com tais coisas, mais ainda num teste com apenas 12 participantes, outra razão para a minha desconfiança. A maioria dos testes que fazemos tem de cem (em pelo menos uma ocasião) a mil participantes. Uma amostra de apenas 12 pacientes normalmente não revelaria nada sobre a eficácia de qualquer substância, particularmente considerando-se o critério importantíssimo de toxicidade e o perigo das conclusões simplesmente aleatórias.

Quando expressei essas preocupações a Vincenti, ele explicou que a toxicidade não era o objetivo desse teste. O que também pareceu estranho. Perguntei sobre o agente a ser testado, e Vincenti disse que era algo que havia desenvolvido pessoalmente, curioso para saber se seus resultados laboratoriais poderiam ser repetidos em humanos.

Eu sabia que Vincenti trabalhava em projetos considerados internamente

confidenciais (o que significava que apenas determinadas pessoas tinham acesso às informações), mas, no passado, sempre fui um dos que tinham acesso. Nesse teste, Vincenti deixou claro que apenas ele deveria manusear a substância testada, conhecida como Zeta Eta.

Usando os parâmetros específicos fornecidos por Vincenti, obtive uma dúzia de voluntários de diferentes clínicas de todo o país. Não foi tarefa fácil, uma vez que o HIV não é um assunto que os iraquianos discutem abertamente, e a doença é rara. No fim, depois que oferecemos dinheiro, os sujeitos foram encontrados. Três nos primeiros estágios de infecção por HIV vieram com uma contagem de glóbulos brancos próxima de 1.000 e apenas uma porcentagem mínima de vírus. Nenhuma dessas pessoas apresentava qualquer sintoma externo de Aids. Outros cinco haviam progredido de HIV para Aids, com a corrente sanguínea cheia de vírus, baixa contagem de glóbulos brancos, cada um já enfrentando uma grande variedade de sintomas específicos. Outros quatro estavam bem próximos da morte, com uma contagem de glóbulos brancos abaixo de 200, uma variedade de infecções secundárias já claras, o fim sendo apenas uma questão de tempo.

Uma vez por dia, eu viajava até a clínica em Bagdá e administrava doses intravenosas nos níveis especificados por Vincenti. Ao mesmo tempo, obtinha amostras de sangue e tecido. A partir da primeira injeção, todos mostraram sinais marcantes de melhora. O número de glóbulos brancos aumentou de forma dramática e, com a retomada do sistema imunológico, as infecções secundárias se dissiparam à medida que o corpo começava a repelir as diversas doenças. Algumas, como o sarcoma de Kaposi, que cinco dos 12 desenvolveram, estavam além da cura, mas as infecções que o sistema imunológico conseguia combater de forma eficaz começaram a diminuir no começo do segundo dia.

No terceiro dia, o sistema imunológico de todos os 12 havia se recuperado. Os glóbulos brancos se regeneraram. As quantidades aumentaram. O apetite retornou. Ganham peso. A carga viral de HIV caiu para quase zero. Se as injeções tivessem continuado, há pouca dúvida de que todos teriam se curado, pelo menos de HIV e Aids. Mas as injeções foram interrompidas. No quarto dia, depois de ficar convencido de que a substância funcionava, Vincenti mudou a solução para salina. Todos os 12 pacientes tiveram rápida recaída. A contagem de linfócitos T baixou e o HIV retomou o controle. O que era exatamente a substância testada permanece um mistério. Os poucos testes químicos que fiz revelaram apenas um composto levemente alcalino, à base de água. Mais por curiosidade que por qualquer outra coisa, examinei uma amostra no microscópio e fiquei chocado ao descobrir organismos vivos na solução.

Vincenti notou que Karyn Walde ouvia com atenção. — Esse é um relato de um homem que um dia trabalhou para mim. Ele quis submetê-lo aos meus superiores. É claro que não chegou a fazê-lo. Paguei para que o matassem. No Iraque, nos anos 1980, quando Saddam reinava com supremacia, isso era algo bastante fácil.

— E por que o matou?

— Falava demais. Prestava atenção demais em algo que não era de sua conta.

— Isso não é resposta. Por que precisava morrer?

Ele pegou uma seringa com um líquido translúcido.

— Mais da sua droga para dormir?

— Não. Na verdade, é o seu maior desejo. O que me disse, em Samarcanda, que queria mais que qualquer coisa.

Ele fez uma pausa.

— Vida.

ENEZA

2H

Malone balançou a cabeça.

— Ely Lund está vivo?

— Não sabemos — disse Edwin Davis. — Mas suspeitamos de que Zovastina tinha aulas com alguém. Ontem, ficamos sabendo que Lund era sua fonte de informações inicial. Henrik nos contou sobre ele, e as circunstâncias de sua morte certamente são suspeitas.

— Por que Cassiopeia acredita que ele está morto?

— Porque teve que acreditar nisso — disse Thorvaldsen. — Não havia como provar o contrário. Mas suspeito de que uma parte dela duvidou que a morte dele fosse real.

— Henrik acha, e tenho que concordar — disse Stephanie — que Zovastina tentará usar a ligação entre Ely e Cassiopeia em benefício próprio. Tudo o que aconteceu aqui deve ter sido um choque para ela, e a paranoia é um dos seus riscos ocupacionais. Cassiopeia pode jogar com isso.

— Essa mulher está planejando uma guerra. Não vai se preocupar com Cassiopeia. Precisou dela apenas para chegar ao aeroporto. Depois disso Cassiopeia não passa de um peso morto. Isso é loucura.

— Cotton — disse Stephanie —, tem mais. Ele esperou.

— Naomi está morta.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Estou cansado de amigos morrendo.

— Eu quero Enrico Vincenti — ela disse. Malone também.

Ele começou a pensar como um policial de campo novamente, lutando contra o desejo de vingança rápida.

— Você disse que tem alguma coisa na tesouraria. OK. Mostre-me.

..*

Zovastina observava a mulher sentada à sua frente na cabine luxuosa do jato. Uma pessoa corajosa, sem dúvida. E, como a prisioneira do laboratório da China, esta bela conhecia o medo, ainda que, ao contrário daquela alma fraca, soubesse controlá-lo.

Não haviam trocado uma palavra desde que deixaram a basílica, e Irina usou o tempo para analisar a refém. Ainda não tinha certeza se a

presença da mulher era planejada ou casual. Muita coisa aconteceu rápido demais.

E os ossos.

Irina tinha certeza de que haveria algo a ser encontrado, certeza suficiente para arriscar viajar até lá. Tudo apontava para o sucesso. Porém, mais de 2 mil anos haviam se passado. Thorvaldsen podia estar certo. O que poderia restar, em termos realistas?

— Por que você estava na basílica? — perguntou.

— Você me trouxe para bater papo?

— Eu a trouxe para descobrir o que sabe.

Essa mulher a fazia lembrar demais de Karyn. Aquela maldita autoconfiança, exibida como um distintivo. E uma expressão peculiar de cansaço que, estranhamente, deixava Zovastina interessada e sem equilíbrio.

— Suas roupas. Seu cabelo. Parece que estava nadando.

— Seu segurança me empurrou no lago.

Aquilo era novidade.

— Meu segurança?

— Viktor. Não lhe contou? Matei o parceiro dele no museu de Torcello.

Quería matá-lo também.

— Isso seria um desafio.

— Não acho. — A voz era fria, ácida e com ar de superioridade.

— Conhecia Ely Lund?

Vitt não disse nada.

— Você acha que eu o matei?

— Eu sei que matou. Ele lhe contou sobre o enigma de Ptolomeu. Ensinou-lhe coisas sobre Alexandre e disse que o corpo no Soma nunca foi o dele. Relacionou aquele corpo ao roubo de São Marcos pelos venezianos, e foi por isso que você sabia que tinha que ir a Veneza. Matou-o para garantir que não contasse a mais ninguém.

Mas ele contou a alguém. A mim.

— E você contou a Henrik Thorvaldsen.

— Entre outros.

Isso era um problema, e Zovastina perguntou-se se havia alguma ligação entre essa mulher e a tentativa frustrada de assassinato. E Vincent? Henrik Thorvaldsen certamente era o tipo de homem que poderia ser um membro da Liga Veneziana. Mas uma vez que a lista de membros era altamente confidencial, não tinha como confirmar a informação.

— Ely nunca falou de você.

Essa mulher era de fato como Karyn. O mesmo encanto pungente e o jeito franco. A rebeldia atraía Zovastina. Algo que exigia paciência e determinação para ser domado.

Mas era possível. — E se Ely não estiver morto?

VENEZA

Malone seguiu os outros até o transepto sul da basílica e parou diante de um vão vagamente iluminado e coroado por um arco elaborado em estilo mouro. Thorvaldsen pegou uma chave e abriu as portas de bronze.

Dentro, um vestibulo abobadado terminava em um santuário. À esquerda, nichos na parede continham imagens sacras e relicários. À direita ficava a tesouraria, onde outros símbolos frágeis e preciosos de uma república desaparecida estavam apoiados nas paredes ou reunidos em vitrines.

— A maior parte disso veio de Constantinopla — disse Thorvaldsen — quando Veneza saqueou a cidade em 1204. Mas as restaurações, incêndios e roubos cobraram seu preço. Quando a república veneziana caiu, a maior parte do acervo foi derretida para a obtenção do ouro, da prata e das pedras preciosas. Apenas 283 itens conseguiram sobreviver.

Malone admirou os cálices e relicários brilhantes, porta-joias, cruzes, vasos e imagens sacras, feitos de pedra, madeira, cristal, vidro, prata ou ouro. Também notou ânforas, âmbulas, capas de manuscritos e incensórios, cada um, um troféu antigo do Egito, de Roma ou Bizâncio.

— Um acervo e tanto — comentou.

— Um dos mais admiráveis do planeta — declarou Thorvaldsen.

— O que estamos procurando?

Stephanie apontou.

— Michener disse que está ali.

Aproximaram-se de uma vitrine de vidro que exibia uma espada, um bastão episcopal, alguns vasos hexagonais e diversas caixas douradas de relíquias. Thorvaldsen usou outra chave para abrir a vitrine. Em seguida, abriu uma das caixas de relíquias.

— Eles o guardam aqui. Fora de vista.

Malone reconheceu o objeto no interior da caixa.

— Um camafeu.

Durante o processo de mumificação, os embalsamadores egípcios tinham o hábito de adornar o corpo purificado com centenas de amuletos. Muitos eram simplesmente para decoração, outros eram posicionados para fortalecer membros. O que ele estava vendo levava o nome do inseto que enfeitava a parte de cima — Scarabceidoes — um escaravelho.

Malone sempre achou a associação esquisita, mas os egípcios antigos

notaram que os insetos saíam do esterco, então fizeram uma identificação com Chepera, o criador de todas as coisas, pai dos deuses, que se criou a partir da matéria que produzia.

— Esse é um amuleto do coração — disse.

Stephanie assentiu.

— Foi o que Michener disse.

Ele sabia que todos os órgãos eram removidos durante a mumificação, exceto o coração. Um escaravelho era sempre colocado sobre o coração para simbolizar vida eterna.

Esse era típico. Feito de pedra. Verde. Provavelmente cornalina. Mas uma coisa ele percebeu.

— Nada de ouro. Eles geralmente eram decorados ou feitos com ouro.

— O que provavelmente explica por que sobreviveu — disse Thorvaldsen. — A história diz que o Soma, em Alexandria, foi saqueado por descendentes de Ptolomeu. Todo o ouro foi roubado, o sarcófago foi derretido e tudo de valor, levado. Esse pedaço de pedra não teria significado nada para eles.

Malone pegou o amuleto. Talvez, 8 centímetros de comprimento e 4 de largura.

— É maior que o normal. Essas coisas geralmente têm a metade do tamanho deste.

— Você sabe muito sobre eles — disse Davis.

Stephanie abriu um sorriso.

— O homem lê. Afinal, é vendedor de livros.

Malone sorriu, mas continuou a admirar o amuleto e notou, nas asas do besouro, três hieróglifos gravados.



— O que são? — perguntou.

— Michener disse que significam vida, estabilidade e proteção — respondeu Thorvaldsen.

Ele virou o amuleto. A parte de baixo inteira estava preenchida pela imagem de um pássaro.



Thorvaldsen disse:

— Isso foi encontrado com os ossos de São Marcos, quando foram retirados da cripta, em 1835, e levados ao altar. São Marcos foi martirizado em Alexandria e mumificado, então, pensou-se que esse amuleto era simplesmente parte do processo. Mas como tem traços pagãos, os padres da Igreja decidiram não incluí-lo nos restos mortais. Mas reconheceram seu valor histórico e o colocaram aqui, na tesouraria. Quando a Igreja tomou conhecimento do interesse de Zovastina em São Marcos, o amuleto ganhou uma importância maior. Mas quando Daniels me falou sobre ele, lembrei-me do que Ptolomeu disse.

Ele também tinha lembrado.

Toque o ser mais íntimo da ilusão dourada.

Peças encaixaram-se.

— A ilusão dourada era o corpo em Mênfis, uma vez que estava envolto em ouro. O ser mais íntimo? O coração. — Ergueu o amuleto. — Isto.

— O que significa — disse Davis — que os restos mortais lá na basílica não são de São Marcos.

Malone concordou.

— É algo totalmente diferente. Algo que não tem nada a ver com o cristianismo.

Thorvaldsen apontou para a parte de baixo.

— Esse é o hieróglifo que representa a fênix, o símbolo do renascimento.

Outra parte do enigma acendeu na sua cabeça.

Divida a fênix.

E soube exatamente o que fazer.

..*

Cassiopeia percebeu que estava sendo provocada pela pergunta de Zovastina. E se Ely não estiver morto? Então, controlou as emoções e dissimulou calmamente:

— Mas está, e já faz meses.

— Tem certeza?

Cassiopeia se perguntava muitas vezes — como não se perguntaria? — Mas lutou contra a dor causada pela esperança e declarou:

— Ely está morto.

Zovastina pegou um telefone e apertou uma tecla. Alguns segundos se passaram, e ela disse:

— Viktor, preciso que você conte a uma pessoa o que aconteceu na noite em que Ely Lund morreu.

Zovastina ofereceu-lhe o telefone.

Cassiopeia não se mexeu. Lembrou-se do que ele dissera no barco. Nada.

— Pode se dar ao luxo de não ouvir o que Viktor tem para dizer? — Zovastina perguntou, uma satisfação nauseante nos olhos escuros.

Essa mulher conhecia suas fraquezas e, de alguma forma, essa noção assustou Cassiopeia mais do que o que Viktor pudesse dizer. Queria saber. Os últimos meses tinham sido um tormento. Mesmo assim...

— Enfie esse telefone no cu.

Zovastina hesitou, depois sorriu. Por fim, disse ao telefone:

— Talvez mais tarde, Viktor. Pode soltar o padre agora.

Desligou.

O avião continuou subindo entre as nuvens, seguindo para a Ásia.

— Viktor vigiava a casa de Ely. Por ordem minha.

Cassiopeia não queria escutar.

— Entrou pelos fundos. Ely estava amarrado numa cadeira, e o assassino, pronto para atirar. Viktor atirou no assassino primeiro, depois trouxe Ely para mim e pôs fogo na casa com o assassino dentro.

— Não espera que eu acredite nisso.

— Há pessoas no meu governo que gostariam de me ver morta. Infelizmente, a traição faz parte da nossa prática política. E eles me temem e sabem que Ely me auxiliava.

Então, mandaram matá-lo, assim como mandaram eliminar outros aliados meus.

Cassiopeia permaneceu cética.

— Ely é HIV positivo.

Aquela verdade atraiu a atenção de Cassiopeia.

— Como sabe?

— Ele me contou. Tenho-lhe fornecido os medicamentos nesses últimos dois meses. Ao contrário de você, ele confia em mim.

Cassiopeia sabia que Ely jamais teria contado a ninguém que estava infectado. Somente Henrik e Ely sabiam de sua doença. Agora, ela estava confusa. Mas se perguntou.

Esse tinha sido o propósito?

..*

Malone passou a mão pela pátina do amuleto do coração, os dedos seguindo o contorno do pássaro que representava a fênix egípcia.

— Ptolomeu disse para dividir a fênix.

Balançou o artefato, com os ouvidos apurados.

Nada se moveu lá dentro.

Thorvaldsen pareceu entender o que ele estava prestes a fazer.

— Isso tem mais de 2 mil anos.

Malone não se importava. Cassiopeia estava em perigo, e o mundo poderia passar por uma guerra biológica em breve. Ptolomeu havia escrito um enigma que obviamente levava ao local em que Alexandre, o Grande, quis ser sepultado. O guerreiro grego que se tornou faraó aparentemente teve acesso a informações precisas. E se ele disse divida a fênix, era isso o que Malone ia fazer.

Ele atirou o amuleto, com a parte de baixo voltada para o piso de

mármore.

O camafeu bateu no chão, e cerca de um terço dele se partiu, como uma noz sendo quebrada. Ele arrumou os pedaços no chão e os examinou.

Algo derramou-se pelas laterais.

Os outros se ajoelharam com ele.

Ele apontou e disse:

— O interior estava rachado, pronto para quebrar, e cheio de areia.

Ele ergueu o pedaço maior e retirou os grânulos.

Edwin Davis apontou.

— Olhe.

Malone também viu. Empurrou a areia com cuidado e avistou um objeto cilíndrico, talvez com um centímetro de diâmetro. Depois, notou que não era cilíndrico.

Uma tira de ouro.

Enrolada.

Virou com cuidado o rolo minúsculo de lado e viu letras aleatórias gravadas em um dos lados.

— Grego — disse.

Stephanie chegou mais perto.

— E olhe como a chapa é fina. Como uma folha.

— O que é? — Perguntou Davis.

A mente de Malone começava a encaixar a peça final. A parte seguinte do enigma de Ptolomeu agora se tornava importante. A vida provê a medida do túmulo. Mas fique alerta, pois há apenas uma chance de sucesso. Ele encontrou no bolso o medalhão que Stephanie lhe mostrara.

— Há microletras ocultas aqui. ZH. E sabemos que Ptolomeu cunhou essas moedas quando criou o enigma.

N otou um símbolo minúsculo em uma das faces e entendeu a conexão de imediato.

— Esse mesmo símbolo estava no manuscrito que você me mostrou. Na parte de baixo, abaixo do enigma. — Ele viu o enunciado claramente na cabeça. A vida provê a medida do verdadeiro túmulo.

— Qual a relação entre essa tira de ouro e os medalhões de elefante? — perguntou Davis.

— Para saber isso — disse Malone —, você tem que saber o que é essa tira de ouro.

Ele viu que Stephanie compreendera.

— E você sabe? — ela perguntou. Ele fez que sim.

— Sei exatamente o que é.

..*

Viktor desligou o afogador e deixou o barco deslizar na direção do molhe de São Marcos. Levou Michener da basílica direto para onde havia deixado o barco, pensando que o local mais seguro para esperar a partida de Zovastina seria na água. Lá ficou, olhando para os olmos e pináculos

iluminados por holofotes, o palácio rosa e branco do doge, a campanário e as fileiras de edifícios antigos, altos e sólidos, repletos de sacadas e janelas, todos opacos sob o bocejo negro da noite. Ficaria feliz em deixar a Itália.

Nada ali havia dado certo.

— Está na hora de você e eu termos uma conversa — disse Michener.

Havia deixado o padre na cabine dianteira do barco, sozinho, enquanto aguardava a ligação de Zovastina, e Michener ficou sentado, tranquilo, em silêncio.

— O que teríamos para conversar?

— Talvez sobre o fato de você ser um espião americano.

FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL

Vincenti deu um tempo para Karyn Walde digerir o que dissera lembrou-se do momento em que ele se deu conta de que havia descoberto a cura para o HIV.

— Eu contei a você sobre o velho das montanhas...

— Foi lá que você encontrou a cura? — ela perguntou, a voz cheia de expectativa.

— Acho que reencontrar seria mais preciso.

Nunca havia falado disso com ninguém. Como poderia? Então, notou que estava ansioso para explicar.

— É irônico como as coisas mais simples podem resolver os problemas mais complexos. No início do século XX, o beribéri espalhou-se por toda a China, matando centenas de milhares. Sabe por quê? Para aumentar a venda do arroz, os mercadores começaram a refinar os grãos, o que removia a tiamina — vitamina B1 — da casca.

Sem a tiamina na dieta, o beribéri atingiu a população de maneira incontrolável. Quando a refinação parou, a tiamina cuidou da doença.

Ele prosseguiu:

— A casca do teixo do Pacífico é um tratamento eficiente do câncer. Não é a cura, mas pode retardar a doença. O simples bolor do pão levou ao desenvolvimento de antibióticos altamente eficientes que acabam com infecções bacterianas. E algo tão básico quanto uma dieta com alta proporção de gorduras e sem carboidratos pode controlar a epilepsia em algumas crianças. Coisas simples. Vi que esse mesmo princípio era verdadeiro para a Aids.

— O que era essa coisa na planta que você mastigou que era eficaz? — ela perguntou.

— Não era uma coisa, mas coisas.

Viu o medo dela baixar, à medida que o que poderia ser uma ameaça mudava rapidamente para uma salvação.

— Trinta anos atrás, encontramos um vírus na corrente sanguínea de saguis. Nosso conhecimento sobre vírus na época era rudimentar, considerando o que sabemos hoje. Chegamos a pensar que fosse uma forma de raiva, mas a forma, o tamanho e a biologia do organismo eram diferentes.

Ele continuou:

— Acabou sendo denominado de vírus de imunodeficiência símia, SIV.

Agora, sabemos que o SIV pode viver em macacos indefinidamente sem causar danos ao animal.

No início, pensamos que os macacos tinham algum tipo de resistência, mas depois descobrimos que a resistência vinha do vírus, que registrava quimicamente não ser capaz de atacar todos os organismos com que entrava em contato. O vírus aprendeu a existir nos macacos, sem que os macacos soubessem.

— Li isso — ela disse. — E a epidemia de Aids começou com uma mordida de macaco.

Vincenti deu de ombros.

— Quem pode saber? Pode ter sido uma mordida ou um arranhão, pode ter sido ingestão. Os macacos são parte de muitas dietas. Não importa como aconteceu, o vírus saiu dos macacos e encontrou humanos.

Vi isso acontecer em primeira mão com um homem chamado Charlie Easton, em que o vírus passou, dentro dele, de SIV para HIV.

Contou a Karem sobre os acontecimentos de décadas atrás, não muito longe de onde ele estava, quando Easton morreu.

— O HIV não apresentava nenhum instinto parental em relação aos humanos, como o SIV apresentava em relação aos macacos. O vírus simplesmente agia, clonando rapidamente as células na glândula linfática, e transformando-as em cópias de si mesmas. Charlie morreu em questão de semanas. Mas não foi o primeiro. O primeiro caso que pôde ser diagnosticado de modo definitivo foi o de um homem na Inglaterra. Em 1959. Um teste numa amostra de soro congelado no início dos anos 1990 mostrou que havia HIV no sangue dele, e registros médicos confirmavam sintomas de Aids. (Mais provável é que tanto o SIV como o HIV já existissem há séculos. Pessoas morrendo em aldeias isoladas, sem ninguém notar. Infecções secundárias como a pneumonia eram o que as matavam, então, os médicos regularmente confundiam Aids com outras coisas.

Originalmente, nos Estados Unidos, ela foi rotulada como "a pneumonia dos gays". A melhor aposta agora é que nos anos 1950 e 1960, quando a África começou a sua modernização e as pessoas reuniram-se em centros urbanos, a doença tenha se espalhado. Um estrangeiro acabou levando o vírus para fora do continente. Nos anos 1980, o HIV conseguiu atravessar o planeta.

— Uma das suas armas biológicas naturais saiu-se bem.

— Na verdade, achamos que era péssima para esse propósito. Muito difícil de ser contraída, demorada demais para matar. O que não é ruim. Fosse um pouco mais fácil, e teríamos uma peste negra dos tempos modernos.

— Nós temos — ela disse. — Só não está matando as pessoas certas ainda.

Ele entendeu o que ela quis dizer. No momento, havia dois tipos principais. O HIV-1 era predominante na África, enquanto o HIV-2 permanecia forte entre usuários de drogas intravenosas e homossexuais. Recentemente, novas variantes começaram a surgir, como uma horrível

encontrada no sudeste asiático, que recebeu o rótulo de HIV-3.

— Easton — ela disse —, você chegou a achar que tinha sido infectado por ele?

— Sabíamos tão pouco sobre como o vírus era transmitido na época. Lembre que qualquer arma biológica ofensiva é inútil sem uma cura. Por isso, quando o velho curandeiro se ofereceu para me levar às montanhas, eu fui. Ele me mostrou a planta e disse que o sumo das folhas podia interromper o que ele chamava de doença da febre. Então, eu comi algumas.

— E não deu nenhuma a Easton? Deixou-o morrer?

— Dei a ele o sumo da planta. Mas não lhe causou nenhum efeito.

Ela pareceu perplexa, e ele deixou a pergunta no ar.

— Quando Charlie morreu, cataloguei o vírus como um exemplar inaceitável. Os iraquianos só queriam saber dos casos bem-sucedidos. Fomos orientados a deixar os fracassos no campo. Em meados dos anos 1980, quando o HIV finalmente foi isolado na França e nos Estados Unidos, reconheci a biologia. De início, não pensei muito no assunto. Ninguém fora da comunidade gay estava nem um pouco preocupado. Mas em 1985, ouvi a conversa no meio da comunidade farmacêutica. Quem quer que encontrasse a cura ganharia muito dinheiro. Então, decidi começar a procurar. A essa altura, eu sabia muito mais. Então, voltei à Ásia Central, contratei um guia para me levar às montanhas e achei a planta novamente. Trouxe amostras, testei e, sem dúvida, ela acabou com o HIV praticamente ao entrar em contato com o vírus.

— Você disse que não funcionou com Easton.

— A planta não ajuda em nada. Quando a dei a Charlie, as folhas estavam secas. Não são as folhas, é a água. Foi nela que encontrei a solução.

Ele ergueu a seringa.

— Bactérias.

VENEZA

— Já ouviram falar no bastão de Licurgo? — perguntou Malone.

Ninguém ouvira aquilo antes.

— Você pega um bastão, enrola nele uma tira de couro, escreve uma mensagem no couro, depois desenrola e acrescenta um monte de outras letras. A pessoa que recebe a mensagem tem um bastão semelhante, mesmo diâmetro, para poder enrolar a tira e ler a mensagem. Se você usar um bastão de tamanho diferente, só verá letras embaralhadas. Os gregos antigos sempre usavam o bastão de Licurgo para comunicações sigilosas.

— Como é possível você saber essas coisas? — Perguntou Davis.

Malone deu de ombros.

— O bastão de Licurgo era rápido, eficiente e pouco propenso a erros, o que era importante nos campos de batalha. Uma ótima maneira de enviar uma mensagem secreta. E, para responder à sua pergunta, eu leio.

— Não temos o bastão certo — disse Davis. — Como vamos decifrar?

— Lembre-se do enigma. A vida provê a medida do túmulo. — Ele mostrou o medalhão. — ZH. Vida. A moeda é a medida. Mas fique alerta pois há apenas uma chance de sucesso — disse Stephanie. — Essa folha de ouro é fina. Não dá para desenrolar e enrolar de novo. Aparentemente, só é possível tentar uma vez.

Malone concordou.

— Essa é a minha aposta também.

Ele liderou a busca, enquanto eles deixaram a basílica e voltaram aos escritórios da diocese com a folha de ouro e o medalhão de elefante. Ele estimou que a decadracma tivesse 2 centímetros de diâmetro, então começaram a procurar algo que pudesse funcionar. Alguns cabos de vassoura encontrados num depósito eram grandes demais, outros itens eram pequenos.

— Todas as luzes estão acesas — disse Malone. — Mas não tem ninguém por aqui.

— Michener esvaziou o prédio quando Zovastina foi deixada sozinha na basílica — disse Davis. — Precisávamos do menor número de testemunhas possível.

Perto de uma copiadora, numa prateleira, Malone avistou velas. Pegou a caixa e notou que o diâmetro dela era levemente maior que o do medalhão.

— Vamos fazer o nosso próprio bastão de Licurgo.

Stephanie entendeu de imediato.

— Tem uma cozinha no final do corredor. Vou pegar uma faca.

Ele segurou a tira de ouro na palma da mão, protegida dentro de uma folha de papel amassada que encontraram na bilheteria da tesouraria.

— Alguém aqui fala grego antigo? — ele perguntou.

Davis e Thorvaldsen balançaram a cabeça.

— Vamos precisar de um computador. A palavra que sair dessa tira estará em grego antigo.

— Tem um no escritório em que estávamos antes — disse Davis. — No corredor.

Stephanie voltou com uma faca de descascar.

— Sabe, estou preocupado com Michener — disse Malone. — O que impede Viktor de matá-lo, independentemente de Zovastina conseguir partir em segurança?

— Não será um problema — disse Davis. — Eu queria que Michene fosse com Viktor.

Malone ficou confuso:

— Para quê?

Os olhos de Edwin Davis fixaram-se nele, como se estivesse decidindo se era alguém em que pudesse confiar.

O que irritou Malone.

— O que é?

Stephanie concordou com a cabeça, enquanto Davis disse:

— Viktor trabalha para nós.

..*

Viktor estava perplexo.

— Quem é você?

— Um padre da Igreja Católica, exatamente como eu disse. Mas você é muito mais do que parece. O presidente dos Estados Unidos quer que eu converse com você.

O barco ainda deslizava na direção da doca. Em alguns minutos Michener iria embora. Esse padre programara a revelação para o momento certo.

— Fiquei sabendo que Zovastina o contratou da força de segurança croata, onde foi recrutado pela primeira vez pelos americanos. Foi útil para eles na Bósnia, e quando souberam que você trabalhava para Zovastina, fizeram contato novamente.

Viktor notou que as informações oferecidas, todas verdadeiras, estavam sendo usadas para convencê-lo de que Michener era de fato um enviado do presidente.

— Por que faz isso? — perguntou Michener. — Vive uma mentira?

Viktor decidiu ser honesto.

— Digamos que prefiro não ser julgado num tribunal por crimes de

guerra. Lutei contra o outro lado na Bósnia. Todos fizemos coisas que lamentamos. Aliviei minha consciência mudando de lado e ajudando os americanos a capturar os piores transgressores.

— O que significa que o outro lado também o odiaria, se ficasse sabendo.

— Algo assim.

— Os americanos ainda o pressionam por conta disso?

— Não existem estatutos de limitação para assassinatos. Tenho minha família na Bósnia. Retaliações naquela parte do mundo incluem todas as pessoas próximas a você. Eu saí de lá para me afastar de certas coisas. Mas quando os americanos souberam que trabalhava para Zovastina, me deram uma escolha. Eles me entregariam para os bósnios ou para ela. Decidi que seria mais fácil me juntar a eles.

— Está num jogo perigoso.

Viktor deu de ombros.

— Zovastina não sabia nada sobre mim. É uma de suas fraquezas. Acredita que todos à sua volta têm muito medo ou estão intimidados demais para desafiá-la.

— Ele precisava saber. — A mulher de hoje à noite, na basílica, Cassiopeia Vitt, que saiu com Zovastina...

— Faz parte disto.

Viktor percebeu agora a gravidade do erro que cometera. Poderia realmente estar exposto. Por isso, precisava dizer:

— Eu e ela nos enfrentamos na Dinamarca. Tentei matá-la, e aos outros dois da basílica. Eu não fazia ideia. Mas se ela contar o que aconteceu à Zovastina, estou morto.

— Cassiopeia não fará isso. Ficou sabendo sobre você antes de entrar na basílica esta noite. Está contando com sua ajuda em Samarcanda.

Agora, ele entendeu os estranhos sussurros dela na galeria do transepto, e por que ninguém na Dinamarca dissera qualquer coisa sobre isso na frente de Zovastina.

O barco aproximou-se da doca. Michener saiu.

— Ajude-a. Fiquei sabendo que é talentosa.

E mata sem emoção.

— Fique com Deus, Viktor. Parece que você vai precisar Dele.

— Ele é inútil.

O padre deu um sorriso.

— É o que eu achava. — Michener balançou a cabeça. — Mas estava errado.

Viktor era como Zovastina. Pagão. Ainda que não por razões religiosas ou morais. Simplesmente porque não conseguia se importar com o que aconteceria depois que morresse.

— Mais uma coisa — disse Michener. — Na basílica, Cassiopeia mencionou um homem chamado Ely Lund. Os americanos querem saber se ele está vivo.

Esse nome de novo. Primeiro, a mulher, agora, Washington.

— Estava. Mas não tenho mais certeza.

..*

Malone balançou a cabeça.

— Você tem alguém lá dentro? Então, por que precisa de nós?

— Não podemos expô-lo — disse Davis.

— Você sabia disso? — ele perguntou a Stephanie. Ela balançou a cabeça.

— Não até pouco tempo atrás.

— Michener tornou-se o canal perfeito — disse Davis. — Não tínhamos certeza de como as coisas seriam aqui, mas quando Zovastina ordenou que Viktor o levasse, funcionou perfeitamente. Precisamos que Viktor ajude Cassiopeia.

— Quem é Viktor?

— Não é um de nós, de nascimento e criação — disse Davis. — A CIA adotou-o anos atrás. Um recurso aleatório.

— Adoção amigável ou não? — Ele sabia que muitos recursos aleatórios eram forçados a servir.

Davis hesitou.

— Não amigável.

— Isso é um problema.

— No ano passado, retomamos contato. Ele tem ajudado bastante.

— Viktor é tão obscuro, não se pode confiar nele. Perdi a conta de quantas vezes fui enganado por recursos aleatórios. São como prostitutas.

— Como disse, até agora ele tem se mostrado útil — afirmou Davis.

Malone não ficou impressionado.

— Parece que você não está nesse jogo há muito tempo.

— Tempo suficiente para saber que é preciso correr riscos.

— A distância entre o risco e a insensatez não é muito grande.

— Cotton — disse Stephanie —, me disseram que foi Viktor quem nos levou a Vincenti.

— Motivo pelo qual Naomi está morta. Mais uma razão para não confiarmos nele.

Ele colocou a bola de papel amassado sobre a copiadora e pegou a faca da mão de Stephanie. Juntou o medalhão de elefante à ponta de uma vela. A moeda estava torta, gasta pelos séculos, mas o diâmetro estava quase certo. Apenas algumas batidas foram necessárias para cortar o excesso de cera.

Passou a vela a Stephanie e abriu o papel com cuidado. Suas palmas estavam úmidas, para sua surpresa. Pegou a folha de ouro pelos cantos, prendendo-a de leve entre o indicador e o polegar. Puxou a ponta da tira e enrolou-a na vela, que Stephanie segurava firme.

Devagar, soltou a folha enrugada.

As letras que antes não tinham ligação rearranjaram-se à medida que o caminho espiral foi refeito. Lembrou-se de algo que leu uma vez sobre um

bastão de Licurgo.

O que segue é unido ao que precede.

A mensagem ficou clara.

Seis letras gregas.

ΚΛΙΜΑΣ

— Boa maneira de enviar uma mensagem secreta, naquela época e hoje. Esta foi revelada 2.300 anos após o fato.

O ouro tomou a forma de vela, e Malone percebeu que o aviso do enigma de Ptolomeu para ficar alerta, pois há apenas uma chance de sucesso fora um bom conselho. Não havia como desenrolar a folha, a tira se partiria em pedaços.

— Vamos achar aquele computador — ele disse.

Vincenti gostava de estar no controle.

— Você é uma mulher inteligente. E está claro que quer viver. Mas o que sabe sobre a vida?

Não esperou Karyn Walde responder.

— A ciência sempre nos ensinou que existem basicamente dois grupos, as bactérias e o resto. A diferença? As bactérias têm DNA flutuante, todas as outras coisas têm o DNA fechado num núcleo. Então, na década de 1970 um microbiólogo chamado Carl Woese encontrou um terceiro tipo de vida. Chamou-a de archaea. Um cruzamento entre bactérias e todo o resto. Quando descoberta, parecia viver apenas nos ambientes mais áridos — o mar Morto, no meio de fontes termais, quilômetros abaixo do oceano, na Antártida, pântanos com falta de oxigênio — e achamos que essa fosse a extensão de sua existência. Mas ao longo dos últimos vinte anos, as archaea foram encontradas por toda parte.

— Essas bactérias que você encontrou destroem o vírus? — ela perguntou.

— Com força. E estou falando do HIV-1, HIV-2, SIV e todas as variedades híbridas que encontrei para testar, incluindo o mais novo, do Sudeste Asiático. As bactérias possuem um revestimento de proteína que eliminam as proteínas que mantêm o HIV unido. Destroem o vírus, do mesmo modo que o vírus destrói as células hospedeiras. E rápido. O único truque é evitar que o sistema imunológico destrua as archaea antes que as bactérias possam consumir o vírus. — Ele apontou para ela. — Em pessoas como você, cujo sistema imunológico praticamente não existe mais, isso não é um problema, simplesmente não existem glóbulos brancos suficientes para matar as bactérias invasoras. Mas quando o HIV acabou de infectar o corpo e o sistema imunológico ainda está relativamente forte, os glóbulos brancos matam as bactérias antes que elas cheguem aos vírus.

— Encontrou uma maneira de evitar isso?

Vincenti assentiu.

— As bactérias sobrevivem à digestão. Foi assim que o velho curandeiro conseguiu colocá-las nas pessoas, só que ele achava que fossem as plantas. Eu não só mastiguei a planta, bebi a água, então, se havia algum vírus em mim naquele dia, elas deram conta dele. Desde então, descobri que é melhor administrar a dose por meio de injeção. Dá para controlar a porcentagem. Nos estágios iniciais de infecção por HVI, quando o sistema imunológico ainda está forte, são necessárias mais bactérias. Em estágios mais avançados,

como no seu, quando a contagem de leucócitos é quase zero, não são necessárias tantas.

— Por isso você quis uma taxa de infecção variada naquele teste clínico? Precisava saber a intensidade da dose.

— Garota esperta.

— Então, quem quer que tenha escrito aquele relatório que você leu para mim, e achou estranho você não estar preocupado com toxicidade, estava errado.

— Fiquei obcecado com toxicidade. Precisava saber quanto de archaea seria necessário para acabar com diferentes estágios de uma infecção por HIV. A melhor coisa é que as bactérias, por si só, são inofensivas. Você pode ingerir bilhões, e nada acontecer.

— Então, você usou aqueles iraquianos como animais de laboratório.

Ele deu de ombros.

— Tive que fazê-lo, para poder saber se as archaea funcionavam. Eles não sabiam. Acabei adaptando uma cápsula para preservar a eficácia das bactérias, o que lhes dá mais tempo para devorar o vírus. O impressionante é que a cápsula acaba se desprendendo, e o sistema imunológico absorve as archaea, como qualquer outro invasor da circulação sanguínea. Limpam tudo. O vírus some, assim como as archaea. Só não é bom ter bactérias demais, ou sobrecarregaria o sistema imunológico. Mas, no geral, é uma cura simples e totalmente eficaz para um dos vírus mais mortais do mundo. E nenhum efeito colateral, que eu tenha descoberto.

Sabia que ela havia experimentado, em primeira mão, a devastação dos remédios sintomáticos para o HIV. Urticária, úlcera, febre, fadiga, náusea, queda de pressão, dor de cabeça, vômitos, neuropatias, insônia — todos eram comuns.

Mostrou-lhe a seringa mais uma vez.

— Isto vai curá-la.

— Me dê logo. — O desespero impulsionou o apelo.

— Você sabe que Zovastina poderia ter feito isso. — Vincenti viu que a mentira teve o efeito desejado. — Ela sabe.

— Eu sabia que ela sabia. Ela e aqueles germes. São uma obsessão para ela há anos.

— Nós trabalhamos juntos. No entanto, ela nunca lhe ofereceu.

Karyn balançou a cabeça.

— Nunca. Ela só vinha me ver morrer.

— Irina tinha total controle. Não havia nada que você pudesse fazer. Entendo que a separação de vocês, anos atrás, tenha sido difícil. Ela se sentiu traída. Quando você voltou, pedindo ajuda, percebe que deu a ela uma oportunidade de se vingar? Ela a teria deixado morrer. Gostaria de retribuir o favor?

Ele observou o momento da verdade pesar na mente da mulher, mas, exatamente como ele suspeitava, a consciência de Karyn dissolvera-se há muito tempo.

— Eu só quero respirar. Se esse for o preço, eu pago.

– Você será a primeira pessoa a ser curada da Aids...

– Que vai poder contar a história.

Ele concordou.

– Isso mesmo. Vamos entrar para a História.

Ela não pareceu impressionada.

– Se a sua cura é tão simples, por que alguém não poderia simplesmente roubar e copiar?

– Só eu sei onde essas archaea específicas podem ser encontradas na natureza. Acredite, há muitos tipos, mas só esta funciona.

A mulher apertou os olhos.

– Sabemos por que eu quero fazer isto. E você?

– Muitas perguntas para uma moribunda.

– Você me parece um homem que quer dar respostas.

– Zovastina é um impedimento para os meus planos.

– Cure-me, e eu o ajudarei a eliminar esse problema.

Ele duvidou de sua garantia incondicional, mas manter a mulher viva fazia sentido. Sua raiva poderia ser canalizada. Primeiro, ele achou que assassinar Zovastina fosse a resposta, e permitiu que o florentino tivesse liberdades. Mas mudou de ideia e descartou seu coconspirador. Um assassinato só a tornaria uma mártir. Desonrá-la seria melhor. Ela tinha inimigos. Mas todos estavam com medo. Talvez ele pudesse lhes dar coragem por meio da alma implacável que agora o olhava.

Nem ele nem a Liga tinha interesse em conquistar o mundo. As guerras eram caras sob muitos aspectos diferentes, sendo que o mais crítico era o esgotamento de riquezas e recursos naturais. A Liga queria sua nova utopia exatamente como as coisas estavam, não como Zovastina visionava. Para ele mesmo, desejava bilhões em lucros e poder saborear o status do homem que combatera o HIV. Louis Pasteur, Linus Pauling, Jonas Salk e, agora, Enri Vincenti.

Então, esvaziou o conteúdo da seringa hipodérmica no orifício intravenoso.

– Quanto tempo demora? – ela perguntou, com expectativa na voz e ânimo no rosto fatigado.

– Em algumas horas você se sentirá muito melhor.

..*

Malone sentou-se diante do computador e abriu o Google. Localizou o sites que tratavam de grego antigo e acabou abrindo um que oferecia traduções. Digitou as seis letras – ΚΑΙΜΑΣ – e ficou surpreso tanto com a pronúncia quanto com o significado.

– Klimax em grego. Escada na nossa língua – ele disse. Encontrou outro site que também oferecia uma conversão. Digitou as mesmas letras do alfabeto fornecido e recebeu a mesma resposta. Stephanie ainda segurava a vela embrulhada com a folha de ouro.

– Ptolomeu – disse Thorvaldsen – teve muito trabalho para deixai

isso. A palavra deve ter grande relevância.

— E o que acontecerá quando descobirmos do que se trata? — perguntou Malone. — O que tem isso de mais?

— O que tem de mais — disse uma nova voz — é que Zovastina planeja matar milhões de pessoas.

Todos voltaram-se e viram Michener parado no vão da porta.

— Acabei de deixar Viktor na lagoa. Ficou chocado quando viu que eu sabia dele.

— Imagino que sim — disse Thorvaldsen.

— Zovastina foi embora? — perguntou Malone.

Michener fez que sim.

— Verifiquei. Decolou há pouco tempo.

Malone queria saber:

— Como é que Cassiopeia sabe de Viktor? — Então, ele se deu conta Encarou Thorvaldsen. — A ligação. Lá na doca, quando chegamos aqui Você contou a ela.

O dinamarquês confirmou:

— Informação de que ela precisava. Sorte nossa que não o matou em Torcello. Mas, é claro que eu não sabia de nada disso então.

— Mais daquele "planeje na medida em que as coisas acontecem" — disse Malone, dirigindo o comentário a Davis.

— Eu assumo a culpa por essa. Mas deu certo.

— E três homens estão mortos.

Davis não disse nada.

Ele queria saber:

— E se Zovastina não tivesse insistido num refém para uma chegada segura ao aeroporto?

— Felizmente, isso não aconteceu.

— Se você tem Viktor como informante, por que diabos não sabe se Ely Lund está vivo?

— Esse fato não era importante até ontem, quando vocês três se envolveram. Zovastina tinha um professor, só não sabíamos quem era. Faz sentido que seja Lund.

Assim que ficamos sabendo disso, precisamos entrar em contato com Viktor.

— Viktor disse que Ely Lund estava vivo. Mas provavelmente não agora — Michener disse-lhes.

— Cassiopeia não faz ideia do que está enfrentando — disse Malone — Está lá às cegas.

— Ela armou tudo isso sozinha — disse Stephanie —, talvez na esperança de que Ely ainda estivesse vivo.

Não era o que ele queria ouvir. Por diversos motivos. Nenhum do quais precisava encarar no momento.

— Cotton — disse Thorvaldsen —, você perguntou por que tudo isso importa. Além do óbvio desastre de uma guerra biológica, e se esse fluido for

uma espécie de cura natural? Os antigos achavam isso. Alexandre achava isso. Os cronistas que escreveram aquele manuscrito achavam isso. E se houver alguma coisa aí? Não sei por quê, mas é algo que Zovastina queria Ely queria. E Cassiopeia quer.

Ele continuou cético.

— Não sabemos de droga nenhuma.

Stephanie balançou a vela.

— Sabemos que este enigma é real.

Ela estava certa quanto a isso e, tinha que admitir, ele ficara curioso. Aquela maldita curiosidade que parecia sempre causar problemas.

— E sabemos que Naomi morreu — ela disse.

Ele não havia esquecido.

Malone olhou mais uma vez para o bastão de Licurgo. Escada. Uma localização? Se fosse, seria uma designação que teria feito mais sentido na época de Ptolomeu. E ele sabia que Alexandre, o Grande, insistiu para que seu império fosse mapeado com precisão. A cartografia então era uma arte em seus primórdios, mas vira reproduções dessas cartas antigas. Então, decidiu pesquisar o que havia na internet. Vinte minutos de busca não indicaram nada sobre o que ΚΑΙΜΑΕ — klimax, escada — poderia ser.

— Deve haver outra fonte — disse Thorvaldsen. — Ely tinha uma casa na Pamir. Uma cabana. Ia lá para trabalhar e pensar. Cassiopeia me contou Seus livros e documentos ficavam lá. Um registro e tanto sobre Alexandre Ela disse que havia muitos mapas da época.

— Isso fica na Federação — observou Malone. — Duvido que Zovastina nos libere o visto.

— Qual a distância até a fronteira? — perguntou Davis.

— Cinquenta quilômetros.

— Podemos entrar pela China. Estão cooperando conosco em relação a isso.

— E o que é isso? — perguntou Malone. — Por que nós estamos envolvidos? Vocês não têm a CIA e inúmeras outras agências de informação?

— Na verdade, Sr. Malone, você se envolveu nisso, assim como Thorvaldsen e Stephanie. Publicamente. Zovastina é a única aliada que temos naquela região, portanto não podemos ser vistos como um desafio político. Usar recursos oficiais traz o risco da exposição. Como tínhamos Viktor lá dentro, mantendo-nos informados, sabíamos a maior parte de sua movimentação. Mas isso está crescendo. Entendo o dilema em relação a Cassiopeia...

— Na verdade, não entende. Mas é por isso que vou continuar envolvido. Vou atrás dela.

— Prefiro que você vá até a cabana e descubra o que há lá.

— Essa é a melhor coisa de estar aposentado. Posso fazer o que quiser

— Voltou-se para Thorvaldsen. — Você e Stephanie vão para a cabana.

— Eu concordo — disse o amigo. — Cuide dela.

Malone olhou fixamente para Thorvaldsen. O dinamarquês ajudou

Cassiopeia e cooperou com o presidente, envolvendo todos eles. Mas seu amigo não gostava da ideia de deixar Cassiopeia lá sozinha.

— Você tem um plano — disse Thorvaldsen —, não tem?

— Acho que tenho.

4H

Zovastina bebeu água e concedeu à sua passageira o luxo de uma reflexão conturbada e constante. Voaram em silêncio durante a última hora, desde que provocara Cassiopeia Vitt com a possibilidade de Ely Lund ainda viver. Ficara claro que sua prisioneira estava em uma missão. Pessoal? Ou profissional? Era o que restava a ser esclarecido.

- Como é que você e o dinamarquês sabem dos meus negócios?
- Muita gente sabe dos seus negócios.
- Se sabem tão bem, por que ninguém me deteve?
- Quem sabe se não estamos prestes a conseguir?

Ela abriu um sorriso.

— Um exército de três? Você, o velho e o Sr. Malone? Aliás, Malone seu amigo?

- Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Zovastina presumiu que os acontecimentos em Amsterdã tivessem gerado interesse oficial, mas a situação fazia pouco sentido. Como os americanos teriam se mobilizado tão rápido, a ponto de saber que ela estaria em Veneza? Michener? Talvez. Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Os americanos. Um outro problema passou pela sua cabeça Vincenti.

- Você não tem ideia — disse Vitt — do quanto sabemos.
- Não preciso ter uma ideia. Tenho você.
- Posso ser sacrificada por motivos estratégicos.

Irina duvidou da declaração.

— Ely me ensinou muita coisa. Mais do que eu sabia existir. Abriu meus olhos para o passado. Imagino que tenha aberto os seus também.

- Não vai funcionar. Não pode usá-lo para me conquistar.

Ela precisava amolecer essa mulher. Todo o seu plano fora baseado na ação em segredo. A exposição a deixaria aberta não só ao fracasso, mas também à retaliação.

Cassiopeia Vitt representava, no momento, o meio mais rápido e fácil de averiguar a extensão total do problema.

— Fui a Veneza para encontrar respostas. Ely me fez olhar para lá. Ele acreditava que o corpo na basílica poderia me levar ao verdadeiro túmulo de Alexandre, o Grande. Achou que a localização pudesse guardar o segredo de uma cura antiga. Algo que poderia ajudar até a ele mesmo.

- Isso é sonho.
- Mas é um sonho compartilhado com você, não?
- Ele está vivo?

Finalmente, uma pergunta direta.

- Você não vai acreditar em mim, qualquer que seja minha resposta.
- Experimente.
- Ele não morreu naquela casa incendiada.
- Isso não é uma resposta.
- É tudo o que vai conseguir.

O avião inclinou-se quando a turbulência golpeou as asas, e os motores continuaram com o zunido constante, levando-as para o leste. Na cabine viajavam somente as duas. Os dois seguranças que tinham ido a Veneza estavam mortos, sendo os corpos agora um problema de Michener e da Igreja. Apenas Viktor manteve-se leal e cumpriu seu papel como de costume.

Ela e a prisioneira eram muito parecidas. As duas se preocupavam com pessoas afetadas pelo HIV. Cassiopeia Vitt, a ponto de arriscar a vida Zovastina, a ponto de apostar numa viagem questionável a Veneza e se colocar em perigo físico e político. Insensatez? Possivelmente.

Mas os heróis, às vezes, tinham que ser insensatos.

FEDERAÇÃO ASIÁTICA CENTRAL

8H

Vincenti estava trancado no laboratório que construiu abaixo de sua propriedade, apenas ele e Grant Lyndsey lá dentro. Lyndsey foi direto da China, com suas tarefas terminadas por lá. Dois anos antes, fizera de Lyndsey seu confidente.

— Precisava de alguém franco e direto para supervisionar todos os testes dos vírus e antiagentes. Além disso, alguém tinha que aplacar Zovastina.

— Como está a temperatura? — ele perguntou. Lyndsey verificou a leitura de dados.

— Estável.

O laboratório era domínio de Vincenti. Um local passivo e estéril encerrado entre paredes creme sobre o chão de azulejos pretos. Duas fileiras de mesas de aço inoxidável no centro. Frascos, provetas e buretas elevavam-se em prateleiras de metal acima de uma autoclave, equipamentos de destilação, uma centrífuga, balanças analíticas e dois terminais de computadores. A estimulação digital tinha um papel fundamental nos experimentos, tão diferentes do tempo dele com os iraquianos, em que tentativa e erro desperdiçavam tempo, dinheiro e geravam enganos. Os programas sofisticados atuais eram capazes de duplicar quase qualquer efeito químico ou biológico, desde que houvesse parâmetros. E, ao longo do ano anterior, Lyndsey havia feito um trabalho admirável, estabelecendo parâmetros para os cyber testes de ZH.

— A solução está em temperatura ambiente — disse Lyndsey. — E estão nadando feito loucas. Impressionante.

O lago onde encontrara as archaea era alimentado por fontes termais, e sua temperatura chegava a 38° C. Produzir a bactéria na ordem dos trilhões que seriam necessários, depois transportá-las em segurança pelo mundo em temperaturas tão altas poderia ser impossível. Então, eles as modificaram, adaptando pouco a pouco as archaea a ambientes térmicos cada vez mais baixos. O interessante era que, na temperatura ambiente, sua atividade apenas se reduzia, ficando quase adormecida, mas uma vez que entravam na circulação sanguínea, a 37° C, rapidamente se reativavam.

— O teste clínico que terminei há alguns dias — disse Lyndsey — confirmou que elas podem ser armazenadas em temperatura ambiente por tempo prolongado. Eu mantinha essas há mais de quatro meses. É incrível a

adaptabilidade delas.

— E é por isso que sobreviveram por bilhões de anos, esperando para serem encontradas por nós.

Aproximou-se de uma das mesas, inserindo as mãos gordas num recipiente hermeticamente fechado por meio das luvas de borracha. O ar era expelido acima da cabeça, passando por microfiltros laminares, livre de impurezas, o ronco constante quase hipnótico. Olhou através do portal de plexiglass e manipulou com primor o prato de evaporação. Passou uma amostra de cultura ativa de HIV para uma lâmina, misturando a gota à outra que já estava lá. Em seguida, encaixou a lâmina na platina embutida no microscópio. Tirou as luvas suadas das mãos e ajustou o foco.

Dois ajustes, e encontrou o alcance certo.

Só precisou olhar uma vez.

— O vírus se foi. Quase só de entrar em contato. É como se elas estivessem esperando para devorá-lo.

Vincenti sabia que as modificações biológicas foram a chave do sucesso. Alguns anos atrás, contratara uma firma de advocacia de Nova York, que alertou-o de que um novo mineral encontrado na terra não era algo que pudesse ser patenteado. Estein não pôde patentear sua celebrada $E=mc^2$, nem Newton patenteou a lei da gravidade.

Eram manifestações da natureza, livres para todos. Mas as plantas geneticamente modificadas, animais multicelulares feitos pelo homem e bactérias archaea alteradas do estado natural, esses eram patenteáveis.

Ligou para a mesma firma de advocacia e iniciou o processo de patente. A aprovação da FDA também seria necessária. Doze anos era tempo médio para uma solução experimental viajar do laboratório até o armário de remédios — o sistema americano de aprovação de drogas era o mais rigoroso do mundo. E ele sabia quais eram as probabilidades.

Apenas 5 em cada 4 mil compostos que passaram pelo teste clínico da FDA foram liberados para serem testados em humanos. Apenas um desse cinco recebia a aprovação final. Há sete anos, foi endossado um novo procedimento de teste por via rápida para compostos cujos alvos eram doenças malignas. Os tratamentos de Aids, especificamente, entravam nessa categoria. Ainda assim, "rápido", para os padrões da FDA, demorava de seis a nove meses. Os processos de aprovação europeus eram severos, mas nada como a FDA. As nações africanas e asiáticas, em que o problema maior existia, não exigiam aprovação do governo.

Portanto, era lá que começaria a vender.

Deixe o mundo vê-los sendo curados, enquanto os pacientes de Aids americanos e os europeus morrem. A aprovação viria em seguida, sem que ele sequer pedisse.

— Nunca perguntei — disse Lyndsey —, e você nunca me disse. Mas onde encontrou essas bactérias?

O período de silêncio terminara. Precisava de Lyndsey envolvido — completamente. Mas responder a pergunta sobre onde também significava discutir quando.

— Já considerou o valor de uma empresa fabricante de camisinhas antes do HIV? Com certeza, havia mercado. O quê? Alguns milhões por ano? Mas após o ressurgimento da Aids, bilhões passaram a ser fabricadas e vendidas pelo mundo. E quanto às drogas sintomáticas? O tratamento de Aids é uma máquina de dinheiro perfeita. Um tratamento de coquetel triplicado custa de 12 a 18 mil dólares por ano. Multiplique isso pelos milhões de infectados e você está falando de bilhões gastos em remédios que não curam nada. Pense nos lucros com suprimentos, coisas como luvas de látex, roupões, agulhas esterilizadas. Tem alguma ideia de quantos milhões de agulhas descartáveis são compradas e distribuídas na tentativa de impedir que o HIV se espalhe entre os usuários de drogas? E, assim como a camisinhas, o preço subiu vertiginosamente. A extensão aqui não tem fim. Para uma empresa de fabricação e fornecimento de produtos médicos como a Philogen, o HIV transformou-se numa enorme fonte de riquezas.

Nos últimos 18 anos, nossos negócios cresceram, nossa fábrica de camisinhas triplicou de tamanho. As vendas de todos os nossos produtos aumentaram muito. Desenvolvemos até alguns remédios sintomáticos que venderam bem. Dez anos atrás, tornei a empresa pública, aumentei o capital e usei as divisões de suprimentos médicos e de medicamentos para financiar mais expansão. Comprei uma empresa de cosméticos, uma de sabonetes, uma rede de lojas de departamento, um negócio de comida congelada, sabendo que um dia a Philogen poderia facilmente pagar toda a dívida.

— Como sabia?

— Encontrei a bactéria há quase trinta anos. Percebi seu potencial vinte anos atrás. Então, estava com a cura do HIV nas mãos, sabendo que poderia divulgá-la a qualquer momento.

Vincenti viu a informação ser assimilada.

— E não contou a ninguém?

— Ninguém. — Ele precisava saber se Lyndsey era amoral como ele acreditava que fosse. — Isso é um problema? Simplesmente deixei o mercado crescer.

— Sabendo que você não tinha um paliativo. Sabendo que tinha a cura. A única forma de destruir totalmente o HIV. Mesmo se alguém acabasse descobrindo uma droga para abrandar o vírus, a sua funcionaria melhor, mais rápido, com mais segurança e custaria centavos para ser produzida.

— Essa era a ideia.

— Não importava que as pessoas estivessem morrendo aos milhões? — E você acha que o mundo se importa com a Aids? Acorde, Grant.

Muita conversa, pouca ação. É uma doença única. A percepção das pessoas é que ela mata principalmente negros, gays e usuários de drogas. A epidemia fez rolar um tronco grande e podre, revelando toda a vida que se contorcera por baixo — os principais temas da nossa existência — sexo, morte, poder, dinheiro, amor, ódio, pânico. Em quase todas as formas em que foi conceituada, imaginada, pesquisada e financiada, a Aids se tornou a mais política das doenças.

E o que Karyn Walde disse antes veio à sua mente. Só não está matando as pessoas certas ainda.

— E quanto às outras empresas farmacêuticas? — disse Lyndsey.

— Não teve medo que encontrassem uma cura?

— Era um risco, mas fiquei atento aos nossos concorrentes. Digamos que suas pesquisas conseguiram ir pouco além dos erros. — Ele se sentia bem. Depois de todo esse tempo, estava gostando de falar sobre o assunto. — Gostaria de ver onde as bactérias vivem?

Os olhos do homem brilharam.

— Aqui? Ele assentiu.

— Perto.

SAMARCANDA

9H

Cassiopeia saiu do avião com dois seguranças de Zovastina. Informaram-na que seria levada ao palácio, onde ficaria detida.

— Você tem consciência — ela disse a Zovastina, ao lado da janela do carro — de que está criando mais problemas?

Zovastina certamente não queria ter essa conversa ali, na pista de pouso, com uma tripulação e os seguranças por perto. No avião, sozinha, teria sido o momento certo.

Mas Cassiopeia ficou em silêncio durante as duas últimas horas de voo.

— Problemas são um estilo de vida aqui — disse Zovastina.

Ao ser levada ao banco de trás, as mãos algemadas nas costas, Cassiopeia decidiu dar o bote.

— Você estava enganada quanto aos ossos.

Zovastina pareceu pensar na provocação. Veneza fora, quanto a todas as intenções e propósitos, um fracasso. Então, não foi surpresa alguma quando Zovastina aproximou-se e perguntou:

— Como assim?

O zunido dos motores do jato e uma brisa constante de primavera agitaram o ar cheio de fumaça. Cassiopeia sentou-se calmamente no Danç de trás e ficou olhando para fora pelo para-brisa.

— Havia algo a ser encontrado. — Encarou a ministra suprema — E você deixou passar.

— Zombar de mim não vai ajudá-la.

Cassiopeia ignorou a ameaça.

— Se quiser resolver o enigma, terá que negociar.

Era fácil entender esse demônio. Zovastina certamente suspeitava de que ela sabia muita coisa. Por que mais a teria trazido? E Cassiopeia foi cuidadosa até aquele momento, sabendo que não poderia revelar demais. Afinal, sua vida dependia literalmente de como lidaria com as informações que tinha.

Um dos seguranças aproximou-se e sussurrou ao ouvido de Zovastina. A ministra escutou, e ela notou uma expressão momentânea de choque. Então, Zovastina acenou com a cabeça, e o segurança retirou-se.

— Problemas? — Perguntou Cassiopeia.

— Os riscos de ser uma ministra suprema. Você e eu vamos conversar

mais tarde.

E saiu andando.

..*

A porta da casa estava aberta. Nada danificado. Nenhuma evidência de arrombamento. Dentro, dois do Bando Sagrado esperavam. Zovastin olhou irritada para um deles e perguntou:

— O que aconteceu?

— Nossos dois homens foram baleados na cabeça. Durante a noite passada. A enfermeira e Karyn Walde sumiram. As roupas delas ainda estão aqui. O alarme da enfermeira estava ligado e acionado para 6 horas. Nada indica que tinham a intenção de sair.

Ela foi ao quarto principal. O aparelho de respiração estava em silêncio, os orifícios intravenosos conectados a nada. Karyn tinha fugido? E aonde iria? Voltou à sala e perguntou aos homens:

— Alguma testemunha?

— Perguntamos nas outras residências, mas ninguém viu ou ouviu nada.

Tudo acontecera enquanto ela estava fora. Isso não podia ser coincidência. Decidiu apostar num palpite. Foi até o telefone e ligou para sua secretária pessoal. Disse-lhe o que queria e esperou três minutos, até a mulher voltar ao telefone e informar:

— Vincenti entrou na Federação ontem à noite, à 1h40. Avião particular, usando seu visto livre.

Ela ainda acreditava que Vincenti estava por trás da tentativa de assassinato. Devia saber que ela sairia da Federação. Seu governo tinha claramente uma infinidade de vazamentos de informação — Henrik Thorvaldsen e Cassiopeia Vitt eram uma prova disso —, mas o que fazei quanto a essas coisas?

— Ministra — a secretária disse ao telefone — estava prestes a tentar localizá-la. A senhora tem uma visita.

— Vincenti? — Ela perguntou, um pouco rápido demais.

— Outro americano.

— O embaixador? — Samarcanda era repleta de embaixadas, e muitos de seus dias eram cheios de visitas de vários representantes.

— Edwin Davis, o conselheiro de Segurança Nacional interino do presidente americano. Entrou no país alguns dias atrás com passaporte diplomático.

— Sem ser anunciado?

— Simplesmente apareceu no palácio, pedindo para vê-la. Não discutirá com ninguém o motivo da visita.

Isso também não era uma coincidência.

— Estarei aí em breve.

SAMARCANDA

10H

Malone tomava uma Coca-Cola light, vendo o Learjet 36A aproximar-se do terminal. O aeroporto de Samarcanda ficava ao norte da cidade, uma única estrutura de pouso e decolagem que recebia não apenas tráfego comercial, mas também particular e militar. Chegara da Itália antes de Viktor e de Zovastina graças ao caça F-16-E Strike Eagle que o presidente Daniels ordenou que fosse deixado à sua disposição. Da base aérea de Aviano, 80 quilômetros ao norte de Veneza, tinha sido uma rápida viagem de helicóptero, e o voo para o leste, graças às velocidades supersônicas de mais de 2000 km/h, levava apenas pouco mais de duas horas. Zovastina e o Lear Jet que ele via taxiar agora precisaram de quase cinco horas.

Dois F-16 haviam chegado a Samarcanda sem incidentes, uma vez que os Estados Unidos possuíam direitos de pouso irrestritos em todas as bases e aeroportos da Federação.

Para todos os efeitos, os Estados Unidos eram aliados, mas Malone sabia que essa distinção estava, na melhor das hipóteses, começando a perder o sentido naquela parte do mundo. O outro caça trouxera Edwin Davis, que estava, a esta altura, no palácio. O presidente Daniels não tinha gostado de envolver Davis, teria preferido mantê-lo a distância, mas sabiamente reconheceu que Malone não aceitaria um não como resposta. Além disso, como o presidente disse com uma risadinha, o plano todo tinha pelo menos dez por cento de chance de dar certo, então, por que não ir em frente?

Ele virou o resto do refrigerante, fraco para os padrões americanos, mas saboroso o suficiente. Dormiu uma hora no voo, a primeira vez em que entrava num caça Strike Fighter em vinte anos. Fora treinado para pilotar a aeronave durante a carreira na Marinha, antes de se tornar advogado e mudar para a Procuradoria da Justiça Militar.

Amigos de seu pai na Marinha o encorajaram a fazer a escolha.

Seu pai.

Um almirante. Até um dia de agosto, em que o submarino que comandava afundou. Malone tinha 10 anos, mas a lembrança sempre trazia uma pontada de tristeza. Quando se alistou na Marinha, os contemporâneos de seu pai tinham sido promovidos para patentes mais altas e tinham planos para o filho de Frank Malone. Então, por respeito, fez o que eles pediram e acabou se tornando um policial na Magellan Billet.

Nunca se arrependeu de suas escolhas, e sua carreira no Departamento de Justiça tinha sido memorável. Mesmo aposentado, o mundo não o ignorava. Templários. A Biblioteca de Alexandria. Agora, o túmulo de Alexandre, o Grande. Balançou a cabeça. Escolhas. Cada um faz a sua.

Assim como o homem que descia do Lear Jet agora. Viktor. Informant do governo.

Recurso aleatório.

Problema.

Jogou a garrafa na lixeira e esperou Viktor entrar no corredor. Um Boeing E3 Sentry com sistema de advertência e controle aéreo, sempre em órbita acima do Oriente Médio, acompanhara o trajeto do Learjet de Veneza. Malone sabia exatamente quando o avião chegaria.

Viktor apareceu como na basílica, irritação visível e roupas sujas. Andava com a rigidez de um homem que acabara de enfrentar uma longa noite.

Malone recuou para trás de um muro baixo e esperou Viktor entrar, virando na direção do terminal, depois saiu e o seguiu.

— Demorou o tempo certo.

Viktor parou e virou-se. Nenhum sinal de surpresa surgiu em seu rosto.

— Achei que deveria ajudar Vitt.

— Estou aqui para ajudar você.

— Vocês e seus amigos aprontaram comigo em Copenhague. Não goste de ser enganado.

— Quem gosta?

— Volte para o lugar de onde veio, Malone. Deixe que eu cuide disso.

Malone sacou uma pistola. Uma das vantagens de chegar de jato militar era a liberação de revista na alfândega para militares e seus passageiros.

— Disseram-me para ajudá-lo. É o que eu vou fazer, quer você queira ou não.

— Vai atirar em mim? — Viktor balançou a cabeça. — Cassiopeia Vitt matou meu parceiro em Veneza e tentou me matar.

— Ela não sabia que você era o mocinho.

— Parece que você considera isso um problema.

— Ainda não decidi se você é um problema ou não.

— Aquela mulher é o problema — disse Viktor. — Duvido que deixe que um de nós a ajude.

— Provavelmente, mas ela vai entender. — Ele tentou uma abordagem mais animadora. — Ouvi dizer que você tem sido um bom trunfo. Vamos ajudá-la, então.

— Era a minha intenção. Só não contava com um assistente.

Malone enfiou a arma de volta sob a jaqueta.

— Coloque-me dentro do palácio.

Viktor pareceu perplexo diante do pedido.

— Mais alguma coisa?

— Não deveria ser um problema para o chefe do Bando Sagrado Ninguém o questionaria.

Viktor balançou a cabeça.

— Vocês são insanos. Vocês todos desejam morrer? Já é ruim que a mulher esteja lá. Agora, você? Não posso me responsabilizar por tudo isso. E aliás, é arriscado só o fato de estarmos conversando, Zovastina conhece seu rosto.

Malone já havia verificado. O corredor não era equipado com câmeras. Elas estavam mais à frente, no terminal. Não havia mais ninguém por perto, e por isso havia escolhido aquele lugar para conversar.

— Só me coloque dentro do palácio. Se me mostrar a direção certa, posso fazer o trabalho pesado. Isso vai facilitar. Não precisa fazer nada, só me dar cobertura.

Washington quer proteger sua identidade a todo custo. Por isso estou aqui.

Viktor balançou a cabeça, descrente.

— E quem sugeriu esse plano ridículo?

Ele abriu um sorriso.

— Eu.

Vincenti acompanhou Lyndsey para fora do terreno da casa, até uma trilha rochosa que se erguia até as montanhas. Mandara aplainar o caminho, esculpir degraus nas pedras e instalar eletricidade, sabendo que faria a subida com certa frequência. Tanto o caminho, como a montanha faziam parte da propriedade. Toda vez que retornava àquele local, ele se lembrava do velho curandeiro que escalou a rocha como um gato, prendendo-se à trilha com os dedos dos pés e das mãos. Vincenti o seguira, subindo, ansioso, como uma criança atrás do pai ou da mãe, imaginando o que havia no sótão.

E não se decepcionou.

Rochas cinzentas com veios sarapintados de cristais reluzentes os rodeavam dentro do que parecia uma catedral natural. Suas pernas doíam do esforço, e a respiração sobrecarregava os pulmões. Arrastou-se por mais um trecho do rochedo, gotículas de suor acumulando-se na testa.

Lyndsey, homem magro e resistente, parecia impassível.

Vincenti expirou profundamente, com gratidão por chegar ao patamar final.

— A oeste, a Federação. A leste, a China. Estamos na encruzilhada.

Lyndsey apreciou a vista. O sol da tarde iluminava um trecho distante de escarpas e pirâmides. Uma manada de cavalos corria em silêncio pelo vale do outro lado da casa.

Vincenti gostava de compartilhar aquilo. Contar a Karyn Walde havia reacendido sua necessidade de reconhecimento. Descobrir algo extraordinário, e conseguira controle exclusivo, nada mal considerando que toda a região fora um dia dominada pela União Soviética. Mas a Federação tinha mudado tudo isso, e, através da Liga Veneziana, ele ajudara a orientar tais mudanças em proveito próprio.

— Olhe — disse, apontando na direção de uma fenda na rocha.

— Por ali.

Três décadas antes, a passagem estreita oferecia acesso fácil, mas tinha 70 quilos a menos. Agora, precisava se espremer.

A fenda abria uma pequena passagem para uma câmara cinzenta abaixo da galeria irregular de rochas pontudas, cercada de paredes por todos os lados. A luz fraca vazava pela entrada. Ele se aproximou de um adaptador e ligou uma lâmpada incandescente pendurada no teto. Dois lagos pontuavam o solo rochoso, cada um com cerca de 3 metros de diâmetro — um deles, marrom avermelhado, o outro, verde-piscina — ambos iluminados por cabos de luz suspensos na água.

— Este lugar está repleto de fontes termais — disse. — Desde os tempos antigos, os habitantes acreditavam que elas tinham propriedades medicinais valiosas.

Aqui, estavam certos.

— Por que iluminá-los?

Ele deu de ombros.

— Preciso estudar a água, e, como pode ver, o contraste de cores fica impressionante.

— É aí que as archaea vivem?

Ele apontou para o lago verde.

— Essa é a casa delas.

Lyndsey abaixou-se e passou a mão na superfície. Inúmeras ondulações fizeram estremece a face transparente. As plantas que flutuavam no lago não eram as mesmas da primeira vez em que Vincenti esteve lá. Aquelas tinham morrido há muito tempo. Mas não eram importantes.

— Pouco acima de 37 graus — ele disse sobre a água. — Mas as nossas modificações agora permitem que vivam à temperatura ambiente.

Uma das tarefas de Lyndsey tinha sido preparar um plano de ação — e que a empresa faria assim que Zovastina agisse — quando quantidades enormes de antiagente supostamente seriam necessárias, então Vincenti perguntou:

— Estamos prontos?

— Cultivar as pequenas quantidades que temos usado nas zoonoses foi fácil. A produção em larga escala será diferente.

Havia pensado o mesmo, e por essa razão garantira o empréstimo de Arthur Benoit. Teria que montar a infraestrutura, contratar pessoas, distribuir as redes criadas, concluir mais pesquisas. Tudo exigiria montantes gigantescos de capital.

— Nossas fábricas na França e na Espanha podem ser usadas como instalações de produção aceitáveis — disse Lyndsey. — Mais adiante, no entanto, eu recomendaria uma instalação separada, uma vez que precisaremos de milhões de litros. Felizmente, a bactéria se reproduz com facilidade.

Hora de ver se o homem estava realmente interessado.

— Você já pensou em entrar para a História?

Lyndsey riu.

— Quem não pensou?

— Estou falando sobre entrar para a História a sério, como alguém que deu uma imensa contribuição científica. E se eu pudesse lhe proporcionar essa honra?

Tem interesse?

— Como eu disse, quem não tem?

— Imagine as crianças na escola, daqui a décadas, procurando HIV e Aids numa enciclopédia, e lá estará seu nome como o homem que aniquilou o flagelo do fim do século XX. — Ele se lembrou da primeira vez que teve o prazer dessa visão. Não muito diferente da expressão de curiosidade e

fascinação de Lyndsey naquele momento.

— Gostaria de fazer parte disso?

Nenhuma hesitação.

— É claro.

— Posso lhe conceder isso. Mas haveria condições. Desnecessário dizer que não consigo fazer tudo sozinho. Preciso de alguém para supervisionar pessoalmente a produção, alguém que entenda de biologia. A segurança é, claro, uma grande preocupação. Uma vez que nossas patentes forem requeridas, eu me sentirei melhor, mas alguém ainda terá que administrar as coisas diariamente. Você é a escolha mais lógica, Grant. Em troca, receber algum crédito pela descoberta e uma compensação generosa. E quando digo generosa, estou falando de milhões.

Lyndsey abriu a boca para falar, mas Vincenti o silenciou erguendo o dedo.

— Essa é a parte boa. A ruim vem agora. Se você se tornar um problema, ou se ficar ganancioso, pedirei para O'Conner plantar uma bala em sua cabeça. Lá dentro da casa, contei como controlávamos a concorrência. Deixe-me explicar mais.

Ele contou a Lyndsey sobre um microbiólogo dinamarquês encontrado em coma na rua, perto do seu laboratório, em 1997. Outro, na Califórnia, que desapareceu, o carro alugado abandonado perto de uma ponte, o corpo nunca foi localizado. Um terceiro, em 2001, encontrado à beira de uma estrada no interior da Inglaterra, vítima aparente de um acidente com omissão de socorro. Um quarto assassinado numa fazenda francesa. Outro morreu de forma única, o corpo tendo sido encontrado há dez anos, preso na câmara de compressão do refrigerador do laboratório. Cinco morreram simultaneamente, quando o avião particular em que viajavam caiu no mar Negro.

— Todos trabalhavam para nossa concorrência — disse. — Estavam tendo progresso. Demais. Portanto, Grant, faça o que eu digo. Seja grato pela oportunidade que lhe dou, e ambos viveremos ricos até a velhice.

— Não terá problemas comigo.

Vincenti achou que aquela alma era a escolha certa. Lyndsey havia lidado com Zovastina com maestria, sem jamais fazer concessões quanto aos antiagentes. Também manteve a segurança do laboratório. Tudo funcionara com perfeição, em grande parte graças àquele homem.

— Estou curioso quanto a uma coisa — disse Lyndsey.

Ele decidiu lhe dar atenção.

— Por que agora? Você conseguiu a cura. Por que não esperar mais?

— Os planos de guerra de Zovastina fazem deste o momento certo. Tínhamos um veículo, por meio dela, em que a pesquisa poderia ser concluída sem que ninguém soubesse demais. Não vejo nenhuma razão para continuar esperando. Só preciso impedir que Zovastina vá longe demais. E quanto a você, Grant? Agora que sabe, isso tudo o incomoda?

— Guardou o segredo por vinte anos. Eu só descobri há uma hora. Não é problema meu.

Ele sorriu. Boa atitude.

— Haverá uma inundação de publicidade. Você fará parte disso. Mas eu controlo tudo o que você disser, então, cuidado com as palavras. Você deverá ser visto muito mais do que ouvido. Em breve, seu nome estará entre os grandes. — Desenhou com a mão uma faixa imaginária. — Grant Lyndsey, um dos assassinos do HIV.

— Boa associação.

— Iremos a público nos próximos trinta dias. Enquanto isso, quero que você trabalhe com meus advogados de patentes. Minha intenção é contar-lhes minha descoberta amanhã. Quando o verdadeiro anúncio for feito, quero você no pódio. Também quero amostras, darão ótimas fotos de divulgação. E slides da bactéria. O pessoal da assessoria de imprensa fará as fotos. Será um show e tanto.

— Mais gente sabe disso?

Ele balançou a cabeça.

— Nem uma alma, exceto por uma mulher em minha casa que está, neste momento, aproveitando os benefícios. Precisamos de alguém para ostentar, e ela serve como qualquer outro.

Lyndsey foi até o outro lago. Interessante ele não ter notado o que havia no fundo de cada um, mais um motivo pelo qual havia escolhido aquele homem.

— Eu lhe disse que este é um local antigo. Está vendo as letras no fundo dos lagos?

Lyndsey localizou as duas.

— Significam vida em grego antigo. Como foram parar aí, não faço ideia. Consegui aprender com o velho curandeiro que os gregos um dia reverenciaram esta área, então isso pode ser uma explicação. Chamavam esta montanha de Klimax. Escada, no nosso idioma. Por quê? Provavelmente tem muito a ver com o que os asiáticos escolheram para nomear o local. Arima. Decidi usar o nome na propriedade.

— Vi a placa no portão quando cheguei de carro. Attico. O que significa?

— É Arima em italiano. Significa o mesmo. Local no alto, como um sótão.

SAMARCANDA

Zovastina entrou a passos largos no auditório do palácio e encarou um homem magro, com cabelos grisalhos e cheios. Seu ministro do Exterior, Kamil Revin, também estava lá, sentado a um canto. O protocolo exigia sua presença. O americano apresentou-se como Edwin Davis e mostrou-lhe uma carta do presidente dos Estados Unidos que atestava suas credenciais.

— Se me permite, ministra — disse Davis num tom suave —, podemos conversar em particular?

Irina ficou perplexa.

— Qualquer coisa que me disser, eu transmitiria a Kamil de qualquer maneira.

— Duvido que transmitisse o que discutiremos.

As palavras foram ditas como um desafio, mas a expressão facial do enviado permaneceu imperturbável, então decidiu ser cautelosa.

— Deixe-nos — disse a Kamil. O homem mais jovem hesitou. Mas depois de Veneza e Karyn, ela estava impaciente. — Agora — disse.

O ministro do Exterior levantou-se e saiu.

— Sempre trata seu pessoal assim?

— Isto não é uma democracia. Homens como Kamil fazem o que eu mando ou...

— Um dos seus germes visitará o corpo dele.

Deveria ter imaginado que mais pessoas soubessem dos seus negócios. Mas desta vez, a coisa correu direto para Washington.

— Não me lembro do seu presidente reclamando da paz que a Federação trouxe à região. Um dia, toda esta área foi um problema, agora, os Estados Unidos usufruem os benefícios de uma amizade. E governar aqui não é uma questão de persuasão. É uma questão de força.

— Não me entenda mal, ministra. Nossa preocupação não é com os seus métodos. Nós concordamos. Ter amigos vale uma eventual... — Davis hesitou — substituição de pessoal. — Seu olhar frio transmitia um respeito relutante. — Ministra, vim aqui para lhe dizer algo pessoalmente. O presidente não achou que os canais diplomáticos seriam apropriados. Esta conversa precisa permanecer entre nós, como amigos.

Que escolha ela tinha?

— Está bem.

— Conhece uma mulher chamada Karyn Walde?

Suas pernas se enrijeceram, enquanto sentia as emoções ricochetearem. Mas manteve a compostura e decidiu ser sincera.

— Conheço. O que tem ela?

— Foi sequestrada ontem à noite. Numa casa aqui em Samarcanda. Já foi sua amante, e no momento está com Aids.

Irina esforçou-se para manter um olhar indiferente.

— Parece que sabe muito sobre a minha vida.

— Gostamos de saber tudo o que podemos sobre nossos amigos. Diferentemente de você, vivemos numa sociedade aberta, em que todos os nossos segredos aparecem na televisão ou na internet.

— E o que os levou a sondar os meus?

— Isso importa? Foi uma sorte termos sondado.

— E o que sabem sobre o desaparecimento de Karyn?

— Um homem chamado Enrico Vincenti a levou. Está na propriedade dele, aqui na Federação. Terra que ele comprou como parte de seu acordo com a Liga Veneziana.

A mensagem estava clara. Aquele homem sabia muitas coisas.

— Também estou aqui para dizer que Cassiopeia Vitt não é problema seu.

Ela escondeu a surpresa.

— Vincenti. Ele é o seu problema.

— E por quê?

— Vou admitir que isto seja só especulação da nossa parte. Na maioria dos lugares do mundo, ninguém se preocuparia com a sua orientação sexual. É verdade que já foi casada, mas pelo que conseguimos descobrir, apenas pelas aparências. Ele morreu tragicamente...

— Nós nunca tivemos um desentendimento. Ele sabia por que estava lá. Eu até gostava dele.

— Essa não é nossa preocupação, e eu não quis ofendê-la. Mas você não se casou mais desde então. Karyn Walde trabalhou para você por algum tempo, foi uma de suas secretárias. Então, imagino, ter um relacionamento pessoal com ela foi fácil. Ninguém prestava muita atenção, desde que você tomasse cuidado. Mas a Ásia Central não é a Europa ocidental. — Davis pô a mão dentro do paletó e tirou um gravador pequeno. — Deixe-me tocar uma coisa para você. — Ele ligou o aparelho e o deixou de pé sobre a mesa, entre eles.

— E é bom saber que sua informação estava correta.

— Eu não a teria incomodado com devaneios.

— Mas ainda não disse como sabia que alguém tentaria me matar hoje.

— A Liga cuida de seus membros, e você, ministra suprema, é um dos mais importantes.

— Você não fala em outra coisa, Enrico.

Davis desligou o gravador.

— Você e Vincenti falando ao telefone dois dias atrás. Uma ligação internacional. Monitorada com facilidade.

Ele apertou o "play" mais uma vez.

— Precisamos conversar.
— Seu pagamento por salvar a minha vida?
— O seu lado no acordo, conforme discutido há muito tempo.
— Estarei pronta para encontrar-me com o Conselho em alguns dias
Primeiro, há coisas que preciso resolver.

— Estou mais interessado em saber quando você e eu vamos nos encontrar.

— Tenho certeza de que está. Também estou, na verdade. Mas há coisas que preciso finalizar.

— Meu tempo no conselho terminará logo. Depois disso, você terá que lidar com outros. Eles podem não ser tão receptivos.

— Adoro isso. Receptíveis. Adoro lidar com você, Enrico. Não entendemos muito bem.

— Precisamos conversar.

— Em breve. Primeiro, você tem aquele outro problema de que falamos. Os americanos.

— Não se preocupe, pretendo resolver isso hoje.

Davis desligou o gravador.

— Vincenti resolveu o problema. Matou uma de nossas agentes Encontramos o corpo, junto com o de outro homem, o que planejou seu assassinato.

— Vocês a deixaram morrer? Sabendo da conversa?

— Infelizmente, só conseguimos esta gravação depois que ela desapareceu.

Não gostava do jeito com que os olhos de Davis relanceavam entre ela e o gravador, além da estranha inquietação que acompanhava sua própria raiva crescente.

— Parece que você e Vincenti estão numa espécie de empreendimento conjunto. Eu estou aqui, digo mais uma vez, como seu amigo, para lhe dizer que ele pretende mudar esse acordo. Nós achamos o seguinte: Vincenti precisa que você deixe o poder. Com Karyn Walde, ele pode envergonhá-la a ponto de deixar o cargo ou, no mínimo, causar problemas políticos enormes.

A homossexualidade não é aceita aqui. Fundamentalistas religiosos, que você mantém em rédeas curtas, finalmente teriam munição para contra-atacar. Você teria problemas tão pesados, que nem mesmo seus germes poderiam atenuá-los.

Ela nunca havia considerado a possibilidade antes, mas o que o americano disse fazia sentido. Por que mais Vincenti levaria Karyn? Não entanto, havia algo que precisava ser mencionado.

— Como você disse, ela estava morrendo de Aids e já pode estar morta.

— Vincenti não é bobo. Talvez acredite que a declaração de alguém que esteja morrendo pudesse ter mais peso. Você teria muitas perguntas a responder, sobre aquela casa, sobre por que Walde estava lá, a enfermeira. Fiquei sabendo que ela sabe de coisas, assim como muitos do Bando Sagrado que vigiavam a casa. Vincenti está com a enfermeira também. É muita

gente para reprimir.

— Não estamos nos Estados Unidos. A televisão pode ser controlada.

— E o fundamentalismo? Além do fato de que você tem muitos inimigos que gostariam de tomar seu lugar. Acho que o homem que acabou de sair daqui entra para essa categoria. Aliás, o ministro também se encontrou com Vincenti ontem à noite. Buscou-o no aeroporto, levou-o até a cidade.

Esse homem era incrivelmente bem-informado.

— Ministra, não queremos que Vincenti seja bem-sucedido no que quer que esteja planejando. É por isso que estou aqui. Para oferecer nossa ajuda. Estamos a par de sua viagem a Veneza e da vinda de Cassiopeia com você. Mas uma vez, ela não é um problema. Na verdade, sabe bastante coisa sobre o que você estava procurando em Veneza. Tem uma informação que você deixou passar.

— Diga-me o que é.

— Se eu soubesse, eu diria. Terá que perguntar a Vitt. Ela e seus dois parceiros, Henrik Thorvaldsen e Cotton Malone, estão a par de algo chamado enigma de Ptolomeu, e de objetos chamados de medalhões de elefante. — Davis ergueu a mão num falso gesto de rendição. — Não sei. Não me importo. É assunto seu. Só sei que havia algo a ser encontrado em Veneza, e parece que você deixou passar. Se já está sabendo, peço desculpas por desperdiçar seu tempo. Mas o presidente Daniels queria que soubesse que, assim como a Liga Veneziana, ele também cuida dos amigos.

Chega. Esse homem precisava ser colocado no seu lugar.

— Deve pensar que sou uma idiota.

Trocaram olhares, mas nenhuma palavra.

— Diga ao seu presidente que não preciso da ajuda dele.

Davis pareceu ofendido.

— Se eu fosse você — ela disse —, deixaria esta Federação tão rápido quanto veio.

— Uma ameaça, ministra?

Ela balançou a cabeça.

— Apenas um comentário.

— Modo estranho de se falar com um amigo.

Ela se levantou.

— Você não é meu amigo.

..*

A porta se fechou quando Edwin Davis deixou o salão. A mente de Irina funcionava com a habilidade que sempre conseguia ter quando aproveitava um momento oportuno.

Kamil Revin entrou novamente e foi até sua mesa. Ela examinou seu ministro do Exterior. Vincenti se achou esperto, cultivando-o para ser um espião. Mas aquele asiático criado na Rússia, que se dizia muçulmano, mas nunca entrara numa mesquita, agira como o canal perfeito para a

desinformação. Ela o dispensou da reunião com Davis porque ele não poderia repetir o que não sabia.

— Deixou de mencionar que Vincenti estava na Federação — disse.

Revin deu de ombros.

— Ele chegou ontem à noite a negócios. Está no Intercontinental, como sempre.

— Está na propriedade que possui nas montanhas.

Notou a surpresa no olhar do homem mais jovem. Verdadeira? Ou fingida? Difícil saber. Mas ele pareceu perceber sua desconfiança.

— Ministra, tenho sido seu aliado. Menti quando você me pediu. Entreguei-lhe inimigos. Observo Vincenti há anos e agi fielmente, conforme suas instruções.

Ela não tinha tempo para discutir.

— Então, prove que é leal. Tenho uma tarefa especial que só você pode realizar.

Stephanie gostava de ver Henrik Thorvaldsen perturbado. Saíram da base aérea de Aviano em dois caças F-16, ela em um, Thorvaldsen no outro. Seguiram Malone e Edwin Davis, que havia pousado em Samarcanda; depois, ela e Thorvaldsen continuaram para o leste, e pousaram em Kashgar, na China, logo após a fronteira com a Federação.

Thorvaldsen não gostava de voar. Um mal necessário, disse antes de vestirem o uniforme. Mas uma viagem num jato supersônico não era um voo qualquer. Ela sentou-se atrás do piloto, onde geralmente ficava o oficial de armas. Divertidos e assustadores, os impactos e rangidos a mais de 2 mil km/h a mantiveram ansiosa durante as duas horas.

— Não acredito que fiz isso — dizia Thorvaldsen.

Notou que ele ainda tremia. Um carro os esperava no aeroporto de Kashgar. O governo chinês havia cooperado integralmente com todos os pedidos de Daniels. Pareciam estar bastante preocupados com o vizinho e dispostos até a fazer parceria com Washington no intuito de descobrir se seus medos eram reais ou imaginários.

— Não foi tão ruim assim — ela disse.

— É uma lembrança a ser arquivada. Nunca, jamais, não importa o que as pessoas digam, voe numa coisa dessas.

Stephanie abriu um sorriso. Estavam passando de carro pela Pamir, em território da Federação, sendo a travessia da fronteira marcada por nada além de uma placa de boas-vindas. Subiram em altitude, atravessando uma sucessão de contrafortes arredondados e sem vegetação e vales igualmente estéreis. Ela sabia que Pamir era o nome daquele tipo de vale em particular, lugares em que o inverno se prolongava e as chuvas eram esparsas. Muitos arbustos de losna, pinheiros anões e uma ou outra pastagem natural. Na maior parte, terras desabitadas, aldeias aqui e ali, e eventuais cabanas de nômades, o que distinguia de forma clara este cenário dos Alpes ou dos Pirineus, onde ela e Thorvaldsen tinham estado juntos da última vez.

— Li sobre esta região — disse. — Mas nunca estive nesta parte do mundo antes. Incrível.

— Ely adorava a Pamir. Falava da região com devoção. E agora entendo por quê.

— Você o conheceu bem?

— Ah, sim. Conhecia seus pais. Ely e meu filho sempre foram muito próximos. Praticamente morava conosco em Christiàngade quando ele e Ca eram garotos.

Thorvaldsen parecia exausto no banco do passageiro, e não por causa do voo. Ela sabia a razão.

— Cotton cuidará de Cassiopeia.

— Duvido que Zovastina esteja com Ely. — Thorvaldsen pareceu subitamente resignado. — Viktor está certo. É provável que esteja morto.

A estrada ficou plana quando atravessaram um dos desfiladeiros e entraram em outro vale. O ar do lado de fora estava inesperadamente quente, e as elevações mais baixas, livres de neve. Sem dúvida, a Federação Asiática Central era abençoada por maravilhas naturais, mas ela lera os dados técnicos da CIA. A Federação direcionou toda a área para desenvolvimento econômico. Eletricidade, telefone, água e saneamento estavam sendo ampliados, além de melhorias nas estradas. Aquela via expressa demonstrava ser um exemplo primoroso disso — o asfalto parecia novo.

A vela ainda envolvida pela folha de ouro encontrava-se dentro de um recipiente de aço inoxidável no banco de trás. Um bastão de Licurgo moderno com uma única palavra em grego antigo. ΚΑΙΜΑΣ. Aonde os levaria? Não faziam ideia, mas talvez, algo no retiro de Ely Lund na montanhas ajudasse a explicar seu significado. Estavam indo armados. Dois 9mm e pentes extras. Cortesia dos militares americanos, com permissão dos chineses.

— O plano de Malone — ela disse — pode funcionar.

Mas concordava com Cotton. Recursos aleatórios, como Viktor, não eram confiáveis. Ela preferia agentes veteranos, que estivessem preocupados com a aposentadoria.

— Malone gosta muito de Cassiopeia — disse Thorvaldsen. — Não admite, mas gosta. Vejo nos olhos dele.

— Vi a dor no rosto de Malone quando você contou que ela estava doente.

— Essa foi uma razão pela qual pensei que ela e Ely poderiam se identificar um com o outro. Suas aflições mútuas, de alguma forma, tomaram-se parte da atração.

Passaram por mais duas aldeias isoladas e seguiram para o oeste. Por fim, exatamente como Cassiopeia havia dito a Thorvaldsen, a estrada se bifurcou, e eles viraram para o norte. Dez quilômetros depois, a paisagem ficou mais arborizada. À frente, ao lado de uma estrada de terra batida que desaparecia na floresta escura, ela avistou uma sarissa fincada na terra. Presa a ela, uma pequena placa com a palavra "Soma" pintada.

— Ely deu um nome apropriado ao local — reconheceu Stephanie. — Como o túmulo de Alexandre no Egito.

Fez a curva e o carro subiu o caminho irregular, sacudindo e se inclinando. A alameda subia por 500 metros e terminava numa cabana térrea, feita com tábuas de madeira de lei bruta. Uma varanda coberta protegia a porta da frente.

— Parece coisa do norte da Dinamarca — disse Thorvaldsen. — Não me surpreende. Tenho certeza de que era um pouco o lar de Ely.

Stephanie estacionou. Quando saíram, sentiram a tarde quente. As árvores à sua volta agigantavam-se em silêncio. Através delas, para o que parecia ser o norte, mais montanhas podiam ser vistas. Uma águia pairou acima deles.

A porta da cabana se abriu.

Os dois se viraram.

Um homem saiu.

Era alto e bonito, com cabelos loiros e ondulados. Usava calça jeans, camisa de manga longa e botas. Thorvaldsen ficou rígido, mas seu olhar se acalmou de imediato, tornando visível o pensamento do dinamarquês: a identidade do homem.

Ely Lund.

SAMARCANDA

11H

Cassiopeia sentiu cheiro de feno molhado e cavalos, e concluiu que estava sendo mantida perto de um estábulo. O quarto era uma espécie de casa de hóspedes, a mobília, adequada, mas não elegante, provavelmente para os funcionários. Tábuas na janela isolavam o recinto do resto do mundo, a porta fora trancada e, ela presumia, vigiada.

No caminho do palácio até lá, notou homens armados nos telhados. Fugir daquela prisão poderia ser arriscado.

O quarto era equipado com um telefone que não funcionava e uma televisão sem sinal. Sentou-se na cama, pensando no que viria em seguida, conseguira ir até a Ásia.

E agora? Tentou descontrolar Zovastina, jogando com suas obsessões. Era difícil saber se tinha sido bem-sucedida. Algo incomodou a ministra suprema no aeroporto.

O suficiente para Cassiopeia deixar de ser uma prioridade. Mas pelas menos ainda estava viva.

Uma chave roçou a fechadura, e a porta se abriu.

Viktor entrou, seguido por dois homens armados.

— Levante-se — ordenou.

Ela ficou sentada.

— Não deveria me ignorar.

Ele correu até ela e deu um tapa com as costas da mão em seu rosto, fazendo-a cair da cama para o carpete. Ela se recuperou e ficou de pé num pulo, pronta para lutar.

Os dois homens atrás de Viktor apontaram a arma.

— Essa foi por Rafael — disse o captor.

O olhar dela se encheu de raiva. Mas sabia que aquele homem estava fazendo exatamente o que era esperado. Thorvaldsen dissera que ele era um aliado, ainda que secreto.

Então, ela fez o jogo dele.

— Você é durão quando tem o apoio de homens armados.

Viktor deu uma risadinha.

— Tenho medo de você? É o que está dizendo?

Ela passou a mão no lábio inferior cortado pelo golpe.

Viktor pulou em sua direção e torceu-lhe um braço atrás das costas.

Virou seu pulso na direção dos ombros. Ele era forte, mas ela tinha que acreditar que sabia o que estava fazendo, e se rendeu. A algema prendeu um pulso depois o outro. Os tornozelos foram presos da mesma forma, enquanto Viktor a mantinha no chão. Depois virou-a, deixando-a deitada de costas.

— Tragam-na — ordenou.

Os dois homens a seguraram pelos pés e ombros, carregando-a para fora, por um caminho de cascalhos que ia até os estábulos. Lá, foi jogada de barriga para baixo sobre o lombo de um cavalo. O sangue lhe subiu à cabeça, enquanto ela ficou pendurada, olhando para o chão. Victor a amarrou firme com uma corda grossa, depois levou o cavalo para fora.

Ele e três outros homens andaram em silêncio com o animal por um terreno gramado com cerca de duas vezes o tamanho de um campo de futebol. Havia cabras espalhadas pela grama, pastando, e árvores altas cercavam o perímetro. Deixaram a área aberta e entraram numa floresta, seguindo por uma trilha que dava numa clareira cercada por mais árvores.

Ela foi desamarrada, deslizou do lombo do cavalo e ficou de pé. O sangue demorou alguns minutos para descer da cabeça. A cena ia e voltava em flashes, então a claridade veio, e viu que dois álamos altos tinham sido curvados até o chão e amarrados a uma terceira árvore. Cordas iam do alto de cada árvore até o chão. Ela foi arrastada, as mãos ficaram livres das algemas, e os pulsos amarrados a cada uma das cordas.

Em seguida, os elos foram removidos.

Cassiopia estava de pé, braços estendidos, e percebeu o que aconteceria se as duas árvores fossem soltas.

Mais um cavalo aproximou-se, saindo do meio das árvores. Um corcé alto e delgado sobre o qual Zovastina estava montada. A ministra suprema usava botas de couro e uma jaqueta de couro acolchoada. Ela examinou a cena, dispensou Viktor e os outros homens e apeou.

— Só você e eu — disse Zovastina.

..*

Viktor esporeou o cavalo com as esporas e correu de volta para os estábulos. Zovastina ordenou que, assim que chegasse ao palácio, ele preparasse as árvores. Não foi a primeira vez. Há três anos, ela executara de modo semelhante um homem que tramava uma revolução. Não havia como convertê-lo, por isso amarrou-o entre os troncos, levou os outros conspiradores para assistirem e cortou, ela mesma, as amarras. O corpo foi destruído quando as árvores retornaram à posição vertical, um pedaço do homem ficando pendurado em uma, o resto, na outra. Depois disso, seus compatriotas foram facilmente convertidos.

O cavalo galopou para dentro do estábulo.

M alone esperava na selaria. Viktor o colocara clandestinamente dentro do palácio no porta-malas de um carro. Ninguém questionou ou revistou o chefe da segurança. Depois que o carro foi estacionado na garagem do

palácio, saiu rapidamente, levando as credenciais do palácio que Viktor lhe dera.

Somente Zovastina o reconheceria e, escoltado por Viktor, foram até o estábulo com facilidade. Lá, segundo Viktor, ficaria em segurança.

Malone não estava gostando de nada naquela situação. Tanto ele como Cassiopeia estavam à mercê de um homem do qual não sabiam nada além da garantia de Edwin Davis de que havia, até o momento, demonstrado ser confiável. Ele só podia esperar que Davis confundisse Zovastina por tempo suficiente para que eles ganhassem tempo.

Ainda estava armado e esperara pacientemente durante a última hora. Não ouviu nenhum som do outro lado da porta.

Os estábulos eram magníficos, dignos do líder supremo de uma Federação gigantesca. Contou quarenta baios assim que Viktor o levou para dentro. A selaria tinha uma grande variedade de selas de qualidade e equipamentos caros. Ele não era nenhum cavaleiro experiente, mas sabia lidar com um cavalo. A única janela do recinto dava para os fundos do estábulo, e não oferecia nenhuma visão.

Chega. Hora de agir.

Sacou a arma e abriu a porta.

Ninguém à vista.

Virou para a direita e seguiu para a porta aberta do celeiro, no outro extremo, passando por baias com corcéis de aparência impressionante.

Avistou um cavaleiro, além das portas, galopando direto na direção do estábulo. Mudou de posição, ficando junto à parede, perto da saída, arma em punho. Som de cascos parando, e o som áspero do cavalo expelindo ar, exausto do galope.

O cavaleiro deixou a sela.

Pés batendo na terra.

Ele se preparou. Um homem entrou correndo, então parou de repente e se virou. Viktor.

— Você não segue instruções direito. Eu disse para ficar na selaria Malone baixou a arma.

— Precisei tomar um ar.

— Mandei todo mundo ficar longe daqui, mas alguém ainda pode aparecer.

Malone não queria ouvir reclamações.

— O que está acontecendo?

— Vitt. Ela está em perigo.

Stephanie viu Thorvaldsen apertar Ely Lund com um abraço fervoroso, como o carinho de um pai que acabava de encontrar o filho perdido.

— É maravilhoso ver você — disse Thorvaldsen. — Achei que tivesse morrido.

— O que estão fazendo aqui? — Ely perguntou com assombro na voz.

Thorvaldsen pareceu se recompor e apresentou Stephanie.

— Ely — ela disse —, estamos um pouco como uma múmia egípcia. Pressionados pelo tempo. Muita coisa acontecendo. Podemos conversar?

Ele levou-os para dentro. A cabana era um lugar monótono, com poucos móveis e muitos livros, revistas e papéis. Ela não notou nada elétrico.

— Não tem eletricidade aqui — ele disse. — Cozinha com gás e me aqueço com madeira. Mas tem água limpa e muita privacidade.

— Como veio até aqui? — perguntou Thorvaldsen. — Zovastina o prendeu?

Um olhar de perplexidade surgiu no rosto do homem.

— De jeito nenhum. Ela salvou a minha vida. Está me protegendo.

Eles ouviram Ely explicar como um homem invadiu sua casa em Samarcanda e apontou-lhe uma arma. Mas antes que qualquer coisa acontecesse, outro homem o salvou, matando o primeiro. Em seguida, sua casa foi incendiada com o invasor dentro. Ely foi levado até Zovastina, que explicou que seus inimigos políticos estavam atrás dele. Foi levado à cabana em segredo, onde permaneceu durante os últimos meses. A penas um vigia solitário, que morava na aldeia, ia verificar se tudo estava bem duas vezes por dia e levava mantimentos.

— O guarda tem celular — disse Ely. — É assim que eu e Zovastina nos comunicamos.

Stephanie precisava saber:

— Você lhe contou sobre o enigma de Ptolomeu? Sobre os medalhões de elefante e o túmulo perdido de Ptolomeu?

Ely sorriu.

— Irina adora falar sobre isso. A *Iliada* é uma paixão para ela. Qualquer coisa grega, na verdade. Fazia muitas perguntas. Ainda faz, quase todos os dias.

E, sim, eu contei tudo sobre os medalhões e o túmulo perdido.

Stephanie percebeu que Ely não tinha nenhuma noção do que estava acontecendo, do perigo que todos, inclusive ele, corriam.

— Cassiopeia é prisioneira de Zovastina. A vida dela pode estar em risco.

Viu-o perder toda a confiança.

— Cassiopeia está aqui? Na Federação? Por que a ministra suprema quer fazer mal a ela?

— Ely — disse Thorvaldsen —, digamos apenas que Zovastina não é sua salvadora. É sua carcereira, embora tenha construído uma cela inteligente, que o mantém preso sem muito esforço.

— Vocês não sabem quantas vezes eu quis ligar para Cassiopeia. Mas a ministra suprema disse que precisávamos de sigilo neste momento. Eu poderia colocar outras pessoas em perigo, inclusive Cassiopeia, se as envolvesse. Ela me garantiu que tudo isso acabaria logo, e eu ia poder ligar para quem eu quisesse e voltar ao trabalho.

Stephanie decidiu ir direto ao que interessava.

— Nós resolvemos o enigma de Ptolomeu. Encontramos um bastão de Licurgo que continha uma palavra. — Entregou-lhe um pedaço de papel quadrado em que estava escrito ΚΛΙΜΑΞ. — Pode traduzir?

— Klimax. Escada em grego antigo.

— Qual poderia ser o significado disso? — Stephanie perguntou.

Ele pareceu se livrar de qualquer possibilidade de especulação.

— Isso está no contexto do enigma?

— Supostamente, é o local em que a sepultura está localizada. Tocar o ser mais íntimo da ilusão dourada. Dívida a fênix. A vida provê a medida do verdadeiro túmulo. Fizemos tudo isso e... — apontou para o papel — foi isso o que encontramos.

Ely pareceu compreender a monstruosidade sem precisar de mais indícios. Foi até uma das mesas e puxou um livro de uma das pilhas.

Folheou-o, encontrou o que procurava e pôs o volume aberto sobre a mesa. Stephanie e Thorvaldsen aproximaram-se e viram um mapa intitulado "Conquistas Bactrianas de Alexandre".

ALEXANDER'S BACTRIAN CONQUESTS



— Alexandre partiu para o leste e tomou o que hoje são o Afeganistão e a Federação — o que um dia foi o Turcomenistão, Tajiquistão e Quirguistão. Nunca atravessou a Pamir até a China. Em vez disso, desviou para o sul para a Índia, onde as conquistas terminaram quando seu exército se revoltou. — Ely apontou para o mapa. — Esta área aqui, entre os rios Sí Dária e Amu Dária, Alexandre conquistou em 330 a.C. Ao sul ficava a região de Bactria. Ao norte, Cítia.

Ela ligou os pontos de imediato.

— Foi aí que Alexandre aprendeu sobre o fluido dos citas.

Ely pareceu impressionado.

— Isso mesmo. Samarcanda já existia, numa região chamada Sogdiana embora se chamasse Maracanda. Alexandre estabeleceu uma de suas muitas Alexandrias aqui, chamando-a de Alexandria Eschate, a longínqua. Era a cidade mais a leste do seu império, e uma das últimas que fundou.

Ely passou o dedo pelo mapa e marcou um X com a caneta.

— Klimax era uma montanha, aqui, onde um dia foi o Tajiquistão, e agora é a Federação, um local reverenciado pelos citas e, depois, por Alexandre, a partir do momento em que fizeram um acordo de paz. Dizem que seus reis eram enterrados nessas montanhas, ainda que não se tenha encontrado nenhuma prova disso. O museu de Samarcanda enviou algumas expedições de busca, mas não encontraram nada. Lugar bastante árido, na verdade.

— É exatamente para onde o bastão de Licurgo aponta — disse Thorvaldsen. — Já estive nessa área?

Ely assentiu.

— Há dois anos. Parte de uma expedição. Fiquei sabendo que uma boa parte do local agora é propriedade particular. Um dos meus colegas do museu disse que há uma propriedade enorme no pé da montanha. Coisa monstruosa. Em construção.

Stephanie lembrou-se do que Edwin Davis dissera sobre a Liga Veneziana. Os membros estavam comprando propriedades, então teve uma intuição.

— Sabe de quem é?

Ele balançou a cabeça.

— Não faço ideia.

— Precisamos ir — disse Thorvaldsen. — Ely, pode nos levar até lá?

Ele assentiu.

— São cerca de três horas para o sul.

— Como está se sentindo?

Stephanie percebeu o que o dinamarquês estava pensando.

— Ela sabe — disse Thorvaldsen. — Normalmente, jamais teria dito nada, mas estes estão longe de serem dias normais.

— Zovastina tem me fornecido a medicação diária. Eu disse que ter sido boa comigo. Como está Cassiopeia?

Thorvaldsen balançou a cabeça.

— Infelizmente, temo que a saúde seja a última das preocupações de

Cassiopeia no momento.

Um som de motor de carro cresceu mais alto do lado de fora. Stephanie ficou tensa e correu até a janela. Um homem saiu de um Audi com um fuzil automático.

— Meu segurança — disse Ely por cima do ombro. — Vindo da aldeia. O homem atirou nos pneus do carro deles.

SAMARCANDA

Cassiopeia não conseguia avaliar Zovastina.

— Acabo de receber a visita do conselheiro de Segurança Nacional interino do presidente americano. Contou-me a mesma coisa que você não ao aeroporto. Que eu deixei passar algo em Veneza, e que você sabe o que é.

— E você acha que isto me fará contar?

Zovastina admirou as duas árvores fortes, os troncos inclinados perto do chão por uma corda enrolada.

— Mande preparar esta clareira há anos. Alguns sentiram a agonia de serem dilacerados vivos. Um ou outro até chegou a sobreviver depois de ter os braços arrancados do tronco. Levaram alguns minutos, sangrando até morrer. — Balançou a cabeça. — Jeito horrível de deixar este mundo.

Cassiopeia sentia-se impotente. Não podia fazer nada além de tentar sair dali por meio de blefes. Viktor, que supostamente estava lá para ajudar, não fizera nada além de piorar a situação.

— Depois que Heféstion morreu, Alexandre matou seu médico pessoal desta mesma maneira. Achei engenhoso, então ressuscitei o método.

— Sou tudo o que você tem — replicou num tom frio.

Zovastina pareceu curiosa.

— É mesmo? E o que você tem?

— Parece que Ely não compartilhou com você o que compartilhou comigo.

Zovastina se aproximou. Ela era uma mulher musculosa, rosto pálido. Era perturbador o olhar transitório de loucura que de vez em quando revelava nos olhos escuros e ansiosos. Especialmente naquele momento, em que suas vísceras se reviravam de curiosidade e raiva.

— Conhece a Ilíada? Quando Aquiles finalmente deu vazão à sua raiva e matou Heitor, disse algo interessante. Quem me dera que a força e o ânimo me sobreviessem para te cortar a carne e comê-la crua, por aquilo que fizeste. Pois homem não há que da tua cabeça afastará os cães, nem que eles trouxessem e pesassem dez vezes ou vinte vezes o resgate e me prometessem ainda mais do que isso! Diga, por que está aqui?

— Você me trouxe aqui!

— Não enfrentei resistência alguma.

— Você arriscou muito ao ir a Veneza. Por quê? Não poderia ser sua política.

Ela notou que os olhos de Zovastina pareciam um pouco menos hostis.

— Às vezes somos chamados a agir em favor dos outros. A correr riscos. Nenhuma busca que valha o esforço acontece sem riscos. Tenho buscado a sepultura de Alexandre na esperança de obter respostas para alguns problemas desconcertantes. Ely certamente lhe contou sobre o fluido de Alexandre. Quem sabe se não há algo aí? Mas encontrar o local... como seria glorioso.

Zovastina falava mais com admiração do que com raiva. Parecia genuinamente comovida com a ideia. Por um lado, portava-se como uma romântica tola, consumida por noções de grandeza adquirida por meio de buscas perigosas. Por outro, de acordo com Thorvaldsen, planejava a morte de milhões.

Zovastina pegou o queixo de Cassiopeia com firmeza.

— Precisa me dizer agora o que sabe.

— O padre mentiu para você. Na tesouraria da basílica há um amuleto que foi encontrado com os restos mortais de São Marcos. Um escaravelho com uma fênix gravada.

Lembre-se do enigma. Toque o ser mais íntimo da ilusão dourada. Divida a fênix.

Zovastina não parecia ouvi-la.

— Você é bonita. — Seu hálito cheirava a cebola. — Mas é mentirosa e trapaceira. Está aqui para me enganar.

Zovastina soltou o queixo de Cassiopeia e recuou.

Cassiopeia escutou o berro de cabras.

* * *

Malone montou no cavalo.

— Nenhum dos guardas no telhado prestará atenção em nós — disse Viktor. — Você está comigo.

Viktor pulou de volta na sua cela.

— Elas estão para além do campo, no bosque. Irina planeja matar Vitt.

— O que estamos esperando?

Viktor esporeou o cavalo. Malone o seguiu.

Galoparam do estábulo na direção do campo aberto. Ele notou postes listrados em cada extremidade e, no centro, uma cavidade na terra, e percebeu o que se jogava ali. Buzkashi. Lera sobre o esporte, sua violência, a frequência com que pessoas morriam, a barbaridade e a beleza que o jogo apresentava simultaneamente. Zovastina demonstrava ser uma especialista, e os cavalos no estábulo com certeza eram criados para participar, como o corcel que montava, trotando com velocidade e habilidade fantásticas. Espalhadas pelo campo, muitas cabras pareciam garantir uma excelente manutenção do gramado. Cêm ou mais, e grandes, dispersaram-se quando os cavalos passaram fazendo estrondo.

Olhou para trás e notou postos no alto do palácio. Como Viktor previra ninguém pareceu alarmado, certamente habituados às façanhas da ministra

suprema. Adiante, no outro extremo do campo, havia um bosque fechado, cortado por duas trilhas. Viktor fez o cavalo parar. Malone freou o seu também, e ficou com as pernas pendendo contra as manchas escuras de suor no dorso do animal.

— Talvez estejam a 100 metros, nesta trilha, em outra clareira. Agora é por sua conta.

Ele desceu da sela, arma na mão.

..*

— Temos um problema — disse Stephanie. — Tem alguma outra saída daqui?

Ely apontou para a cozinha.

Ela e Thorvaldsen saíram correndo no momento em que a porta da frente da cabine foi empurrada com força. O homem esbravejou ordens num idioma que ela não entendia.

Achou a porta da cozinha e abriu-a, pedindo a Thorvaldsen para tomar cuidado com ruídos. Ely falava com o homem no mesmo idioma.

Ela saiu. Thorvaldsen a seguiu.

Tiros automáticos explodiram de dentro da cabana, as balas batendo na madeira pesada atrás deles.

Caíram no chão quando as janelas explodiram. Choveu vidro para fora. Balas bateram nas árvores. Ela ouviu Ely gritar algo para o agressor e usou o instante para ficar de pé num pulo e contornar a cabana, correndo até o carro. Thorvaldsen permaneceu no chão, esforçando-se para levantar, e ela só pôde esperar que Ely atrasasse o vigia por tempo suficiente.

Chegou ao carro, abriu a porta de trás e pegou uma das pistolas automáticas.

Thorvaldsen contornou a cabana.

Stephanie assumiu uma posição defensiva, usando o carro como amortecedor, mirando do outro lado do capô, e fez um sinal com a arma para que Henrik fosse direto para a varanda da frente. Ele desviou-se da linha de tiro, exatamente quando o vigia apareceu, apontando o fuzil à altura da cintura. Ele pareceu avistar Thorvaldsen primeiro e girou para ajustar a mira.

Atirou duas vezes.

As duas balas acertaram o peito do homem.

Atirou mais duas vezes.

O guarda desabou no chão.

Ela ficou em silêncio e não se moveu até Ely aparecer atrás do vigia morto. Thorvaldsen saiu da varanda. A arma dela ainda estava apontada, as duas mãos firmes no cabo. Tremendo. Tinha matado um homem.

Pela primeira vez.

Thorvaldsen andou na direção dela.

— Você está bem?

— Ouvi pessoas falarem sobre isso. Eu dizia que fazia parte do trabalho

deles. Mas agora eu entendo. Não posso dizer que não é nada demais.

— Você não teve escolha.

Ely aproximou-se.

— Ele não queria escutar. Eu disse que vocês não eram ameaça.

— Mas somos — disse Thorvaldsen. — Tenho certeza de que as ordens que ele recebeu foram para não deixar ninguém entrar em contato com você. Era a última coisa que Zovastina ia querer.

A mente de Stephanie voltou a funcionar com clareza.

— Precisamos ir.

Malone avançou para dentro do bosque, escuro, silencioso e aparentemente cheio de ameaças. Espiou uma clareira adiante, onde a luz do sol se espalhava sem a intervenção do abrigo das folhas. Olhou para trás e não viu Viktor, mas entendeu por que o homem tinha desaparecido. Ouviu vozes, então acelerou o passo e parou atrás de um tronco grosso, perto do final de uma trilha.

Viu Cassiopeia. Amarrada entre duas árvores. Os braços estendidos para fora. Irina Zovastina de pé ao seu lado.

Viktor estava certo.

Sérios problemas.

..*

Zovastina estava intrigada e irritada com Cassiopeia Vitt.

— Parece não se importar de estar prestes a morrer.

— Se me importasse, não teria vindo com você.

A ministra decidiu que era hora de dar àquela mulher uma razão para viver.

— Perguntou sobre Ely no avião. Se ele estava vivo. Não lhe respondeu. Não quer saber?

— Não acreditaria em nada que você dissesse. Ela deu de ombros.

— É uma afirmação justa. Eu também não acreditaria. Encontrou um celular em um dos bolsos e apertou um botão.

..*

Stephanie ouviu um som de telefone chamando. Seu olhar foi direto para o homem morto caído no chão rochoso. Thorvaldsen também ouviu.

— É Zovastina — disse Ely. — Ela liga para o telefone que ele traz.

Correu até o corpo, encontrou o aparelho e disse a Ely:

— Atenda.

..*

Cassiopeia ouviu Zovastina dizer:

— Tem alguém aqui que quer falar com você.

Zovastina colocou o telefone perto do ouvido dela. Ela não tinha

intenção de dizer nada, mas a voz que veio do outro lado da linha a fez sentir um choque na espinha.

— O que foi, ministra? — Pausa. — Ministra?

Cassiopeia não pôde se conter. A voz confirmou todas as suas dúvidas.

— Ely. É Cassiopeia.

O silêncio foi a resposta.

— Ely? Está aí? — Seus olhos ardiam.

— Estou aqui. Só estou chocada. É bom ouvir sua voz.

— A sua também. — Sentiu uma onda de emoção. Tudo havia mudado.

— O que está fazendo aqui? — Ely perguntou.

— Procurando você. Sabia... eu tinha esperança de que não estivesse morto. — Tentou controlar as emoções. — Você está bem?

— Estou bem, mas estou preocupado com você. Henrik está aqui com uma mulher chamada Stephanie Nelle.

Isso era novidade. Cassiopeia tentou deixar a apreensão de lado e manter o foco. Tudo indicava que Zovastina não estava a par do que acontecera onde quer que Ely estivesse preso.

— Diga à ministra o que acabou de me dizer.

Zovastina pegou o celular para ouvir.

..*

Stephanie ouviu Ely repetir o que acabara de dizer. Ela entendeu o choque por que Cassiopeia devia estar passando, mas por que ela ia querer que Ely contasse à ministra suprema que eles estavam lá?

Zovastina disse ao telefone:

— Quando seu amigo Thorvaldsen e essa mulher chegaram?

— Há pouco tempo. Seu guarda tentou matá-los, mas está morto.

— Ministra — ela ouviu uma voz que reconheceu de imediato. Thorvaldsen.

— Estamos com Ely.

— E eu estou com Cassiopeia Vitt. Eu diria que ela tem mais uns dez minutos de vida.

— Deciframos o enigma.

— Muita conversa. Você e Vitt. Alguma prova?

— Ah, sim. Estaremos no túmulo antes do anoitecer. Mas você nunca saberá.

— Vocês estão na minha Federação — ela deixou claro.

— Mas conseguimos entrar, pegar o seu prisioneiro e sair com ele sem que você jamais soubesse.

— Mas fizeram questão de me contar.

— A única coisa que você tem, e eu quero, é Cassiopeia. Ligue se quiser negociar.

E a ligação terminou.

..*

— Você acha que isso foi inteligente? — Stephanie perguntou a Thorvaldsen.

— Temos que mantê-la em desequilíbrio.

— Mas não sabemos o que está acontecendo lá.

— Me diga algo que eu não sei.

Ela pôde sentir a preocupação de Thorvaldsen.

— Temos que confiar que Cotton esteja cuidando das coisas — ele afirmou.

..*

Zovastina lutou contra a sensação de desassossego que tomava conta dela. Essas pessoas resistiram duramente, tinha que admitir. Tirou uma faca da manga de couro.

— Seus amigos estão aqui. E estão com Ely. Infelizmente, ao contrário do que Thorvaldsen pode pensar, ele não tem nada que eu queira.

Ela se aproximou de um rolo de cordas.

— Prefiro vê-la morrer.

..*

Malone viu e ouviu tudo. Ely Lund parecia estar ao telefone. Ele viu como Cassiopeia reagira, mas também notou que outra pessoa entrara na ligação. Henrik? Stephanie?

Com certeza estavam com Lund àquela altura.

Não podia esperar mais. Saiu correndo do esconderijo.

— Já chega.

Zovastina encontrava-se de costas para ele. Viu-a interromper a investida contra as cordas.

— A faca — ordenou. — Largue a faca.

Cassiopeia olhou-o com um presentimento. Ele também sentiu. Alguém. Quase como se sua presença já fosse esperada.

Dois homens saíram de trás das árvores, armas apontadas em sua direção.

— Sr. Malone — disse Zovastina, virando-se com uma expressão rígida de satisfação. — Não pode matar todos nós.

Vincenti entrou na biblioteca, fechou a porta e encheu um copo.

Kumis. Uma especialidade local que aprendera a apreciar. Leite de égua fermentado. Sem muito álcool, mas muito estimulante. Virou a dose num único gole e saboreou o gosto de amêndoas que restou.

Serviu-se de mais uma dose.

O estômago roncou. Estava com fome. Deveria dizer ao chef o que queria jantar. Um bife grosso de teriyaki de cavalo seria bom. Aprendera a gostar dessa especialidade local também.

Bebeu mais Kumis.

Tudo estava prestes a se revelar. Sua intuição de tantos anos atrás havia se confirmado. A única coisa que estava atrapalhando era Irina Zovastina.

Foi até a mesa. A casa possuía um sistema de comunicação via satélite sofisticado, com conexão direta a Samarcanda e com sua sede corporativa em Veneza. Bebida na mão, ele viu que um e-mail de Kamil Revin chegou cerca de meia hora antes. Algo raro. Revin, apesar de toda a jovialidade, não confiava em nenhuma forma de comunicação que não fosse cara a cara, em que ele pudesse controlar o horário e o local.

Abriu o arquivo e leu a mensagem.

OS AMERICANOS ESTIVERAM AQUI.

Sua mente cansada ficou alerta. Americanos? Estava prestes a clicar em "Responder", quando a porta sólida foi aberta, e Peter O'Conner entrou às pressas.

— Quatro helicópteros de armamento pesado aproximam-se. Federação.

Correu para a janela e olhou para o oeste. Do outro lado do vale, quatro pontos marcavam o céu claro, cada vez maiores.

— Acabaram de aparecer — disse O'Conner. — Presumo que não seja uma visita social. Está esperando alguém?

Não estava.

Voltou ao computador e deletou o e-mail.

— Estarão no solo em menos de dez minutos — disse O'Conner.

Algo estava errado.

— Zovastina está vindo buscar a mulher? — O'Conner perguntou.

— É possível. Mas como poderia saber tão rápido?

Zovastina nunca poderia imaginar o que ele estava planejando. Era verdade que não confiava nele, assim como ele não confiava nela, mas não havia nenhuma razão para qualquer demonstração de força. Não agora, pelo menos. Depois, teve a viagem a Veneza, e o que aconteceu quando ele agiu contra Stephanie Nelle. E os americanos?

O que ele não estava sabendo?

— Estão circulando para pousar — O'Conner disse das janelas.

— Vá pegá-la.

O'Conner saiu correndo.

Vincenti abriu uma das gavetas da mesa e retirou uma pistola. Ainda não tinham contratado o contingente completo de seguranças que a propriedade exigiria quando concluída. Tudo seria feito nas semanas seguintes, enquanto Zovastina estivesse ocupada, preparando-se para a guerra. Planejava tirar o máximo de proveito dessa distração.

Karyn Walde entrou na biblioteca, usando roupão de banho e chinelos. De pé, sozinha. O'Conner veio atrás.

— Como se sente? — Perguntou.

— Melhor do que jamais me senti durante os últimos meses. Consigo andar.

Um médico de Veneza já estava a caminho para tratar de suas infecções secundárias. Para a sorte dela, eram remediáveis.

— Serão necessários alguns dias para que seu corpo comece uma recuperação completa. Mas, neste momento, o vírus está sendo atacado por um predador contra o qual não possui nenhuma defesa. Assim como nós, aliás.

O'Conner assumiu posição à janela.

— Pousaram. Tropas. Asiáticas. Parece que são de Irina.

Ele encarou Walde.

— Talvez Irina a queira de volta. Não temos certeza do que está acontecendo.

Foi até o outro lado da sala e parou diante de uma estante de livros embutida com portas de vidro decoradas. A madeira viera da China, assim como o artesanato que fez a peça. Mas O'Conner havia acrescentado algo. Apertou um botão no controle de bolso e um mecanismo de molas foi liberado acima e abaixo do armário, fazendo com que a estante pesada girasse 180 graus. Do outro lado, havia uma passagem iluminada.

Walde ficou impressionada.

— Parece um filme de terror.

— O que pode se tornar realidade — acrescentou Vincenti. — Peter veja o que eles querem e diga que lamento não poder recebê-los. — Fez um gesto para Walde.

— Siga-me.

..*

As mãos de Stephanie ainda tremiam enquanto via Ely arrastar o corpo

para os fundos da cabana. Ainda não gostava da ideia de que Zovastina soubesse que estavam na Federação. Não é muito inteligente alertar uma pessoa com o tipo de recurso que ela tinha à disposição. Tinha confiança em que Thorvaldsen sabia o que fazia, especialmente porque ele também estava em perigo.

Ely saiu pela porta da frente da cabana, seguido por Thorvaldsen Vinha com o braço carregado de livros e papéis.

— Vou precisar disso.

Olhava para a alameda que levava à estrada. Tudo parecia tranquilo. Thorvaldsen foi até ela. Notou que sua mão tremia e a segurou com calma. Nenhum dos dois disse nada. Ela ainda segurava a arma, a palma suada. Precisava de foco, então perguntou:

— O que exatamente vamos fazer?

— Sabemos a localização — disse Ely. — Klimax. Então, vamos ver o que tem lá. Vale a pena dar uma olhada.

Esforçou-se para lembrar as palavras de Ptolomeu e repetiu-as:

— Escale os muros erguidos por deuses. Quando chegar ao sótão, fite o olho fulvo e ouse encontrar o distante refúgio.

— Eu me lembro do enigma — disse Ely. — Preciso verificar alguma informação, estimular minha memória, mas posso fazer isso no caminho.

Ela queria saber:

— Por que Zovastina está atrás dos medalhões de elefante?

— Eu aponte uma ligação entre uma marca nos medalhões e o enigma. Um símbolo, como dois Bs unidos a um A. Aparece num dos lados do medalhão e no enigma.

Deviam ser significativos. Como só se sabia da existência de oito, ela disse que conseguiria todos para fazer uma comparação. Mas falou em comprá-los.

— Não mesmo — disse Stephanie. — Ainda estou perplexa. Tudo isso tem mais de 2 mil anos. Qualquer coisa que existisse já não teria sido encontrada?

Ely deu de ombros.

— Difícil saber. Convenhamos, as pistas não estavam acessíveis. Foi necessário uma fluorescência de raios X para encontrar o que importava.

— Mas é o que Zovastina quer. O que quer que seja.

Ely assentiu.

— Na mente dela, que eu sempre achei um pouco esquisita, ela é Alexandre ou Aquiles, ou algum outro herói épico. É uma visão romântica que parece lhe dar satisfação. Uma busca. Ela acredita que haja algum tipo de cura por aí. Falou muito sobre isso. Era importantíssimo para ela, mas não sei por quê. — Ely parou por um momento. — Não digo que não seja importante para mim também. Seu entusiasmo tornou-se contagiante. Comecei mesmo a acreditar que houvesse algo a ser encontrado.

Stephanie pôde ver que ele estava perturbado com tudo o que havia acontecido, então, sugeriu:

— Talvez você esteja certo.

— Isso seria incrível, não?

— Mas como poderia haver qualquer conexão entre são Marcos e Alexandre, o Grande? — perguntou Thorvaldsen.

— Sabemos que o corpo de Alexandre esteve em Alexandria até 391 d.C., quando o paganismo finalmente foi banido. Mas depois não há mais nenhuma menção a ele, em lugar algum. O corpo de são Marcos reapareceu em Alexandria por volta de 400 d.C. Lembrem-se que relíquias pagãs costumavam ser adotadas com propósitos cristãos.

Li sobre muitos exemplos disso em Alexandria. Uma imagem de bronze de Saturno do Caesareum foi derretida para a fundição de uma cruz para o patriarca de Alexandria.

O próprio Caesareum foi transformado numa catedral cristã. Minha teoria, depois de ler tudo o que pude sobre são Marcos e Alexandre, é que algum patriarca do século IV elaborou um jeito de não apenas preservar o cadáver do fundador da cidade, mas também de fornecer uma relíquia poderosa à cristandade. Um ganho sem perdas. Assim, Alexandre simplesmente tornou-se são Marcos. Quem saberia a diferença?

— Parece um tiro no escuro — sugeriu Stephanie.

— Não sei. Vocês me dizem que Ptolomeu deixou algo naquela múmia na basílica, que os trouxe direto para cá. Eu diria que a teoria agora está se fortalecendo.

— Ely está certo — disse Thorvaldsen. — Vale a pena ir ao sul e conferir.

Stephanie não concordava necessariamente, mas qualquer lugar era preferível àquele. Pelo menos, estariam fazendo alguma coisa. Mas algo lhe ocorreu:

— Você disse que a área em que a Klimax está localizada é agora propriedade particular. Podemos ter problemas para conseguir acesso.

Ely sorriu.

— Talvez o novo dono nos deixe dar uma olhada no local.

Malone estava encurralado. Deveria ter previsto. Viktor o deixara à
direito até Zovastina.

— Veio salvar a senhorita Vitt?

Ele ainda segurava a arma.

Zovastina gesticulou.

— Quem planeja matar? Escolha entre nós três. — Apontou para o
seguranças. — Um deles vai atirar em você, antes que possa atirar no outro.

— Ela exibiu a faca. — E depois, corto as cordas.

Tudo verdade. As opções dele eram limitadas.

— Levem-no — ordenou aos guardas.

Um dos homens seguiu em frente na mesma hora, mas um novo som
chamou a atenção de Malone. Gritos de bodes e cabras. Cada vez mais altos.
O guarda estava a 30 metros quando os animais passaram correndo na outra
trilha que levava ao campo de buzkashi. Primeiro só alguns, depois o
rebanho inteiro explodiu para dentro da clareira.

Cascos batendo na terra.

Malone avistou Viktor sobre um cavalo, mantendo os enormes animais
agrupados, tentando não passar à frente deles. Um ritmo pesado evoluiu
para uma corrida, os de trás empurrando os da frente, forçando os animais
confusos a avançar. A aparição inesperada pareceu surtir o efeito desejado.
Os guardas ficaram momentaneamente confusos, e Malone usou o instante
para atirar no que estava à sua frente.

Mais um estalo, e o segundo guarda foi ao chão.

Malone viu que Viktor atirara.

Os bodes lotaram a clareira, atropelando uns aos outros, ainda confusos,
percebendo aos poucos que a única saída era através das árvores.

A poeira subia.

Malone localizou Zovastina e abriu caminho entre os animais
fedorentos, na direção dela e de Cassiopeia.

O rebanho recuou para o bosque.

Ele chegou exatamente quando Viktor desceu da sela, arma em punho.
Zovastina estava com a faca, mas Viktor a tinha na mira, a alguns metros
das cordas que ancoravam as duas árvores inclinadas.

— Largue a faca — disse Viktor.

Zovastina pareceu chocada.

— O que está fazendo?

— Detendo você. — Viktor acenou com a cabeça. — Solte-a, Malone.

— Viktor — disse Malone —, você solta Cassiopeia e eu vigio a ministra.

— Ainda não confia em mim?

— Digamos apenas que prefiro fazer isso do meu jeito. — Ele ergueu a arma. — Como ele disse, largue a faca.

— Ou o quê? — perguntou Zovastina. — Você atira em mim?

Malone atirou no chão, entre as pernas dela, fazendo-a se encolher.

— O próximo será na cabeça.

Ela soltou a arma.

— Chute para cá.

Ela chutou.

— O que está fazendo aqui? — Cassiopeia perguntou a ele.

— Eu lhe devia essa. Bodes? — perguntou a Viktor, enquanto o homem desamarrava Cassiopeia.

— A gente usa o que tem. Pareceu bom para desviar a atenção.

Ele não podia discordar.

— Trabalha para os americanos? — Zovastina perguntou a Viktor.

— Sim.

Os olhos dela arderam em chamas.

Cassiopeia se livrou das cordas e foi na direção de Zovastina, preparando o punho, e acertou a mulher em cheio no rosto. Um chute nos joelhos, e Zovastina caiu para trás. Cassiopeia continuou o ataque, enfiando o pé no estômago de Zovastina, e batendo a cabeça da mulher no tronco de uma árvore.

Zovastina retraiu-se no chão e ficou parada.

Malone observou o ataque com calma.

— Matou a vontade?

Cassiopeia estava muito ofegante.

— Eu poderia bater mais. — Ela fez uma pausa, esfregando os pulsos — Ely está vivo. Falei com ele pelo telefone. Stephanie e Henrik estão com ele. Precisamos ir.

Malone olhou para Viktor.

— Achei que Washington quisesse que a sua identidade fosse protegida.

— Não tive escolha.

— Você me colocou nessa armadilha.

— Eu disse para enfrentá-la? Não me deu chance de fazer nada. Quando vi seu problema, fiz o que tinha que fazer.

Ele não concordava, mas não havia tempo para discutir.

— O que faremos agora?

— Vamos embora. Teremos algum tempo. Ninguém vai perturbá-la aqui.

— E quanto aos tiros? — perguntou Malone.

— Ninguém nota. — Viktor apontou para o local à sua volta. — Este é o local que Irina usa como o campo de morte. Muitos inimigos foram eliminados aqui.

Cassiopeia erguia do chão o corpo mole de Zovastina.

— O que você está fazendo? — perguntou Malone.

— Amarrando a filha da puta nas cordas para ela ver qual é a sensação.

..*

Stephanie dirigia com Henrik no banco da frente e Ely atrás. Não tiveram escolha senão tomar o carro do segurança, uma vez que o deles estava com quatro pneus furados.

Saíram da cabana rapidamente, encontraram a estrada e começaram a seguir para o sul, paralelamente aos contrafortes da cordilheira Pamir, até o que há 2 mil anos era conhecido como monte Klimax.

— É impressionante — disse Ely.

Pelo retrovisor, ela viu que ele estava admirando o bastão de Licurgo.

— Quando li o enigma de Ptolomeu, pensei em como ele poderia transmitir qualquer mensagem. É muito engenhoso. — Ely ergueu o bastão.

— Como o decifraram?

— Foi um amigo nosso. Cotton Malone. É ele que está com Cassiopeia.

— Não deveríamos ajudá-la?

Ela sentiu a ansiedade na pergunta.

— Temos que confiar que Malone vai resolver. Nosso problema está aqui. — Voltara a falar como a chefe da agência de inteligência desapaixonada, fria e indiferente, mas ainda estava perturbada com o que acontecera na cabana. — Cotton é bom. Saberá lidar com a situação.

Thorvaldsen pareceu sentir o dilema de Ely.

— E Cassiopeia não é indefesa. Sabe cuidar de si própria. Por que não nos conta o que precisamos saber para entender tudo isso? Lemos no manuscrito sobre o fluido dos citas. O que sabe sobre eles?

Viu Ely colocar o bastão de lado cuidadosamente.

— Um povo nômade que migrou da Ásia Central para o sul da Rússia nos séculos VIII e VII antes de Cristo. Heródoto escreveu sobre eles. Era cruéis e tribais.

Temidos. Cortavam a cabeça dos inimigos e faziam copos com o crânio encapado com couro.

— Isso constrói uma reputação — disse Thorvaldsen.

— Qual a relação deles com Alexandre? — Ela perguntou.

— Nos séculos IV e III antes de Cristo, estabeleceram-se no que veio se tornar o Cazaquistão. Resistiram a Alexandre com sucesso, bloqueando seu caminho para o leste, na travessia do rio Sir Dária. Ele os combateu com fúria, foi ferido diversas vezes, mas acabou negociando uma trégua. Eu não diria que Alexandre tinha medo dos citas, mas os respeitava.

— E o fluido? — perguntou Thorvaldsen. — Era deles?

Ely assentiu.

— Eles o mostraram a Alexandre como parte do acordo de paz. E parece que ele o usou para se curar. Alexandre, Heféstion e o assistente do médico mencionado em um dos manuscritos foram todos curados pelo

fluido. Supondo que os relatos estejam corretos.

— Os citas eram um povo estranho — disse Ely. — Por exemplo, no meio de uma luta com os persas, abandonaram o campo de batalha para ir atrás de um coelho.

Ninguém sabe por quê, mas está registrado em um relato oficial. E raros especialistas em ouro, e o usavam muito. Ornamentos, cintos, couraças e até suas armas eram adornadas com ouro. Os montes mortuários dos citas são cheios de artefatos de ouro. Mas seu principal problema era a língua. E raros analfabetos. Nenhum relato deles por escrito sobreviveu. Apenas imagens, fábulas e relatos de outros. Somente algumas de suas palavras são conhecidas, graças a Heródoto.

Stephanie viu o rosto dele pelo retrovisor e percebeu que havia mais.

— O que foi?

— Como eu disse, apenas algumas de suas palavras sobreviveram. Pata significa matar. Spou, olho. Oior, homem. E tem também arima. — Ela folheou alguns papéis que levava. — Não significava muito, até agora. Lembre-se do enigma. Quando chegar ao sôtão. Ptolomeu lutou contra os citas com Alexandre. Ele os conheceu. A rima significa, mais ou menos, lugar no alto.

— Como um sôtão — ela disse.

— Mais importante ainda. O local que os gregos um dia chamaram de Klimax, para onde estamos indo, os habitantes da região sempre chamaram de Arima. Lembro da última vez que estive lá.

— Coincidências demais? — perguntou Thorvaldsen.

— Parece que todas as estradas convergem para cá.

— E o que esperamos encontrar? — perguntou Stephanie.

— Os citas usavam montes para cobrir os túmulos de reis, mas li que localizações montanhosas eram escolhidas para alguns dos líderes mais importantes. Este era o ponto mais distante do império de Alexandre. A fronteira leste. Muito longe de casa. Não teria sido incomodado aqui.

— Talvez tenha escolhido este lugar por isso — perguntou ela.

— Não sei. A coisa toda parece esquisita.

Stephanie concordou.

..*

Zovastina abriu os olhos. Estava deitada no chão, e lembrou-se de imediato do ataque de Cassiopeia Vitt. Eliminou a confusão do cérebro e percebeu que algo prendia seus pulsos com força.

Então viu que fora amarrada às árvores, exatamente onde Vitt estivera antes. Balançou a cabeça. Humilhante.

Ficou de pé e olhou para a clareira.

Os bodes, Malone, Vitt e Viktor tinham ido embora. Um dos guarda-morrera. Mas o outro ainda estava vivo, escorado numa árvore, com uma ferida sangrando no ombro.

— Consegue se mexer? — ela perguntou.

O homem fez que sim, mas ficou claro que ainda sentia dor. Todos os homens de seu Bando Sagrado eram almas fortes e disciplinadas. Ela fez questão disso. A versão moderna do bando era tão destemida quanto à original, do tempo de Alexandre.

O guarda fez um esforço e ficou de pé, a mão direita apertando o braço esquerdo.

— A faca — ela disse. — Ali, no chão.

Nenhum sinal de dor saiu da boca do homem. Ela tentou lembrar-se do nome dele, mas não conseguiu. Viktor havia contratado cada um dos membros do Bando Sagrado, e ela fez questão de não se apegar a nenhum deles. Eram objetos. Instrumentos a serem usados. Só isso.

O homem caminhou vacilante até a faca e conseguiu erguê-la do chão.

Aproximou-se das cordas, perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos.

— Você consegue — encorajou-o. — Esqueça a dor. Concentre-se no objetivo.

O guarda pareceu enrijecer. O suor escorria-lhe da testa, e ela notou mais sangue saindo da ferida. Incrível que ele não estivesse em estado de choque. Aquela alma robusta estava em excelente forma.

O guarda ergueu a faca, respirou fundo, então cortou as amarras que prendiam seu pulso direito. Ela segurou seu braço trêmulo, enquanto pegava a faca, e livrou-se da outra corda.

— Você se saiu bem — ela disse.

O homem sorriu diante do elogio, a respiração pesada, ainda de joelhos.

— Deite-se. Descanse — ordenou.

Ouviu-o acomodando-se no chão, enquanto buscava algo no chão do bosque. Perto do outro corpo, encontrou uma arma.

Voltou ao guarda ferido.

Ele a tinha visto vulnerável pela primeira vez em muito tempo, ela havia se sentido vulnerável.

O homem estava deitado de costas, ainda segurando o ombro.

Irina ficou em pé diante dele. Os olhos escuros a focalizaram e ela viu que ele sabia.

Sorriu diante da coragem do homem.

Em seguida, mirou em sua cabeça e atirou.

Malone olhou para o terreno irregular abaixo, uma mistura de terra ressecada, terras verdes, colinas ondulantes e árvores. Viktor pilotava o helicóptero, um Hind, que estava estacionado numa pista de concreto a alguns quilômetros do palácio. Ele conhecia a aeronave. Fabricado na Rússia o bimotor acionava um motor principal e um motor de cauda. Os soviéticos o chamavam de tanque voador. A Otan apelidou o helicóptero com cara de mau de Crocodilo, devido à cor de camuflagem e à fuselagem característica. No geral, um helicóptero de combate formidável, este fora modificado e tinha um grande compartimento traseiro para o transporte de tropas. Felizmente, conseguiram deixar o palácio e a cidade sem problemas.

— Onde aprendeu a pilotar? — ele perguntou a Viktor.

— Bósnia. Croácia. Era o que eu fazia nas forças armadas. Busca destruição.

— Ótimo lugar para fortalecer os nervos.

— E morrer.

Malone não podia negar.

— Qual a distância? — Cassiopeia perguntou pelo microfone acoplado aos fones de ouvido.

Estavam voando para o leste, a quase 100 quilômetros por hora, na direção da cabana de Ely, na Pamir. Zovastina logo estaria livre, se já não estivesse, então, ele perguntou:

— E se alguém estiver nos seguindo?

Viktor apontou para frente.

— Aquelas montanhas nos darão proteção. Difícil rastrear qualquer coisa ali dentro. Logo estaremos lá, e estamos a minutos da fronteira chinesa. É uma opção de fuga.

— Não finja que não me ouviu — disse Cassiopeia. — Qual a distância?

Malone evitara responder de propósito. Ela estava ansiosa. Ele queria dizer-lhe que sabia da doença. Avisar que alguém se importava. Que sentia sua frustração.

Mas sabia que não era assim. Em vez disso, falou:

— Vamos o mais rápido possível. — Fez uma pausa. — Mas provavelmente é melhor do que estar amarrada a árvores.

— Acho que eu nunca vou superar isso.

— Pois é.

— OK, Cotton, estou um pouco agitada. Mas você tem que entender achei que Ely estivesse morto. Queria que estivesse vivo, mas eu sabia... eu

achava... — ela se conteve. — E agora...

Ele se virou e viu um olhar animado, que o estimulou e entristeceu. Então, se conteve e terminou a frase.

— E agora Ely está com Stephanie e Henrik, portanto, acalme-se.

Cassiopeia estava sentada sozinha na cabine traseira. Viu-a dar um tapinha no ombro de Viktor.

— Você sabia que Ely estava vivo?

Viktor balançou a cabeça.

— Eu a provoquei no barco, em Veneza, quando disse que Ely morreria. Tinha que dizer alguma coisa. A verdade é que o salvei. Zovastina achou que, talvez, alguém pudesse atacá-lo. Ele era seu consultor, e assassinos políticos são comuns na Federação. Queria que Ely fosse protegido. Depois desse atentado contra a vida dele, resolveu escondê-lo. Não tive mais nenhum envolvimento com ele desde então. Embora eu fosse chefe da segurança, era Irina quem comandava. Então, não sei o que aconteceu de fato. Aprendi a não perguntar, só fazer o que ela mandava.

Malone notou a observação no passado em relação ao emprego de Viktor.

— Irina o matará se o encontrar.

— Eu conhecia as regras antes de tudo isso começar.

Continuaram voando reto e suave. Malone nunca andara num Hind.

A instrumentação era impressionante, assim como o poder de fogo. Mísseis guiados. Metralhadoras de canos rotativos. Canhões duplos.

— Cotton — perguntou Cassiopeia — você tem um meio de se comunicar com Stephanie?

Não era uma pergunta que quisesse responder no momento, mas não tinha escolha:

— Tenho.

— Entregue para mim.

Ele encontrou o world phone — edição especial Magellan Billet — entregue por Stephanie em Veneza, digitou o número e puxou o fone de ouvido. Alguns segundos se passaram, e um zumbido vibratório confirmou a conexão. A voz de Stephanie o saudou.

— Estamos indo para onde vocês estão — ele disse.

— Saímos da cabana — ela respondeu. — Estamos indo de carro por uma estrada sinalizada como M 45 até o que foi um dia o monte K limax. Ely sabe onde fica. Disse que os moradores chamam o local de Arima.

— Explique melhor.

Ele ouviu, depois repetiu os dados para Viktor, que fez um sinal de confirmação.

— Sei onde é.

Viktor inclinou o helicóptero para o sul e aumentou a velocidade.

— Estamos a caminho — disse a Stephanie. — Todo mundo aqui está bem.

Percebeu que Cassiopeia queria o telefone, mas não ia dá-lo. Fez que não com a cabeça, esperando que entendesse não ser aquele o momento.

Mas para tranquilizá-la, perguntou a Stephanie:

— Ely está bem?

— Sim, mas ansioso.

— Sei como é. Chegaremos lá antes de vocês. Eu ligo. Podemos fazer um reconhecimento aéreo até vocês chegarem.

— Viktor ajudou?

— Não estaríamos aqui agora se não fosse por ele.

Desligou e disse a Cassiopeia para onde Ely ia.

Um alarme soou na cabine.

Seu olhar encontrou o visor do radar que indicava dois alvos aproximando-se a oeste.

— Tubarões Negros — disse Viktor — vindo direto na nossa direção.

Malone conhecia esses helicópteros também. A Otan chamava-os de Hokums. KA-50s. Rápidos, eficientes, equipados com mísseis guiados e canhões de 30 mm. Sentiu que Viktor também tinha noção do tamanho da ameaça.

— Eles nos acharam rápido — disse Malone.

— Tem uma base aqui perto.

— O que pretende fazer?

Começaram a subir, a ganhar altitude, mudando o curso. Seis mil pés. Sete. Nove. Retomando a posição horizontal aos dez.

— Sabe como usar essas armas? — perguntou Viktor.

Malone encontrava-se sentado no banco do oficial de armas, então examinou o painel de instrumentos. Por sorte, sabia ler russo.

— Vou conseguir.

— Então, prepare-se para a briga.

SAMARCANDA

Zovastina observava seus generais analisarem o plano de guerra.

Os homens ao redor da mesa de conferências eram seus subordinados mais confiáveis, ainda que ela equilibrasse essa confiança com a percepção de que um ou outro poderia ser um traidor. Depois das últimas 24 horas, não podia mais ter certeza de nada. Todos esses homens a acompanhavam desde o começo, crescendo à medida que ela crescia, construindo com firmeza o poder ofensivo da Federação, preparando-se para o que estava prestes a acontecer.

— Tomaremos o Irã primeiro — ela declarou.

Conhecia os cálculos. A população atual do Paquistão era de 170 milhões. Do Afeganistão, 32 milhões. Do Irã, 68 milhões. Todos os três eram alvos. Originalmente, ela planejou ataques simultâneos, agora acreditava que um golpe estratégico seria melhor. Se os pontos de infecção fossem escolhidos com cuidado, em lugares de maior densidade, e o vírus introduzido com habilidade, os modelos virtuais previam uma redução de 70 por cento ou mais em 14 dias. Disse aos homens o que já sabiam e acrescentou:

— Precisamos de pânico total. Crise. Os iranianos têm que querer nossa ajuda. O que planejaram?

— Começaremos com as forças armadas e o governo — disse um dos generais. — A maior parte dos agentes virais age em menos de 48 horas. Mas vamos variar o uso de cada um. Eles identificarão um vírus razoavelmente rápido, mas aí terão outro para enfrentar. Isso os manterá desprevenidos e evitará qualquer reação médica.

Ela se preocupava com esse aspecto, mas não mais.

— Os cientistas me informaram que todos os vírus foram modificados, o que dificultou ainda mais a descoberta e a prevenção.

Oito homens cercavam a mesa, todos do seu exército e da sua força aérea. Por muito tempo, a Ásia Central definhou entre a China, a URSS, Índia e o Oriente Médio, sem fazer parte de nenhum, mas desejada por todos. O Grande Jogo havia se esgotado dois séculos atrás, quando a Rússia e a Grã-Bretanha travaram batalhas pela supremacia na região, sem se preocuparem com o que a população nativa queria.

Não era mais assim.

A Ásia Central agora se pronunciava de modo unificado por meio de

um parlamento democraticamente eleito, ministros, pleitos, tribunais e um código de leis.

Uma voz.

A dela.

— E os europeus e americanos? — perguntou o general. — Como vão reagir à nossa agressão?

— É isso que não pode acontecer — ela esclareceu. — Nada de agressão. Simplesmente vamos ocupar e ampliar o socorro e a assistência às populações envolvidas no combate. Estarão ocupados demais enterrando os mortos para se preocuparem conosco.

Aprendera com a História. Os conquistadores mais bem-sucedidos do mundo — os gregos, mongóis, hunos, romanos e otomanos — todos praticavam a tolerância nas terras que tomavam. Hitler teria mudado o curso da Segunda Guerra se simplesmente convocasse a ajuda de milhões de ucranianos, que odiavam os soviéticos, em vez de aniquilá-los.

Suas forças fariam o Irã entrar como salvador, não opressor, sabendo que quando os vírus terminassem o trabalho, não restaria oposição para desafiná-la. Então, anexaria o território. Repovoaria. Transferiria o povo das regiões arruinadas da União Soviética para as novas localidades. Faria uma mistura de raças. Exatamente o que Alexandre, o Grande, fizera com sua revolução helenística, só que ao contrário, com uma migração do Oriente para o Ocidente.

— Podemos ter certeza de que os americanos não vão intervir? — perguntou um dos generais.

Entendeu a apreensão dos homens.

— Os americanos não dirão nem farão nada. Por que se importariam? Depois do fiasco no Iraque, não vão interferir, especialmente se estivermos carregando o fardo. Ficarão animados com a perspectiva de eliminação do Irã.

— Quando atacarmos o Afeganistão, haverá mortes de americanos — observou um dos homens. — Os militares dos Estados Unidos ainda estão presentes.

— Quando chegar esse momento, tentaremos minimizar essas baixas — ela continuou. — Queremos que o resultado final seja a retirada dos americanos do país, à medida que obtivermos o controle. Presumo que será uma decisão bem aceita nos Estados Unidos. Lá usem um vírus que seja facilmente contido. Infecções estratégicas, direcionadas a grupos e regiões específicas. A maioria dos mortos têm que ser nativa, especialmente no Talibã, certifiquem-se de que os americanos sejam apenas consequência.

Ela procurou o olhar de cada um dos homens à mesa. Nenhum disse uma palavra sobre o hematoma em seu rosto — restos de sua luta com Cassiopeia Vitt. O espião estava presente? Como os americanos tinham descoberto tanto sobre suas intenções?

— Milhões estão prestes a morrer — um dos homens sussurrou.

— Milhões de problemas — Irina esclareceu. — O Irã é um criadour de terroristas. Um lugar governado por idiotas. É o que o Ocidente não se

cansa de repetir. Hora de acabar com esse problema, e temos o meio. Os que sobreviverem estarão melhor. Nós também. Ficaremos com seu petróleo e sua gratidão.

O que fizermos com eles determinará nosso sucesso.

Ela ouviu a discussão sobre capacidade de tropas, planos de contingência e estratégias. Esquadras de homens haviam sido treinadas para lidar com os vírus e estavam prontas para partir para o sul. Ficou satisfeita. Anos de expectativa finalmente chegavam a uma conclusão. Imaginou como Alexandre, o Grande, deve ter se sentido quando foi da Grécia à Ásia e deu início à sua conquista global. Assim como o imperador, ela também previa um sucesso absoluto. Uma vez que controlasse o Irã, o Paquistão e o Afeganistão, partiria para o resto do Oriente Médio. O domínio, no entanto, seria mais sutil, a violência viria teria que aparecer simplesmente como uma propagação das infecções iniciais. Se ela tivesse entendido bem o Ocidente, a Europa, a China, a Rússia e os Estados Unidos iriam se retirar e se fechar para restringir suas fronteiras. Reduzir viagens. Esperar que o desastre na saúde pública fosse contido em países com que, de modo geral, nenhum deles se importava. A inércia deles lhe daria tempo para tomar mais elos da cadeia de nações que se interpunham entre a Federação e a África. Jogando certo, ela poderia conquistar todo o Oriente Médio em questão de meses sem nunca dar um tiro.

— Temos o controle dos antiagentes? — Seu chefe do Estado-maior finalmente perguntou.

Ela estava esperando aquela pergunta.

— Teremos. — A paz inquietante que a ligava a Vincenti estava prestes a acabar.

— A Philogen não forneceu os suprimentos para tratar a nossa população — observou um dos homens. — Nem temos as quantidades necessárias para interromper a propagação do vírus nas nações-alvo, uma vez que a vitória estiver garantida.

— Estou a par do problema — replicou.

Um helicóptero aguardava.

Ela se levantou.

— Senhores, estamos prestes a dar início à maior conquista desde os tempos antigos. Os gregos vieram e nos derrotaram, prenunciando a Era Helenística, que acabou por moldar a civilização ocidental. Começaremos agora um novo despertar do desenvolvimento humano. A Era Asiática.

Cassiopeia apertou o cinto do banco de aço do compartimento traseiro. O helicóptero começou a balançar com as manobras evasivas de Viktor para confundir os perseguidores.

Sabia que Malone percebera que queria falar com Ely, mas também entendeu que aquele não era o momento. Estava grata por Malone ter se arriscado para ajudá-la. Como teria escapado de Zovastina sem ele? Teria sido difícil, mesmo com Viktor lá. Thorvaldsen havia lhe dito que Viktor era um aliado, mas também havia alertado quanto a suas limitações. Sua missão era permanecer encoberto, mas parecia que essa diretiva mudara.

— Estão atirando — Viktor informou pelo fone de ouvido.

O helicóptero inclinou-se para a esquerda, cortando o ar. O cinto a manteve segura contra o anteparo. Agarrou-se ao banco com as mãos. Estava resistindo a uma náusea crescente uma vez que, verdade seja dita, tinha tendência a enjoos em viagens. Geralmente evitava barcos, e aviões, desde que voassem reto, não eram um problema.

Aquilo, no entanto, era um problema. Seu estômago parecia rolar até a garganta à medida que mudavam constantemente de altitude, como um elevador fora de controle.

Não havia nada que pudesse fazer a não ser aguentar e esperar que Viktor soubesse o que estava fazendo.

Viu Malone operando os controles de armas e ouviu tiros de canhão dos dois lados da fuselagem. Olhou para o para-brisa na cabine do piloto e avistou flancos de montanhas surgindo entre as nuvens dos dois lados.

— Ainda estão aí? — Malone perguntou.

— Vindo rápido — disse Viktor. — E tentando atirar.

— Tudo de que não precisamos são mísseis.

— Concordo, mas lançá-los aqui dentro seria complicado para nós e para eles.

Saíram para céus mais claros. O helicóptero virou para a direita e mergulhou verticalmente.

— Temos que fazer isso? — Cassiopeia perguntou, tentando manter o estômago sob controle.

— Infelizmente — disse Malone. — Precisamos usar esses vales para despistá-los. Entrando e saindo, como num labirinto.

Ela sabia que Malone já havia pilotado jatos de combate e ainda tinha licença para pilotar.

— Tem gente que não gosta desse tipo de coisa.

— Fique à vontade para vomitar se quiser.

— Eu não lhe daria esse prazer. — Por sorte, ela não comera nada desde o almoço, no dia anterior, em Torcello.

Mais inclinações bruscas enquanto zuniam pelo céu vespertino. O ruído do motor parecia ensurdecedor. Ela só andara de helicóptero algumas vezes, nunca em situação de combate, nunca num voo que parecia uma montanha-russa tridimensional.

— Mais dois helicópteros no alcance do radar — avisou Viktor. — Ma estão ao norte.

— Para onde estamos indo? — perguntou Malone.

O Hind deu mais uma guinada abrupta.

— Para o sul — disse Viktor.

..*

Malone observava o monitor do radar. As montanhas eram um escudo e um problema para a localização de seus perseguidores. Os militares americanos contavam mais com satélites e aviões com Avacs para obter um quadro preciso. Felizmente, a Federação Asiática Central não usufruía dessas facilidades high-tech.

A tela do radar ficou vazia.

— Nada atrás de nós — disse Malone.

Ele tinha que admitir, Viktor sabia voar. Seguiam um caminho tortuoso pela Pamir, os rotores perigosamente próximos de precipícios cinzentos e íngremes. Ele nunca aprendera a pilotar um helicóptero, ainda que tivesse vontade, e não se via no controle de uma aeronave supersônica de combate há dez anos. Manteve a proficiência em voo de caças por alguns anos, depois da transferência para a Billet, mas tinha deixado o certificado expirar. Na época, não se importou. Agora, desejava que tivesse atualizado as habilidades.

Viktor manteve o helicóptero na posição horizontal a 6 mil pés e perguntou:

— Acertou alguma coisa?

— Difícil saber. Acho que só os forçamos a manter distância.

— O local para onde vamos fica a 150 quilômetros para o sul. Conheça Arima. Já estive lá, mas faz tempo.

— Só montanhas no caminho?

Viktor assentiu.

— E mais vales. Acho que posso ficar abaixo de qualquer radar. Esta área não é uma zona de segurança. A maior parte dos recursos de Zovastina está direcionada para o sul, nas linhas afgãs e paquistanesas.

Cassiopeia aproximou-se por trás deles.

— Acabou?

— Parece que sim.

— Pegarei um desvio — disse Viktor — para evitar outros conflitos. Va demorar um pouco mais, mas quanto mais para leste eu for, mais seguros

estaremos.

— Quanto tempo a mais vamos demorar? — perguntou Cassiopeia.

— Talvez meia hora.

Malone concordou e Cassiopeia não fez nenhuma objeção. Uma coisa era desviar de balas, mas mísseis aéreos eram outra muito diferente. O equipamento de ataque soviético, assim como seus mísseis, era de primeira. A sugestão de Viktor era boa.

Malone acomodou-se no banco e observou o avanço vulnerável de contrafortes arredondados. Ao longe, a névoa criava o efeito de um estádio formado por picos de ponta branca. Um rio cavava veias roxas entre as montanhas menores numa torrente lodosa. Tanto Alexandre, o Grande, quanto Marco Polo caminharam sobre aquela terra fuliginosa — o lugar já fora um campo de batalha. Territórios britânicos ao sul, russos ao norte, e chineses e afegãos a leste e oeste. Durante a maior parte do século XX Moscou e Pequim lutaram por controle, um testando o outro, estabelecendo, por fim, uma paz desconfortável, apenas a Pamir emergindo vitoriosa.

Alexandre, o Grande, escolheu seu último local de repouso com sabedoria.

Mas Malone questionou.

Ele estaria mesmo lá embaixo?

Esperando?

14H

Zovastina foi de Samarcanda até a propriedade de Vincenti num voo direto a bordo do helicóptero mais rápido que sua força aérea possuía.

A casa de Vincenti surgiu abaixo. Excessiva, cara e, assim como o dono supérflua. Permitir que o capitalismo cresça dentro da Federação pode não ser uma ideia inteligente.

Mudanças seriam necessárias. A Liga Veneziana teria que ser refreada. Mas uma coisa de cada vez.

O helicóptero aterrissou.

Depois que Edwin Davis deixou o palácio, ela mandou Kamil Revi entrar em contato com Vincenti e alertá-lo da visita. Mas o aviso atrasou o suficiente para dar tempo que suas tropas chegassem. Foi informada de que a casa agora estava protegida, então ordenou que seus homens voltassem nos helicópteros em que chegaram, deixando nove soldados. Os empregados da casa foram retirados. Ela não tinha nenhuma rixa com os moradores da região, que apenas tentavam ganhar a vida — sua rixa era com Vincenti.

Desceu do helicóptero e seguiu a passos firmes pela grama aparada até um terraço de pedra por onde entrou na mansão. Embora Vincenti achasse que ela não tinha interesse na propriedade, Irina acompanhou toda a construção. Cinquenta e três cômodos. Onze quartos. Dezesesseis banheiros. O arquiteto fornecera, por vontade própria, as plantas e projetos. Sabia do salão de jantar majestoso, das salas de estar elaboradas, da cozinha gourmet e da adega. A primeira vista, era fácil ver por que a decoração tinha custado algo com oito dígitos.

No vestibulo principal, dois de seus soldados vigiavam a entrada da frente. Outros dois homens estavam posicionados ao lado da escadaria de mármore. Tudo ali a fazia lembrar Veneza. E ela nunca gostou de relembrar fracassos.

Ela chamou a atenção de uma das sentinelas, que apontou para a direita com o fuzil. Desfilou por um corredor curto e entrou no que parecia ser a biblioteca. Três outros homens armados ocupavam o cômodo, junto com outro homem. Apesar de nunca terem se encontrado, sabia seu nome e sua origem.

— Sr. O'Conner, tem uma decisão a tomar.

O homem levantou-se do canapé de couro e ficou de frente para a ministra.

— Trabalha para Vincenti há muito tempo. Ele depende de você. E francamente, sem você, ele talvez não tivesse chegado tão longe.

Ela deixou o elogio ser absorvido, enquanto examinava o cômodo opulento.

— Vincenti vive bem. Fiquei curiosa, ele divide a riqueza com você?

O'Conner não disse nada.

— Deixe-me dizer algumas coisas que talvez você já saiba. No ano passado, a empresa de Vincenti teve um lucro líquido de 40 milhões de euros. Tem ações que valem mais de 1 bilhão de euros. Quanto lhe paga?

Nenhuma resposta.

— Cento e cinquenta mil euros. — Ela viu a expressão dele quando assmilou a verdade. — Bem, Sr. O'Conner, sei muitas coisas. Sei que j ameaçou, coagiu e até matou. Ele ganha dezenas de milhões e você recebe 150 mil euros. Vincent vive assim e você... — hesitou — simplesmente vive.

— Nunca reclamei — disse O'Conner.

Ela parou atrás da escrivaninha de Vincenti.

— Não. Não reclamou. O que é admirável.

— O que você quer?

— Onde está Vincenti?

— Não está. Foi embora antes da chegada dos seus homens.

Irina abriu um sorriso.

— Aí está. Mais uma coisa que faz tão bem. Mentir.

Ele deu de ombros.

— Acredite no que quiser. Seus homens com certeza fizeram uma busca na casa.

— Fizeram e, você está certo, não é possível encontrar Vincenti. Mas você e eu sabemos por quê.

Ela notou as belas esculturas em alabastro que decoravam a mesa. Estatuetas chinesas. Nunca se interessara por arte oriental. Ergueu uma das estatuetas. Um homem gordo e contorcido, seminu.

— Durante a construção desta monstruosidade obscena, Vincent incorporou passagens ocultas, para todos os efeitos, a serem usadas pelos empregados, mas você e eu sabemos para que elas realmente são utilizadas. Ele também tinha uma grande sala cortada da rocha abaixo de nós. É provavelmente onde está neste momento.

A expressão de O'Conner não se alterou.

— Então, como eu disse, Sr. O'Conner, o senhor tem escolha. Encontrarei Vincenti com ou sem o seu auxílio. Mas sua ajuda vai acelerar o processo e, devo admitir, o tempo é fundamental. Por isso estou disposta a negociar.

"Um homem como você seria útil. Habilidade. — Ela fez uma pausa. — Sem ganância. Então, essas são as suas alternativas: troca de lado ou fica com Vincenti?"

Já havia oferecido as mesmas alternativas a outros. A maioria era membro da assembleia, parte de seu governo ou oposição ascendente. Alguns não valiam a pena, muito mais fácil matá-los e resolver o assunto,

mas muitos revelaram-se convertidos valiosos. Eram todos asiáticos, russos ou alguma combinação dos dois. Aqui, ela mostrava a isca a um americano e estava curiosa para ver como o engodo seria recebido.

— Escolho você — disse O’Conner. — Como posso ajudá-la?

— Responda à minha pergunta.

O’Conner enfiou a mão no bolso e um dos soldados mirou o fuzil no mesmo instante. Ele mostrou rapidamente as mãos vazias.

— Preciso de uma coisa para responder à sua pergunta.

— Vá em frente — ela disse.

Ele apanhou um controle remoto prateado com três botões.

— Essas salas têm acesso por portas espalhadas pela casa. Mas a sala subterrânea só tem entrada por aqui. — Ele mostrou o aparelho.

— Um botão abre todos os portais em caso de incêndio. O outro ativa o alarme. O terceiro botão — apontou para o outro lado da sala e apertou — abre aquilo.

Um magnífico armário chinês girou, revelando um vestibulo pouco iluminado.

Irina sentiu o fervor da vitória.

Aproximou-se de um dos soldados e retirou um Makarov 9mm do coldre.

Em seguida, virou-se e acertou O’Conner na cabeça.

— De lealdade superficial eu não preciso.

As coisas iam mal e Vincenti sabia. Mas se ficasse firme, mantivesse a calma e fosse cuidadoso, aquilo poderia terminar. O'Conner saberia lidar com a situação, como sempre. Mas Karyn Walde e Grant Lyndsey eram outra história.

Karyn andava pelo laboratório como um animal enjaulado. Recuperava as forças, estimulada pela ansiedade.

— Precisa relaxar — ele disse. — Zovastina precisa de mim. Não farei nenhuma bobagem.

Sabia que os antiagentes iriam mantê-la na linha, motivo pelo qual nunca deixara que soubesse muito sobre eles.

— Grant, mantenha seu computador em segurança. As senhas protegem tudo, conforme discutimos.

Podia ver que Lyndsey ficara ainda mais ansioso que Karyn, mas se ela parecia estimulada pela raiva, ele era dominado pelo medo. Vincenti precisava do homem pensando com clareza, então disse:

— Estamos bem aqui embaixo. Fique sossegado.

— A ministra não gostava de mim desde o começo. Odiava ter que discutir problemas comigo.

— Ela pode tê-lo odiado, mas precisava de você, e ainda precisa. Use isso em vantagem própria.

Lyndsey não ouvia. Digitava algo no teclado sem parar, murmurando para si mesmo, em pânico.

— Vocês dois — ele disse, erguendo a voz. — Acalmem-se. Nenhum de nós sabe se ela está aqui.

Lyndsey ergueu a cabeça.

— Já faz muito tempo. O que os soldados estão fazendo aqui? Que diabos está acontecendo?

Boas perguntas, mas ele tinha que confiar em O'Conner.

— Aquela mulher que ela tirou do laboratório outro dia — disse Lyndsey. — Tenho certeza de que não chegou à Federação. Vi nos olhos dela. Zovastina ia matá-la.

Por diversão. Está pronta para chacinar milhões. O que somos para ela?

— Sua salvação.

Pelo menos era o que ele esperava.

Stephanie saiu da estrada por uma alameda pavimentada protegida por álamos altos, enfileirados como soldados. Tinham feito um bom tempo, percorrendo os 150 quilômetros em menos de duas horas. Ely comentou como as viagens haviam mudado nos últimos anos, com a prioridade destinada à qualidade das estradas na Federação, junto com a construção de túneis. Montanhas foram perfuradas para a formação de um novo sistema, diminuindo muito as distâncias de norte a sul.

— O lugar está diferente — disse Ely do banco de trás. — Faz dois anos que estive aqui. Esta estrada era de rocha e cascalhos.

— O asfalto é recente — ela disse.

Um fundo de vale fértil, marcado por pastagens, estendia-se além das árvores e terminava em colinas perfeitamente sinuosas que se erguiam de forma regular até formarem terras altas e, em seguida, montanhas. Viu pastores tomando conta de rebanhos de ovelhas e cabras. Cavalos vagavam livremente. A estrada seguia reta entre as árvores, levando-os para o leste, na direção de uma galeria distante de flancos prateados.

— Vimos aqui numa missão exploratória — disse Ely. — Muitos chids. A casa dos moradores locais, feita de pedra e gesso, com telhados planos. Ficamos numa delas. Havia uma pequena aldeia para lá, naquele vale. Mas não existe mais.

Ela não recebeu mais notícias de Malone, e não ousava tentar contatá-lo. Não fazia ideia de sua situação, além do fato de que havia conseguido libertar Cassiopeia e entrar em acordo com Viktor. Edwin Davis e o presidente Daniels não ficariam felizes, mas as coisas raramente aconteciam conforme o planejado.

— Por que está tudo tão verde? — perguntou Henrik. — Sempre pensei na Pamir como seca e estéril.

— A maior parte dos vales é, mas onde há água os vales às vezes ficam muito bonitos. Como um pedaço da Suíça. Tivemos tempos seco ultimamente com temperaturas elevadas. Muito acima do normal para a região.

No alto, através de uma linha fina de árvores, Stephanie avistou uma enorme estrutura de pedra no alto de um promontório gramado, com picos de montanhas sem neve ao fundo. A casa erguia-se em linhas verticais precisas, quebradas por arestas brucas cobertas por ardósia preta. O exterior era um mosaico de pedras planas em vários tons de marrom, prata e ouro. Janelas com barras verticais quebravam a simetria da fachada elegante, cada uma delineada por espessas cornijas, refletindo faixas de luz do sol da tarde. Três andares. Quatro chaminés de pedra. Andaimas cobriam um dos lados. A coisa toda a fazia lembrar-se de uma das muitas mansões espalhadas pelo norte de Atlanta, ou algo da Architectural Digest.

— Aquilo é uma casa — ela constatou.

— Que não estava aqui há dois anos. — observou Ely.

Thorvaldsen olhou pelo para-brisa.

— Parece que o novo dono de tudo isso é rico.

A residência ficava a cerca de 1 quilômetro, do outro lado de um vale

verde que subia regularmente na direção do promontório. Adiante, um portão de ferro bloqueava a passagem. Dois pilares de pedra, como minaretes compactos, suportavam um arco de ferro forjado que exibia a palavra "Attico".

— Sótão em italiano — disse Thorvaldsen. — Parece que o novo dono está ciente da designação local.

— Nomes de lugares são sagrados nesta parte do mundo — disse Ely — É uma razão pela qual os asiáticos odiavam os soviéticos. Eles mudaram todos os nomes.

É claro que voltaram a usar os nomes antigos quando a Federação foi criada. Outra explicação para a popularidade de Zovastina.

Stephanie procurou um meio de entrar em contato com a casa a partir do portão, uma campainha ou interfone, mas não viu nada. Em vez disso, dois homens saíram de trás dos minaretes. Jovens, magros, fardados, carregando AKs-74. Um apontou a arma, enquanto o outro abria o portão.

— Recepção interessante — disse Thorvaldsen.

Um dos homens aproximou-se do carro e fez um gesto, gritando alguma língua que ela não entendia.

Nem precisava.

Sabia exatamente o que ele queria.

..*

Zovastina entrou no corredor. Retirara o controle da mão fechada de O'Conner e o usou para fechar o portal. Havia uma série de lâmpada ligadas por fios e penduradas por soquetes a intervalos regulares. O corredor estreito terminava 10 metros adiante, numa porta de metal.

Aproximou-se e escutou.

Nenhum som vinha do outro lado.

Experimentou o trinco.

A porta se abriu.

O topo de uma escada de pedra, esculpida no leito de rocha, descia vertiginosamente.

Impressionante.

Seu adversário com certeza havia planejado com antecipação.

..*

Vincenti olhou no relógio. Já deveria ter recebido notícias de O'Conner. O telefone preso à parede fornecia ligação direta com o andar de cima. Ele resistiu e não ligou, por não querer se revelar. Haviam se abrigado ali há quase três horas, e ele estava morrendo de fome, ainda que seu estômago se revirasse mais de ansiedade do que de fome.

Mataria o tempo protegendo a informação nos dois computadores do laboratório. Também concluiu alguns experimentos que ele e Lyndsey conduziam para verificar se as archaea poderiam ser estocadas com

segurança a temperatura ambiente, pelo menos durante os meses necessários entre a produção e a venda. Concentrar-se nos experimentos ajudara em relação à apreensão de Lyndsey, mas Walde permanecia agitada.

— Jogue tudo no vaso — ele disse a Lyndsey — todos os líquidos. As soluções de manutenção. Amostras. Não deixe nada.

— O que estão fazendo? — perguntou Karyn.

Não estava com disposição para discussões.

— Não precisamos disso.

Karyn levantou-se da cadeira.

— É o meu tratamento? Me deu o suficiente? Estou curada?

— Saberemos amanhã ou depois.

— E se eu não estiver? O que vai acontecer?

Ele a observou com um olhar calculista.

— Você é terrivelmente exigente para uma mulher que estava morrendo.

— Responda. Eu estou curada?

Ele ignorou a pergunta e se concentrou na tela do computador. Alguns cliques no mouse e ele passou todos os dados para um pen drive. Em seguida, autorizou a codificação no disco rígido.

Ela o agarrou pela camisa.

— Foi você que veio até mim. Queria me ajudar. Queria Irina. Deu-me esperanças. Não me deixe no escuro.

Essa mulher acabaria virando mais problema do que valia. Mas decidiu ser conciliatório.

— Podemos produzir mais — disse com calma. — É fácil. E se precisarmos, podemos levá-la até onde as bactérias vivem e deixar você bebê-las. Funcionam assim também.

Mas suas garantias não pareceram satisfazê-la.

— Seu filho da puta mentiroso. — Ela o soltou. — Não acredito que estou nesta confusão.

Ele também não acreditava. Mas agora era tarde demais.

— Tudo terminado? — perguntou a Lyndsey.

O homem assentiu com a cabeça.

O barulho de vidro quebrando chamou a atenção de Vincenti. Virou-se e viu Karyn indo em sua direção com os restos de um frasco. Levou o punhal improvisado rente à sua barriga e parou, os olhos vivos de fervor.

— Preciso saber. Estou curada?

— Responda — disse uma nova voz. Ele virou-se para a saída do laboratório.

Irina Zovastina estava parada à porta, com uma arma.

— Ela está curada, Enrico?

Malone avistou uma casa a cerca de 3 quilômetros. Viktor os levara até lá, vindo do norte, depois de desviar para o leste e margear a fronteira chinesa. Ele examinou a estrutura e estimou 12 mil metros quadrados ou mais espalhados em três níveis. Estavam de frente para os fundos da casa, e a entrada ficava acima de um vale que abria um beco sem saída nas montanhas dos três lados. A casa parecia situada intencionalmente sobre um morro plano e rochoso diante da planície ampla. Andaimes cobriam um dos lados onde, parecia, pedreiros vinham trabalhando. Notou um monte de areia e um misturador de argamassa. Além do promontório, uma cerca de ferro estava sendo erguida, uma parte já de pé, outra, amontoada num canto. Nenhum operário. Nenhum segurança. Ninguém à vista.

Havia uma garagem com seis vagas isolada num canto, portas fechadas. Um jardim que mostrava sinais de trato zeloso crescia entre um terraço e o início de bosque que terminava na base de um dos picos. Das árvores brotavam as novas folhas da primavera.

— De quem é aquela casa? — perguntou Malone.

— Não faço ideia. Da última vez que estive aqui, talvez dois ou três anos atrás, ela não estava ali.

— É este o lugar? — perguntou Cassiopeia, olhando por cima de seu ombro.

— Aqui é Arima.

— Está quieto demais lá embaixo — disse Malone.

— As montanhas serviram de escudo para a nossa aproximação — observou Viktor. — O radar está livre. Estamos sozinhos.

Malone notou uma trilha definida que atravessava um pomar denso, depois subia a inclinação rochosa para desaparecer numa fenda sombria. Também viu o que parecia um cabo de eletricidade seguindo rocha acima, paralelo à trilha, preso rente ao chão.

— Parece que alguém está interessado naquela montanha.

— Notei isso também — disse Cassiopeia.

Ele disse:

— Precisamos descobrir quem é o dono da casa. Mas também precisamos estar preparados. — Ainda estava com a arma com que entrara no país. Mas tinha dado alguns disparos. — Tem armas a bordo?

Viktor fez que sim.

— No armário dos fundos.

Olhou para Cassiopeia.

— Pegue uma para cada um.

..*

Zovastina gostou de ver o choque no rosto de Lyndsey e de Vincenti.

— Achou que eu fosse tão burra?

— Maldita Zovastina — disse Karyn.

— Chega — Zovastina apontou a arma.

Karyn hesitou diante do desafio, em seguida recuou para a extremidade de uma das mesas. Zovastina voltou a atenção para Vincent de novo.

— Alertei-o quanto aos americanos. Disse-lhe que estavam vigiando. E é assim que demonstra gratidão?

— Espera que eu acredite nisso? Se não fosse pelos antiagentes, você já teria me matado há muito tempo.

— Você e sua Liga queriam um refúgio. Eu dei. Queriam liberdade financeira. Receberam. Queriam terras, mercados, formas de lavar seu dinheiro. Dei a vocês tudo isso. Mas não foi suficiente, não é?

Vincenti a encarava fixamente, parecendo preocupado em controlar a própria expressão.

— Parece que você tem uma prioridade diferente. Algo que, suponho, até mesmo sua Liga desconhece. Algo que envolve Karyn. — Ela notou claramente que Vincenti jamais assumiria qualquer alegação. Mas com Lyndsey era diferente. Então, concentrou-se nele. — E você faz parte disto também.

O cientista olhava-a sem disfarçar o pavor.

— Saia daqui, Irina — disse Karyn. — Deixe-o em paz. Deixe os dois Estão fazendo coisas admiráveis.

Ela foi tomada pelo espanto.

— Admiráveis?

— Ele me curou, Irina. Você, não. Ele. Ele me curou.

Sua curiosidade cresceu quando sentiu que Karyn poderia dar a informação que lhe faltava.

— O HIV não é curável.

Karyn riu.

— Esse é o seu problema, Irina. Acha que nada é possível sem você. C grande Aquiles numa jornada heroica para salvar seu amado. Assim é você. Um mundo de fantasias que só existe na sua mente.

Irina retesou o pescoço, e a mão que segurava a arma se enrijeceu.

— Eu não sou um poema épico — disse Karyn. — Isto é real. Não tem a ver com Homero, os gregos ou Alexandre. Tem a ver com vida e morte. Minha vida. Minha morte. E este homem — ela segurou Vincenti pelo braço —, este homem me curou.

— Que absurdo disse a ela? — Zovastina perguntou a Vincenti.

— Absurdo? — Karyn devolveu. — Ele encontrou. A cura. Uma dose me sinto bem como não me sentia há anos.

O que Vincenti havia descoberto?

— Não está vendo, Irina? — disse Karyn. — Você não fez nada. Ele fez tudo. Ele tem a cura.

Ela olhou fixamente para Karyn. Energia pura. Um emaranhado de emoções.

— Tem alguma ideia do que fiz para tentar salvá-la? Os riscos que corri? Você voltou para mim precisando de ajuda, e eu a ajudei.

— Não fez nada por mim. Apenas por si mesma. Via-me sofrer, queria que morresse...

— A medicina moderna não tinha nada a oferecer. Eu tentava encontrar algo que pudesse ajudar. Sua puta ingrata. — Ela elevou a voz com indignação.

A tristeza tomou conta do rosto de Karyn.

— Não entende, não é? Nunca entendeu. Uma posse. É só o que eu era para você, Irina. Algo que você podia controlar. Por isso a trai. Por isso busquei outras mulheres, e homens. Para mostrar-lhe que eu não podia ser dominada. Nunca entendeu e ainda não entende.

Seu coração rebelava-se, enquanto a mente concordava com o que Karyn dizia. Encarou Vincenti.

— Encontrou a cura para a Aids?

Vincenti enfrentou-a com raiva, sem responder.

— Diga — gritou. Ela tinha que saber. — Encontrou o fluido de Alexandre? O local dos citas?

— Não faço ideia do que seja isso — respondeu. — Não sei nada sobre Alexandre, os citas ou o fluido. Mas Karyn está certa. Há muito tempo encontrei uma cura na montanha atrás da casa. Um curandeiro da região me falou sobre o local. Chamava-o, na sua língua, de Arima, o sótão. É uma substância natural que pode nos deixar ricos.

— Essa é a questão? Um modo de ganhar mais dinheiro?

— Sua ambição será a ruína de todos nós.

— Então, tentou me matar? Deter-me? No entanto, alertou-me. Perdeu a coragem?

Ele balançou a cabeça.

— Decidi usar um meio melhor.

Ela se lembrou do que Edwin Davis dissera e se deu conta da verdade. Fez um gesto na direção de Karyn.

— Você ia usá-la para me desacreditar. Fazer o povo voltar-se contra mim. Primeiro, curá-la. Em seguida, usá-la. Depois, o quê, Enrico? Matá-la?

— Você não me ouviu? — disse Karyn. — Ele me salvou. Zovastina já não se importava mais. Receber Karyn de volta fora um erro. Correria muitos riscos por causa dela. E tudo em vão.

— Irina — gritou Karyn —, se o povo desta maldita Federação soubesse quem você é de fato, ninguém a ouviria. Você é uma impostora. Uma impostora assassina.

Só está interessada na dor. Esse é o seu prazer. Dor. Sim, eu queria destruí-la. Queria que se sentisse tão pequena quanto eu me sinto.

Karyn era a única pessoa para quem abrira a alma, uma proximidade que nunca sentira com qualquer outro ser humano. Homero estava certo. O mal que já foi feito, até o tolo compreende. Então, ela atirou no peito de Karyn. E, mais uma vez, na cabeça.

..*

Vincenti esperava Zovastina agir. Ainda segurava o pen drive no punho esquerdo. Manteve essa mão apoiada na mesa à altura da cintura, enquanto, com a outra, abria lentamente a gaveta de cima. A arma que trouxera para baixo estava lá dentro.

Zovastina atirou em Karyn pela terceira vez. Ele pegou a arma.

..*

A raiva de Zovastina aumentava a cada vez que apertava o gatilho. As balas rasgavam o corpo macilento de Karyn, sibilando na parede de blocos atrás dela. A ex-amante não percebeu o que acontecia, morreu rapidamente, o corpo contorcido no chão, sangrando.

Grant Lyndsey permanecera sentado, em silêncio, durante toda a discussão. Ele não era nada. Uma alma fraca. Inútil. Vincenti, no entanto era diferente. Não cederia sem brigar, e percebia que estava prestes a morrer.

Então, ela virou a arma na direção dele.

A mão direita dele surgiu, segurando uma pistola.

Ela atirou nele quatro vezes, esvaziando o pente da arma.

Rosas de sangue brotaram na camisa de Vincenti.

Os olhos se viraram para cima e ele soltou a arma, fazendo um estrondo quando o corpo volumoso bateu no chão.

Dois problemas resolvidos.

Aproximou-se de Lyndsey e apontou a arma vazia para o rosto dele. A resposta foi um olhar horrorizado. Não importava que o pente estivesse vazio. A arma em si era um argumento mais que suficiente.

— Eu o avisei — lembrou ela — para ficar na China.

Stephanie, Henrik e Ely foram presos dentro da casa. Tinham sido levados do portão até a mansão, e seu carro colocado numa garagem separada. Nove soldados guardavam o interior. Stephanie não viu nenhum empregado. Estavam sendo mantidos no que parecia ser uma biblioteca, o cômodo espaçoso e elegante, com janelas altíssimas que emolduravam vistas panorâmicas do vale viçoso diante da casa. Três homens com AKs-74 e cabelos pretos tosados estavam de prontidão para atirar, um ao lado da janela, outro à porta e um terceiro perto de um armário oriental. Um corpo no chão, branco, meia-idade, talvez americano, com uma bala na cabeça.

— Nada disso parece bom — ela sussurrou para Henrik.

— Não consigo ver um lado positivo.

Ely parecia calmo. Mas vivia sob ameaça durante os últimos meses provavelmente ainda confuso, sem saber o que estava acontecendo, mas disposto a confiar em Henrik.

Ou, sendo mais realista, em Cassiopeia, que sabia estar por perto. Era óbvio que se importava com ela. Mas qualquer reencontro não aconteceria tão cedo. Stephanie esperava que Malone fosse mais cuidadoso do que ela tinha sido. O celular ainda estava no seu bolso. Curiosamente, mesmo tendo sido revistada, permitiram que ela ficasse com o aparelho.

Um clique atraiu sua atenção.

Virou-se e viu o armário oriental girar para dentro e parar no meio do caminho, revelando uma passagem. Um homem pequeno e meio careca, com ar malicioso e expressão preocupada, saiu do escuro seguido por Irina Zovastina, que segurava uma arma. O guarda deu espaço para a ministra suprema passar, recuando para as janelas. Zovastina apertou o botão de um controle, e o armário fechou a passagem. Em seguida, jogou o aparelho em cima do cadáver.

Zovastina entregou a arma a um dos guardas e pegou a AK-74 do soldado. Foi direto até Thorvaldsen e enfiou a coronha em seu estômago. C dinamarquês perdeu a respiração ao dobrar o corpo, e apertou a barriga com as mãos.

Stephanie e Ely foram ajudar, mas os soldados rapidamente apontaram as armas.

— Decidi — disse Zovastina — em vez de ligar, como você sugeriu, vi pessoalmente.

Thorvaldsen esforçou-se para respirar e endireitou o corpo, resistindo à dor.

— Bom saber... que causei uma... impressão tão forte...
— Quem é você? — Zovastina perguntou a Stephanie.
Ela se apresentou, acrescentando:

— Departamento de Justiça dos Estados Unidos.
— Malone trabalha para você?

Ela assentiu, mentindo:
— Trabalha.

Zovastina encarou Ely:

— O que esses espões lhe disseram?

— Que você é uma mentirosa. Que estava me prendendo contra a minha vontade, sem que eu sequer soubesse. — Ele fez uma pausa, talvez para juntar coragem. — Que você planeja uma guerra.

..*

Zovastina estava com raiva de si mesma. Tinha deixado a emoção dominá-la. Matar Vincenti foi necessário. Karyn? Lamentava tê-la matado ainda que não houvesse escolha.

Tinha que ser feito. A cura para a Aids? Como isso era possível? Eles estavam enganando? Ou simplesmente dando uma falsa impressão? Vincenti estava aprontando algo há algum tempo. Sabia disso. Por isso recrutou espões, como Kamil Revin, que a mantinham informada.

Olhou para os três prisioneiros e deixou claro para Thorvaldsen:

— Pode ser que, em Veneza, você soubesse mais do que eu, mas não mais.

Fez um gesto com o fuzil para Lyndsey.

— Venha cá.

O homem parecia enraizado ao chão, o olhar fixo na arma. Zovastina fez um gesto e um dos soldados o empurrou na direção dela. Ele caiu no chão e tentou se levantar, mas ela o interrompeu quando apoiou-se nos joelhos, encostando o cano da AK-74 entre seus olhos.

— Diga-me exatamente o que está acontecendo aqui. Vou contar até três. Um.

Silêncio.

— Dois.

Mais silêncio.

— Três.

..*

O pressentimento ruim de Malone piorava. Ainda sobrevoavam alguns quilômetros da casa, usando as montanhas como proteção. Nenhum sinal de atividade do lado de dentro ou de fora. Sem dúvida, a propriedade abaixo custara dezenas de milhões de dólares. Ficava numa região do mundo em que simplesmente não havia muitas pessoas que pudessem pagar por um luxo igual, exceto, talvez, a própria Zovastina.

— Esse lugar precisa ser examinado — concluiu.

Notou mais uma vez a trilha que ia até a montanha principal, e a tubulação rente ao chão. O calor da tarde dançava em ondas ao longo da face rochosa. Pensou mais uma vez no enigma de Ptolomeu. Escale os muros erguidos por deuses. Quando chegar ao sótão, fite o olho fulvo e ouse encontrar o distante refúgio.

Muros erguidos por deuses.

Montanhas.

Decidiu que não podiam continuar sobrevoando.

Então, tirou o fone de ouvido e pegou o telefone.

..*

Stephanie viu o homem ajoelhado soluçar incontrolavelmente, enquanto Zovastina contava até três.

— Por favor, Deus — gemeu. — Não me mate.

O fuzil ainda apontava para ele, e Zovastina insistiu:

— Diga-me o que eu quero saber.

— Vincenti estava certo. O que ele disse no laboratório. Elas vivem na montanha atrás daqui, subindo a trilha. Num lago verde. Ele pôs eletricidade e luz lá. Ele as encontrou há muito tempo. — Falava rápido, as palavras embaralhadas no furor da confissão. — Ele me contou tudo. Eu c

ajudei a modificá-las. Sei como agem.

— O que são elas? — Irina perguntou calmamente.

— Bactérias. Archaea. Uma forma de vida única.

Stephanie notou uma mudança de tom, como se o homem pressentisse uma nova aliada.

— Alimentam-se de vírus. Destroem-nos, mas não nos prejudicam. Por isso fizemos todos aqueles testes químicos. Para ver como agem sobre seus vírus.

Zovastina pareceu refletir sobre o que ouvia. Stephanie ouviu a referência a Vincenti e perguntou-se se a casa pertencia a ele.

— Lyndsey — replicou Zovastina — você está dizendo bobagens. Não tenho tempo...

— Vincenti mentiu a você sobre os antiagentes.

Isso a interessou.

— Você achou que houvesse um para cada zoonose. — Lyndsey balançou a cabeça. — Não é verdade. — Apontou para o lado oposto das janelas da sala, na direção dos fundos da casa. — Lá atrás. As bactérias do lago verde. Elas eram os antiagentes de todos os vírus que encontramos. Ele mentiu para você. Ele a fez pensar que existissem muitas medidas defensivas. Não existiam. Apenas uma.

Zovastina pressionou o cano da arma com mais força contra a testa de Lyndsey.

— Se Vincenti mentiu para mim. Então, você também mentiu.

O telefone no bolso de Stephanie soou.

Zovastina olhou.

— O senhor Malone. Finalmente. — A arma virou para sua direção. —
Atenda.

Stephanie hesitou.

Zovastina mirou o fuzil para Thorvaldsen.

— Ele não serve de nada para mim, a não ser para convencê-la a atender.

Stephanie abriu o celular. Zovastina aproximou-se e escutou.

— Onde vocês estão? — Malone perguntou.

Zovastina balançou a cabeça.

— Não chegamos ainda — respondeu Stephanie.

— Quanto tempo?

— Mais meia hora. É mais longe do que eu imaginava.

Zovastina acenou com a cabeça, aprovando a mentira.

— Nós chegamos — disse Malone. — Estamos olhando para a maior casa que já vi, especialmente no meio do nada. O lugar parece abandonado. Tem um caminho pavimentado, talvez 1 quilômetro ou mais, que vai da estrada até a casa. Estamos sobrevoando a alguns quilômetros atrás do local. Ely pode dar mais alguma informação? Tem uma trilha montanha acima que vai dar numa fenda. Devemos checar isso?

— Vou perguntar.

Zovastina assentiu mais uma vez.

— Ele disse que é uma boa ideia.

— Vamos dar uma olhada. Ligue-me quando chegar.

Stephanie desligou, e Zovastina recolheu o aparelho.

— Agora, vamos ver quanto Cotton Malone e Cassiopeia Vit realmente sabem.

Cassiopeia encontrou três armas no armário. Conhecia o modelo Makarov. Um pouco mais atarracada que uma Beretta padrão, mas, no geral, muito boa.

O helicóptero desceu e ela notou o chão aproximando-se rapidamente pelas janelas. Antes disso, Malone falou com Stephanie ao telefone. Pareceu que ainda não haviam chegado. Ela queria ver Ely. Muito. Saber se estava bem. Tinha sofrido por ele, mas não totalmente, sempre duvidando, sempre com esperanças. Isso acabou. Ela estava certa quanto a continuar a busca pelos medalhões de elefante. Certa em manter Irina Zovastina na mira. Certa em matar os homens em Veneza. Embora estivesse enganada quanto a Viktor, não sentia nenhum remorso por seu parceiro. Zovastina, e não ela, começara aquela batalha.

O helicóptero tocou o solo e a turbina começou a parar. O estrondo do motor foi substituído por um silêncio lúgubre. Cassiopeia abriu a porta do compartimento. Malone e Viktor começaram a sair. A tarde estava seca, o sol agradável, o ar quente. Olhou o relógio: 15h25. O dia estava sendo longo e não havia final à vista. Seu único sono tinha sido de poucas horas no avião de Veneza com Zovastina, mas tinha sido um cochilo desconfortável.

Ela entregou uma arma a cada homem.

Malone jogou sua outra pistola para dentro do helicóptero e enfiou a arma no cinto. Viktor fez o mesmo.

Estavam talvez a 150 metros dos fundos da casa, logo depois do pomar. A trilha que subia a montanha estendia-se à direita. Malone abaixou-se e tocou na espessa tubulação elétrica que seguia paralela ao caminho.

— O que tem lá? — Viktor perguntou.

— Talvez o que a sua ex-patroa esteja procurando.

..*

Stephanie foi conferir como Thorvaldsen se sentia quando Zovastina ordenou que dois soldados descessem até o laboratório.

— Tudo bem? — ela perguntou.

Ele assentiu.

— Já enfrentei coisas piores.

Mas ela ficou admirada. Ele passava dos 60, tinha a coluna torta e não estava no que ela considerava a melhor das formas.

— Não deveria ouvir essas pessoas — Zovastina disse a Ely.

— Por que não? É você que está apontando armas para todo mundo. Batendo em homens idosos. Vai querer bater em mim?

Zovastina deu uma risadinha.

— Um acadêmico que gosta de brigar. Não, meu amigo inteligente. Você e eu não precisamos brigar. Preciso que você me ajude.

— Então, pare com tudo isso, solte-os, e terá minha ajuda.

— Queria que fosse assim tão simples.

— Ela está certa. Não pode ser tão simples — disse Thorvaldsen. — Não se ela planeja uma guerra biológica. Um Alexandre dos tempos modernos, que vai matar milhões para conquistar tudo o que ele conquistou e mais ainda.

— Não zombe de mim — alertou Zovastina.

Thorvaldsen parecia imperturbável.

— Falo com você do jeito que eu quiser.

Zovastina ergueu a AK-74.

Ely pulou na frente de Thorvaldsen.

— Se quiser aquele túmulo — ele disse —, baixe a arma.

Stephanie perguntou-se se aquela déspota desejava tanto o antigo tesouro a ponto de deixar que a desafiassem abertamente na frente de seus homens.

— Sua utilidade está diminuindo rapidamente — Zovastina deixou claro.

— O túmulo pode muito bem estar a uma breve caminhada daqui — disse Ely.

Stephanie admirou a determinação dele. Ele balançava um pedaço de carne para um leão fora da jaula, na esperança de que a fome intensa superasse o desejo instintivo de atacar. Mas parecia ter fígado Zovastina perfeitamente.

Ela baixou a arma.

Os dois soldados voltaram carregando uma torre de computador em cada braço.

— Está tudo aí — disse Lyndsey. — Os experimentos. Dados. Metodologia para lidar com as archaea. Tudo codificado. Mas posso desfazer isso. Só eu e Vincenti sabemos as senhas. Ele confiou em mim. Contou-me tudo.

— Existem especialistas capazes de decodificar qualquer coisa. Não preciso de você.

— Mas levaria muito tempo para que outros copiassem a química necessária para lidar com as bactérias. Vincenti e eu trabalhamos nisso nos últimos três anos.

Você não tem tempo. Não tem o antiagente.

Stephanie percebeu que o covarde insensato oferecia sua única garantia.

Zovastina vociferou algo numa língua que Stephanie não falava, e os dois homens que carregavam os computadores saíram da sala. Em seguida, fez um gesto com a arma, mandando-os seguir os homens.

Caminharam pelo corredor até o vestibulo principal, e continuaram até os fundos da parte térrea. Mais um soldado apareceu, e Zovastina perguntou algo no que parecia ser russo. Os homens fizeram que sim com a cabeça e apontaram para uma porta fechada.

O grupo foi parado diante da porta. Depois que a abriram, ela, Thorvaldsen, Ely e Lyndsey entraram, e a porta foi fechada.

Stephanie examinou a prisão.

Um armário de dispensa vazio, talvez 2x3 metros, revestido de madeira sem acabamento. O ar cheirava a antisséptico. Lyndsey jogou-se contra a porta e bateu contra a madeira espessa.

— Eu posso ajudá-la — ele gritou. — Deixem-me sair daqui.

— Cale a boca — Stephanie ordenou.

Lyndsey ficou quieto.

Ela refletiu sobre o apuro em que estavam, a mente voando. Zovastina parecia estar com pressa. Preocupada.

A porta se abriu novamente.

— Graças a Deus — disse Lyndsey.

Zovastina ainda segurava firme a AK-74.

— Por que está fazendo... — começou Lyndsey.

— Concordo com ela — disse Zovastina. — Cale a boca. — Zovastina fixou o olhar em Ely. — Preciso saber. Este é o local do enigma?

Ely não respondeu de imediato, e Stephanie se perguntou se era coragem ou insensatez o que alimentava a obstinação. Finalmente, ele disse:

— Como eu poderia saber? Fiquei trancado naquela cabana.

— Veio da cabana direto para cá — disse Zovastina.

— Como sabe disso? — ele perguntou.

Mas Stephanie sabia a resposta. As peças se encaixaram, e ela percebeu o pior. Eles tinham sido enganados.

— Você mandou aquele guarda atirar nos pneus do nosso carro. Queriu que pegássemos este carro. Era rastreável.

— O modo mais fácil que encontrei para ver o que vocês sabiam. Fu alertada de sua presença na cabana pela vigilância eletrônica que mandei instalar em volta.

Mas Stephanie matara o guarda.

— Aquele homem não fazia ideia.

Zovastina deu de ombros.

— Ele fez o trabalho dele. Se você se saiu melhor, ele errou.

— Mas eu o matei — ela disse, a voz cada vez mais alta.

Zovastina pareceu perplexa.

— Você se preocupa demais com algo que não significa nada.

— Ele não precisava morrer.

— Isso é problema seu. É problema do Ocidente. Não conseguem fazer o que precisa ser feito.

Agora, Stephanie sabia que a situação deles era pior do que imaginara, e, de repente, percebeu outra coisa. Isso incluía Malone e Cassiopeia. I sentiu que Henrik

Lera seus pensamentos desoladores.

Atrás de Zovastina passavam alguns homens de sua tropa, cada um carregando uma estranha geringonça. Uma delas foi colocada no chão, ao lado de Zovastina. Um funil saía da parte superior, e ela avistou rodas por baixo.

— A casa é grande. A preparação vai demorar um pouco.

— Para quê? — Ela perguntou.

— Para pegar fogo — respondeu Thorvaldsen.

— Isso mesmo — disse Zovastina. — Enquanto isso, vou visitar o Sr. Malone e a Srta. Vitt. Não saiam daqui.

E Zovastina bateu a porta.

Malone seguiu na frente, ladeira acima, e notou que alguém fizera degraus na rocha recentemente. Cassiopeia e Viktor o seguiram, ambos mantendo a atenção atrás deles.

A casa distante permaneceu silenciosa, e o enigma de Ptolomeu continuou martelando em sua cabeça. Escale os muros erguidos por deuses. O que faziam certamente se encaixava na imagem descrita, embora imaginasse que a escalada devia ser muito diferente no tempo de Ptolomeu.

A trilha ficou horizontal numa saliência da rocha.

A tubulação de eletricidade continuava fazendo um caminho sinuoso para dentro da fenda na parede rochosa. Estreita, mas transitável.

Quando chegar ao sótão.

Achou o caminho pela passagem.

Seus olhos não estavam acostumados à luz cada vez mais fraca e precisaram de alguns segundos para se ajustar. O caminho era curto, talvez 6 metros, e ele usou a tubulação como guia. O corredor terminava numa câmara maior. A fraca luz ambiente mostrava que o fio de eletricidade virava para a esquerda e terminava numa caixa de derivação.

Aproximou-se e viu quatro lanternas empilhadas no chão. Acendeu uma e usou o facho luminoso para examinar o local.

A câmara tinha cerca de 9 metros de comprimento e o mesmo ou mais de largura, o teto ficava a 6 metros de altura. Em seguida, notou dois tanques a cerca de 3 metros de distância um do outro.

Ouviu um clique e o ambiente ganhou vida com uma luz incandescente.

Virou-se e viu Viktor diante da caixa de distribuição.

Desligou a lanterna.

— Gosto de verificar as coisas antes de agir.

— Desde quando? — disse Cassiopeia.

— Olhem — disse Viktor, apontando para os tanques.

Ambos eram iluminados por luzes submersas alimentadas por cabos terrestres. O da direita tinha formato alongado e coloração marrom. O outro era luminoso, com uma fosforescência esverdeada.

— Fite o olho fulvo — disse Malone.

Aproximou-se do tanque marrom e notou que a água era clara como a de uma piscina, sendo que a cor vinha do matiz das rochas abaixo da superfície. Agachou-se. Cassiopeia abaixou-se ao lado. Ele sentiu a água.

— Quente, mas não demais. Como uma água morna de banho. Deve

dar vazão a fontes termais. Essas montanhas ainda estão ativas.

Cassiopeia levou os dedos molhados aos lábios.

— Sem gosto.

— Olhe o fundo.

Percebeu que Cassiopeia vira o que ele acabara de encontrar. Talvez a 3 metros, através da água cristalina, esculpido numa placa de rocha, na horizontal, havia uma letra Z.

Andou até o tanque verde. Cassiopeia o seguiu. Mais água clara como o ar, colorida pelas pedras matizadas. No fundo, a letra H.

— Do medalhão — ele disse. ZH. Vida.

— Parece que este é o local.

Notou que Viktor ficara perto da caixa de distribuição, não muito preocupado com a descoberta. Mas havia algo mais. Agora, ele sabia o que a última linha do enigma significava.

E ouse encontrar o distante refúgio.

Voltou ao tanque marrom.

— Lembra, no medalhão, e na parte de baixo do manuscrito que Ely encontrou. Aquele símbolo estranho. — Com o dedo, traçou o contorno no solo arenoso.



— Não conseguia determinar o que era. Letras? Dois Bs unidos a um A? Agora, sei exatamente o que é. Ali. — Apontou para a parede rochosa: 10 metros abaixo da superfície do tanque marrom. — Está vendo aquela abertura? Parece familiar?

Cassiopeia focalizou o que ele já havia encontrado. A abertura parecia dois Bs unidos a um A.

— Parece mesmo com o símbolo.

— Quando chegar ao sótão, fite o olho fulvo e ouse encontrar o distante refúgio. Sabe o que significa?

— Não, Malone. Conte-nos o que significa.

Ele virou-se.

Irina Zovastina estava parada na saída.

..*

Stephanie se posicionou perto da porta e tentou escutar algum som do lado de fora. Ouviu o zumbido de um motor elétrico, começando, parando, depois batendo na porta. Uma hesitação, em seguida, o sussurro mecânico retornou.

— É uma distribuição — disse Thorvaldsen. — Os robôs espalham a poção antes de explodirem e botarem fogo em tudo.

Ela notou um odor. Doce e enjoativo. Mais forte na parte de baixo da porta.

— Fogo grego? — perguntou.

Thorvaldsen assentiu, depois disse a Ely:

— Sua descoberta.

— Aquela puta louca vai fritar a gente — disse Lyndsey. — Estamos encurralados aqui.

— Diga alguma coisa que a gente não saiba — murmurou Stephanie.

— Ela já matou alguém com isso? — perguntou Ely.

— Não que eu saiba — disse Thorvaldsen. — Podemos ter a honra de ser os primeiros. Ainda que Cassiopeia certamente o tenha usado em benefício próprio em Veneza.

— O homem mais velho hesitou. — Ela matou três homens.

Ely pareceu chocado.

— Por quê?

— Para vingar a sua morte.

O rosto amigável do homem mais jovem endureceu, formando uma expressão de perplexidade.

— Ela estava sofrendo. Indignada. Assim que descobriu que Zovastin estava por trás dos acontecimentos, não houve como impedi-la.

Stephanie examinou a porta. Dobradiças de aço em cima e embaixo. Parafusos prendiam os pinos, e nenhuma chave de fenda à vista. Bateu com a mão na madeira.

— Vincenti é o dono desta monstruosidade? — perguntou a Lyndsey.

— Era. Irina atirou nele.

— Parece que ela está consolidando o poder — disse Thorvaldsen.

— Irina é uma imbecil — disse Lyndsey. — Há muito mais coisa acontecendo aqui. Eu podia ter ficado com tudo. Uma tremenda galinha dos ovos de ouro. Ele me ofereceu.

— Vincenti? — Stephanie perguntou.

Lyndsey assentiu.

— Você não está entendendo? — ela perguntou. — Zovastina está com aqueles computadores que têm os dados e tem os vírus. E você até já lhe contou que só existe um antiagente e onde pode ser encontrado. Você é inútil para ela.

— Mas ela precisa de mim, sim — ele replicou. — Ela sabe.

— Sabe o quê?

— Aquelas bactérias. Elas são a cura para a Aids.

Viktor ouviu a voz inconfundível de Zovastina. Quantas vezes lhe dera ordens com o mesmo tom ríspido? Ele ficara perto da saída, mais para o lado, fora do caminho de Malone e Vitt, escutando. Também fora do alcance da visão de Zovastina, uma vez que ela ainda não entrara na câmara iluminada, permanecendo na passagem escura.

Viu Malone e Vitt olharem para Zovastina. Nenhum dos dois entregou a presença dele. Lentamente, ele se aproximou da abertura da rocha. Segurou a arma firme com a mão direita e esperou o momento em que Zovastina entrasse para mirar a arma em sua cabeça.

Ela parou.

— Meu traidor. Queria saber onde você estava.

Ele notou que ela estava desarmada.

— Vai atirar em mim? — ela perguntou.

— Se me der motivo.

— Não tenho armas.

Isso o preocupava. E um olhar rápido na direção de Malone indicou que estava preocupado também.

— Vou checar — Cassiopeia disse, seguindo na direção da saída.

— Vai lamentar ter me atacado — Zovastina disse a Cassiopeia.

— Ficarei feliz em lhe dar a oportunidade para se vingar.

Zovastina sorriu.

— Duvido que o Sr. Malone, ou o meu traidor aqui, me permitissem o prazer.

Cassiopeia desapareceu na fenda. Alguns segundos depois reapareceu.

— Ninguém lá fora. A casa e o terreno ainda estão em silêncio.

— Então, de onde ela veio? — perguntou Malone. — E como soube que deveria vir para cá?

— Quando vocês se esquivaram dos meus emissários nas montanhas — disse Zovastina —, decidimos recuar e verificar para onde iam.

— De quem é a casa? — perguntou Malone.

— Enrico Vincenti. Ou, pelo menos, era. Acabei de matá-lo.

— Já vai tarde — disse Malone. — Se você não tivesse feito isso, eu o faria.

— E a razão para o seu ódio?

— Ele matou uma amiga minha.

— E também veio salvar a senhorita Vitt?

- Na verdade, vim para deter você.
- Isso pode ser problemático.
- Sua atitude confiante preocupou-o.
- Posso examinar os tanques? — ela perguntou.
- Malone precisava de tempo para pensar.
- À vontade.

Viktor baixou a arma, mas deixou-a pronta. Malone não tinha certeza do que estava acontecendo. Mas a situação apresentava problemas. Só havia um meio de entrada e saída. Isso nunca era bom. Zovastina foi até o tanque marrom e olhou para baixo. Em seguida, andou até o tanque verde.

— ZH. Dos medalhões. Eu queria saber por que P tolomeu acrescento as letras às moedas. Provavelmente, foi ele quem colocou essas esculturas no fundo dos tanques.

Quem mais teria feito isso? Engenhoso. Demorou muito para que seu enigma fosse decifrado. A quem temos que agradecer? Ao senhor, Sr Malone?

- Digamos que foi um trabalho em equipe.
- Homem modesto. Pena não termos nos conhecido antes e em outras circunstâncias. Adoraria que trabalhasse para mim.
- Tenho emprego.
- Agente americano.
- Na verdade, sou vendedor de livros.
- Zovastina riu.
- E tem senso de humor.

Viktor estava de prontidão, alerta, atrás de Zovastina. Cassiopeia vigiava a saída.

— Diga, Sr. Malone. Decifrou o enigma todo? Alexandre, o Grande está aqui? Estava prestes a explicar algo a Srta. Vitt, quando interrompi.

Malone ainda tinha a lanterna na mão. Resistente. Parecia à prova d'água.

— Vincenti espalhou luzes pelo local. Iluminou até os tanques. Não está curiosa para saber por que isso era tão importante para ele?

- Parece que não há nada aqui.
- É aí que você se engana.

Malone colocou a lanterna no chão e tirou o casaco e a camisa.

— O que está fazendo? — perguntou Cassiopeia.

Ele tirou os sapatos, meias e o celular e a carteira dos bolsos.

— Aquele símbolo esculpido na lateral do tanque. Ele leva ao distante refúgio.

— Cotton — disse Cassiopeia.

Entrou na água aos poucos. Quente, a princípio, mas depois o calor relaxou seus membros cansados.

— Vigiem a ministra — alertou Malone. Respirou fundo e mergulhou.

— A cura para a aids? — Stephanie perguntou a Lyndsey.

— Um curandeiro da região mostrou lagos na montanha a Vincent anos atrás, quando trabalhava para os iraquianos. Na época, ele descobriu que as bactérias destroem o HIV.

Notou que Ely escutava com uma atenção patente.

— Mas não contou a ninguém — disse Lyndsey. — Aguardou.

— O quê? — Perguntou Ely.

— A hora certa. Deixou o mercado crescer. Deixou a doença se espalhar. Esperou.

— Não pode estar falando sério — disse Ely.

— Ele estava prestes a revelar tudo.

Então, Stephanie entendeu.

— E você receberia parte dos lucros?

Lyndsey pareceu perceber a reserva em seu tom de voz.

— Não me venha com essa hipocrisia. Não sou Vincenti. Não sabia de nenhuma cura até hoje. Ele tinha acabado de me contar.

— E o que vocês iam fazer? — ela perguntou.

— Ajudar na produção. O que há de errado nisso?

— Enquanto Zovastina matava milhões? Você e Vincenti ajudaram a tomar isso possível.

Lyndsey balançou a cabeça.

— Vincenti disse que ia detê-la antes que ela fizesse qualquer coisa. Escondeu o antiagente. Ela não poderia agir sem isso.

— Mas agora ela tem o controle. Vocês são dois idiotas.

— Perceba, Stephanie — disse Thorvaldsen —, que Vincenti não fazia ideia de que houvesse qualquer outra coisa lá em cima. Comprou o terreno para preservar a fonte de bactérias. Deu o nome de acordo com a designação asiática. Parece que não sabia nada sobre o túmulo de Alexandre.

Ela já havia ligado os pontos.

— O fluido e o túmulo estão juntos. Infelizmente, estamos presos neste armário.

Pelo menos, Zovastina deixara a luz acesa. Ela examinara cada centímetro quadrado das paredes inacabadas e do chão de pedra. Nenhuma saída. E mais daquele odor enjoativo entrando por baixo da porta.

— Aqueles dois computadores têm todas as informações sobre a cura?

— Ely perguntou a Lyndsey.

— Não importa — ela disse. — Sair daqui é o que importa. Antes que as fogueiras comecem a queimar.

— Importa, sim — disse Ely. — Não podemos deixar que ela consiga esses dados.

— Ely, olhe à sua volta. O que podemos fazer a respeito?

— Cassiopeia e Malone estão lá fora.

— Verdade — disse Thorvaldsen. — Mas receio que Zovastina esteja um passo à frente deles.

Stephanie concordou, mas isso era problema de Malone.

— Tem uma coisa que ela não sabe — disse Lyndsey.

Ela pressentiu algo no tom de voz dele e não estava com paciência.

— Não tente negociar comigo.

— Vincenti copiou tudo num pen drive pouco antes de Zovastina aparecer. Ele o segurava quando ela atirou. Ainda está no laboratório. Com aquele pen drive e eu, vocês teriam o antiagente para as doenças e a cura.

— Pode ter certeza — replicou Stephanie — de que, embora você seja um FDP repugnante, se eu pudesse, tirava-o daqui.

Ela bateu na porta mais uma vez. — Mas não vai dar.

..*

Cassiopeia tinha um olho em Zovastina, a quem Viktor mantinha a distância com a arma, e um olho no tanque. Malone mergulhara há quase três minutos. Impossível que estivesse prendendo a respiração por tanto tempo.

Mas então, uma sombra apareceu sob a água e Malone saiu da abertura com o formato estranho, aparecendo na superfície e apoiando o braço na borda rochosa, a lanterna em uma das mãos.

— Você tem que ver isso — ele disse a ela.

— E deixá-los aqui? De jeito nenhum.

— Viktor está com a arma. Ele pode cuidar de Irina.

Ela ainda hesitou. Algo não lhe parecia certo. Podia estar com o pensamento em Ely, mas não alheia à realidade. Viktor era um desconhecido, ainda que, durante as últimas horas, um desconhecido útil. Pedacos de seu corpo estariam pendurados em duas árvores naquele momento se não fosse por ele. Mas mesmo assim...

— Tem que ver isso — Malone repetiu.

— Está lá? — disse Zovastina.

— Você não gostaria de saber?

Cassiopeia ainda vestia o macacão de couro justo de Veneza. Tirou a parte de cima e ficou com a de baixo. Pôs a arma no chão, fora do alcance de Zovastina, ao lado da de Malone. Um top preto cobria o peito, e ela notou o olhar de Viktor.

— Fique de olho em Irina — ela deixou claro.

— Ela não vai a lugar algum.

Cassiopeia entrou na água.

— Respire fundo e me siga — disse Malone.

Ela o viu mergulhar e passar pela abertura. Seguiu poucos metros atrás nadando através de um dos portais em forma de B. Olhos abertos, ela viu que estavam percorrendo um túnel rochoso, de cerca de um metro e meio de comprimento. O tanque ficava a cerca de 2 metros da parede da câmara, portanto, agora nadavam para dentro da montanha.

O fecho de luz da lanterna de Malone passeava pelo túnel, e perguntou-se quanto ainda faltava.

Então viu Malone subir.

E saiu da água ao seu lado.

A lanterna revelou outra câmara fechada, está em forma de domo, o calcário exposto riscado de sombras azul-escuras. Nichos cortados nas paredes tinham o que pareciam ser jarros de alabastro com tampas delicadamente esculpidas. No alto, o calcário sombrio apresentava aberturas, cortadas de forma irregular. Uma luz fria e prateada penetrava o salão imponente por meio de cada um dos portais, e os raios empoeirados dissolviam-se na rocha.

— Essas aberturas têm que apontar para baixo — disse Malone. — Está seco demais aqui dentro. Deixam passar a luz, mas não a umidade. Também ventilam naturalmente.

— Foram escavadas?

— Duvido. Acho que o local foi escolhido porque as aberturas existiam — Ele saiu do tanque. A água escorria das calças encharcadas. — Temos que ir rápido.

Ela saiu da água.

— Aquele túnel é a única coisa que une esta câmara à outra — ele disse. — Dei uma olhada rápida para me certificar.

— Com certeza explica por que nunca foi encontrada.

Malone usou a lanterna para reconhecer as paredes, e Cassiopeia viu desenhos quase apagados. Trechos incompletos. Um cavaleiro com sua carruagem, segurando um cetro e rédeas com uma das mãos, apertando a cintura de uma mulher com a outra. Um veado atingido por uma azagaia. Uma árvore sem folhas. Um homem a pé com uma lança. Outro homem andando na direção do que parecia ser um javali. O que restava de cor chamava a atenção.

O violeta do manto do caçador. O castanho da carruagem. Amarelo para os animais. Ela notou mais cenas na parede em frente. Um jovem cavaleiro com uma lança e uma coroa de louros nos cabelos, claramente no auge da juventude, prestes a atacar um leão já acossado por cães. Um fundo branco quase apagado com tons intermediários de amarelo-alaranjado, vermelho-claro e marrom misturado a tons de verde e azul.

— Eu diria que as influências são asiáticas e gregas — disse Malone. — Mas não sou nenhum especialista.

Ele moveu a luz por pedras quadradas como um assoalho de tacos. Uma passagem cheia de influências gregas — colunas caneladas e bases ornamentadas — surgiu na escuridão.

Ficou claro que Cassiopeia, estudante de engenharia antiga, reconhecera o estilo helenístico.

No alto, havia uma inscrição de letras gregas entalhadas.

— Por ali — ele disse.

Vincenti esforçou-se para abrir os olhos. A dor no peito atormentava seu cérebro. Cada respiração parecia um sacrifício. Quantas balas atingiram? Três? Quatro?

Não se lembrava. Mas, de algum modo, seu coração ainda batia. Talvez não fosse tão ruim ser gordo. Lembrava-se de ter caído, em seguida, ser tomado por uma escuridão profunda. Não chegou a disparar um tiro. Zovastina pareceu ter pressentido seu movimento. Quase como se quisesse que ele a desafiasse.

Forçou o corpo a rolar e agarrou a perna da mesa. O sangue escorria do peito, e uma nova onda de dor fez uma furadeira elétrica perfurar sua espinha. Esforçou-se ainda mais para respirar. A pistola não estava mais lá, mas notou que segurava outra coisa. Aproximou a mão do rosto e viu o pen drive.

Tudo por que ele havia trabalhado nos últimos dez anos estava em sua palma ensanguentada. Como Zovastina o encontrara? Quem o trairia: O’Conner? Ele ainda estava vivo? Onde estava? O’Conner era a única pessoa que sabia como abrir o armário do escritório.

Dois controles. Onde estava o dele?

Lutou para focar a vista e finalmente localizou o aparelho no chão de ladrilhos.

Tudo parecia perdido.

Mas talvez não.

Ele ainda vivia, e talvez Zovastina tivesse ido embora.

Reuniu forças e apanhou o controle. Devia ter preparado toda a segurança da casa antes de sequestrar Karyn Walde. Mas nunca imaginou que Zovastina o relacionaria ao desaparecimento dela — certamente não tão rápido — e nunca acreditou que se voltaria contra ele. Não tendo em vista o que a ministra havia planejado.

Ela precisava dele.

Ou não?

O sangue se acumulou na garganta, e cuspiu a secreção de gosto azedo. Um pulmão devia ter sido atingido. Mais sangue fez com que tossisse, o que espalhou novos raios de dor pelo corpo.

Talvez O’Conner pudesse chegar até ele.

Mexeu no controle e não conseguiu decidir qual dos três botões apertar. Um abria a porta no escritório. O outro abria todas as portas ocultas da casa. O outro ativava o alarme.

Não havia tempo para acertar.
Então, apertou os três.

..*

Zovastina olhava para o tanque marrom. Malone e Vitt haviam mergulhado há alguns minutos.

— Deve haver outra câmara — concluiu. Viktor permaneceu em silêncio.

— Abaixei essa arma.

Ele fez o que ela mandou. Irina encarou-o.

— Gostou de me amarrar às árvores? De me ameaçar?

— Você queria que parecesse que eu era um deles.

Viktor havia se saído melhor que suas expectativas, levando-os direto para o seu objetivo.

— Tem mais alguma coisa que eu precise saber?

— Eles parecem saber o que estão procurando.

Viktor tinha sido seu agente duplo desde quando os americanos recrutaram seus serviços pela segunda vez. Fora direto, e contou-lhe sobre sua situação complicada.

Durante o ano anterior, usou-o para selecionar o que ela queria que o Ocidente soubesse. Uma ação de controle perigosa, mas que havia sido forçada a manter devido ao interesse renovado de Washington em seu governo.

E tudo dera certo.

Até Amsterdã.

E até Vincenti decidir matar sua vigilante americana. Ela o encorajara a eliminar a espiã, na esperança de que Washington voltasse a atenção para ele. Mas o subterfúgio não funcionou. Por sorte, os logros de hoje tinham sido bem mais acertados.

Viktor informara de imediato a presença de Malone no palácio, e ela rapidamente pensou num modo de tirar o máximo de vantagem da oportunidade com uma fuga orquestrada do palácio. Edwin Davis fora uma tentativa do outro lado de desviar sua atenção, mas, sabendo que Malone estava lá, percebeu o artifício.

— Tem que haver outra câmara — repetiu, tirando os sapatos e o casaco. — Pegue duas daquelas lanternas e vamos ver.

..*

Stephanie ouviu um alarme ecoar pela casa, som abafado pelas paredes espessas que os encerravam. Seu olhar captou um movimento, e viu um painel abrir-se do outro lado do armário.

Ely saiu rapidamente do caminho da peça móvel.

— Uma passagem — exclamou Lyndsey.

Ela foi na direção da saída, desconfiada, e examinou a parte de cima.

Parafusos elétricos — conectados ao alarme. Tinha que ser. Do outro lado um corredor iluminado por lâmpadas. O alarme parou.

Todos ficaram parados, num silêncio contemplativo.

— O que estamos esperando? — perguntou Thorvaldsen. Ele atravessou o portal.

Malone guiou Cassiopeia pela passagem e viu-a olhar com admiração. A lanterna revelou esculturas que ganhavam vida nas paredes rochosas. A maioria das imagens era de um cavaleiro no auge da vida — jovem, vigoroso, lança na mão, louros no cabelo. Um friso mostrava o que parecia ser um grupo de reis prestando homenagem. Outro, uma caça a um leão. Ou ainda, uma batalha violenta. Em cada um, o elemento humano — músculos, mãos, rosto, pernas, pés, dedos — fora retratado com atenção minuciosa.

Nem uma sugestão de cor. Somente um prateado monocromático.

Voltou o fecho de luz para o centro da câmara em forma de tenda e para dois plintos de pedra que sustentavam um sarcófago de pedra. O exterior dos plintos era adornado com padrões de lótus e palmeiras, rosas, gavinhas, flores e folhas. Ele apontou para as tampas do caixão.

— Aquilo é uma estrela macedônia em cada tampa.

Cassiopeia agachou-se diante das tumbas e examinou as letras. Passou de leve os dedos sobre as palavras. ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΣ. ΗΦΑΙΣΤΙΩΝ.

— Não sei ler isso, mas tem que ser Alexandre e Heféstion.

Ele entendeu sua admiração. Mas havia uma questão mais urgente.

— Isso vai ter que esperar. Temos um problema maior. Ela se ergueu.

— O que é? — Perguntou.

— Tire essas roupas molhadas, e eu vou explicar.

..*

Zovastina pulou no tanque, seguida por Viktor, e nadou pela passagem que parecia tanto com o símbolo do medalhão de elefante. Ela havia notado a semelhança de imediato.

Braçadas leves a impeliam adiante. A água era relaxante, como os banhos nas saunas do palácio.

À sua frente, a parede rochosa se abria.

Ela emergiu.

Estava certa. Outra câmara. Menor que a do outro lado. Tirou a água dos olhos e viu que o teto alto parecia iluminado por trás, por uma luz ambiente que vazava das aberturas no alto da rocha. Viktor apareceu ao seu lado, e os dois saíram da água. Ela examinou o local. Murais desbotados decoravam as paredes. Dois portais abriam-se para mais escuridão.

Ninguém à vista.

Nenhum outro fecho de luz.

Aparentemente, Cotton Malone não era tão ingênuo quanto ela achava.

— Está bem, Malone — disse em voz alta. — Você está levando vantagem. Mas eu poderia ver primeiro?

Silêncio.

— Vou entender isso como um sim.

Sua iluminação dirigiu-se para o chão arenoso, reluzindo devido à mica, e avistou uma trilha molhada atravessando o portal à direita.

Entrou na câmara seguinte e viu dois plintos funerários. O exterior de ambos era adornado com entalhes e letras, mas ela não era fluente em grego antigo. Por isso havia contratado Ely Lund. Uma imagem chamou a sua atenção. Aproximou-se e soprou de leve os fragmentos que encobriam os contornos da figura. Pouco a pouco, um cavalo surgiu. Cinco centímetros de comprimento, talvez, com a crina em pé e a cauda erguida.

— Bucéfalo — sussurrou.

Ela precisava ver mais, então, disse para a escuridão:

— Malone. Vim aqui desarmada porque não precisava de armas. Viktor era meu, como você parece saber. Mas estou com os seus três amigos. Eu estava lá quando você ligou para eles. Ficaram dentro da casa, prestes a serem consumidos pelo fogo grego. Só achei que você gostaria de saber.

Ainda silêncio.

— Fique atento — ela sussurrou para Viktor.

Irina tinha chegado tão longe, ansiado por tanto tempo, se esforçado tanto para não ver. Deixou sua lanterna sobre a tampa de um dos sarcófagos, a que tinha o cavalo, e empurrou. Após um momento de esforço valioso, a placa grossa moveu-se. Mais alguns empurrões, e liberou uma abertura em forma de fatia de pizza.

Pegou a lanterna e, ao contrário do que ocorreu em Veneza, esperou não se decepcionar.

Havia uma múmia lá dentro. Mascarada e revestida de ouro.

Querida tocá-la, tirar a máscara, mas pensou melhor. Não desejava danificar os restos mortais.

Mas estava curiosa.

Seria ela a primeira pessoa, em mais de 2.300 anos, a olhar para os restos mortais de Alexandre, o Grande? Havia encontrado o conquistador e seu fluido? Parecia que sim. O melhor de tudo era que sabia exatamente o que fazer com os dois. O fluido seria usado para realizar as suas conquistas e, agora ela sabia, dar-lhe um lucro inesperado. A múmia, da qual não conseguia tirar os olhos, simbolizaria todos os seus feitos. As possibilidades pareciam infinitas, mas o perigo que a cercava trouxe seus pensamentos à realidade. Malone usava suas cartas com muito cuidado. Precisava fazer o mesmo.

..*

Malone viu a apreensão no rosto de Cassiopeia. Ely, Stephanie

Henrik estavam em perigo. Eles observaram do outro portal, o que Zovastina evitou, quando ela e Viktor seguiram a trilha molhada e entraram na câmara funerária.

— Como sabia que Viktor mentia para nós? — ela sussurrou.

— Experiência de 12 anos lidando com recursos aleatórios. Aquela coisa toda com você no palácio? Fácil demais. E algo que Stephanie me contou. Foi Viktor quem lhes contou sobre Vincenti. Por quê? Não faz nenhum sentido. A não ser que Viktor estivesse jogando dos dois lados.

— Eu deveria ter percebido isso.

— Como? Você não ouviu o que Stephanie me contou em Veneza.

Eles se esgueiravam raspando os ombros nus nas paredes oblíquas. Tinham tirado as calças e torcido a água para não deixar mais nenhum rastro. Depois de atravessarem os outros dois compartimentos da tumba, cheios de artefatos, recolocaram a roupa rapidamente e esperaram. A tumba tinha apenas quatro salas interligadas, nenhuma das quais era grande, duas das quais davam para o tanque. Zovastina muito provavelmente vivia um momento de triunfo. Mas a informação sobre Stephanie, Ely e Henri mudou as coisas. Fosse verdade ou não, a possibilidade prendeu a atenção dele. O que certamente era a intenção.

Ele olhou na direção do tanque. A luz dançava no ambiente fúnebre. Ele esperava que a visão do túmulo de Alexandre, o Grande, pudesse dar-lhe alguns minutos.

— Pronto? — ele perguntou a Cassiopeia. Ela fez que sim. Ele seguiu na frente. Viktor saiu do outro portal.

Stephanie notou que o aroma doce e enjoativo não era forte nas partes dos fundos, mas ainda se percebia. Pelo menos, não estavam mais presos. Várias voltas os levaram cada vez mais para dentro da casa, e ela não viu mais nenhuma saída aberta.

— Já vi como essa geringonça funciona — disse Thorvaldsen. — Uma vez que o fogo grego entrar em ignição, essas paredes queimarão rápido. Precisamos sair daqui antes que isso aconteça.

Ela sabia do dilema, mas as escolhas eram limitadas. Lyndsey ainda estava ansioso. Ely, impressionantemente calmo. Ele tinha a tranquilidade de um agente, não de um acadêmico, uma frieza que ela admirava, considerando o apuro em que se encontravam. Ela queria ser mais como ele.

— O que quer dizer com rápido? — Lyndsey perguntou a Thorvaldsen.
— Com que velocidade a casa pegará fogo?

— Rápido o suficiente para ficarmos encurralados aqui dentro.

— Então, o que estamos fazendo aqui?

— Você quer voltar para aquela dispensa? — ela perguntou.

Viraram mais uma vez, para uma passagem escura que a fez lembrar um corredor de trem. O caminho terminava logo acima, na base de uma escada íngreme, que subia. Nenhuma alternativa. Eles subiram.

..*

Malone parou.

— Vai a algum lugar? — Viktor perguntou.

Cassiopeia estava atrás dele. Ele se perguntou onde estaria Zovastina. A luz dançante era apenas uma manobra para fazer com que saíssem?

— Estamos pensando em sair.

— Não posso deixar.

— Se acha que pode me impedir, fique à vontade para...

Viktor pulou para cima dele. Malone desviou-se da investida e prendeu o agressor com os braços.

Os dois caíram no chão e rolaram.

Malone caiu por cima. Viktor tentava livrar-se. Malone segurou-o pela garganta e afundou o joelho no peito de Viktor. Rapidamente, com as duas mãos, ele empurrou Viktor para cima e bateu a base de sua cabeça no chão rochoso.

..*

Cassiopeia preparou-se para pular no tanque assim que Malone estivesse livre. Na mesma hora em que o corpo de Viktor ficou mole abaixo de Malone, um movimento no canto do seu campo de visão chamou sua atenção para o portal onde estavam escondidos.

— Malone — ela gritou.

Zovastina correu na direção dela.

Malone soltou Viktor e caiu na água.

Cassiopeia mergulhou atrás dele e nadou com força até o túnel.

..*

Stephanie chegou ao topo da escada e viu que havia opções de caminho. Esquerda ou direita? Virou para a esquerda. Ely seguiu para a direita.

— Aqui — gritou Ely.

Todos correram na direção dele e viram uma passagem aberta.

— Cuidado — disse Thorvaldsen. — Não deixe essas coisas borrifarem você. Fuja delas.

Ely fez que sim, depois apontou para Lyndsey:

— Você e eu vamos atrás daquele pen drive.

O cientista balançou a cabeça.

— Eu não.

Stephanie concordou.

— Não é uma boa ideia.

— Você não está doente.

— Aqueles robôs — disse Thorvaldsen — estão programados para explodir, e não sabemos quando.

— Não estou nem aí — disse Ely, elevando a voz. — Este homem sabe como curar a Aids. O patrão dele, que está morto, sabia disso há anos, mas deixou milhões de pessoas morrerem. Zovastina tem a cura agora. Não vou deixar que ela a manipule também. — Ely agarrou Lyndsey pela camisa. — Você e eu vamos pegar aquele pen drive.

— Você está louco — disse Lyndsey. — Louco de pedra. Vá até o tanque verde e beba a água. Vincenti disse que assim funcionava. Você não precisa de mim.

Thorvaldsen observou o homem mais jovem com atenção. Stephanie notou que talvez o dinamarquês estivesse vendo o próprio filho diante dele, jovem em toda a sua glória, ao mesmo tempo desafiador, corajoso e insensato. O filho dela, Mark, era assim também.

— Vou arrastá-lo até aquele laboratório — disse Ely.

Ela percebeu mais uma coisa.

— Zovastina foi atrás de Cotton e Cassiopeia. Ela nos deixou nesta casa por um motivo. Vocês a ouviram. Ela intencionalmente disse que essas máquinas demorariam algum tempo.

— Somos um seguro — disse Thorvaldsen.

— Iscas. Provavelmente para Cotton e Cassiopeia. Mas este cara — ele apontou para Lyndsey, — ela o quer. A falação dele fez sentido. Ela não tem tempo para verificar se um antiagente funciona, ou que ele está sendo sincero. Ainda que não admita, precisa dele. Voltará para salvá-lo antes que a casa pegue fogo. Podem contar com isso.

..*

Zovastina pulou no tanque. Malone levou a melhor na luta com Viktor, e Cassiopeia Vitt conseguiu enganá-la.

Se nadasse rápido, conseguiria alcançar Vitt no túnel.

..*

Malone apoiou as palmas e impulsionou o corpo para fora do tanque. Sentiu um movimento abaixo dele e viu Cassiopeia emergir. Ela saiu da água quente com habilidade e, encharcada, pegou uma das armas que estavam a poucos metros dali.

— Vamos — ele disse, recuperando os sapatos e a camisa.

Cassiopeia seguiu até a saída de costas, arma apontada para o tanque.

Uma sombra surgiu na água.

A cabeça de Zovastina encontrou o ar. Cassiopeia atirou.

..*

A primeira explosão mais assustou do que amedrontou Zovastina.

Quando abriu os olhos, ela viu Vitt mirando uma das armas direto nela. Mais um estrondo. Insuportavelmente alto. Ela voltou a afundar.

..*

Cassiopeia atirou duas vezes no tanque iluminado. A arma pareceu travar, então ela abriu o carregador, tirou um cartucho e introduziu um novo pente. Notou algo e olhou para Malone.

— Sente-se melhor? — ele perguntou.

— Festins? — ela perguntou.

— Claro. Cartuchos cheios de estopa. Imagino, para que haja recuo suficiente para pelo menos fazer o carregador funcionar parcialmente. Mas não o suficiente, é óbvio. Acha que Viktor nos daria balas?

— Nem pensei nisso.

— Esse é o problema. Você não está pensando. Podemos ir agora?

Ela jogou a arma no chão.

— É uma alegria trabalhar com você.

E os dois saíram da câmara.

Viktor esfregou a parte de trás da cabeça e esperou. Mais alguns

segundos, e ele entraria no tanque, mas Zovastina voltou, ofegando ao sair da água, e apoiou os braços na borda rochosa.

— Tinha me esquecido das armas. Eles nos encurralaram. A única saída está vigiada.

A cabeça de Viktor doía da batida, e lutava contra uma vertigem irritante.

— Ministra, as armas estão carregadas com festim. Troquei todos os pentes antes de fugirmos do palácio. Não achei que seria prudente dar-lhes armas carregadas.

— Ninguém notou?

— Quem verifica a munição das armas? Simplesmente supuseram que as armas de um helicóptero militar estariam carregadas.

— Bem pensado, mas poderia ter me dito.

— Tudo aconteceu tão rápido. Não deu tempo e, infelizmente, Malone deu uma bela pancada com o meu crânio nessas rochas.

— E a arma de Malone do palácio? Aquela estava carregada. Onde está?

— No helicóptero. Ele trocou por uma das nossas.

Viktor observou-a, enquanto ela pensava nas várias possibilidades.

— Precisamos tirar Lyndsey da casa. Ele é tudo o que nos restou aqui agora.

— E quanto a Malone e Vitt?

— Tenho homens à espera. E as armas deles estão carregadas.

Stephanie olhou pelo painel aberto que dava para um dos quartos da mansão. A decoração era primorosa, em estilo italiano, e silenciosa, a não ser por um zumbido mecânico diante da porta aberta que dava para o corredor do segundo andar.

Eles entraram no quarto pela passagem de trás.

Uma das máquinas de fogo grego passou zunindo pelo corredor, esguichando névoa. A cortina do quarto estava pesada, indicando que os robôs já haviam passado por lá.

— Estão regando a casa rapidamente — disse Thorvaldsen, ao seguir para a porta do corredor.

Estava prestes a dizer-lhe para tomar cuidado, quando o dinamarquês deu um passo para fora e ouviu uma nova voz, masculina e estrangeira.

Thorvaldsen ficou paralisado. Em seguida, ergueu os braços devagar.

Ely aproximou-se do ouvido dela:

— Um dos soldados. Mandou Henrik parar e levantar as mãos.

Thorvaldsen manteve a cabeça na direção do guarda, que parecia estar posicionado à direita deles, sem ter como ver dentro do quarto.

Ela havia se perguntado sobre os soldados, esperando que tivessem deixado a casa quando as máquinas começaram a patrulha. Mais palavras gritadas.

— E agora? — ela sussurrou.

— Ele quer saber se está sozinho.

..*

Malone e Cassiopeia desceram o declive com as roupas molhadas. Malone abotoou a camisa enquanto descia.

— Você podia ter dito que as armas não serviam para nada — Cassiopeia reclamou.

— E quando faria isso? — Ele saltou sobre as pedras e desceu mais rápido a ladeira íngreme.

A respiração logo ficou ofegante. Ele certamente não tinha mais 30 anos, mas o corpo de 48 não estava totalmente fora de forma.

— Eu não queria que Viktor sequer desconfiasse que sabíamos alguma coisa.

— E não sabíamos. Por que deixou a sua arma?

— Tinha que fazer o jogo dele.

— Você é excêntrico — ela replicou quando chegaram ao solo plano.

— Entenderei isso como um elogio, vindo de alguém que passou por Veneza com arco e flechas.

A casa ficava a um campo de futebol de distância. Ele ainda não via ninguém andando pela parte externa, e nenhum movimento no interior, pelas janelas.

— Precisamos verificar algo.

Correu na direção do helicóptero e pulou para dentro do compartimento traseiro. Encontrou o armário de armas. Quatro AKs-7 estavam de pé, com pentes de balas empilhados embaixo.

Examinou os projéteis.

— Tudo festim. — Bloqueadores de cano tinham sido inseridos cuidadosamente para acomodar a munição falsa e fazer com que os cartuchos fossem ejetados. — Ele pensou em tudo. Tenho que reconhecer.

Encontrou a arma que trouxera da Itália e checkou o pente. Cinco bala de verdade.

Cassiopeia apanhou um fuzil de assalto e colocou um pente.

— Ninguém mais sabe que isto é inútil. Servirá por enquanto.

Ele pegou uma das AK-74.

— Concordo. Percepção é tudo.

..*

Zovastina e Viktor saíram do tanque. Malone e Vitt não estavam mais lá.

Todas as armas estavam no chão arenoso.

— Malone é um problema — ela deixou claro.

— Não se preocupe — disse Viktor. — Devo uma a ele.

..*

Stephanie ouviu o soldado no corredor ainda gritando ordens para Thorvaldsen, a voz aproximando-se da porta. O rosto de Lyndsey se congelou em pânico, e Ely rapidamente tapou a boca do homem com a mão e o arrastou para o outro lado da cama de baldaquino, onde se agacharam para se esconder.

Com uma frieza que a surpreendeu, fixou o olhar numa estatueta de porcelana chinesa sobre a cômoda. Apanhou-a e foi para trás da porta.

Através da abertura das dobradiças, viu o guarda entrar no quarto. Quando ficou próximo, cravou a estatueta na sua nuca. Ele cambaleou, e ela concluiu o serviço com uma pancada na cabeça, para depois pegar o fuzil.

Thorvaldsen correu para perto e tomou a pistola.

— Esperava que você fosse improvisar.

— Eu esperava que esses homens tivessem ido embora.

Ely veio com Lyndsey.

— Bom trabalho — ela disse a Ely.

— Ele tem a firmeza de uma banana.

Ela examinou a AK-74. Havia estudado revólveres, mas fuzis de ataque eram outra coisa. Nunca havia atirado com um. Thorvaldser pareceu sentir sua hesitação e ofereceu sua arma.

— Quer trocar?

Ela não recusou.

— Sabe usar esse?

— Tenho um pouco de experiência.

Ela fez uma anotação mental para perguntar mais sobre isso depois. Aproximou-se da porta e espiou o corredor com cuidado. Ninguém nos dois sentidos. Foi na frente, e eles seguiram lentamente na direção do vestibulo do segundo andar, onde uma escada ia dar na entrada principal. Mais uma das máquinas de fogo grego apareceu atrás deles, disparando de um cômodo para o outro. Sua aparição repentina chamou a atenção dela por um momento, desviando-a do que estava à frente.

A parede à sua esquerda acabou, sendo substituída por um parapeito de pedra grossa.

Seu olhar encontrou um movimento abaixo.

Dois soldados.

Que reagiram de imediato, mirando os fuzis e atirando.

..*

Cassiopeia ouviu o ra-tá-tá-tá da arma automática disparando dentro da casa.

Seu primeiro pensamento foi Ely.

— Não esqueça — ele disse. — Só temos cinco balas de verdade. Desceram do helicóptero.

..*

Zovastina e Viktor saíram da fenda e examinaram o cenário alguns metros abaixo. Malone e Vitt corriam do helicóptero levando dois fuzis de ataque.

— Aqueles estão carregados? — ela perguntou.

— Não, ministra. Festim.

— É claro que Malone sabe, então os estão levando para impressionar. Tiros dentro da casa a alarmaram.

— Aquelas tartarugas vão explodir se forem danificadas — disse Viktor. Ela precisava de Lyndsey antes que isso acontecesse.

— Escondi balas de pistolas e pentes de fuzis a bordo — disse Viktor. —

Para o caso de precisarmos.

Ela admirou a prontidão dele.

— Você se saiu muito bem. Talvez tenha que recompensá-lo.

— Primeiro, precisamos acabar isto.

Ela apertou o ombro dele.

— Precisamos, sim.

Projéteis ricochetearam no parapeito espesso de mármore. Um espelho de parede foi estilhaçado, depois caiu no chão. Stephanie buscou proteção onde a balaustrada começava, os outros amontoaram-se atrás dela.

Mais balas destruíram o gesso à sua direita.

Por sorte, o ângulo lhes dava um elemento de proteção. Para conseguirem um tiro certo, os soldados teriam que subir a escada, o que também daria a ela uma oportunidade.

Thorvaldsen aproximou-se.

— Deixe-me tentar.

Ela recuou, e o dinamarquês mandou uma salva da AK-74 para o andar de baixo. Os tiros produziram o resultado esperado. Todos os tiros do térreo pararam.

Um robô reapareceu atrás deles, vindo de outro quarto. Ela não prestou atenção nele, até o zumbido do motor elétrico ficar cada vez mais alto. Virou a cabeça e viu o mecanismo aproximando-se do local em que Ely e Lyndsey estavam.

— Pare essa coisa — ela disse a Ely sem som.

Ele estendeu o pé e impediu a máquina de avançar. Ela sentiu um obstáculo, hesitou e borrifou gotículas na calça de Ely. Stephanie o viu estremecer com o odor, forte até de onde ela estava, a 2 metros.

A coisa se virou e seguiu na direção oposta. Mais tiros vieram de baixo, e o segundo andar foi atacado com tiros. Eles precisavam recuar e usar as passagens ocultas, mas antes que ela pudesse dar a ordem, à frente, do outro lado do corredor, um dos soldados surgiu de trás de uma parede.

Thorvaldsen o viu também, e antes que ela pudesse erguer a arma, ele derrubou o homem com uma rajada da AK-74.

..*

Malone aproximou-se da casa com cautela. Segurou firme a pistola com uma das mãos, o fuzil de ataque pendurado no outro ombro. Entraram por um terraço num salão luxuoso. Foi recebido por um cheiro familiar. Fogo grego.

Viu que Cassiopeia notou o perfume também. Mais tiros.

De algum lugar no térreo. Ele partiu na direção do tumulto.



Viktor seguiu Zovastina à medida que se aproximaram da casa. Haviam ficado escondidos, vendo Malone e Vitt entrarem. Muitos disparos lá dentro.

— Há nove guardas lá — disse Zovastina. — Eu disse a eles para não usarem as armas. Seis robôs estão rodando, prontos para explodir quando eu apertar isto.

Ela mostrou um dos controles remotos que ele usara muitas vezes para detonar as tartarugas. Ele se lembrou de um aviso importante.

— Se uma bala entrar em qualquer uma daquelas máquinas e desativá-la, desencadeará uma explosão, independentemente desse controle.

Viu que ela não precisava do lembrete, mas também não reagiu com a arrogância de costume.

— Então, teremos que ser cuidadosos.

— Não é conosco que estou preocupado.

..*

Cassiopeia estava ansiosa. Ely encontrava-se em algum lugar da casa, provavelmente preso, com fogo grego para todo lado. Ela tinha visto o poder de destruição daquela substância.

O desenho da casa era um problema. O piso térreo dava voltas como um labirinto. Ouviu vozes. Logo adiante, depois de outro salão cheio de quadros com molduras dourada.

Malone foi na frente.

Ela admirava sua coragem. Para alguém que reclamava o tempo todo por não querer jogar, era um ótimo jogador.

Entrando em outro cômodo que derramava charme barroco, Malone agachou-se atrás de uma cadeira com espaldar alto e sinalizou que ela fosse para a esquerda. Depois de uma arcada ampla, a 10 metros dali, ela viu sombras dançando nas paredes.

Mais vozes, numa língua que não conhecia.

— Preciso de uma distração.

Ela entendeu. Ele tinha balas, ela não.

— Só não atire em mim — ela disse sem emitir som, enquanto assumia posição ao lado da entrada.

Malone passou rapidamente para trás de outra cadeira que oferecia uma visão melhor. Ela respirou, contou até três e mandou o coração acelerado se acalmar. Aquilo era insensato, mas deveria ter um ou dois segundos de vantagem. Mirou o fuzil, deu um giro e plantou os pés na arcada. Dedos no gatilho, soltou uma saraivada de festins. Dois soldados

estavam do outro lado do vestibulo, armas apontadas para o parapeito do segundo andar, mas seus tiros produziram o efeito desejado.

Rostos espantados voltaram-se para ela.

Parou de atirar e jogou-se no chão.

Em seguida, vieram dois novos disparos, quando Malone atirou nos dois homens.

..*

Stephanie ouviu os tiros de pistola. Algo novo. Henrik estava agachado ao lado, dedo a postos no gatilho do fuzil.

Outros dois soldados apareceram no segundo andar, depois do local em que seu colega caíra, morto.

Thorvaldsen automaticamente atirou nos dois.

Ela começava a formar uma nova opinião sobre o dinamarquês. Sabia que era calculista, com uma consciência, mas também era sangue-frio, claramente preparado para fazer o que quer que fosse preciso.

Os corpos dos soldados voaram para trás quando os projéteis potentes dilaceraram a carne.

Stephanie viu o robô e ouviu os silvos ao mesmo tempo.

Uma das máquinas virara uma quina, atrás de dois soldados moribundos.

Balas haviam perfurado seu revestimento. O motor gaguejava e dava trancos, como um animal ferido. O funil foi recolhido.

Então, a coisa toda entrou em chamas.

Malone ouviu tiros vindos de cima, depois um swoosh seguido por uma onda intensa de calor artificial.

Percebeu o que acontecera, saiu de trás da cadeira, e correu para a arcada, enquanto Cassiopeia ficava de pé.

Olhou ao redor.

Chamas saíam do segundo andar, engolindo o parapeito de mármore e consumindo as paredes. O vidro das janelas altas externas se estilhaçou com o ataque do incêndio.

O chão pegou fogo.

..*

Stephanie protegeu-se das ondas de calor que passaram com ímpeto. O robô não chegou a explodir, foi vaporizado num lampejo que lembrou uma explosão atômica. Ela baixou o braço e viu o fogo se espalhar em todas as direções, como um tsunami — paredes, teto e até o chão sucumbindo.

A 15 metros e fechando o cerco.

— Venham — ela disse.

Fugiram do redemoinho que se aproximava, correndo rápido, mas as chamas ganhavam terreno. Ela percebeu o perigo. Ely tinha sido borrifado.

Ela olhou para trás.

Três metros e se aproximando.

A porta do quarto por onde saíram da passagem oculta estava aberta logo adiante. Lyndsey chegou primeiro. Ely em seguida.

Ela e Thorvaldsen entraram assim que o perigo chegou.

..*

— Ele está lá em cima — Cassiopeia disse para a cena do segundo andar pegando fogo, depois gritou — Ely.

Malone passou o braço em volta de seu pescoço e tapou sua boca.

— Não estamos sozinhos — sussurrou em seu ouvido. — Pense. Há outros soldados. E Zovastina e Viktor. Eles estão aqui. Pode ter certeza.

Ele soltou a mão.

— E eu vou atrás dele — ela deixou claro. — Eram aqueles guardas que estavam atirando neles. Quem mais?

— Não temos como saber.

— Então, onde estão? — ela perguntou ao fogo.

Ele fez um gesto, e eles recuaram para o salão. Ouviu móveis caindo e mais vidro se estilhaçando no alto. Por sorte, nenhuma das chamas desceu a escada, como no museu greco-romano. Mas um dos mecanismos de aceleração, como se detectasse o calor, apareceu do outro lado do vestibulo, criando uma preocupação.

Se um explodiu, outros poderiam também.

..*

Zovastina ouviu alguém gritar o nome de Ely, mas também sentiu o calor da desintegração do robô e sentiu cheiro de fogo grego queimando.

— Idiotas — sussurrou para seus soldados, em algum lugar da casa.

— Foi Vitt que gritou — disse Viktor.

— Encontre os nossos homens. Eu encontro Vitt e Malone.

..*

Stephanie localizou a porta oculta, ainda aberta, e guiou os outros para dentro, fechando-a rapidamente em seguida.

— Graças a Deus — disse Lyndsey.

Nenhuma fumaça havia se acumulado ainda na passagem oculta, mas ela ouviu o fogo tentando achar caminho através das paredes.

Recuaram para a escada e desceram para o térreo.

Ela ficou atenta para a primeira saída disponível e viu uma porta aberta logo adiante. Thorvaldsen também viu, saíram para o salão de jantar da mansão.

..*

Malone não podia responder a pergunta de Cassiopeia sobre o paradeiro de Stephanie, Henrik e Ely, e também estava preocupado.

— É hora de você parar de se envolver — Cassiopeia disse.

O mau humor de Copenhague voltara. Malone achou que uma dose de realidade poderia ajudar.

— Só temos três balas.

— Não. Não temos.

Passou por ele, apanhou os fuzis dos dois guardas mortos e verificou os pentes.

— Bastante munição. — Entregou-lhe um fuzil. — Obrigada, Cotton por me trazer aqui. Mas eu tenho que fazer isso. — Fez uma pausa. — Sozinha.

Malone viu que discutir com ela era inútil.

— Com certeza tem outro caminho lá em cima — ela disse. — Vou encontrá-lo.

Ele estava prestes a desistir de segui-la, quando um movimento à sua

esquerda acionou um alarme, e ele girou, a arma pronta.

Viktor apareceu no vão da porta.

Malone disparou a AK-74 e buscou abrigo de imediato no vestibulo. Não pôde ver se tinha acertado o homem, mas, olhando ao redor, de uma coisa sabia com certeza.

Cassiopeia não estava mais lá.

..*

Stephanie ouviu tiros vindos de algum lugar do térreo. O salão de jantar estendia-se diante dela num retângulo elaborado de paredes altas, um teto abobadado e janelas de vidro chumbado. Uma mesa longa com 12 cadeiras de cada lado dominava o ambiente.

— Precisamos sair daqui — disse Thorvaldsen.

Lyndsey saiu correndo, mas Ely o interrompeu e jogou o cientista no tampo da mesa, fazendo-o bater em algumas cadeiras.

— Eu disse que nós vamos ao laboratório.

— Você pode ir para o inferno.

A 10 metros deles, Cassiopeia apareceu à porta, toda molhada, parecia cansada e segurava um fuzil. Stephanie viu a amiga encontrar Ely. Ela havia se arriscado muito ao sair de Veneza com Zovastina, mas agora o risco tinha valido a pena.

Ely também a viu, e largou Lyndsey.

Atrás de Cassiopeia, Irina Zovastina apareceu e encostou-lhe o cano do fuzil na espinha.

Ely ficou paralisado.

As roupas e o cabelo da ministra suprema também estavam molhados. Stephanie cogitou desafiá-la, mas as chances mudaram quando Viktor e três soldados apareceram e apontaram as armas.

— Abaixem as armas — disse Zovastina. — Devagar.

Stephanie fixou o olhar em Cassiopeia e balançou a cabeça, sinalizando que aquela era uma batalha que não poderiam vencer. Thorvaldsen assumiu a iniciativa e colocou a arma sobre a mesa. Ela decidiu fazer o mesmo.

— Lyndsey — disse Zovastina. — Hora de você vir comigo.

— De jeito nenhum. — Ele começou a recuar, na direção de Stephanie.

— Não vou a lugar nenhum com você.

— Não temos tempo para isso — Zovastina disse, e fez um gesto para um dos soldados, que partiu para cima de Lyndsey, que recuava para onde o painel oculto permanecia aberto.

Ely fez um movimento como se fosse agarrar o cientista, mas quando o soldado chegou, empurrou Lyndsey para cima dele, correu para a passagem de trás e fechou a porta.

Stephanie ouviu armas serem erguidas.

— Não — gritou Zovastina. — Deixem-no ir. Não preciso dele, e o local está prestes a ser consumido pelo fogo.

Malone percorreu o labirinto de cômodos. Um após o outro. De corredor para quarto, para mais quartos. Não viu ninguém, mas continuou a sentir cheiro de fogo queimando nos andares de cima. A maior parte da fumaça parecia ter subido para o terceiro andar, mas não demoraria até que o ar ali ficasse pestilento.

Ele precisava encontrar Cassiopeia.

Para onde teria ido?

Ele passou por uma porta que dava para algo que parecia ser uma dispensa enorme. Olhou para dentro e notou algo incomum. Parte da parede inacabada estava aberta, revelando uma passagem oculta. Mais adiante, lâmpadas lançavam poças estagnadas de luz fraca.

Ouviu passos vindos de dentro da passagem.

Aproximando-se.

Segurou firme o fuzil e colou as costas na parede malcheirosa, do lado de fora da dispensa.

Passos mais rápidos continuavam vindo.

Preparou-se.

Alguém apareceu à porta.

Com uma das mãos, empurrou o corpo contra a parede, comprimindo a arma, dedo no gatilho, contra a mandíbula do homem. Olhos azuis furiosos o encararam, rosto mais jovem que o dele, bonito, sem medo.

— Quem é você? — perguntou.

— Ely Lund.

Zovastina estava satisfeita. Controlou Lyndsey, todos os dados de Vincenti, o túmulo de Alexandre, o fluido, e agora, Thorvaldsen, Cassiopei Vitt e Stephanie Nelle.

Só não tinha Cotton Malone e Ely Lund, nenhum dos quais tinham importância real para ela.

Estavam do lado de fora, seguindo para o helicóptero, dois dos soldados que restaram faziam os prisioneiros andarem sob a mira das armas. Viktor havia encontrado os outros dois soldados, os computadores de Vincenti e dois robôs que não usaram dentro da casa.

Ela precisava voltar a Samarcanda e supervisionar pessoalmente a ofensiva militar secreta que logo teria início. Suas tarefas ali haviam terminado com sucesso total.

Esperava há muito tempo que, se o túmulo de Alexandre fosse encontrado algum dia, estivesse dentro de sua jurisdição, e deu graças aos deuses que estava.

Viktor aproximou-se, carregando as torres dos computadores.

— Coloque-as no helicóptero — ela disse.

Viu-o guardá-las no compartimento traseiro, junto com os dois robôs, maravilhas da engenharia asiática, desenvolvidos por seus engenheiros. As bombas programadas funcionaram quase com perfeição, distribuindo o fogo grego com precisão apurada, e detonando diante do comando. Caras, também, portanto era cuidadosa com seu estoque e ficara feliz porque aquelas duas poderiam ser aproveitadas para a reutilização em outro lugar.

Entregou a Viktor o controle das máquinas ainda lá dentro.

— Dê um jeito na casa assim que eu sair. — Os andares de cima estavam todos em chamas, uma questão de minutos para que a casa toda virasse um inferno. — E mate todos eles.

Ele acenou que estava de acordo.

— Mas antes de ir, tenho uma dívida a pagar.

Deu a arma a Viktor, andou na direção de Cassiopei e disse:

— Você me fez uma oferta lá em cima, nos tanques. De me dar a chance de tirar a desforra.

— Eu adoraria.

Ela sorriu.

— Imaginei que sim.

- Onde estão os outros? — Malone perguntou a Ely, baixando o fuzil.
- Zovastina está com eles.
- O que você está fazendo?
- Eu escapei. — Ely hesitou. — Tem algo que preciso fazer.

Aguardou uma explicação, e era melhor que fosse boa.

- A cura para a Aids está nesta casa. Preciso pegá-la.

Nada mal. Entendeu a urgência daquela busca. Tanto para Ely quanto para Cassiopeia. À esquerda, um dos dragões cuspidores passou pela interseção entre os dois corredores.

Ele estava abusando da sorte, permanecendo dentro da casa. Mas ele precisava saber:

- Para onde foram os outros?

— Não sei. Ficaram no salão de jantar. Zovastina e seus homens estavam junto. Eu consegui entrar na parede antes que pudessem me seguir.

- Onde está a cura?

— No laboratório abaixo da casa. Há uma entrada na biblioteca, onde ficamos presos da primeira vez.

Não conseguia disfarçar a animação na voz. Insensatez, com certeza. Mas e daí? Essa parecia ser a história da vida dele.

- Vá na frente.

..*

Cassiopeia circulou Zovastina. Stephanie, Henrik e Lyndsey ficaram de lado, sob a mira das armas. A ministra suprema parecia querer um show, uma demonstração de coragem diante dos seus homens. Ótimo. Ela teria com quem lutar.

Zovastina atacou primeiro, envolvendo o pescoço de Cassiopeia com os braços e puxando sua coluna para frente. A mulher era forte. Mais do que imaginara. Zovastina jogou-se no chão com destreza e atirou Cassiopeia por cima, pelo ar.

Ela bateu no chão com força.

Ignorando a dor, ficou de pé com um pulo e enfiou o pé direito no peito de Zovastina, o que a atordoou. Usou o momento para sacudir os membros e fazer desaparecer a dor, depois deu o bote.

O ombro encaixou em coxas duras como pedra, e as duas mulheres caíram juntas no chão.

..*

Malone entrou na biblioteca. Não viram nenhum soldado no caminho cauteloso pelo piso térreo. A fumaça e o calor aumentavam. Ely correu na direção de um cadáver no chão.

- Zovastina atirou nele. Braço direito de Vincenti — disse Ely a

encontrar um controle prateado. — Usou isso para abrir o painel.

Ely apontou e apertou um dos botões. Um armário de parede chinês girou 180 graus.

— A casa parece um parque de diversões — Malone disse e seguiu Ely pelo corredor escuro.

..*

Zovastina fervilhava de raiva. Estava acostumada a ganhar. Na política. Na vida. Desafiou Vitt porque queria que aquela mulher soubesse quem era melhor.

Também queria que seus homens vissem que sua líder não tinha medo de ninguém. Verdade, havia poucos presentes, mas, há muito tempo, as histórias de poucos eram a base das lendas.

O espaço todo agora era dela. A casa de Vincenti seria demolida, e um memorial adequado seria construído em homenagem ao conquistador que escolheu o lugar como seu último local de repouso. Ele pode ter sido grego de nascimento, mas era asiático de coração, e era isso o que importava.

Girou as pernas e, mais uma vez, afastou Vitt com um empurrão, mas manteve uma pegada feroz, que usou para jogar a mulher para cima.

Seu joelho encontrou o queixo de Vitt. Um golpe que, ela sabia, lançaria ondas de choque pelo cérebro. Já sentira essa dor. Deu um soco forte no rosto de Vitt. Quantas vezes ela atacara um chopenoz em campo? Por quanto tempo carregara um boz pesado? Seus braços e mãos fortes estavam acostumados à dor.

Vitt oscilou de joelhos, entorpecida.

Como aquele nada ousava achar-se um igual? Vitt estava acabada. Pelo menos isso era claro. Nenhuma força lhe restava. Então, Zovastina colocou suavemente a ponta do salto contra a testa de Vitt e, com um empurrão, atirou a oponente com violência no chão.

Vitt não se mexeu.

Zovastina, ofegante e raivosa na mesma proporção, endireitou o corpo e tirou a terra do rosto. Virou-se, satisfeita com a luta. Nenhuma graça, humor ou compaixão podiam ser vistos em seu olhar. Viktor acenou com a cabeça sua aprovação. Olhares de admiração dominavam o rosto dos soldados.

Era bom ser uma lutadora.

..*

Malone entrou no laboratório subterrâneo. Estavam a pelo menos 10 metros abaixo do solo, cercados por leito de rocha com uma casa em chamas acima. O ar cheirava a fogo grego, e sentiu uma viscosidade familiar nos degraus durante a descida.

Parecia que eram feitas pesquisas biológicas ali, uma vez que havia diversos recipientes com luvas e uma geladeira com uma etiqueta brilhante

de aviso de risco biológico.

Ele e Ely hesitaram na entrada, ambos relutantes em arriscar-se a ir adiante. Sua relutância era alimentada por pacotes de um líquido claro espalhados sobre a mesa.

Tinha visto isso antes. Naquela primeira noite no museu greco-romano.

Havia dois corpos no chão. Um de uma mulher magra de roupão, e outro de um homem enorme com roupas escuras. Os dois tinham levado tiros.

— De acordo com Lyndsey — disse Ely. — Vincenti segurava o pen drive quando Zovastina o matou.

Precisavam resolver aquilo. Então, ele passou com cuidado em volta das mesas e olhou para o homem morto. Cento e quarenta quilos, no mínimo. O corpo estava de lado, um braço estendido, como se tivesse tentado se levantar. Quatro furos de bala no peito. Uma das mãos estava aberta, perto da perna da mesa, o outro punho fechado.

Usou o cano do fuzil para abrir os dedos.

— É isso — ele disse com ansiedade, abaixando e retirando o pen drive.

Ely fez Malone lembrar-se de Cai Thorvaldsen, embora só tivesse visto seu rosto uma vez, na Cidade do México, quando sua vida cruzou a de Henrik Thorvaldsen pela primeira vez. Os dois homens mais jovens teriam quase a mesma idade. Fácil ver por que Thorvaldsen se aproximara de Ely.

— Este lugar está pronto para pegar fogo — alertou.

Ely levantou-se.

— Cometi um terrível erro ao confiar em Zovastina. Mas ela era tão entusiasmada... parecia realmente apreciar o passado.

— Ela aprecia. Pelo que pode descobrir com ele.

Ely apontou para as roupas.

— Estou com essa coisa pelo corpo todo.

— Já estive assim. Passei por isso.

— Zovastina é louca. Uma assassina.

Ele concordou.

— Já que conseguimos o que queríamos, que tal não nos tornarmos uma de suas vítimas? — Fez uma pausa. — Além disso, Cassiopeia me comer: vivo se alguma coisa acontecer a você.

Zovastina embarcou no helicóptero, Lyndsey já estava com o cinto afivelado no compartimento, preso por uma algema ao anteparo.

— Ministra, não criarei problemas. Eu juro. Farei o que for preciso. Garanto. Não é preciso me prender. Por favor, ministra...

— Se você não calar a boca — ela disse calmamente. — Mando atirar em você agora.

O cientista pareceu perceber que o silêncio seria melhor e ficou quieto.

— Não abra a boca de novo.

Irina inspecionou o compartimento, que normalmente acomodava 12 homens armados. Os computadores de Vincenti e os dois robôs reserva estavam amarrados firmemente.

Cassiopeia Vitt ainda estava deitada no chão, e os prisioneiros eram vigiados pelos quatro soldados. Viktor ficara do lado de fora do compartimento.

— Você se saiu bem — disse a ele. — Quando eu sair, detone a casa e mate todas essas pessoas. Confio em você para manter o local seguro. Enviarei mais homens quando chegar a Samarcanda. Agora este local pertence à Federação.

Ela olhou para a mansão, os andares de cima totalmente em chamas. Logo, não haveria nada além de entulho. Já imaginava o palácio asiático que construiria ali. Se o túmulo de Alexandre seria revelado para o mundo, ainda resolveria. Precisava considerar todas as possibilidades, e uma vez que sozinha controlava a localização, a decisão era sua.

Encarou Viktor, olhou fixamente em seus olhos, e disse:

— Obrigada, meu amigo. — Viu o choque momentâneo no rosto dele, quando suas palavras de agradecimento foram absorvidas. — Não, eu nunca digo isso. Espero sempre que você faça o seu trabalho. Mas aqui, você se saiu excepcionalmente bem.

Olhou pela última vez para Cassiopeia Vitt, Stephanie Nelle e Henri Thorvaldsen. Problemas que logo seriam coisa do passado. Cotton Malone e Ely Lund ainda estavam na casa. Se já não estivessem mortos, estariam em alguns minutos.

— Vejo você no palácio — disse a Viktor, enquanto fechava a porta do compartimento.

Viktor viu a turbina ser acionada, e as hélices girarem. O motor aumentou para potência total. A poeira rodopiou no chão seco, e o helicóptero subiu para o céu do fim da tarde. Seguiu rapidamente na

direção de seus homens e ordenou que dois deles fossem para o portão principal da propriedade e controlassem a entrada. Mandou os outros dois vigiarem Nelle e Thorvaldsen.

Caminhou até Cassiopeia. O rosto da mulher tinha hematomas, o nariz sangrava. O suor escorria, deixando marcas encardidas.

Os olhos dela se abriram de repente, e ela segurou-lhe o braço com força.

— Veio terminar? — perguntou.

Ele tinha uma pistola na mão esquerda. Na direita, o controle das tartarugas. Colocou o aparelho no chão ao lado dela.

— É exatamente o que vim fazer.

O helicóptero de Zovastina decolou e partiu para o leste, em direção à casa e ao vale.

— Enquanto vocês lutavam, ativei as tartarugas que estão dentro do helicóptero. Estão programadas para explodir quando as que estão dentro da casa receberem o mesmo comando. — Ele apontou. — Esse controle fará isso acontecer.

Ele pegou o aparelho do chão.

Mas ele logo pôs a arma na cabeça dela.

— Cuidado.

..*

Cassiopeia olhou com raiva para Viktor, o dedo no botão. Conseguiria apertá-lo antes que Viktor atirasse nela? Talvez ele estivesse pensando a mesma coisa.

— Você tem que escolher — ele disse. — Seu Ely e Malone podem ainda estar na casa. Matar Zovastina também os mataria.

Ela tinha que confiar que Malone estava com a situação sob controle. Mas também percebeu outra coisa.

— Como é que alguém poderia saber quando confiar em você? Você jogou de todos os lados.

— Meu trabalho era terminar isto. É o que nós estamos prestes a fazer.

— Matar Zovastina pode não ser a resposta.

— É a única resposta. Ela não vai parar de outra maneira.

Refletiu sobre a afirmação. Ele estava certo.

— Faria isso eu mesmo — disse. — Mas achei que você fosse gostar de ter a honra.

— A arma na minha cabeça é para os outros verem? — ela perguntou discretamente.

— Os guardas não podem ver sua mão.

— Como saberei se quando fizer isso, você não vai atirar?

Ele respondeu honestamente:

— Não vai saber.

O helicóptero estava além da casa, acima do prado, talvez a 300 metros de altura.

— Se esperar mais — ele disse —, perderá o alcance do sinal.
Ela deu de ombros.
— Nunca achei que eu fosse viver muito mesmo.
E apertou o botão.

..*

Stephanie viu a 10 metros de distância, Viktor apontar a arma para Cassiopeia. Viu que havia colocado algo no chão, mas Cassiopeia virou o rosto e foi impossível saber o que estava acontecendo.

O helicóptero virou uma bola de fogo voadora.

Nenhuma explosão. Só uma luz radiante saindo para todos os lados, como uma supernova, o combustível volátil juntando-se rapidamente à mistura numa destruição que retumbou pelo vale. Pedacos de escombros em chamas foram lançados, depois choveram numa cascata flamejante. No mesmo instante, janelas do piso térreo da mansão se estilhaçaram, as molduras sendo preenchidas pelo fogo tempestuoso.

Cassiopeia levantou com a ajuda de Viktor.

— Parece que ele está ajudando-a — disse Thorvaldsen, notando a mesma coisa que ela.

Viktor apontou para os dois guardas e gritou ordens no que ela achou ser russo.

Os homens saíram correndo. Cassiopeia correu na direção da casa. Eles a seguiram.

..*

Malone chegou ao topo da escada atrás de Ely, entrando na biblioteca. Baques surdos ecoavam de algum lugar dentro da casa, e ele notou uma mudança na temperatura de imediato.

— Essas coisas foram ativadas.

Do lado de fora da biblioteca, o fogo ganhou vida. Mais batidas. Mais perto. Muito calor. Aumentando. Disparou até a porta e olhou para os dois lados. O corredor estava intransitável dos dois lados, as chamas consumiam o chão e seguiam em sua direção. Lembrou-se do que Ely havia dito. Estou com essa coisa pelo corpo todo.

Virou e examinou as janelas altas. Talvez 3x2 metros. Do outro lado, no vale, notou algo queimando ao longe. O fogo chegaria em alguns segundos.

— Me dê a mão.

Viu Ely enfiar o pen drive no bolso e pegar pela ponta um canapé pequeno. Malone pegou o outro. Juntos, eles os atiraram pela janela. O vidro foi estilhaçado onde os sofás passaram, abrindo caminho, mas restaram cacos demais para que eles pulassem.

— Use as cadeiras — ele gritou.

O fogo entrou rolando pela porta e começou o ataque contra as paredes da biblioteca. Livros e prateleiras explodiram. Malone pegou uma cadeira e

bateu contra o que restava da janela. Ely usou outra cadeira para arrancar as pontas que restavam.

O chão começou a queimar.

Tudo o que fora banhado pelo fogo grego podia ser identificado rapidamente.

Não havia mais tempo. Os dois pularam pela janela.

..*

Cassiopeia ouviu vidro quebrando quando ela, Viktor, Thorvaldsen e Stephanie corriam para perto da destruição. Viu um canapé voar para fora e bater no chão. Havia arriscado matar Zovastina com Malone e Ely ainda lá dentro, mas, como Malone diria: Certo ou errado, apenas faça algo.

Uma cadeira voou pela janela.

Em seguida, Malone e Ely pularam enquanto a sala atrás deles encheu-se de ondas de um laranja vivo.

A saída de Malone não foi tão graciosa quanto tinha sido em Copenhague. O ombro direito bateu no vidro e ele rolou. Ely também bateu com força e rolou algumas vezes, protegendo a cabeça com os braços.

Cassiopeia correu até eles. Ely olhou-a do chão. Ela sorriu e disse:

— Estão se divertindo?

— Mais ou menos como você. O que aconteceu com seu rosto?

— Levei uma surra bem dada. Mas eu ri por último.

Ela o ajudou a se levantar, e eles se abraçaram.

— Você está fedendo — ela notou.

— Fogo grego. Uma nova fragrância.

— E eu? — resmungou Malone, levantando-se e sacudindo a sujeira

— Nada de "como você está?" Bom que não virou torresmo?

Ela balançou a cabeça e o abraçou também.

— Quantos ônibus passaram por cima de você? — perguntou Malone, reparando no rosto dela.

— Só um.

— Vocês se conhecem? — perguntou Ely.

— Somos conhecidos.

Ela viu que Malone ficou carrancudo ao ver Viktor.

— O que ele está fazendo aqui?

— Acredite se quiser — ela disse —, mas ele está do nosso lado. Acho.

Stephanie apontou para o fogo ao longe e homens correndo na direção dele.

— Zovastina está morta.

— Foi terrível — disse Viktor. — Um acidente de helicóptero trágico Testemunhado por quatro de seus soldados. Ela terá um funeral glorioso.

— E Daniels terá que se certificar de que o próximo ministro supremo da Federação Asiática Central seja mais amigável — disse Stephanie.

Cassiopeia avistou pontos ficando cada vez maiores no céu a oeste.

— Temos companhia.

Viram a aeronave se aproximar.

— São nossas — disse Malone. — Apaches AH64 e um Blackhawk.

Os helicópteros de combate americanos mergulharam. Uma das portas de compartimentos do Apache se abriu e Malone viu um rosto conhecido.

Edwin Davis.

— Soldados do Afeganistão — disse Viktor. — Davis me disse que estariam por perto, monitorando as coisas, prontos caso fossem necessários.

— Sabem de uma coisa? — disse Stephanie. — Matar Zovastin daquele jeito pode não ter sido inteligente.

Cassiopeia sentiu a resignação na voz da amiga.

— O que foi?

Thorvaldsen deu um passo à frente.

— Os computadores de Vincenti e Lyndsey estavam naquele helicóptero. Você não sabe, mas Vincenti encontrou a cura para a Aids. Ele e Lyndsey a desenvolveram, e todos os dados estavam naqueles computadores. Havia um pen drive, que estava com Vincenti quando ele morreu. Mas, infelizmente... — o dinamarquês apontou para a casa incendiada — isso com certeza já era.

Cassiopeia viu um olhar malicioso se formar no rosto sujo de Malone. Também notou que Ely sorria. Os dois pareciam exaustos, mas a sensação de triunfo era contagiante.

Ely pôs a mão no bolso e abriu a mão.

Um pen drive.

— O que é isso? — ela perguntou, com esperança.

— Vida — disse Malone.

Malone admirava o túmulo de Alexandre, o Grande. Depois que Edwin Davis chegou, uma unidade especial do exército rapidamente tomou o controle da propriedade, desarmando os quatro soldados que restavam sem luta. O presidente Daniels autorizara a incursão, uma vez que Davis disse que duvidava que houvesse qualquer resistência oficial por parte da Federação.

Zovastina morrerá. Um novo dia começava.

Quando o local estava seguro e a escuridão começou a dominar as montanhas, todos subiram até os tanques e mergulharam no olho fulvo. Até Thorvaldsen, que queria desesperadamente ver a sepultura. Malone o ajudou a atravessar o túnel, e o dinamarquês, a despeito da idade e da deformidade, foi um nadador surpreendentemente forte.

Levaram as lanternas e luzes adicionais dos Apaches, e o túmulo agora estava radiante com iluminação elétrica. Ele olhou maravilhado para uma parede de tijolos esmaltados, os azuis, amarelos, laranjas e pretos ainda vibrantes após dois milênios.

Ely examinava três motivos de leões formados com grande habilidade a partir dos azulejos coloridos.

— Algo semelhante a isso revestia a Via das Procissões na antiga Babilônia. Temos resquícios. Mas aqui está um totalmente intacto.

Edwin Davis atravessara a nado com eles. Também queria ver o que Zovastina tanto cobiçara. Malone sentiu-se melhor sabendo que o outro lado do tanque era guardado por um sargento de operações em equipe e três soldados do exército dos Estados Unidos armados com carabinas M-4. Ele e Stephanie haviam informado Davis sobre os últimos acontecimentos, e Edwin começava a se entusiasmar com o conselheiro de Segurança Nacional interino, especialmente depois que ele previu sua necessidade de apoio e estava pronto para agir.

Ely parou ao lado dos dois sarcófagos. Na lateral de um deles havia uma única palavra esculpida. ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΣ. Mais letras adornavam o outro lado.

AIEN APIΣTEYEIN KAI
ΥΠΕΙΡΟΧΟΝ ΕΜΜΕΝΑΙ ΑΛΛΩΝ

— Este é o de Alexandre — disse Ely. — A inscrição mais longa é da Ilíada. Sempre ser o melhor e ser superior ao resto. A expressão de Homer

para o ideal heroico. Alexandre teria vivido de acordo com isso. Zovastina adorava a citação também. Usou-a muitas vezes. As pessoas que o colocaram aqui escolheram bem o epitáfio.

Ely indicou o outro caixão, com a inscrição mais simples.

ΗΦΑΙΣΤΙΩΝ
ΦΙΛΟΣ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ

— "Heféstion. Amigo de Alexandre." Amante não faria justiça à relação entre eles. Ser chamado de "amigo" era o elogio supremo para um grego, reservado apenas para o mais querido.

Malone notou que poeira e escombros haviam sido retirados da imagem do cavalo na sepultura de Alexandre.

— Zovastina limpou-o quando estivemos aqui — disse Viktor. — Ela ficou fascinada com a imagem.

— É Bucéfalo — disse Ely. — Tem que ser. O cavalo de Alexandre. Ela venerava o animal. O cavalo morreu durante a campanha asiática e foi enterrado em algum lugar nas montanhas, não muito longe daqui.

— Zovastina deu esse nome ao seu cavalo favorito também — comentou Viktor.

Malone correu os olhos pelo recinto. Ely chamou a atenção para vasos de ritual, um recipiente de prata para perfume, um copo de chifre em forma de cabeça de veado, até grevas de bronze com pedaços de couro, ainda presentes, que um dia protegeram a panturrilha de um cavaleiro.

— É deslumbrante — disse Stephanie.

Ele concordou.

Cassiopeia chegou perto de um dos caixões, a tampa semiaberta.

— Zovastina deu uma espada — disse Viktor.

As lanternas iluminaram uma múmia no interior.

Não é comum que não esteja em cartonagem — disse Ely. — Mas podem não ter tido a habilidade ou o tempo para fazer uma.

Lençóis de ouro cobriam o corpo do pescoço aos pés, cada um do tamanho de uma folha de papel. Havia outros espalhados pelo caixão. O braço direito estava dobrado sobre o abdômen. O braço esquerdo reto, o antebraço separado do braço. A maior parte do corpo estava enfaixada num abraço apertado, e sobre o peito parcialmente exposto havia três discos de ouro.



— A estrela macedônia — disse Ely. — O brasão de Alexandre Impressionantes. Belos exemplares.

— Como colocaram tudo isso aqui dentro? — Perguntou Stephanie. — Esses caixões são enormes.

Ely gesticulou para o recinto.

— Há 2.300 anos a topografia certamente era outra. Eu diria que havia outra entrada. Talvez os lagos não fossem tão altos, o túnel, mais acessível e não imerso em água. Não se sabe.

— Mas as letras no tanque — disse Malone. — Como é que elas foram parar ali? Com certeza não foram as pessoas que fizeram o túmulo que as colocaram lá. É como uma placa de neon para alertar as pessoas.

— Minha hipótese é que Ptolomeu tenha feito aquilo. Parte de seu enigma. Duas letras gregas no fundo de dois lagos escuros. Seu modo imagino, de marcar o local.

Uma máscara dourada cobria o rosto de Alexandre. Ninguém a tocar ainda. Finalmente, Malone disse:

— Por que não você, Ely? Vamos ver como é o rosto de um rei do mundo.

Ele viu o olhar de expectativa do homem mais jovem. Ely estudava Alexandre por muito tempo, aprendera o que pôde a partir das informações escassas que sobreviveram.

Agora, podia ser o primeiro, em 2 mil anos, a tocá-lo de verdade.

Ely removeu a máscara lentamente.

A pele que restara tinha uma coloração enegrecida e estava ressecada e quebradiça. A morte parecia ter chegado a um acordo com o semblante de Alexandre, os olhos semiabertos formando uma estranha expressão de curiosidade. A boca ia de um lado a outro do rosto, aberta, como se fosse soltar um grito. O tempo congelara tudo.

A cabeça não tinha cabelos, o cérebro que, mais do que qualquer outra coisa, foi a origem do sucesso de Alexandre, não estava mais lá.

Todos olharam em silêncio.

Finalmente, Cassiopeia mirou sua lanterna para o outro lado da sala, passando por um vulto sobre um cavalo, vestindo apenas uma longa capa pendendo de um ombro, para um busto de bronze notável. O rosto alongado e forte mostrava confiança, com olhos apertados e firmes, olhando para longe. O cabelo ia da testa para trás num estilo clássico e caía sobre os ombros em cachos irregulares. O pescoço reto e alto, a postura e o olhar de um homem que controlou totalmente seu mundo.

Alexandre, o Grande.

Um completo contraste com o rosto da morte no caixão.

— Em todos os bustos que vi de Alexandre — disse Ely — o nariz, lábios, testa e cabelo geralmente eram restaurados com gesso. Poucos sobreviveram ao tempo.

Mas aí está uma imagem, da época dele, em perfeito estado.

— E aqui está ele — disse Malone — em carne e osso.

Cassiopeia voltou-se para o caixão adjacente e lutou para abrir a tampa o suficiente para que eles pudessem olhar. Outra múmia, não completamente adornada com ouro, mas mascarada, encontrava-se no mesmo estado.

— Alexandre e Heféstion — disse Thorvaldsen. — Aqui, ele repousaram por tanto tempo.

— Vão permanecer? — perguntou Malone.

Ely deu de ombros.

— Esta é uma descoberta arqueológica importante. Seria uma tragédia não poder aprender com ela.

Malone notou que a atenção de Viktor voltara-se para um baú de ouro que se encontrava perto da parede. A rocha acima estava entalhada com uma confusão de gravuras mostrando batalhas, carruagens, cavalos e homens com espadas. Em cima do baú, uma estrela macedônica dourada tinha sido modelada. Rosetas com pétalas de vidro azul ocupavam o centro. Rosetas semelhantes decoravam uma faixa central em torno do baú. Viktor segurou as duas extremidades e, antes que Ely pudesse impedi-lo, ergueu a tampa.

Edwin Davis iluminou o interior com a lanterna.

Uma grinalda de folhas e frutos de carvalho em ouro, rica em detalhes impressionantes, pôde ser vista.

— Uma coroa real — disse Ely.

Viktor deu um sorriso malicioso.

— É o que Zovastina queria. Essa teria sido sua coroa. Ela usaria tudo isso como um estímulo.

Malone deu de ombros.

— Pena que o helicóptero caiu.

Todos estavam na câmara, encharcados, mas aliviados porque a provação terminara. O resto envolvia política, e isso não preocupava Malone.

— Viktor — disse Stephanie —, se você algum dia se cansar de ser freelancer e quiser um emprego, avise-se.

— Vou me lembrar da oferta.

— Você me deixou ganhar quando estávamos aqui antes — disse Malone. — Não deixou?

Viktor fez que sim com a cabeça.

— Achei que seria melhor você sair, então lhe dei a chance. Não sou tão fácil assim, Malone.

Ele abriu um sorriso.

— Vou me lembrar disso. — Apontou para os esquifes. — E quanto a isso?

— Eles estão esperando aqui há muito tempo — disse Ely. — Podem descansar mais um pouco. Neste momento, há outra coisa que precisamos fazer.

Cassiopeia foi a última a sair do tanque fulvo, de volta à primeira câmara.

— Lyndsey disse que as bactérias do lago verde podiam ser ingeridas — disse Ely. — São inofensivas para nós, mas destroem o HIV.

— Não sabemos se isso é verdade — disse Stephanie.

Ely pareceu convencido.

— É. Aquele homem estava em perigo. Usava o que tinha para salvar a própria pele.

— Temos o disco — disse Thorvaldsen. — Posso pedir para os melhores cientistas do mundo obterem uma resposta para nós imediatamente.

Ely balançou a cabeça.

— Alexandre, o Grande, não tinha cientistas. Confiava no seu mundo.

Cassiopeia admirou sua coragem. Tinha sido infectada há mais de uma década, sempre se perguntando quando a doença finalmente iria se manifestar. Ter uma bomba relógio funcionando dentro do seu corpo, esperando o dia em que o sistema imunológico finalmente definhasse, muda uma vida. Sabia que Ely sofria da mesma ansiedade, agarrando-se a qualquer esperança. E eles tinham sorte. Podiam comprar os medicamentos que mantinham o vírus encurralado. Milhões de pessoas não podiam.

Olhou fixamente para o lago fulvo, para a letra grega Z no fundo. Lembrou-se do que havia lido em um dos manuscritos. Eumenes revelou o local do sepulcro, distante, nas montanhas, onde os citas ensinaram Alexandre sobre a vida. Foi até o lago verde e mais uma vez admirou o H no fundo.

Vida.

Uma promessa encantadora.

Ely segurou a sua mão.

COPENHAGUE
SÁBADO, 6 DE JUNHO
19H

Malone estava sentado no segundo andar do café Norden e saboreou mais da sopa de tomate. Ainda era a melhor que já tomara. Thorvaldsen encontrava-se à sua frente.

As janelas do segundo andar estavam escancaradas, deixando-os sentir o ar da noite encantadora do fim da primavera. O tempo em Copenhague nessa época do ano era quase perfeito, mais um dentre os muitos motivos pelos quais ele gostava tanto de morar ali.

— Tive notícias de Ely hoje — disse Thorvaldsen.

Ele se perguntava o que estaria acontecendo na Ásia Central. Ele haviam voltado para casa seis semanas atrás, e ele estivera ocupado com a livraria. Esse era o problema de ser um agente de campo. Você fazia o seu trabalho, depois partia para outro. Nenhuma análise posterior ou acompanhamento. Essa tarefa era deixada para outros.

— Ele está escavando o túmulo de Alexandre. O novo governo da Federação está cooperando com os gregos.

Soubera que Ely assumira um cargo em Atenas, no museu de Antiguidades, graças à intervenção de Thorvaldsen. É claro que saber a localização do túmulo de Alexandre, o Grande, certamente aumentou o entusiasmo do museu.

Zovastina foi sucedida por um ministro interino moderado que, de acordo com a constituição da Federação, assumia o poder temporariamente até que pudessem ser feitas as eleições. Washington garantiu discretamente que todos os estoques biológicos da Federação seriam destruídos, e Samarcanda recebeu uma chance. Cooperava ou os vizinhos da Federação ficariam sabendo o que Zovastina e seus generais planejavam, e aí a natureza seguiria seu curso. Por sorte, a moderação prevaleceu e os Estados Unidos enviaram um time para supervisionar a exterminação viral. É claro que, com o antiagente sob posse do Ocidente, não houve escolha. A Federação poderia começar a matar, mas não poderia parar. A aliança desconfortável entre Zovastina e Vincenti fora substituída por uma entre duas nações recesosas.

— Ely tem controle total do túmulo e está trabalhando com calma — disse Thorvaldsen. — Disse que muito da História pode ter que ser reescrita

Há muitos registros no interior. Imagens. Até um ou dois mapas. Materia inacreditável.

— E como estão Edwin Davis e Danny Daniels? — ele perguntou.

— Satisfeitos?

Thorvaldsen sorriu.

— Falei com Edwin alguns dias atrás. Daniels está agradecido por tudo o que fizemos. Gostou especialmente de Cassiopeia ter explodido aquele helicóptero.

Não há muita compaixão por parte daquele homem. Ele é durão.

— Fico feliz que tenhamos conseguido ajudar o presidente mais uma vez. — Fez uma pausa. — E a Liga Veneziana?

Thorvaldsen deu de ombros.

— Sumiu na poeira. Não fez nada que possa ser provado.

— Exceto matar Naomi Johns.

— Foi Vincenti, e acredito que pagou por isso.

Era verdade.

— Sabe, seria legal se Daniels, pelo menos uma vez, simplesmente pedisse a minha ajuda.

— Improvável.

— Como é com você?

O amigo assentiu.

— Como é comigo.

Malone terminou a sopa e ficou olhando para a Højbro Plads. A praça estava movimentada, com pessoas aproveitando a noite quente, que eram poucas e esparsas em Copenhague.

Sua livraria do outro lado estava fechada. Os negócios iam muito bem, e ele planejava uma viagem de compras para reforçar o estoque, em Londres, na semana seguinte, antes que Gary chegasse para a visita do início do verão. Sentia saudade do filho de 15 anos.

Mas também estava melancólico. Seu estado era o mesmo desde que voltara para casa. Ele e Thorvaldsen jantavam juntos pelo menos uma vez por semana, mas nunca discutiam o que realmente se passava por sua cabeça. Há lugares que não precisam ser pisados.

A menos que se permita.

Então, perguntou:

— Como está Cassiopeia?

— Eu me perguntava quando você indagaria.

— Foi você quem me meteu nisso tudo.

— Tudo o que fiz foi lhe dizer que ela precisava de ajuda.

— Gostaria de acreditar que ela também me ajudaria, caso fosse necessário.

— Ajudaria. Mas, para responder à sua pergunta, tanto ela como Ed estão livres do vírus. Edwin me disse que os cientistas também verificaram a eficácia das bactérias. Daniels anunciará a cura em breve, e o governo dos Estados Unidos controlará a distribuição. O presidente ordenou que estivesse acessível a todos por um custo mínimo.

— Isso terá influência sobre muitas pessoas.

— Graças a você. Você decifrou o enigma e encontrou o túmulo.

Ele não queria ouvir isso.

— Nós todos fizemos nosso trabalho. E, aliás, fiquei sabendo que você sabe usar um fuzil. Stephanie disse que você enlouqueceu naquela casa.

— Não sou indefeso.

Thorvaldsen contara a ele sobre Stephanie e o tiroteio. Conversou com ela sobre isso antes de deixarem a Ásia, e ligara para ela mais uma vez na semana anterior.

— Stephanie está se dando conta de que o jogo é duro no campo — disse.

— Também falei com ela há alguns dias.

— Estão ficando amigos?

Malone sorriu.

— Somos muito parecidos, mas nenhum dos dois admitiria isso para o outro.

— Matar nunca é fácil. Não importa a razão.

— Eu matei três homens naquela casa. Você está certo. Nunca é fácil.

Ele ainda não havia recebido uma resposta à pergunta inicial, e Thorvaldsen pareceu sentir o que ele realmente queria saber.

— Não tenho falado muito com Cassiopeia desde que saímos da Federação. Ela voltou para a França. Não sei dela e de Ely, dos dois. Ela sabe um pouco. — Thorvaldsen balançou a cabeça. — Terá que perguntar a ela.

Malone decidiu dar uma volta. Gostava de andar pela Stroget. Perguntou a Thorvaldsen se queria se juntar a ele, mas o amigo recusou.

Ele se levantou.

Thorvaldsen jogou alguns papéis dobrados sobre a mesa.

— A escritura daquela propriedade ao lado do estreito, onde a casa pegou fogo. Não tem utilidade para mim.

Abriu as folhas e viu seu nome na linha do beneficiado.

— Quero que você fique com ela.

— Aquela propriedade vale muito dinheiro. Fica de frente para o oceano. Não posso aceitar.

— Reconstrua a casa. Aproveite-a. Pense nela como uma compensação por eu ter colocado você no meio de tudo isso.

— Você sabia que eu ajudaria.

— Desse modo, minha consciência, o pouco que sobrou, ficará tranquila.

De seus dois anos juntos, aprendera que quando Henrik Thorvaldser decidia algo, não tinha volta. Então, enfiou a escritura no bolso e desceu as escadas.

Empurrou as portas principais e saiu no ar quente da noite dinamarquesa. Pessoas e conversas o receberam em mesas cheias espalhadas a partir da entrada do café.

— Ei, Malone.

Virou-se.

Cassiopeia estava sentada à uma das mesas.

Ela se levantou e andou na direção dele.

Usava uma jaqueta de sarja azul-marinho e calça da mesma cor e tecido. Uma bolsa de couro cobria um ombro e sandálias de salto destacavam os pés. O cabelo escuro pendia em cachos grossos. Ainda conseguia vê-la na montanha. Calça de couro justa e top preto, nadando com ele até o túmulo. E aqueles poucos minutos em que os dois ficaram só com as roupas de baixo.

— O que você está fazendo na cidade? — perguntou.

Ela deu de ombros.

— Você sempre me diz que a comida é ótima neste café, então eu vim jantar aqui.

Ele sorriu.

— Bem longe para uma refeição.

— Não quando você não sabe cozinhar.

— Soube que está curada. Fico feliz.

— Realmente a cabeça fica mais leve. Você para de se perguntar se é hoje que vai começar a morrer.

Ele se lembrou da preocupação dela naquela primeira noite em Copenhague, quando o ajudou a escapar do museu greco-romano. Toda a melancolia parecia ter acabado.

— Está indo para onde? — ela perguntou. Ele olhou para o outro lado da praça.

— Só caminhar.

— Quer companhia?

Malone olhou para o café, para o segundo andar e a mesa à janela em que ele e Thorvaldsen estiveram sentados. O amigo olhou-o pela janela aberta, sorrindo. Devia ter desconfiado. Encarou-a e disse:

— Vocês dois estão sempre aprontando alguma coisa?

— Não respondeu à minha pergunta sobre a caminhada. Céus.

— Claro. Uma companhia seria ótimo. Cassiopeia deu o braço a ele e seguiu andando. Ele tinha que perguntar:

— E quanto a você e Ely? Eu achei...

— Malone.

Sabia o que ela ia dizer, então lhe poupou o trabalho.

— Eu sei. Cale a boca e ande.

Hora de separar fato e ficção.

O estilo de execução descrito no prólogo era utilizado na época de Alexandre, o Grande. Alexandre mandou matar o médico que tratou Heféstion, mas não da maneira descrita. Enforcamento é o que a maioria das crônicas menciona.

A relação entre Alexandre e Heféstion era complexa. Amigo confidente, amante — tudo se aplicaria. A angústia profunda de Alexandre diante da morte prematura de Heféstion está documentada, assim como o elaborado funeral de Heféstion, que alguns dizem poder ter sido o mais caro da História. É claro que o embalsamamento e a ocultação do corpo de Heféstion (Capítulo 24) são ficcionais.

O fogo grego (Capítulo 5) é real. A fórmula esteve de fato sob posse de imperadores bizantinos e perdeu-se quando o império caiu. Até hoje, sua composição química permanece um mistério. Quanto à vulnerabilidade à água salgada, isso é invenção minha — o fogo grego verdadeiro era usado em ataques contra navios no mar.

O jogo buzkashi (Capítulo 7) é antigo e violento, e continua sendo praticado pela Ásia Central. As regras, vestimentas e equipamentos estão corretos no modo como são detalhados, assim como o fato de que jogadores morrem de forma rotineira.

A Federação Asiática Central é ficção, mas os detalhes políticos e econômicos descritos no capítulo 27, dessa região do mundo, são exatos. Infelizmente, essas terras sempre foram um campo de batalha conveniente, e os governos da região permanecem dominados pela corrupção.

O livro de Frank Holt, *Alexander the Great and the Mystery of the Elephant Medallions*, ensinou-me sobre esses objetos incomuns. Aqui, sua existência foi reduzida a oito, ainda existem muitos mais. Sua descrição (Capítulos 8 e 9) é fiel, exceto pelas microletras — ZH — que são acréscimo meu. Por incrível que pareça, usando lentes brutas, gravadores antigos de fato possuíam a habilidade de fazer microinscrições.

Em relação ao uso de ZH, a tradução literal para essa palavra em grego antigo é o verbo "viver". O substantivo "vida" é mais precisamente son. Foi tomada alguma liberdade com a tradução para o bem da história. Quanto à descrição da língua grega ao longo de toda a história, o termo "grego velho" foi empregado, embora alguns diriam que o termo mais preciso fosse "grego antigo".

O Bando Sagrado que protege Irina Zovastina (Capítulo 12) é adaptado

da unidade de combate mais violenta da Grécia antiga. Cento e cinquenta duplas de homens da cidade de Tebas, reduzidas a um homem por Felipe II e seu filho, Alexandre, o Grande, em 338 d.C. Um monumento funerário em homenagem à sua valentia ainda existe na Grécia, em Queroneia.

O fluido que aparece em toda a história é fictício, assim como o relato de sua descoberta no Capítulo 14. A bactéria *archaea* (Capítulo 62), N. tradução, "old Greek" já foi traduzido diretamente como "grego antigo" (o equivalente mais literal de "ancient Greek"), uma vez que as outras possibilidades de tradução para "old" não são adequadas neste caso. Assim, o termo "grego velho" não foi usado em momento algum. (N. do T.) No entanto, existe, e algumas bactérias e vírus de fato destroem uns aos outros. Meu uso da *archaea* dessa forma é pura invenção.

Quanto a Veneza, os locais são corretos. O interior da basílica de São Marcos é deslumbrante e o túmulo de São Marcos (Capítulo 42), assim como sua História, é descrito de forma exata. Em Torcello, o museu, as duas igrejas, a torre do sino e o restaurante estão lá. A geografia e História da ilha (Capítulo 34) são, do mesmo modo, recontadas fielmente. A Liga Veneziana não é real. No entanto, durante sua longa história, a república veneziana formou periodicamente alianças com outras cidades-estados, que eram chamadas ligas.

A fluorescência de raios X (Capítulo 11) é uma descoberta científica recente que está sendo usada no estudo de pergaminhos antigos. Fico em dívida com o talentoso romancista Christopher Reich por me enviar um artigo sobre esse conceito.

A história de Jerônimo de Córdia (Capítulo 24) é puramente fictícia, assim como o enigma de Ptolomeu, embora todas as ações de Ptolomeu em relação ao cortejo funerário de Alexandre e seu domínio no Egito estejam historicamente corretas. A apropriação do corpo de São Marcos, em Alexandria, por mercadores de Veneza em 828 d.C. (Capítulos 29 e 45) aconteceu conforme relatada, e o corpo de fato desapareceu, em Veneza, por longos períodos de tempo. A história de sua reaparição em 1094 (Capítulo 45) é recontada diariamente, com orgulho, pelos venezianos.

Infelizmente, as zoonoses (Capítulo 13) existem e periodicamente causam estragos na saúde humana. A busca por essas toxinas naturais e sua adaptação para usos agressivos (Capítulo 54) não são nenhuma novidade. A humanidade brinca com a guerra biológica há séculos e minha Irina Zovastina fictícia é só mais um exemplo.

As estatísticas detalhadas (Capítulo 32) refletem de forma precisa o problema crescente do HIV. A África e o Sudeste Asiático são, de fato, seu abrigo favorito.

A biologia do vírus descrita no Capítulo 51 e o modo como o HIV pode ter se transferido dos macacos para os humanos (Capítulo 60) estão corretos. A ideia de alguém descobrir a cura para o HIV, e escondê-la enquanto o mercado cresce (Capítulo 64) é simplesmente parte desta história. Mas a política do HIV, assim como a reação global insuficiente para essa pandemia ameaçadora, são todas reais demais.

A ilha de Vozrozhdeniya é onde os soviéticos produziram muitas de suas armas biológicas, e o dilema causado por seu abandono (Capítulo 33) de fato ocorreu. O desaparecimento do mar de Aral (Capítulo 33), precipitado pela divergência insana dos soviéticos de sua principal fonte de água, é, de modo geral, considerado um dos piores desastres ecológicos da História. Infelizmente, nenhuma resolução feliz para essa catástrofe ocorreu na vida real.

O amuleto de escaravelho (Capítulo 59) é verdadeiro, embora a minha inclusão de uma fita de ouro dentro seja fictícia. Bastões de Licurgo (Capítulo 61) eram usados no tempo de Alexandre, o Grande, para o envio de mensagens codificadas. Há um em exibição no Museu Internacional de Espionagem, em Washington, D.C., e não pude resistir à essa inclusão. O citas (Capítulo 75) existem e sua história está recontada de forma correta, exceto que não há nenhuma indicação de que tenham enterrado seu rei em qualquer coisa que não fossem montes funerários.

Agora, a Alexandre, o Grande.

A história de sua morte (Capítulo 8) é uma composição de diversos relatos. Há muitas contradições neles. As três versões para o que Alexandre disse em resposta à pergunta A quem você deixa o seu reino? são minhas. A resposta geralmente aceita é para o mais forte, mas uma resposta diferente encaixou-se melhor aqui. Os historiadores refletem há muito tempo sobre a morte de Alexandre, seu caráter repentino e natureza inexplicável, sugerindo uma cilada (Capítulo 14), mas não existem provas.

O embalsamento de Alexandre com mel, o que aconteceu com seu cortejo fúnebre e seu túmulo egípcio final em Alexandria são todos retirados de relatos históricos.

A possibilidade de que os restos mortais de São Marcos em Veneza sejam, na verdade, os de Alexandre, o Grande, não é minha. Andrew Michael Chugg em seu excelente *The Lost Tomb of Alexander the Great* postulou a teoria. É fato, no entanto, que os primeiros cristãos costumavam se apropriar de artefatos pagãos (Capítulo 74), e o corpo de Alexandre, o Grande, realmente desapareceu de Alexandria mais ou menos na mesma época em que o corpo de São Marcos reapareceu (Capítulo 45). Além disso, o debate político sobre o retorno de todos ou parte dos restos mortais que estão na basílica de São Marcos para o Egito continua, e o Vaticano, de fato entregou algumas pequenas relíquias para Alexandria em 1968.

A localização do túmulo de Alexandre, o Grande, na Ásia Central é puramente fictícia, mas os itens descritos ali (Capítulo 94) foram adaptados do túmulo do pai de Alexandre, Felipe II, que supostamente teria sido localizado por arqueólogos em 1977. Há pouco tempo, porém, lançaram dúvida sobre a identidade do ocupante do túmulo.

O legado político e histórico de Alexandre continua sendo matéria de intenso debate. Teria sido um visionário astuto ou um conquistador inconsequente e sanguinário?

A discussão de Malone e Cassiopeia no capítulo 10 espelha os dois lados. Foram escritos muitos livros sobre o assunto, mas o melhor é Alexandre

of Macedon, A Historical Biography, de Peter Green. O estudo cuidadoso de Green deixa claro que Alexandre passou a vida toda, com sucesso lendário, em busca de nada além do que glória pessoal.

E embora o império que lutou tanto para criar tenha desmoronado no momento em que ele se foi, a lenda sobrevive. A prova dessa imortalidade pode ser vista na fé que há muito tempo inspira nos outros. Às vezes boa, às vezes (como no caso de Irina Zovastina) danosa. Para Peter Greer Alexandre é um enigma, cuja grandeza simplesmente desafia qualquer julgamento final.

Ele personifica um arquétipo, irrequieto e incessante, a corporificação de uma busca eterna, uma personalidade que se tornou maior que a soma mensurável de seus feitos impressionantes.

No fim, o próprio Alexandre exprimiu-se melhor.

O esforço e o risco são o preço da glória; mas como é fascinante viver com coragem e morrer deixando fama eterna.